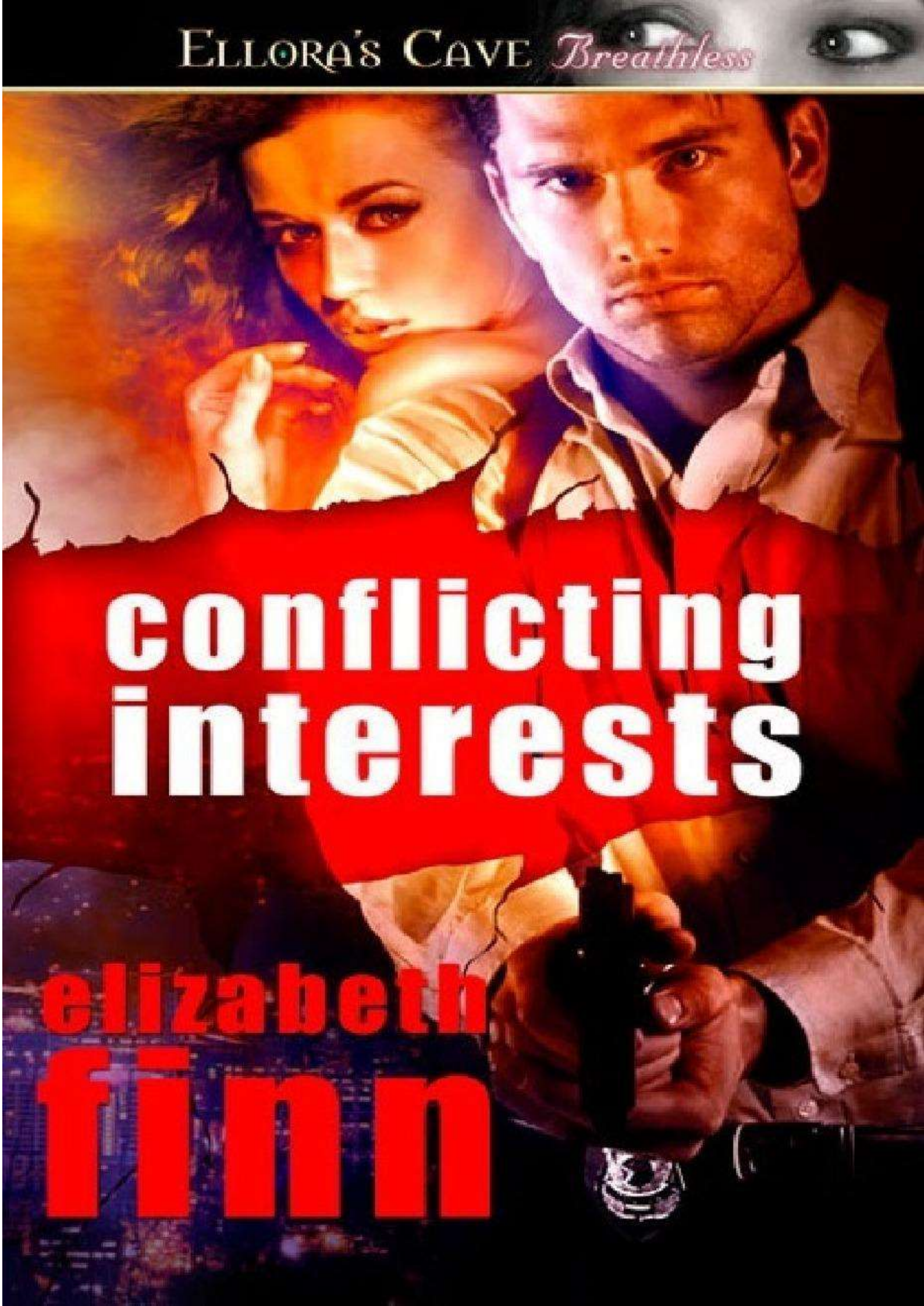

Ellora's Cave Breathless
conflicting interests
elizabeth finn



APRESENTA

conflicting interests

livro único

elizabeth finn

Equipe PL

Tradução: Marcia de Oliveira, Diah Persan , Luhh Rahl, Gilda Marie, Belle , Lary S., Alana, Maira Lira, Laila A., Re Rufino , Danny Bones, Leleka, Ana Cristina Nunes Bia Ramos, Ma Nem Sei, Marcia S.

Revisão Inicial: danny, jana, Juh Rosa

Revisão Final: Mazi, Annik

Leitura Final: Marci Souza

Formatação: Lola

Verificação: Joy



Sinopse

A paciência da professora de inglês Katrina Page é posta à prova quando o sexy detetive Dillon Adler entra em sua sala de aula 45 minutos atrasado para a reunião de pais e professores.

O primeiro encontro não é nada amigável, mas eles se encontram novamente, em uma situação totalmente diferente e ainda mais desagradável.

Quando Dillon responde ao chamado de uma invasão a domicílio e agressão, a última pessoa que esperava ver era a impetuosa, mal-humorada e super atraente professora do seu filho, que tem assombrado seus pensamentos desde que a viu alguns dias atrás.

Logo fica claro que as intenções do atacante de Katrina são muito mais sinistras do que todos pensavam e, Dillon e Katrina trabalharem juntos nisso virou uma necessidade.

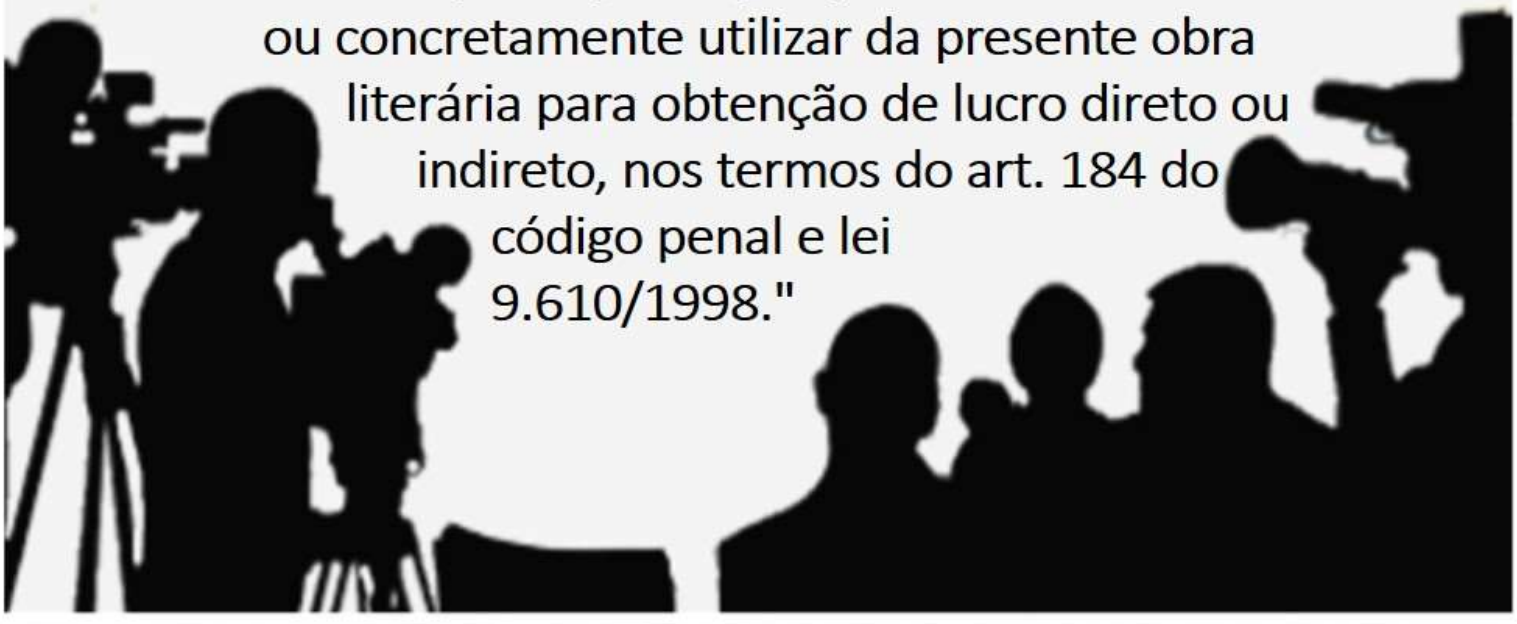
Mas, quando a investigação se aquece e sua atração dispara, Dillon é confrontado com uma escolha. Ignorar as regras sobre se envolver com uma testemunha ou arriscar tudo por amor.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

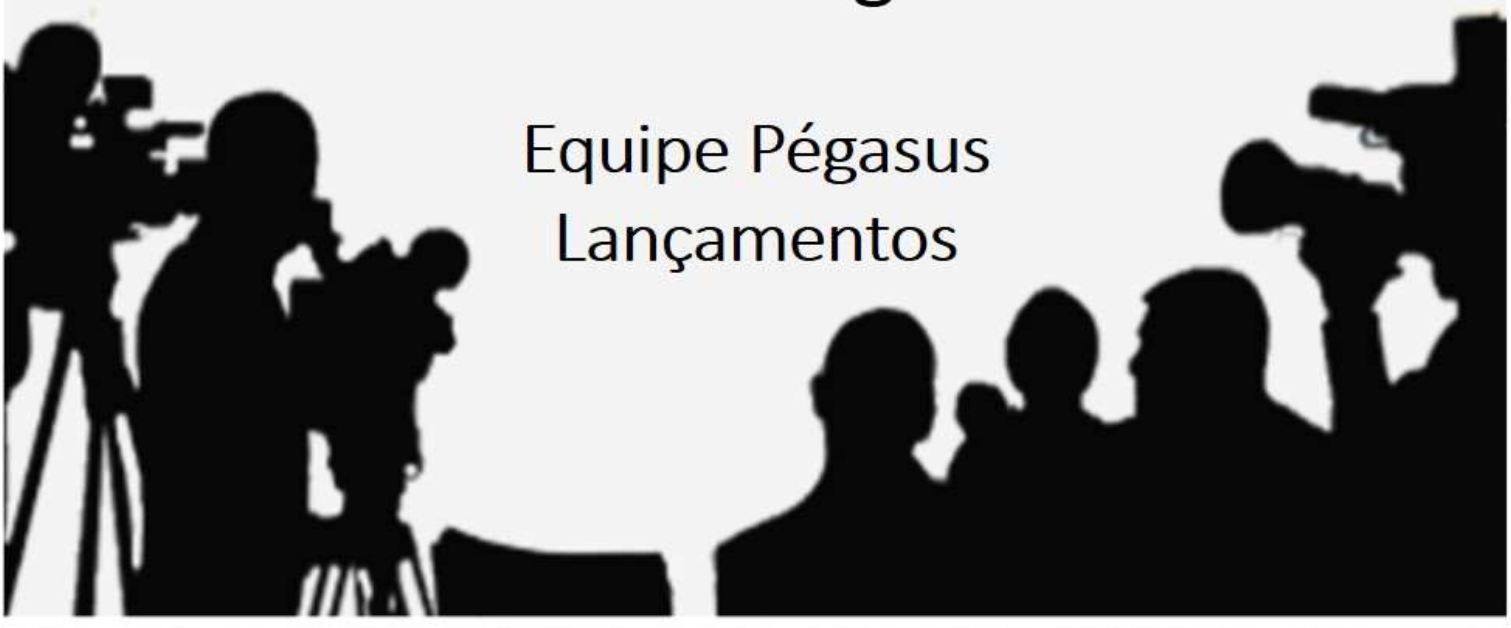
O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."



Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original



Equipe Pégasus
Lançamentos



Capítulo 1

Katrina não tinha certeza de que não iria brigar e gritar com o homem, se não chegasse em breve. Ele era o último do dia e estava dando um cano nela. Sua cabeça doía como se tivesse uma prensa entorno dela. E a mesma apertava a cada minuto que este homem a fazia esperar.

Vasculhou na gaveta de sua mesa, na esperança de encontrar algum analgésico. Remédio para gripe. Ótimo. Mas estava desesperada e tinha acetaminofeno nele. Poderia deixá-la ligada durante algumas horas, graças a uma boa dose de efedrina, mas preferiria ficar ligadona, do que com dor.

—Você é a Sra. Page? — A voz era profunda e masculina. Autoridade escorria pelo tom seguro da voz.

Mas esta era a sua reunião. Ela bateu a gaveta em seu dedo enquanto endireitava o corpo, para ver quem falava. E no instante em que sentiu a dor, as palavras escaparam antes que pudesse pará-las.

—Filho da puta!

Ele simplesmente a avaliou com uma expressão impassível, o que causou um nó de raiva torcendo em seu intestino. Não precisava conhecer o homem para adivinhar quem era e que estava atrasado. Ela também o culpava, completamente, responsável por sua dor de cabeça e isso não estava ajudando com sua atitude vingativa. Eram quase oito horas da noite, droga! Estava pronta para terminar o dia.

—Você deve ser o Sr. Adler. E é senhorita, a propósito. Você está ciente de que está atrasado? — A voz dela saiu curta e fria.

—Sim. Sinto muito, mas eu fiquei preso...

—Eu não me importo. — Caramba! Ela estava de mal humor. —Eu estou aqui desde as sete da manhã. E agora são quase oito da noite. O mínimo que você poderia ter feito era ligar para o escritório e deixá-los saber que você estaria atrasado. Eles permaneceram abertos por esse único propósito esta noite, mas eu estou supondo que o que fosse que você estava fazendo, era muito mais importante do que isso. Será que resumi bem?

Ele a olhou por um momento, sem dizer nada, não demonstrando nada, apenas uma expressão suave no rosto.

—Como eu disse, eu sinto muito. Eu sou um pai solteiro e...

—Ao contrário do que, obviamente pensa, você não é o meu único pai solteiro e cada um deles conseguiu vir na hora atribuída. — Inferno! Estava muito irritada com este homem.

Ele a estudou atentamente, mas sem a menor reação a sua raiva. Dillon era bonito, cabelos castanho-escuro como a cor do anoitecer, os olhos estranhamente bonitos para uma aparência tão masculina e perturbadora. No entanto, mesmo maravilhosos

como fossem, seus olhos castanho-claros estavam endurecidos em sua direção. Era alto e em forma. Ela estava lutando para manter seu olhar intenso, em vez de deixar seus olhos vagarem sobre seu corpo.

—Por favor, sente-se. — Sua voz foi baixa quando ela puxou a pasta para fora de sua gaveta.

Ele olhou para a cadeira mais próxima.

—Eu acho que vou ficar em pé, obrigado.

—Muito bem. Eu sou a professora regular de Seth e também sou professora de inglês da sétima série. Tenho recebido relatórios de suas outras disciplinas, para avaliar com você também. Seth está indo bem nas matérias de matemática e ciências, acima da média em ambas, mas está com dificuldades em história e literatura. Estou preocupada que a sua compreensão de texto não esteja onde deveria estar. Este é o seu primeiro ano do ensino fundamental e estou preocupada que ele possa ficar para trás rapidamente, se a sua compreensão de texto não melhorar.

—Entendo. Você tem algumas recomendações? —A boca do homem estava apertada, mas não havia nenhuma dúvida sobre sua preocupação. Ele pode não gostar dela, não que se importasse, mas estava, obviamente, preocupado com o progresso de seu filho. Não deveria estar surpreendida, mas após o encontro difícil entre os dois, ela estava.

—Temos um grupo de leitura para alunos que estão com dificuldades.

—Meu filho sabe ler, Senhorita Page. —Ele estava começando a soar irritado novamente, quase tanto quanto ela ainda estava.

—Eu não estou sugerindo que ele não saiba, mas a compreensão de texto, não gira simplesmente em torno de ler, mas em lembrar o que leu e de compreender o que se lê. Este grupo aborda especificamente essas preocupações e eu recomendo que você considere colocá-lo neste grupo de estudo.

Apertando os dentes suas narinas inflaram por um momento, ele parecia muito irritado. Não foi o primeiro pai a ouvir más notícias durante as reuniões e ela supôs que o início da conversa não ajudou muito. Deixou as palavras afundarem enquanto, inconscientemente apertava os dedos entre as sobrancelhas, tentando aplacar a dor latejante em sua cabeça.

—Você está bem? — Sua voz era de repente muito mais suave do que tinha sido e o vinco entre as sobrancelhas mostravam preocupação, embora não pudesse imaginar como, depois de como ela o tratou. Foi rude. Mais do que rude, o que não era hábito de Katrina.

—Estou bem. Eu só tenho uma dor de cabeça. — Ele estudou-a por mais um momento, com os braços cruzados sobre seu peito enquanto avaliava a situação.

—Muito bem. O que eu preciso fazer para colocá-lo no grupo?

—Nada. Eu cuidarei disso. O grupo reúne-se na minha sala de aula durante o horário de estudo da manhã, por isso não vai entrar em conflito com qualquer um de seus cursos atuais.

—Está bem. Desculpe-me por estar um pouco atrasado. — Suas palavras foram cortadas e ele não parecia nada arrependido. Ainda parecia irritado e com que direito? Ela estava irritada, e quando ele se virou para sair com uma chacoalhada de cabeça, aumentou ainda mais sua própria irritação.

—Tudo bem, eu sinto muito ter sido um pouco rude mais cedo. — Suas palavras não eram mais desculpas do que as dele tinham sido, era mais uma provocação do que arrependimento verdadeiro que estava transmitindo e sua voz soou cheia de sarcasmo. Ele mal tinha conseguido fazer um pedido de desculpas patético, assim não ia ganhar nada melhor dela.

Ele parou. Levou um momento para se virar novamente e quando o fez, ela viu seu queixo muito bonito e seu lindo rosto franzido.

—Você não foi um pouco rude. Você foi excepcionalmente rude. — Suas mãos estavam no quadril quando ele falou, mas Katrina estava acostumada a pais rudes e não ia se intimidar com este.

Ela parou colocando suas próprias mãos nos quadris.

—Sério? Bem, você não estava um pouco atrasado. Você estava excepcionalmente atrasado! — Suas sobrancelhas se ergueram quando ele a olhou por um momento antes de se virar mais uma vez e sair com a sua bunda linda para longe dela.

—Tenha uma boa noite, Sra. Page. — Ele nem se incomodou em olhá-la.

—Ou o que restou dela. — Ela murmurou baixinho para a sala vazia. Ele já estava distante.

Arrumou suas coisas, pensando que seu cérebro poderia saltar para fora através de seu nariz quando se agachou. Pendurou a bolsa do laptop e mochila por cima do ombro e desligou a luz quando saiu da sala. O edifício estava silencioso enquanto se dirigia para a saída e o único som que podia ser ouvido era o clique de seus saltos no antigo piso de concreto. Mesmo os guardas já tinham acabado o expediente. Ela estava sozinha.

Odiava este lugar quando estava vazio. Ele a assustava de verdade. Os barulhos normais e salões desocupados eram terrivelmente quietos e fantasmagóricos. Era a combinação perfeita para uma cena de filme de terror, na qual ela estava andando sozinha, pela escuridão desses corredores inquietantes.

Puxou o spray de pimenta do lado de sua mochila enquanto se aproximava da porta de saída e quando abriu com o quadril quase bateu no Sr. Adler. Tinha certeza que ele tinha um primeiro nome, mas estaria condenada se soubesse ou tivesse prestado atenção para saber se estava escrito em sua agenda ou não. Foi só depois que percebeu que estava apontando o spray de pimenta para ele e as mãos dele estavam para cima que notou o quão rápido seu coração estava batendo.

—Talvez deva apontar isso para outro lugar. Estou emocionado de ver que você está carregando-o, mas não é necessário comigo, eu lhe garanto. — Sua voz ainda era tensa e dura, mas ela não podia negar que ficou aliviada ao vê-lo.

—Eu não tenho tanta certeza disso. O que você ainda está fazendo aqui? — Isso não queria dizer que ela seria uma doçura agora.

Ele olhou em volta franzindo um pouco os lábios no momento. Era quase uma expressão de timidez, se este homem fosse capaz de uma coisa dessas.

—O estacionamento estava vazio, o edifício também. Eu não queria deixá-la aqui sozinha. — Ele estava murmurando. Estava definitivamente ainda irritado, tanto quanto ela estava, mas isso não impediu suas bochechas queimarem em rubor. Felizmente, a única luz vinha das luzes do estacionamento. De outra maneira tudo estava escuro como breu.

Era uma noite fria em Seattle no meio do semestre da primavera e ela estremeceu quando puxou o casaco apertado em torno de si.

—Eu vou levá-la para o seu carro. — Disse ele.

Bem, não ia discutir com isso, não quando seu coração ainda estava batendo rápido.

—Talvez você pudesse guardar o spray de pimenta agora?

—Sim. Hum... Obrigada por me esperar. Eu agradeço. Eu não suporto este lugar quando não há ninguém por aqui.

—Bem, é minha culpa que você está aqui até tão tarde. É o mínimo que eu poderia fazer. —Andaram em silêncio, até o seu surrado e usado Subaru Outback. Ele assistiu-a subir e levantou a mão num gesto casual quando se virou em direção ao seu não tão surrado, mas resistente Chevrolet Tahoe.

Ele era realmente uma coisa linda para se olhar. Uma personalidade de babaca, mas gostoso e com uma bunda de um Adônis. Estava usando calça social de corte fino cinza-carvão que abraçavam seu corpo lindamente e uma camisa cinza-clara. Era elegante, mas não extravagante. Ela se perdeu com a visão da bunda e só quando olhou rapidamente para seu rosto e percebeu que ele estava em pé na porta do carro olhando-a, que voltou ao mundo real. *Merda!*

Ele a olhou sem alterar sua expressão até que ela se atrapalhou com a chave que já estava na ignição, percebendo tarde demais que seu carro já estava ligado. O carro fez um barulho horrível quando ela virou a chave sobre o motor novamente e ele continuou a observá-la, impassível.

Katrina passou a marcha no carro, quase cantando pneu para fora do estacionamento. Pegou o celular, discando rapidamente.

—Então, você sabe que eu sou literalmente a maior idiota do mundo?

—Claro que eu sei. Quero dizer, qualquer um que te conhece sabe que você leva o prêmio em idiotice. — Esta era Imogen, sua melhor amiga, com quem sentia a necessidade de ligar e compartilhar a sua humilhação. Imogen era uma pirralha briguenta do Reino Unido que Katrina conheceu durante seu primeiro ano de faculdade. Elas não tinham se separado desde então, incluindo trabalhar para o mesmo sistema escolar. Imogen obviamente tinha chegado em casa de suas reuniões de pais e professores muito antes de Katrina.

—Certo, bem, adicione mais uma tora para a pilha de idiota. O que há de errado comigo, droga?

—Você não está na escola, gatinha. Você pode falar porra. Nenhuma detenção, eu juro.

—Porra, porra, porra, porra! Por quê? Por quê? Quer dizer, sério? Por que eu sou tão idiota? —Katrina foi voando pelas ruas, acelerando muito mais do que deveria, mas as ruas estavam bastante desertas e estava farta de ser responsável por hoje.

—Uh oh, Trink. O que aconteceu?

—Você sabe que eu odeio quando você me chama de Trink. Porque você não pode me chamar de algo legal como Kat?

—Kat é a garota de Jogos Vorazes. Eu receio que você esteja presa com Trink. Eu não faço as regras, querida. O que acha de Trinkster?

Katrina já estava começando a sorrir novamente. Abençoado o coração de Imogen por trazer um sorriso para sua vida quando ela mais precisava.

—De qualquer forma...

—Sim, de qualquer forma. O que você fez dessa vez?

—Oh, você sabe... Eu fui rude com um pai que, consequentemente, merecia minha grosseria e então ele me pegou olhando para sua bunda. O que normalmente acontece.

—Ah. Então, o pai tinha uma bunda bonita? Ou este é o seu novo modo de dar notas para os pais em reuniões de pais e professores? E de qual pai estamos falando?

—O pai de Seth Adler.

—Ah sim. Eu não conheço o homem, mas eu já ouvi falar de sua gostosura e já o vi de longe. Bela bunda mesmo!

Katrina gemeu quando se lembrou de seu rosto inexpressivo observando-a enquanto seus olhos estavam grudados como feixes de tratores em seu traseiro.

—Foi horrível. E eu poderia ter deixado minha transmissão no estacionamento também. Quem sabe? — Ela jogou a mão para cima enquanto seu menos que perfeito volante puxou-a para a pista central. Agarrando o volante novamente, endireitou os pneus.

—Você precisa de uma bebida.

—Concordo com você, mana! Mas, infelizmente, eu ainda tenho mais cinco provas para corrigir hoje à noite antes de finalizar o dia. Dar notas e beber não se misturam. Escute, eu tenho que ir, mas eu falo com você amanhã.

Elas desligaram rapidamente. Katrina entrou em sua garagem. Era apenas uma pequena casa, mas a adorava. Seu bairro em Seattle era tranquilo e modesto e, embora não fosse nada perto da incrível vista do Puget o Sound[1] ou Lake Washington[2], era tudo dela, graças em grande parte à herança que seu pai deixou anos atrás, depois de morrer de câncer de pulmão. Imogen chamava de barraco, mas, na verdade, era uma casa singular em estilo bangalô muito velha. Imogen estava

---

1 Puget Sound- É uma entrada do Oceano Pacífico e faz parte do Salish Sea. Passa ao longo da costa noroeste em Washington, fazendo ligação com a cidade de Seattle.

autorizada a chamá-lo de barraco porque tinha dinheiro, muito dinheiro e ninguém teve que morrer para obtê-lo.

Enquanto Katrina lutava para ganhar a vida com a renda modesta de um professor, Imogen ensinava simplesmente por amor e nada mais, não que Katrina não amasse.

Curiosamente, Imogen era a pessoa mais pé no chão, com um caráter peculiar e divertido que Katrina tinha conhecido. Seu dinheiro não a definia de forma alguma e ela ficava tão feliz de passear com Katrina pelo Walmart quanto a arrastá-la por lojas em que nunca poderia comprar.

Quando entrou em casa, Kitty a encontrou na porta. Kitty era uma velha gata que tinha pelo menos 20 anos. Ela vivia na casa de seu pai quando Katrina ainda estava na escola primária e permaneceu por lá. A coitada era surda e quando miava, mais frequentemente do que não, nenhum som saia. É claro que a gata não tinha ideia que seu miado não estava mais funcionando. Ela cambaleava como um velho soldado bêbado também. Era neurologicamente tão perturbada quanto surda, mas era um animal voraz quando se tratava de comida e assim Katrina não podia suportar a ideia de fazer uma eutanásia ainda. Kitty era muito feliz mesmo em sua surdez, cérebro fodido, meio morta, mais velha do que Matusalém.

A luz em sua secretária eletrônica, que era tão antiga quanto seu gato, estava piscando.

---

2 É um grande lago de água doce adjacente à cidade de Seattle. É o maior lago do condado King e o segundo maior lago natural do estado de Washington.

—Trink, eu acho que você deve chamar o pai gostosão para sair. Eu estou supondo que ele é solteiro, caso contrário você teria agido normalmente. Você age como uma maníaca, quando um homem está disponível. Mesmo assim, eu te amo. Margaritas no Cabos amanhã à noite. Esteja lá ou vire uma freira, gata! — Beep.

Katrina se arrastou para a cama com um copo de vinho e uma pilha de provas. Ela não tomaria nenhum gole até que



estivesse na última prova. Isso seria como sua recompensa...

Quando Katrina acordou na manhã seguinte, havia um copo cheio de vinho tinto, em sua mesa de cabeceira e três provas restantes para dar as nota. Droga! Deveria saber que isso aconteceria.

O dia foi longo. Era sexta-feira. Sextas-feiras eram sempre muito longas e enquanto ela permanecia sentada em sua mesa durante o tempo de escrita livre, tentou dar notas para o resto das provas.

—Senhorita Page? — A voz era calma e quando olhou para cima era Seth Adler que estava de pé na sua frente. Foi subitamente atingida por culpa quando observou seu doce rosto. Ele tinha os olhos do pai e por qualquer razão, sentiu como se cada palavra rude que disse a seu pai tivesse sido falada na

frente dele. Não foi, claro, e ele mereceu isso com certeza. Além disso, seu pai teve um comportamento duro como aço que ela não conseguiu quebrar de qualquer forma, então a culpa não fazia qualquer sentido, mas estava lá, no entanto.

—Olá, Seth. Como está?

—Meu pai disse que eu precisava falar com você sobre como entrar em um grupo de estudo para leitura durante a aula?

—Sim. Adoraria tê-lo no grupo. Acho que realmente vai ajudá-lo com seus estudos, mas espero não ter lhe causado qualquer problema com o seu pai. Eu certamente não tinha a intenção disso. Realmente acho que seria um grande grupo para você.

—Ah não. Eu não estou em apuros. Ele estava feliz que você me pediu para entrar. E só queria se certificar de que eu estaria lá quando começasse.

Huh? Ela assumiu que o Sr. Adler não daria atenção a sua sugestão para Seth entrar em seu grupo.

—Ótimo. Terceiro período, nesta sala. Trabalhamos com exercícios de compreensão na maior parte do tempo, mas nós trabalhamos em grupo. Assim, podemos ler individualmente por um tempo, mas depois, discutimos e questionamos sobre o material. É mais divertido do que parece e eu sempre tenho lanches para ajudá-lo a arruinar seu apetite para o almoço. — Katrina sorriu para Seth enquanto suas sobrancelhas se ergueram.

Seu grupo de leitura era realmente um dos destaques de seu dia. Era um pequeno grupo e lhe permitia trabalhar em

conjunto e ter algum divertimento ao mesmo tempo. Mas não significa que não estava pronta para terminar com esta sexta-feira. Estava mais do que pronta para tomar umas margaritas, no Cabos, com Imogen.

O dia avançou dolorosamente lento e quando seu celular tocou, ela estava acenando para o último de seus alunos saindo da sala de aula e o atendeu rapidamente.

—Cabos. Agora. — Em seguida, Imogen desligou na cara dela. *Olá para as margaritas do fim de semana.*



Capítulo 2

—E como foi o grupo de estudo ontem?

Forçar Seth a se comunicar estava ficando cada vez mais difícil a cada ano escolar. Mas Dillon tinha a intenção de passar algum tempo com ele, pelo menos neste fim de semana. Não estaria de plantão até domingo à noite, então sábado à noite, Dillon estava arrastando Seth para o cinema quer queira ou não.

—A senhorita Page é legal. O grupo é divertido. Não há muito a dizer, pai. — Ele tinha aquele tom irritado em sua voz como se não houvesse nenhuma razão lógica para que seu pai estivesse interessado em sua vida. Mas estava preso ao lado dele no carro com poucos meios de fuga.

—Sério, ela é legal? Eu não a chamaria de legal depois da reunião de algumas noites atrás. — Não havia muito mais que pudesse dizer sobre a sua impressão a respeito dessa mulher, mas sabia que seria inadequado falar tão mal de sua professora, na frente dele. Ela o provocou. Estava chateada, o que o deixou

na defensiva. Mas era bonita demais e acabou fazendo sua mente ir para lugares onde não deveria.

Ela era jovem demais, imaginava. Deveria estar no final dos vinte ou no início dos seus trinta e poucos anos, e com uma atitude como a dela, teria que ser um masoquista. Mas ela, com certeza, não tinha fantasias com ele assim.

Ela era de estatura média, se não fosse um pouco menor e perfeitamente curvilínea. Seu cabelo era castanho claro e longo e mesmo quando estava chateada era bonita. Seus olhos eram grandes e azuis e tinha cílios que chamavam atenção, mesmo sendo de baixa estatura, suas pernas também eram longas.

Tinha ouvido Seth falar dela algumas vezes, mas foi um pouco chocante chegar e receber uma bronca daquelas, mesmo que merecesse. Ele fez ela esperar por 45 minutos. Mas estava mais do que pronto para explicar a situação, quando ela não lhe dera chance alguma, e uma vez que começou com as reclamações, decidiu não lhe dar mais explicações pelo atraso. A professora sendo gostosa ou não, era uma cadela.

O filme que eles assistiram não era tão bom e Seth reclamou.

—Foi uma merda, pai. — Seth estava certo e eu tinha que o disciplinar por sua linguagem, mas estava tão ocupado concordando e rindo com ele ao mesmo tempo, que esqueci da parte de ser pai.

Educar Seth sozinho foi algo de perspectiva aterrorizante no começo. Tinha a sorte de ter uma irmã que vivia duas casas adiante e que tinha um filho apenas um ano mais velho do que

Seth. Os meninos cresceram juntos e era graças à sua irmã, Molly, que conseguia trabalhar e ser pai. Ele não podia imaginar ficar sem ela. Os meninos sempre estavam entre as duas casas quase todos os dias e no momento em que estacionou, Seth dirigiu-se para Molly para ver se Jake estava por lá.

Dillon os encontrou depois, parados na frente da TV de Molly jogando videogame.

—Ei, tio Dillon. Mamãe está lá atrás no pátio.

Pegou duas cervejas para ele e Molly e juntou-se a ela no pátio, onde havia uma chaminé ao ar livre iluminando e aquecendo a pequena área de pedra pavimentada. Seus quintais eram virados para uma área montanhosa, arborizada. A frente da casa deles tinham excelentes vistas para Puget Sound, apesar de não ser muito perto e eles tiveram a sorte de ter seus quintais particulares que se encontravam com essas montanhas.

Molly deixou claro que comprou a casa por razões completamente pessoais que não tinham nada a ver com seu irmão mais novo ser um pai solteiro com um bebê, mas ele sabia que isso era besteira. Tinha muita sorte. Ela tinha se divorciado do pai de Jake há muito tempo e Molly gostava de pensar neles, como um tipo de equipe, quando se tratava de serem pais.

—Qual é a do Seth indo a um grupo de leitura? Ele mencionou isso para Jake ontem à noite no jantar.

—Ele está tendo dificuldades com compreensão de texto. O grupo supostamente é para ajudar, eu acho.

—Você acha? O que foi que sua professora disse sobre a sua compreensão de texto?

—Eu não sei. Que estava ruim? Foi uma espécie de reunião tensa.

—Você quer dizer, estranha?

—Isso também. Sua professora é um porre. Eu estava atrasado para a reunião e ela não ficou muito feliz com isso.

—Uh... Quem é a professora?

—Senhorita Page.

—Aha. Jake a teve no último ano. Ela é incrível na verdade, de modo que me diz que o porre é você e que provavelmente mereceu essa atitude chata dela, só por ser esse porre.

—Bem, obrigado pelo apoio, maninha.

—Apenas dizendo. Ela é uma excelente professora. Por quanto tempo você a fez esperar exatamente?

—Quarenta e cinco minutos. — Ele disse quase sem voz, enquanto virava a cabeça para não olhar para Molly.

—O quê? Você, definitivamente, foi o problema. Quarenta e cinco minutos? O que diabos você estava fazendo?

—Eu me desculpei.

Molly quase cuspiu a cerveja.

—Sim, claro. Eu conheço suas desculpas e elas nunca são o que devem ser. Por exemplo, se você zombou enquanto se desculpava, pedido de desculpas cancelado. Se você a encarou com arrogância, a mesma coisa. Se você pedir desculpas e em seguida, ficar chateado com a outra pessoa, mais uma vez, as desculpas são anuladas.

Ele estava rindo quando ela terminou de falar. Sim, talvez não foi tão sincero como deveria ter sido, mas caramba! Ela tornou a situação bem difícil para ele.

—Eu acho que você deveria realmente pedir desculpas a ela.

—Devo fazer isso agora mesmo? — Ele estava sendo sarcástico. Não havia nenhuma maneira de que fosse realmente fazer isso.

—Ela é bonita. Talvez essas desculpas se transformem em um encontro? Nunca se sabe.

—Não, obrigado. Ela foi rude comigo. — Ele fez seu melhor beicinho e Molly zombou. Sua irmã o conhecia muito bem.

—Você é a perfeita imagem para a palavra indiferença, que até irrita. Eu duvido que a doce e pequena senhorita Page tenha te enviado correndo para as montanhas.

Talvez não para as montanhas, mas ela deixou uma marca. Ele ainda não a tirou totalmente de sua cabeça. Ela era linda. E também era bizarra. Num minuto estava irritada, no próximo, apenas estranha. Definitivamente a pegou olhando para ele no estacionamento e depois... Bem, ela tentou ligar seu carro que já estava ligado e saiu em disparada enquanto ele ainda estava ali, olhando-a. Ela era... peculiar. Uma peculiar gostosa. E Dillon gostava de peculiar e gostosa. O que diabos estava dizendo? Não gostava dela.

Ele deixou Seth ali naquela noite com planos de vir para o café na manhã no dia seguinte, indo para cama sozinho. Dillon ia para a cama, sozinho, todas as noites. Mesmo quando estava transando numa base diária, ele ainda ia para a cama sozinho.

Não era como se não quisesse um relacionamento real, mas era complicado. Com o seu tipo de trabalho, havia pouco tempo para isso. E com um filho, tudo se tornava mais difícil. Compromisso era uma coisa do passado. O caralho se não fosse! Mesmo que sua querida irmã estivesse mais que pronta para vê-lo se aquietar com alguém novamente.



Na manhã seguinte, estava ajudando Molly na cozinha. Na verdade, ele estava apenas de pé, movendo as coisas ao redor enquanto ela não estava olhando para conseguir enganá-la. Mais de uma vez a pegou apontando para o local do balcão onde ela sabia que tinha deixado algo, apenas para encontrá-lo no balcão da frente. Levou uns bons trinta minutos para Molly entender isso, antes de expulsá-lo com uma pilha de pratos para servir a mesa. Ele saiu no meio da tarde com Seth a reboque, para lavar roupa. A noite havia uma boa possibilidade de Seth voltar para a casa dela. Dillon estaria de plantão hoje e não havia chances de ter uma noite tranquila. Afinal, isso era Seattle. Muita coisa para mantê-lo ocupado.



Capítulo 3

—Não, eu pessoalmente não acho que há algo errado em combinar listras com xadrez... se você quiser parecer um retardado. — Ela segurava seu telefone celular entre a bochecha e seu ombro, ao tentar tirar as compras de seu carro. Imogen estava falando sobre a sua mais recente ideologia de moda.

Ninguém, a não ser Imogen iria realmente ver a arte por trás da sua visão, inclusive Katrina, mas isso não pararia sua querida amiga de tentar convencê-la de qualquer maneira. Imogen era professora de artes e teatro. Isso significava que ela dirigia praticamente qualquer coisa teatral em sua escola. Algumas de suas veias criativas, batia com seu charmoso sotaque britânico e ficava muito parecida com um personagem de verdade.

—Ouça, Imogen, eu tenho que desligar. Tenho um braço cheio de compras e eu não consigo encontrar minhas chaves.

Quando chegou à porta lateral, lutou para conseguir colocar o celular no bolso, antes de enfiar a mão no bolso lateral de sua bolsa e pegar as chaves. Katrina tinha a circulação de sua mão

cortada, graças aos sacos de compras pendurados em seu pulso três vezes mais do que deveria ser humanamente possível, mas porra! Ela não ia dar uma segunda viagem para seu carro.

Quando pegou as chaves rapidamente encaixou-a na fechadura, abriu a porta e em seguida colocou os sacos sobre o balcão, que estava ao lado. Soltou um suspiro exagerado, virando-se para fechar a porta atrás dela, foi quando sentiu que algo não estava certo.

Um homem, vestido de preto, voou em sua direção. Ele era grande e parecia uma sombra sinistra que a cobria, quando ela caiu para trás sobre o chão da cozinha. O seu coração foi tomado pelo terror como se tivesse preso em uma caixa, com paredes se fechando em torno dele.

Katrina começou a se arrastar para trás pelo chão, como uma aranha de barriga para cima. Sabia que não podia se mover rapidamente nesta posição, mas estava com muito medo de virar as costas para ele. Ele estava aproximando-se e ela estava em pânico. Tinha deixado à luz acesa na sala de estar que ajudava a ver um pouco. O homem usava uma máscara e não havia nada para ver além de seus olhos azuis frios. Eles estavam arregalados com o que parecia ser fúria, mas por quê?

Katrina estava quieta. Não gritou, não berrou, não disse nada e sabia que deveria, mas não conseguia respirar, muito menos fazer sua garganta trabalhar. Ia morrer. Ia morrer sozinha e em silêncio na sua casa por causa desse louco.

O pensamento deprimente estava apertando seu estômago e um soluço finalmente passou por seus lábios enquanto a imagem

de quão horrível sua morte poderia ser, chegou a ela com força total. Este homem iria machucá-la. Ele iria machucá-la de todas as formas que uma mulher podia temer. Seus piores pesadelos estavam tornando-se realidade enquanto se afastava para longe deste monstro sem dizer nada. Não estava nem mesmo tentando se defender. Simplesmente rastejava para trás.

Ele abriu sua boca, mostrando os dentes surpreendentemente normais. Ela quase assumiu que ele poderia realmente ser um monstro sob a máscara, mas não importava muito como seus dentes eram, porque o grunhido que saiu da boca dele deixava claro o que queria.

—O que você quer? — Katrina chegou na beira de sua lareira de tijolos e não pode ir mais adiante. Seu antebraço subiu para frente de seu rosto, se defendendo e sua boca finalmente funcionou. —Por favor. Eu vou te dar o que você quiser. Por favor... por favor, só não me machuque. — Estava implorando e podia sentir as lágrimas caindo de seus olhos enquanto esperava ele fazer algo. Ele estava elevando-se sobre ela, olhando para baixo. Ficou parado como uma estátua grande ali e tudo o que ela podia fazer, era esperar.

Quando ele se abaixou para agarrar o colarinho de sua camisa, ela gritou e os soluços que não conseguia abafar, viraram lamentos de desespero. Catarro escorria do seu nariz e ele a puxou, sacudindo-a enquanto ela tentava colocar suas mãos novamente na sua frente, para defender-se. Katrina tinha que lutar, mas estava apavorada demais para se mexer. Suas mãos estavam cruzadas a alguns centímetros de distância do seu rosto

como se pudesse fazê-lo desaparecer. E se ela não o visse, talvez pudesse bloqueá-lo e impedi-lo de matá-la.

—Por favor... por favor... por favor... — Sua respiração estava falhando na sua garganta enquanto implorava para ele.

A outra mão dele se ergueu e tirou suas mãos para longe de seu rosto antes de agarrá-la pelo pescoço. Ele a apertou e seu pânico aumentou ainda mais. Ela estava ofegante, estava tentando respirar em torno do aperto em sua garganta. Quando seu celular tocou de repente em seu bolso, ela o pegou sem pensar muito.

Apertou no botão de responder quando o puxou do bolso e, antes que ele pudesse reagir, ela gritou tão alto quanto sua garganta machucada permitiria.

—Socorro! Me ajude por favor! —Foi tudo o que saiu antes que ele batesse em seu rosto. A cabeça dela explodiu em uma tempestade de luzes com cores que brilharam na parte de trás de seus olhos e Katrina começou a chorar novamente. Ele tentou pegar o celular e ela o jogou para longe.

Quando seus olhos voltaram para ela, estavam encarando-a com ódio. Seu grunhido virou animalesco e ela viu como se estivesse em câmera lenta quando ele levantou a mão e lhe deu um soco. Isso mandou sua cabeça na direção da lareira atrás dela e ele soltou o aperto em sua garganta quando Katrina foi atirada na superfície dura e áspera.

Sua cabeça bateu no tijolo, logo acima e o lado do seu olho direito, o cara a arrastou depois de bater duro nela. Ela caiu contra a quina ao redor da lareira, deixando-a sem ar e fazendo

sua camisa subir, arranhando seu estômago enquanto era arrastada pelo chão.

Katrina estava de costas para ele e quando se virou, pegou apenas o vislumbre de sua enorme figura, quando ele correu para fora de sua porta lateral que ainda estava aberta. Ela começou a chorar quando se arrastou até a porta, se levantando para fechá-la e caiu de volta no piso quando ouviu a voz de Imogen gritando para ela de seu telefone abandonado no chão.

Katrina se arrastou até o telefone, com medo até de sair do lugar onde estava. Tentou recuperar o fôlego enquanto segurava o telefone no ouvido. Mas, quando engoliu o ar, sua voz começou a engatar e os soluços começaram de novo.

—Tudo bem... tudo bem... Eu estou bem, Imogen. — Ela teve que forçar a garganta para apertar e controlar os soluços para que pudesse conseguir falar as palavras.

—Eu estou com 911 na linha do meu telefone fixo. Eles estão chegando. Você está segura? O que aconteceu? Por favor, fale comigo! — Ela estava tentando, tanto quanto Katrina, controlar a voz.

—Alguém entrou. Ele se foi. Estou bem. Mas eu estou com medo, Imogen. — E então estava chorando de novo.

Katrina podia ouvir Imogen dando as informações para o operador do 911 que estava no telefone. Katrina puxou os joelhos perto de seu corpo quando o pânico passou através dela em ondas que diminuía e, em seguida, voltava com tudo. Mas Imogen estava lá, acalmando-a, enquanto ela esperava e tranquilizando o

operador 911 que Katrina estava bem. Imogen ficou na linha até que Katrina pode ouvir as sirenes se aproximando.

—Eu estou bem agora. Eu posso ouvir as sirenes. — Sua voz ainda estava tremendo e balançando enquanto falava e Imogen permaneceu lá por insistência do operador até a polícia chegar em sua garagem e começar a bater em sua porta.

—Estou chegando. Eu estarei aí assim que eu puder. — Imogen desligou rapidamente.

Quando ela abriu a porta, dois homens em uniformes estavam com armas em punho quando outros se juntaram ao redor da parte de trás de sua casa.

—Senhorita. Senhorita. Você está sozinha?

Katrina assentiu.

—Ele saiu por essa porta. Ele se foi.

—Senhorita, você tem sangue em sua cabeça. Você precisa de uma ambulância?

—Eu não preciso ir para o hospital. Estou bem.

—Você tem certeza? — Ela assentiu.

O oficial era jovem e ele parecia tão assustado quanto ela se sentia, mas Katrina não estava mais sozinha. Não conseguia parar de tremer, tremia tanto como se seu núcleo estivesse em erupção.

—Senhorita…

—Meu nome é Katrina. Por favor… me chame de Katrina.

—Os policiais do lado de fora estarão protegendo a área. Os detetives estão chegando e nós vamos chamar os peritos aqui, para processar a cena do crime. — Sua casa tornou-se a cena de um crime. *Porra!* —Você pode me dizer o que o criminoso poderia ter tocado? — Ela indicou o tocando da porta e a porta que eles estavam ao redor, então deu de ombros para o resto.

—Eu não acho que ele tocou qualquer outra coisa realmente. Abri a porta e ele me empurrou para dentro. Ele muito provavelmente nem sequer tocou a porta. Eu acho que ainda estava aberta quando saiu. — O oficial balançou a cabeça e apontou para o sofá em sua sala de estar. Ela se afundou na suavidade de seu sofá antigo, agarrando um travesseiro e segurando-o contra o peito.

Katrina olhou para a beira de sua mesa de café. Ela estava em um ângulo estranho no tapete, não tinha dúvidas de que foi empurrada durante o ataque.

—O que diabos ele queria?

Katrina nem percebeu que fez a pergunta em voz alta até que o oficial respondeu.

—Eu sinto muito. — Ela apenas balançou a cabeça. —Quer que eu traga alguma coisa?

—Não. Eu estou bem. — O pobre oficial parecia não ter ideia do que dizer.

Katrina podia sentir o local sobre o olho doendo, como se tivesse queimado sua testa no tapete. Sua cabeça latejava, sua cavidade ocular estava doendo ferozmente e sua garganta parecia como se tivesse gargarejado gasolina. Ela começou a sair de

órbita, esperando. Não tinha certeza do que estava esperando, apenas não queria incomodar tentando falar com o oficial que parecia estar mais nervoso do que ela.

Podia ouvir um homem se aproximando, embora não conseguisse ouvir nada do que ele estava dizendo, e o oficial se moveu para encontrá-lo em sua porta lateral. O oficial apontou para a moldura da porta, querendo dizer sem palavras para o homem não tocar. Quando o homem entrou na sala, o queixo dela caiu antes que pudesse detê-lo.

—Detetive Adler. — O policial acenou para ele, mas o homem que apareceu de repente estava ocupado demais olhando para ela com a mesma intensidade com a qual Katrina estava olhando-o. O oficial começou a lhe dar um resumo, mas seus olhos continuaram a encarar os dela.

Ele franziu a testa enquanto a estudava e ela respirou fundo com um nó na garganta.

—Sim sim sim. Faça-os olhar a porta e mande os policiais extras fora daqui. A cena está segura então eu não preciso de corpos extras pisando ao redor. — Ele dispensou o oficial que saiu pela porta, deixando-os sozinhos, ainda olhando um para o outro.

—Professora do Seth. — Ele ofereceu-lhe um fraco sorriso, se não chocado.

—Pai do Seth. — Ela apertou os lábios enquanto ele andava em sua direção. —Sou Katrina a propósito.

—Posso me sentar? — Ela assentiu. —E me chame de Dillon.

—Ou... de detetive, aparentemente. Eu não sabia. — Katrina riu nervosamente enquanto ele a olhava calmamente. Não estava calma. Estava pirando pra caralho e agora o belo homem que ela não gostava, tinha sua bunda bonita sentada ao seu lado no sofá.

Quando seus dedos empurraram sua longa franja para o lado de seu rosto, ela se encolheu e seus olhos dispararam para ele.

—Como isso aconteceu? — Sua voz era excepcionalmente suave enquanto falava com ela e esqueceu por meio segundo, que na verdade, não gostava dele.

—Testa na lareira. — Sua sobrancelha estremeceu novamente enquanto ele continuava segurando o cabelo dela para trás de seu rosto. Quando o polegar roçou levemente para baixo de sua testa, ela gemeu baixinho com o toque antes que pudesse se conter. Ele se afastou rapidamente quando seu cabelo caiu de volta no lugar, fazendo cócegas em sua pele enquanto se movia. Sua mão se moveu para o queixo, levantando-o enquanto seus olhos foram para sua garganta. Ele puxou o queixo de volta para baixo e estudou os olhos de novo.

—Sua garganta parece que vai ficar roxa e seu olho parece inchado também.

—Ele estava me sufocando e me deu um soco.

—Eu acho que você deveria ir para o hospital para ser checada. — Ela balançou a cabeça. —Você poderia ter uma concussão.

—Não. — Disse ela olhando-o rapidamente. —Estou bem.

Seus lábios contraíram por meio segundo, quando ele exalou uma respiração profunda.

—Eu vou ter que lhe fazer algumas perguntas. Você está pronta para falar sobre isso? — Katrina encolheu os ombros e naquele momento, Imogen irrompeu pela porta lateral com um oficial se arrastando atrás dela, irritado com sua onda de pânico.

—Você não pode estar aqui! E não toque nessa porta!

—Trink! — Ela praticamente gritou e Katrina se levantou já andando em sua direção. Imogen tinha lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Katrina já estava mais calma, até que Imogen a puxou para um abraço de urso feroz. Então Katrina se desfez novamente. Imogen era alta, quase 1,75cm, a frente dos 1,65cm de Katrina, e ela a levantou do chão, sufocando-a em seu longo cabelo loiro. Imogen era impressionante, mas exatamente tão peculiar quanto Katrina e ambas estavam mostrando essa estranheza no momento. —Eu pensei que você fosse morrer! Porra!

—Imogen, eu estou bem. Mas eu tenho que responder a algumas perguntas do detetive. — Katrina não podia acreditar que estava tão calma, mas, eventualmente, Imogen a soltou, colocando-a de volta para baixo em seus pés. Quando Katrina se voltou para o detetive Adler, ela pegou um pequeno sorriso em seus lábios antes de seu rosto voltar para sua sombria expressão séria.

—Trink é o seu apelido? — Ele falou baixinho para ela quando se sentou ao lado dele e Imogen se sentou na poltrona ao lado da sala de estar.

—Não... não Trink. Eu teria estar realmente bem com alguém me chamando de Trink, para que esse seja meu apelido.

—Trink, você tem certeza que está bem? — Ela olhou para Imogen, mas pegou o sorriso sutil no rosto do detetive Adler pela visão lateral.

—Imogen, este é o detetive Adler. Ele é, na verdade, o pai de Seth Adler.

—Oh! — Puta que pariu. —Esse é o cara da bunda gostosa que te irritou na outra noite, não é? — Ela estava falando em voz baixa, como se estivessem compartilhando um segredo de algum tipo. O problema era que, Imogen estava falando na frente dele enquanto seus olhos se moviam entre elas.

Foi totalmente intencional e Katrina deveria saber que isso aconteceria. Imogen era uma casamenteira consumada, mesmo que as suas tentativas fossem um pouco fora de hora, sem originalidade e completamente brutas. Aparentemente a quase morte de Katrina não foi o suficiente para parar Imogen.

—Não. — Seus olhos brilharam para Detective Adler.

—Não? — Ele fixou seus olhos nela calmamente enquanto sua garganta começava a fechar. *Merda, merda, merda!*

—Outro pai que... — Sua voz sumiu quando percebeu o quão estúpido e inútil ela soou em sua tentativa de despistá-lo.

Seu lábio puxou para cima, num sorriso sutil antes dele se virar para Imogen.

—Eu preciso obter uma declaração da Senhorita Page. Você se importaria de esperar em outro cômodo?

—Que outro cômodo? — Ela bufou. —Você viu o tamanho desse lugar? Ups! Desculpa é claro. Trink, você vai ficar comigo esta noite? — Alívio tomou conta de Katrina com o convite de Imogen e disse que sim imediatamente. —Legal. Eu vou arrumar uma bolsa com roupas e então eu vou te esperar no carro. Está tudo bem se eu tocar as coisas sem o oficial chatinho ter um ataque epiléptico?

—Sim. Eles vão procurar por impressões digitais na porta lateral, enquanto você não tocar nela, você vai ficar bem. Meu parceiro está revistando de porta em porta agora, por isso, se ele te ver sentada em seu carro, poderá ir falar com você. Só não elogie sua bunda e você vai ficar bem.

A boca de Imogen puxou para cima num grande sorriso e por meio segundo Katrina foi atingida por uma onda de ciúme. Eles gostavam um do outro. Ela não gostava que eles gostassem um do outro. Imogen nunca iria se interessar por um homem que achava que poderia interessar Katrina, mas se deram bem. Muito melhor do que a experiência que Katrina teve com o homem. Mas quando o olhou, seus olhos estavam de volta em Katrina e ele lambeu os lábios enquanto a observava. Não foi intencionalmente sedutor. Na verdade, parecia completamente inconsciente, mas foi sedutor e ela se derreteu um pouco quando mordeu o lábio. Parece que poderia ter uma quedinha pelo belo Detetive Bunda



Bonita. *Porra.*

—O que há de errado com o seu gato? — Ele viu a criatura de aparência estranha vindo em sua direção, cambaleando como um velho bêbado. Seus olhos estavam um pouco leitosos e quando se abaixou para alisar o topo de sua cabeça e ela se arqueou para encontrar sua mão, perdeu o equilíbrio novamente e caiu.

—Ela tem vinte e um anos.

—E isso é uma condição médica?

—É, para uma gata. — Seus olhos estavam distantes, mas ela encontrou os dele com um pequeno sorriso. Ainda estava tremendo. Tinha dado todos os detalhes do ataque e ele não estava muito contente com o quão pouco tinha para continuar com a investigação. Não estava ajudando que os peritos que estavam procurando alguma coisa na porta, tinham esse olhar exasperado em seus rostos como se não estivessem achando nada em qualquer lugar. Francamente, ele não estava esperando muito. Sua declaração sugeria que o criminoso provavelmente nunca tocou numa superfície sólida na casa.

—Quaisquer discussões recentes, brigas, ex-namorados irritados que eu precise saber?

—Apenas um pai descontente que apareceu para a reunião de pais e professores atrasado. — Ela sorriu e ele não pôde deixar de sorrir. Gostava de seu senso de humor. Gostava de sua amiga também. E gostava, especialmente, da liberdade que sua amiga tinha com a boa professora. Katrina. Era péssimo que ela fosse sua testemunha e não pudesse tocá-la.

Toda vez que ele via o machucado que aparecia sob sua franja longa ou em sua garganta avermelhando-se rapidamente, que não deixava dúvidas de onde o homem colocou suas mãos sobre ela, a mão dele movia instantaneamente para escovar o cabelo para trás ou para extremidade de seu queixo para ver sua garganta e estudar o local.

—Por favor, vá para o hospital. — Sua voz era baixa. —Eu sei que você não está gravemente ferida, mas eu quero um relatório médico e fotográfico sobre as lesões. Eu não pediria se não fosse importante.

Devia estar com dor. O arranhão era uma mancha vermelha escura na pele acima de seu olho e parecia ruim, fora o hematoma que com cada minuto que passava ficava mais roxo. E ela já havia dito que tinha um grande machucado em seu estômago, por causa da sua queda na beira da lareira. Ele era um detetive com poucas pistas e as únicas delas estavam em seu corpo no momento.

—Tudo bem. — Sua voz era baixa e ela se inclinou para alisar a gata, se é que poderia ser chamada assim, uma última vez antes de partirem juntos. Eles andaram juntos para fora da casa e ficou para trás vendo enquanto ela falava com sua amiga.

Sua amiga concordou com a cabeça para algo antes de recuar e sair em um carro esporte excepcionalmente caro. Ele falou brevemente com o oficial e o perito, antes de abrir a porta do passageiro para ela e contornar o carro.

—Eu pensei que você disse que seu parceiro estava aqui? — Katrina encontrou seus olhos quando ele sentou ao lado dela.

—Ele está. Nós dirigimos separadamente. Sua amiga vai encontrá-la no hospital?

—Não. Eu disse a ela que eu a chamaria quando estivesse terminado. Eu não farei isso, é claro. Vou apenas pegar um táxi. É tarde e ambas temos que trabalhar amanhã. Será que eles vão trancar tudo na minha casa quando terminarem?

—Sim. O perito está quase concluído e já com tudo fotografado, o oficial irá travar as portas quando todos saírem. Vamos manter uma patrulha no bairro e verificar a casa periodicamente para garantir que ninguém volte.

—Você acha que ele só queria me roubar? — Sua voz era muito calma enquanto falava e Dillon não gostava do medo que ouviu no leve tremor dela.

—Eu não posso dizer isso com certeza. — Ele estava dando a ela uma resposta evasiva, porque não queria responder essa pergunta com sinceridade.

Não achava que o homem queria roubá-la. Não disse nada sobre o cara não exigir nada dela. Ele estava lá para um propósito e Dillon não achava que era coincidência aleatória que ele a pegou quando ela estava entrando por sua porta lateral. Sua casa era fora da rua, longe demais para que ele seja um idiota aleatório apenas andando em torno de alguém que, por acaso aconteceu de sair do seu carro na hora.

Nada sobre a forma de como isso aconteceu o deixou pensando que roubo era o motivo verdadeiro da visita. O homem queria machucá-la, essa era a verdade pura e simples. E estava esperando por ela. Ambos deixaram um calafrio correndo através

de seu corpo. A professora peculiar e rude, em quem ele não foi capaz de parar de pensar por todo fim de semana, era uma jovem muito vulnerável no momento.



Capítulo 4

O hospital estava cheio de pessoas que precisavam de muito mais cuidado do que ela, mas com um detetive ao seu lado, não demorou muito tempo para levarem-na para um quarto semi-privado, embora ridiculamente pequeno. O médico entrou, mal olhando-a antes de cutucar sua cabeça, e a fazer mexer seu globo ocular enquanto jogava uma luz brilhante em seu rosto. Olhou para sua garganta, em seguida, seu estômago e finalmente, encontrou seus olhos pela primeira vez sem tentar cegá-la.

—Garota sortuda. Você está bem. Sua cabeça provavelmente vai doer um pouco por um tempo, mas você vai se curar. Agora fique aqui. Eles precisam das imagens e em seguida, você pode ir. — O homem então partiu e ela ficou sozinha. Mas não por muito tempo.

Detetive Adler entrou com a mesma perita de cena que tinha estado em sua casa. A mulher era jovem e bonita, mesmo com um uniforme e seu cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo apertado. Sua câmera estava pendurada em seu pescoço e, enquanto andava ao lado do Detetive Adler, Katrina foi atingida

com esse sentimento juvenil desagradável de insegurança e ciúme novamente. Katrina parecia horrível e sabia disso muito bem. E não ajudava muito que um homem incrível e de boa aparência estava andando em sua direção com uma loira bonita ao seu lado.

—Puxe o cabelo para trás de seu rosto, por favor. — A perita falou sem realmente olhar para ela. Ninguém parecia interessado em olhá-la neste lugar. Mas quando eles se aproximaram, ela olhou para cima para ver os olhos do detetive Adler estudando-a atentamente. Seu olhar permaneceu colado ao dela quando afastou sua longa franja da testa e a mulher começou a tirar fotos de todos os ângulos imagináveis.

—Agora seu estômago. Você poderia se deitar e levantar sua camisa, por favor. — O olhar dela voltou para o seu, só para vê-lo olhando-a com frieza. Ela recostou-se na maca, levantando a camisa e subindo-a até abaixo do peito. Podia sentir seu coração batendo quando olhou para ele, seu foco estava sobre a pele crua e desgastada através de seu estômago, logo acima seu umbigo. Quando seus olhos se moveram até os dela, eles olharam um para o outro. Sua respiração estava profunda e calma, mas a dela estava tudo, menos isso.

—Eu tenho o que eu preciso. Eu vou entrar em contato, Detetive. — Ela se virou e saiu da sala. Katrina não conseguia parar de olhar e sua respiração estava ofegante. Seus dedos chegaram a suas mãos, que ainda estavam segurando sua camisa no lugar e ele puxou a bainha da camisa suavemente para baixo, para cobrir seu estômago.

—Oh... desculpe. — Katrina não tinha certeza do que dizer. Desculpe por ela esquecer que estava seminua na frente dele? Desculpe por deixar meu cérebro desligado? Ele estendeu a mão e Katrina o deixou puxá-la para se sentar. —Eu deveria chamar um táxi agora.

—Vou levá-la. — Ele não esperou por uma resposta antes de dar as costas e sair do quarto. Ela pulou da maca e seguiu-o de volta para seu carro. Bem, isso prometia ser super estranho.

E foi. Foi enervante, doloroso e estranho com um pouco de erotismo se quiser jogar isto nessa mistura de palavras. Ela não era estúpida. Confiava nele. Confiava absolutamente. Era o pai de Seth, estava na comunidade por muitos anos e era um policial. Ela literalmente não tinha nenhuma razão para não confiar nele e assim, confiava. Sob as circunstâncias e depois de sua noite, a sensação daquela confiança era intoxicante.

Ele fez o terror que sentiu, de repente, desaparecer e sentir-se melhor. O alívio, sua sutil preocupação, seu desejo de ajudá-la, empurrou todos os seus botões muito femininos. Que outra razão Sandra Bullock e Keanu Reeves ficaram atraídos um pelo outro no filme Velocidade Maxima? Duh. Katrina entendeu. Se ela fosse apenas uma mulher normal em qualquer outro dia sem ter tido a experiência de algum lunático tentando matá-la, não iria sentir nada por este homem. *Oh, fala sério! Quem diabos estava querendo enganar?* Ela não foi capaz de tirar os olhos dele, após o momento em que o conheceu!

—Onde Seth fica quando você está trabalhando? — Bem, ela tinha que quebrar a tensão de alguma forma.

—Na minha irmã. Ela é divorciada. Jake Sayors? Você o ensinou também...

—Ah, claro. Sua irmã é... uh... — Ela estava estalando os dedos.

—Molly.

—Sim. Eu gosto de Molly. Ela parece ser divertida.

—Ela é. Me lembra muito de você, na realidade.

Seu olhar disparou para o dele antes que pudesse evitar e ele a olhou antes que ela pudesse limpar a expressão interrogativa de seu rosto. O que ele queria dizer com isso?

—Eu só quero dizer que ela é peculiar. Bom senso de humor.

—Oh. — Aparentemente, ele não tinha a intenção de dizer que ela era linda como sua irmã, mas então isso seria estranho.

Ela deu instruções para a mansão de Imogen em Mercer Island e quando eles estavam perto, seu coração acelerou. Não tinha certeza por que não estava pronta para se despedir dele hoje à noite. Ele a fez sentir-se segura e, mesmo tendo certeza de que estaria perfeitamente segura e confortável na casa de Imogen, com toda sua segurança de alta tecnologia e até mesmo um portão de segurança, ainda não estava pronta para vê-lo ir embora.

Eles foram com o carro para a entrada, onde estava o teclado para o código de acesso, e ela se sentiu como uma idiota por um momento enquanto suas opções passavam através de sua mente. Katrina estava em pânico.

—Você pode me dizer o código ou passar por cima do meu colo e colocá-lo você mesma. Sua escolha. — Ele sorriu para ela e Katrina balançou a cabeça em mortificação. Ela queria engatinhar em seu colo, mas lhe deu o código em vez disso.

—Obrigada por me trazer. Eu agradeço.

—Claro. — Ele a olhou por um momento sem falar nada. — Eu vou entrar em contato em breve. Sinto muito, Katrina. Você não merecia isso e eu sei o quão difícil pode ser, lidar com ser vítima de um crime.

Seus olhos estavam, de repente, com lágrimas e ela virou-se para olhar para fora da janela, em vez de compartilhar suas emoções patéticas com ele. Mas quando seus dedos tocaram os dela, ela respirou e se voltou para ele, desistindo de escondê-las.

—Você tem muita sorte, mas também é muito forte. — Ele soltou a mão dela rapidamente, puxando sua mão para trás para descansar no volante. —Nós vamos passar muito tempo em sua vizinhança agora. Vamos aumentar as patrulhas e checar com você regularmente uma vez que você voltar para a sua casa.

—Obrigada, Detetive.

—Dillon. — Sua sobrancelha franziu e ele baixou o olhar, como se tivesse dito algo errado. Mas tudo que Katrina podia pensar, era o quanto ele havia dito corretamente. Ela desceu do carro, dando um pequeno aceno enquanto subia os degraus em direção a porta da frente. Imogen já estava abrindo a porta quando se aproximou e no momento em que viu o Detetive Bunda Bonita recuando, ela sorriu antes de puxar Katrina para um abraço.



—Seth foi para a cama cedo? — Ele estava falando com Molly no telefone. Não fazia sentido acordá-lo quando já passava da meia-noite.

—Oh, tipo nove ou algo como isso. Você terminou seu turno da noite?

—Sim. Pelo menos por enquanto.

—Por que você soa estranho?

—Eu não disse nada!

—Você não tem que dizer. Solta logo.

—Você sabe que eu não posso fazer isso. Boa noite. Eu estou desligando. — Ele desligou rapidamente, caindo em sua cama.

Dillon estava atraída por ela. *Porra!* Não porra porque, não estava atraído, nem mesmo porra por que estava atraído por ela. Porra porque ele estava muito atraído por esta mulher quando não podia se sentir atraído por ela, caralho! Apenas... *porra!* Oh sim, e porra ainda maior, porque suspeitava de que esta não seria a última vez que veriam o mascarado Looney Tune[3], com a intenção de machucá-la. Esse era a maior problema que ele tinha no momento e deixava seu coração acelerado.

---

3 Ele apelidou o invasor disso, porque todos os personagens da looney tunes são um pouco maluquinhos. Então, usa-se isso quando querem chamar alguém de louco.

Gostava dela. E não apenas porque era agradável de se olhar. Ela era mal-humorada e inteligente, era peculiar e boba, mas era doce. Era gentil e boa, exceto quando estava chateada com ele. Mas ele merecia isso.

Dillon adormeceu, mesmo sem se despir, quem sabia se teria sorte o suficiente para dormir o resto da noite sem outra chamada. Mas não dormiu, pelo menos não direto durante a noite toda. Quando acordou, estava coberto de suor e seu coração estava batendo em pânico. Tinha sonhado com ela, não apenas ela. Tinha sonhado com um monstro com intenção de matá-la, levando-a para longe dele. Em seu sonho, ela pertencia a ele e despertava um sentimento de incrível possessividade, no qual, estava sendo ameaçado.

Dillon nem se incomodou a tentar voltar a dormir depois disso. Levantou-se, tomou banho e deixou sua casa às três horas da manhã. Foi para a casa dela e sentou-se em seu carro olhando para a pequena casa que parecia estranhamente assustadora mesmo para ele. Não acreditava nem por um segundo que tinha sido a última vez que o intruso apareceria.



Capítulo 5

Katrina não conseguiu beber café o suficiente para ficar alerta na manhã seguinte, mas ela estava lá. Quando Imogen apareceu na sala dos professores cerca de dez minutos antes do primeiro período começar, ela ofereceu um sorriso simpático.

—Você tem certeza que quer estar aqui hoje, Trink? Quero dizer, ninguém realmente espera que você fique e você parece horrivelmente cansada. Será que você realmente se olhou no espelho esta manhã, amor? — Ela estava sendo Imogen, com o senso de humor sarcástico que sempre trouxe sorrisos aos dias de Katrina. Claro que sorrir realmente a fez franzir a testa neste dia e deixou-a com a cabeça doendo.

Ela encheu sua caneca de café pela terceira vez e saiu dali em direção a sala de aula. Sabia que ninguém esperava que estivesse lá. As notícias tinham viajado rápido, e quando Imogen entrou no edifício com ela naquela manhã, no prazo de quinze minutos, dez professores e o superintendente já tinham passado por sua sala dizendo que poderiam conseguir um substituto para aquele dia e, dizendo-lhe que era louca por ter vindo trabalhar.

O que falharam em perceber é que não estava interessada em estar em qualquer lugar sozinha neste momento, nem mesmo na excessivamente segura casa de Imogen no Lago Washington. Ela precisava estar na escola. Precisava estar cercada de pessoas.

Comprometeu-se mentalmente em ir para casa naquela noite e iria, mesmo assustada. Amava sua casa. Era pequena, pitoresca, e cheia de estilo em cada canto e recanto do lugar. Gastou uma pequena fortuna numa mesinha de café, que amava. Tinha procurado em brechós e lojas de antiguidades até encontrar um incrível design eclético que literalmente a fazia sorrir toda vez que ela entrava pela sua porta.

Ela relaxava cada vez que pensava sobre o cheiro de sua casa e o conforto do pequeno mundo que era apenas dela. Não poderia perder aquilo. Simplesmente não poderia desistir de tudo. O que poderia fazer era abrir mão de um pouco de dinheiro para ter as fechaduras trocadas e dois sensores de movimento instalados nas portas da frente e lateral. Os operários estavam programados para chegar esta tarde e apesar de ter Imogen encarando-a durante todo o almoço na sala dos professores enquanto ela ligava e marcava com o instalador e o chaveiro, se manteve firme em sua decisão.

—Imogen, eu aprecio que você esteja oferecendo para me deixar ficar, mas eu tenho que fazer isso. Eu não posso deixar o que aconteceu, parar com a minha vida, eu gosto dela demais para vê-la maculada por isso.

—Você soa tão professora quando você diz palavras como *maculada*. Mas você também continua repetindo isso. Não é uma

coisa que você possa simplesmente ignorar. Tinha um homem. Um homem estranho que não era para estar lá ou tentar te ferir, mas estava e você precisa levar isto a sério!

—E você não acha que eu estou? Sério, você me conhece melhor do que isso. Por que você acha que eu estou mudando as fechaduras quando provavelmente não há qualquer razão para isso? Por que você acha que eu estou instalando sensores de movimentos fora da casa?

Imogen olhou para Katrina. Ela não lembrava de Imogen ter estado tão séria, nunca. Este só não era seu estilo.

—Eu só estou preocupada com você.

—Eu sei, e aprecio isso. — Elas foram interrompidas por dois outros professores que estavam tagarelando sobre um estudante problemático que estava enlouquecendo-os. Desejou que um aluno problemático fosse sua preocupação do dia e com as sobrancelhas de Imogen se arqueando, ela revirou os olhos e deixou claro que entendeu sua preocupação com o dia de hoje também.

Katrina não tinha aula no último período nas segundas, quartas e sextas e ela geralmente monitorava a sala de estudos, mas naquele dia, encontrou outro professor para lhe cobrir com isso e saiu mais cedo para que pudesse estar em casa com tempo de sobra para receber o instalador. Desde que não tinha seu carro, pegou um táxi na porta da escola e quando ele parou na porta de sua casa, seu coração disparou, suas mãos ficaram úmidas e ela começou a entrar em pânico.

Katrina poderia realmente fazer isso? Parecia com sua casa. Realmente estava como sempre, mas se sentia tão diferente. Porém não poderia ficar sentada no táxi a noite toda e quando os olhos do motorista encontraram os dela através do retrovisor, percebeu a maneira estranha como ele a olhava, como se suspeitasse de que ela só poderia ser louca. Não queria parecer uma louca então saiu do táxi, pagou o homem e virou-se para o maior investimento que já tinha feito na vida. Esperava desesperadamente que não acabaria odiando-o.

Respirando profundamente e com um suspiro, ela começou a andar até seu gramado em direção a porta da frente. Raramente entrava pela porta da frente, mas por alguma razão não conseguia decidir se deveria usar a porta lateral. Abriu a porta e ficou olhando.

Podia sentir o cheiro da vida que ela tanto amava e era como se desejasse algo que não poderia alcançar. Parecia que era a casa dela, em um leve estado de desordem, mas ainda sua casa. Quase esperava que o lugar fosse explodir quando atravessasse a porta, mas ainda não foi muito longe quando ouviu um barulho de carro, em sua garagem.

Ela virou-se para ver o detetive Adler parando atrás de seu carro e o alívio começou a acalmar seus nervos instantaneamente. Podia sentir as lágrimas picando atrás de seus olhos e lutou para reprimi-las enquanto ele saía de seu carro e a observava por um momento. Dado o olhar sério em seu rosto, ela não tinha escondido o quão difícil isso era. Ele ficou olhando-a por um momento antes de começar a vir em sua direção.

—Não parece o mesmo depois de voltar. — Ela riu sem humor e ele sorriu gentilmente.

—Você não seria a primeira vítima a experimentar essa sensação. — Ele balançou a cabeça e suspirou profundamente. — Sinto muito. Não quero banalizar ou generalizar como você está se sentindo agora. É apenas normal sentir-se desta maneira. Que tal entrarmos juntos? — Ela assentiu, enquanto uma lágrima escapou de seu olho e correu pela sua bochecha.

Katrina balançou a cabeça em frustração e ele colocou uma mão em seu ombro, estudando seus olhos. Katrina queria mais. Queria sentir seus braços fortes e firmes em torno dela, mas era insano. Não era pago para distribuir abraços a mulheres assustadas, mas merda, com certeza ela precisava de um.

Aparentemente tocá-la era ok, apesar de tudo. Quando ele estendeu a mão para afastar a franja de seu olho e avaliar o dano, ela ficou tensa.

—Bela contusão. — Suas sobrancelhas se ergueram quando ele percebeu o estado de seu rosto. Estava ruim. O inchaço tinha se tornado bastante colorido ao longo das últimas vinte e quatro horas e ela passou o dia se esquivando de perguntas dos alunos sobre o que tinha acontecido. Não houve como esconder o dano.

Katrina riu baixinho enquanto segurava a porta aberta para que ele passasse casualmente até sua sala de estar. Ela o seguiu, comentando enquanto andava.

—Vendo pelo lado positivo, eu fiquei bonita com um olho roxo. Então, eu tenho isso a meu favor.

Ele sorriu. Ficaram olhando um para o outro em sua sala de estar e seu corpo começou a vibrar com a proximidade tranquila.

—Eu gostaria de dar mais uma olhada ao redor e fazer-lhe mais algumas perguntas.

—Você não disse que tinha um parceiro? Estou começando a pensar que era mentira. — Ela estava tentando ser brincalhona, sabendo muito bem que seria estranho ser menos do que seu jeito brincalhão de sempre.

—Ele é tímido. — Dillon sorriu. —Por quê? Prefere trabalhar com ele?

—Não foi isso que eu quis dizer, mas desde que você trouxe o assunto, isso não seria considerado um conflito de interesses para você? — Ela com certeza esperava que não.

—O que? O fato de você odiar com veemência meus problemas de pontualidade ou o fato de você ensinar ao meu filho?

—Ambos.

—Não temos uma relação pessoal, então, não. — Sua voz sumiu enquanto ele segurou seu olhar e sua respiração ficou presa na garganta. —Mas se você está desconfortável em trabalhar comigo, por favor, me deixe saber.

Seu coração começou a bater enquanto seu cérebro começou a girar. Por onde começar a processar o que ele disse? Nenhuma relação pessoal, isso era um bom lugar para começar. Mas ela não estava certa se gostou de ouvi-lo dizer isso. Desconfortável? Claro que sim, estava desconfortável. Mas era um tipo muito

diferente de desconforto, um muito bom, daqueles que deixa borboletas em seu estômago e deixa seu sangue formigando em suas veias até o calor se estabelecer entre suas pernas. Não queria lidar com nenhum outro detetive.

—Não. Estou feliz que é você que está trabalhando neste caso. — Os lábios dele levemente levantaram nos cantos, antes de relaxar.

Ele lhe deu as costas e começou a olhar ao redor de sua sala. Ainda estava em desordem e ele estudou o estranho ângulo em que a mesa de centro repousava. Observou a lareira por um momento e então se voltou para ela.

—Me mostre.

Ela apenas tinha acabado de chegar à cozinha e estava começando a pegar os mantimentos que abandonou no chão na noite anterior. Metade daquilo estaria indo para o lixo naquele momento, mas quando parou e olhou para ele, seus olhos estavam sérios e escuros. Se ergueu e foi até a porta lateral como se estivesse se preparando para fechá-la e ele parou na frente dela.

—Ele me empurrou. Aqui. — Ela apontou para o local entre seus seios. Os olhos dele brilharam para o local, antes de se voltar para ela. —Eu cai de volta no chão e comecei a me rastejar para trás, no estilo exorcista, se você já assistiu aquela cena, em direção à sala de estar. Então, me seguiu.

—Ele estava se movendo rapidamente como se estivesse tentando pegar você?

—Não. De jeito nenhum. Eu não me movia rápido o suficiente para ele precisar ir rápido, então ele apenas me seguiu. Foi assustador. Quando alcancei a lareira ele estendeu a mão e pegou a gola da minha blusa, me levantando. — Dillon balançou a cabeça enquanto seus olhos se moviam ao redor da sala. — Bateu em mim algumas vezes. Imogen ligou, eu atendi, joguei o celular para longe dele para que não pudesse desligá-lo...

—Boa jogada.

—Obrigada. Quando me deu um soco eu girei e cai por cima da pedra da lareira e depois no chão e a última vez que o vi, ele estava correndo para fora, passando pela porta.

—E quanto a operários, trabalhadores? Você teve algum em casa recentemente?

—Minha casa é velha. Então, com certeza, eu os tenho regularmente para consertar torneiras, azulejos. Houve um problema no telhado e eu quase tive que esvaziar o banheiro mais ou menos um ano atrás. Então sim. Um monte deles. Mas não recentemente. Provavelmente, nove meses atrás mais ou menos.

—Algum deles lhe pareceu incomum? Prestou muita atenção em você? Qualquer coisa?

—Não. Eu costumo reparar mais no serviço do que neles. Você sabe, eu não sou realmente boa em fazer inimigos, irritando as pessoas. — O pequeno sorriso em seus lábios tornou-se distante. —Quero dizer, além de você.

Seu sorriso desapareceu lentamente enquanto ele andava pelo corredor, olhando o banheiro e indo para o quarto. Ela o seguiu, e o encontrou olhando ao redor do ambiente. Havia algo

estranho em ver um homem de pé, em seu pequeno quarto com sua mão descansando no pé da cama. Enviou um formigamento por seu corpo enquanto sua mente imaginava uma agradável fantasia dele, deitado em sua cama.

Quando se virou para ela, seu rosto estava sério e as imagens inebriantes desbotaram. Ele seguiu seus olhos até a sua mão e tirou-a da cama enquanto sentia o calor rastejando em seu rosto, mas o rubor desapareceu rapidamente quando ele abriu a boca novamente.

—Eu não acho que você irritou alguém. Ele não estava aqui porque você o perturbou. — Os olhos dela lentamente baixaram para olhar para seu peitoral. Sabia disso. Não queria admitir, mas sabia disso.

—Será que ele poderia voltar? — A mais sem noção de todas as perguntas. Katrina flagrou seus olhos divagando antes de olhar de volta para ela.

—É claro que é possível.

Ela deu uma respiração profunda antes de se virar para sair.

—Eu preciso pegar as coisas que deixei na cozinha. Sinta-se livre para olhar ao redor tanto quanto você precisar. — Saiu sem dizer mais nada.



Ele a encontrou na cozinha, olhando para seu quintal com as mãos no lado da pia. Havia uma cerveja aberta descansando ao lado dela e Katrina estava apenas olhando. As sacolas de supermercados não estavam mais a vista e um grande saco de lixo estava perto da porta lateral pronto para ser retirado.

—A janela do quarto de visitas, estava destrancada e no seu quarto, as cortinas abertas. Certifique-se de verificar suas janelas regularmente e manter as cortinas fechadas, especialmente em seu quarto. Se estiver de dia, você pode abri-las, mas eu sempre recomendo fechá-las quando o sol começa a se por. É muito fácil para as pessoas te verem e assistirem com cortinas abertas quando está escuro lá fora.

Ela assentiu e, em seguida, houve uma batida na porta da frente. Enquanto ela deixava um operário entrar, ele a observava. Katrina parecia nervosa e insegura, não do jeito que se lembrou dela em seu primeiro encontro, na reunião de pais e professores. Dillon não gostava de vê-la tão assustada e insegura agora, mas entendia, é claro. O homem estava lá para instalar dois projetores com sensor de movimentos. Esperou por ela enquanto mostrava ao homem a porta lateral e a porta da frente, onde ela queria que as luzes fossem trocadas.

Quando Katrina se reuniu a ele na cozinha, ela tomou um gole de cerveja e encontrou seus olhos. Corou por um momento, enquanto ele a observava e em seguida, foi até a geladeira e pegou uma bandeja de frango e dois pacotes de vegetais e legumes frescos, colocando-os sobre o balcão.

—Gostaria de ficar para o jantar?

Ele de repente estava lutando para respirar, mas se obrigou a segurar seu olhar.

—Eu não posso fazer isso. — Não havia mais sentido em tentar ser agradável.

—Você não pode comer?

—Não com você. — Dillon olhou para ela e não desviou o olhar.

—Você está atraído por mim? — Foda-se. Sua voz soava excepcionalmente vulnerável e tranquila, contudo, a pergunta foi carregada de firmeza. Deus, ele estava tão atraído por ela.

—Não faça isso. — Só em perguntar, deixou sua virilha apertada e seu coração martelando. Claro que sim, estava atraído por ela e queria que Katrina soubesse o quanto, naquele momento, mas isso não ia acontecer. —É melhor eu ir.

Dillon a olhou por um longo momento. Parecia nervosa e confusa. Tudo o que queria fazer era tocá-la, tranquilizá-la. Ao contrário, ele puxou o cartão de visita do bolso, escreveu seu número de celular na parte de trás e entregou a ela.

—Você liga pro 911 se for uma emergência, mas se você ver algo suspeito ou tenha qualquer coisa para relatar, você me liga. — Ele se virou para sair pela porta lateral, pegando o saco de lixo para ela.

—Sinto muito. Eu não deveria ter perguntado.

Ele parou antes de sair e lutou consigo mesmo sobre se virar. A resposta rápida, educada, profissional e impessoal era o que deveria dar. Mas não o fez, se virou lentamente. Katrina

segurava uma panela na mão e quando encontrou seus olhos, ela a pôs em cima do fogão.

—Nós simplesmente não podemos. Eu sinto muito. — E se foi. Ele pode não ter abertamente admitido que a queria, mas podia muito bem ter feito. Dillon simplesmente não conseguia suportar a ideia de rejeitá-la quando tudo o que realmente queria, era tê-la.



Capítulo 6

Ele não esperava vê-la novamente tão cedo, mas quando atendeu seu celular na tarde seguinte, prendeu rápido a respiração quando ouviu as palavras de seu parceiro.

—Sua vítima, de invasão à domicílio, da outra noite, está aqui.

—Por quê?

—O vagabundo deixou uma pequena mensagem para ela. Não tenho ideia de como iremos escutá-la. Nós ainda temos alguma daquelas coisas que tocam fitas cassetes?

—Eu estarei aí em dez minutos. — Desligou e sete minutos mais tarde (talvez ele tivesse acelerado), estava dentro da delegacia.

Ele a encontrou sentada ao lado da mesa de Stephens, sozinha. Que tinha, obviamente, a abandonado, não que estivesse surpreso em ver isso, ele era um pouco idiota.

—Oi.

—Oi. — Ela levantou uma pequena fita em sua mão, com um olhar tímido no rosto.

—Eu não fazia ideia de que eles ainda faziam tais coisas. Você já ouviu falar em correio de voz? Ou até mesmo, secretária eletrônica? — Ele sorriu para ela antes que pudesse parar a si mesmo e seu rosto relaxou.

—Mas então agora, eu não teria essas ótimas fitas, quando psicopatas me ligassem e me deixassem mensagens românticas, teria?

Katrina conseguiu. Ele pegou-se sorrindo de novo, mas quando se olharam, sua expressão mudou. Ela estava nervosa. É claro que estava nervosa, um psicopata tinha lhe deixado uma mensagem romântica.

Ele tirou o paletó de seus ombros enquanto a observava e atirou sobre o encosto de sua cadeira antes de se sentar de frente para ela.

—Aonde Stephens foi?

—Procurar um gravador. Ele não é, nem de perto, legal como você.

—E eu não sou legal, nem para começar. — Dillon sorriu novamente e ela devolveu o sorriso.

—Não, você não é.

—Poderia me dizer o que ouviremos nesta fita? — Suas bochechas queimaram instantaneamente, escarlates, e ela desviou o olhar.

—Não. Na verdade, eu prefiro entregar a fita e deixar você ouvi-la quando eu não estiver por perto. — Ela olhou esperançosa.

—E eu prefiro que você esteja aqui. Sinto muito. Não quero deixá-la desconfortável, mas é importante. Eu preciso ser capaz de lhe fazer perguntas. — Ela respirou fundo e seus olhos se voltaram para o teto. Ele só poderia imaginar o que a deixou tão nervosa quanto estava. Não demorou muito para descobrir.

—Isso não vai acontecer novamente, você sabe disso, certo, sua vadia estúpida? Você não vai me assustar novamente. Não se preocupe. Eu não quero matá-la, ao menos não de imediato. Não até que eu consiga o que eu quero. Vocês são todas iguais, você sabe que são. Vocês são doces, agem gentilmente, mas vocês não são. Vocês são todas iguais. Fodidas provocadoras de pau. Cadelas do caralho. — A voz estava divagando e Katrina tremia. *—Eu vou foder você, você sabe disso, não é mesmo? Você não pode me impedir. Os fodidos policiais não podem me impedir. E eu vou fazer doer. Vai ser pior do que dor. Vai rasgá-la ao meio e deixá-la desejando que estivesse morta.*

Seu queixo estava apertado enquanto ouvia a voz perturbada ameaçá-la. Stephens estava sentado em silêncio olhando para o gravador na frente deles e Katrina não conseguia fazer nada além de olhar para suas mãos.

—Faz tempo desde que você transou, não é? Eu sei que faz. Meses. Eu tenho te observado, sua vagabunda. Eu sei o quanto você gosta de se masturbar. Eu ouvi os gemidos de seu quarto. Eu assisti você se contorcendo ao redor com essa porra de pênis falso

que você gosta tanto. Você fode sua boceta duro e rápido, gritando e gemendo como uma prostituta. Por que não deveria ser eu? — Estava começando a entender exatamente porque isso poderia ser desconfortável para ela. Porra. Era desconfortável para ele também. —*Serei eu muito em breve.* — A chamada desconectou e Stephens levantou.

—Eu estou indo chamar a empresa telefônica. — Ele olhou para nós, na pequena sala privada que tínhamos usado para ouvir a fita. Dillon estava lutando para manter a compostura muito mais do que o normal. Tinha visto muita loucura em seus dias e isso não deveria estar lhe incomodando tanto, mas ela estava sentada em frente a ele, tremendo e recusando-se a olhá-lo.

Stephens pigarreou.

—Beleza?

—Claro. — Foi tácito entre ele e Stephens, qual deles iria interrogá-la. Dillon foi sempre o homem de frente, com as vítimas. Simplesmente tinha uma personalidade melhor para isso, embora a mulher na frente dele possa ter discordado com isso, na primeira vez que ela o conheceu. Havia perguntas difíceis a serem feitas e ele e Stephens estavam bem cientes desse fato. Stephens também, se perguntava, sem dúvidas, o que diabos estava deixando Dillon tão desconfortável de repente. Stephens saiu, balançando a cabeça.

—Katrina?

—Hmm? — Ela ainda se recusava a olhar para cima.

—Eu tenho que lhe fazer algumas perguntas.

—Ótimo. — Seu sarcasmo estava mordendo.

—Ele mencionou que tem sido um longo tempo desde que tinha estado com alguém. Há verdade nisso? Eu preciso entender o quanto do que ele disse é verdade, determinar se realmente estava observando você ou apenas quer que você pense que estava te observando.

Ela finalmente olhou para cima, mas ainda não conseguia encontrar os seus olhos e o seu olhar se estabeleceu em algum lugar sobre seu ombro. Sua humilhação era nítida em seus olhos azuis cristalinos. Dillon queria tocá-la, tranquilizá-la de que estava tudo bem, mas não havia nada que pudesse fazer para tornar isso menos embaraçoso para ela. Katrina não tinha ideia do quanto ele estava bem em ouvir sobre partes tão privadas da vida dela, mas ele não podia dizer isso.

—Eu estava num relacionamento desde o final do verão passado até o outono com um homem que eu conheci num Starbucks, de todos os lugares possíveis, logo no Starbucks. Ele terminou o relacionamento cerca de três meses atrás, disse que nós não estávamos indo a *lugar nenhum*. Nós só namoramos por quatro ou cinco meses e ele ficava em casa comigo algumas poucas noites por semana. Isso é o que você queria saber, certo? Quantas vezes eu estava transando e esse bastardo estava assistindo. Deveria ter mantido minhas malditas cortinas fechadas, hein? — Ela parecia irritada. Tinha todo o direito de estar, mas não precisava direcionar essa raiva para ele.

—Você tem todo o direito de ficar chateada, Katrina, e sim, é o que eu preciso saber. Eu preciso falar com seu ex-namorado. Você pode me dar seu nome e informações para contato?

—Claro. Mas não é ele. Ele tinha olhos azuis como o homem que entrou na minha casa, mas não era a sua voz. E ele não gostava de mim o suficiente para querer me foder, me rasgando ao meio. Isso foi o que aquele idiota disse que iria fazer, não foi? Que diabos isso quer dizer?

Ele não estava nem um pouco disposto a entretê-la com a ideia do que exatamente isso significava para esse lunático. Dillon lhe entregou um pedaço de papel e observou enquanto ela escrevia o nome e informações de seu ex-amante e entregou de volta para ele. Ela ainda se recusava a encará-lo e apenas ficou olhando para a mesa.

—Nós precisamos falar sobre alguns dos outros comentários feitos também.

Ele não precisava explicar sobre o que estava falando, o olhar em seu rosto quando balançou sua cabeça em desgosto, deixava claro que entendia exatamente do que estava falando. Não esperava vê-la de pé, saindo e parando na porta. Ele se levantou rapidamente e, em seguida, ela se virou, encontrando seus olhos pela primeira vez.

—É tudo verdade. — Seus olhos se fecharam com a humilhação devorando-a e depois o deixou olhando para ela saindo. Ele queria segui-la, mas não havia nada que pudesse dizer para fazer isso ficar melhor.

Em vez disso, foi até o escritório do seu chefe.

—Eu quero mais proteção para Katrina Page.

—E como é que eu vou justificar isso? — Chefe Greenwood não estava sendo rude, mas ele precisava de um motivo muito bom.

—Ele deixou uma mensagem ameaçando-a. Também sugeriu que está vigiando-a, observando-a por algum tempo já e, as declarações particulares deixadas na mensagem foram confirmadas pela vítima. Há pouca dúvida em minha mente neste momento de que ele é um perigo para ela.

—OK. Vamos colocar um policial fora de sua casa quando ela estiver lá. Eu não vou sacrificar as horas de um homem durante o dia, enquanto ela estiver trabalhando, mas estará coberta à noite, quando estiver em casa. Mais alguma coisa? — Balançando a cabeça, ele saiu, sentindo-se um pouco melhor com o fato de que ela foi para casa, mas estava ansioso e não gostava disso. Quando conseguiu voltar para sua mesa, Stephens estava lá.

—Você vai me dizer o que está acontecendo com essa testemunha?

—Ela está apavorada e chateada. Isso parece estranho para você, por algum motivo? — Stephens pigarreou e o olhou. Eles já trabalhavam juntos por alguns anos e têm sido bons parceiros, mas Stephens tinha uma personalidade de não deixava nada passar.

—Não estou realmente falando sobre isso. Vocês dois agem como se estivessem transando ou coisa assim. Ambos estranhos. E não é só ela, a propósito. — É claro que ele sabia que

provavelmente isso era verdade. Mas não conseguia fingir ser tão profissional ao seu lado e ela parecia super desconfortável.

—Greenwood colocará segurança extra sobre ela. O que foi que você descobriu com a companhia telefônica?

—Nada ainda. Eles vão me retornar quando tiverem algo. Eu estou supondo que o psicopata não é tão estúpido para usar um telefone fixo ou celular rastreável. Mesmo os maiores idiotas no mundo sabem usar um telefone descartável hoje em dia. Boa coisa Greenwood colocar mais pessoas cuidando dela. Eu acho que ela pode precisar disso. — Ele se levantou e foi embora, deixando Dillon olhando para seu desktop.



Capítulo 7

—Uhm, Srta. Page?

—Sim, Seth, o que foi? — Katrina o olhou sentindo a mesma humilhação que sentia perto de seu pai. Era tão estranho ter seu filho em sua classe. Eles eram tão parecidos, que sentia como se todo pensamento que passou pela mente dela sobre o Detetive Adler estava de alguma forma, olhando-a de volta, pelos olhos de Seth. Mas não estava e ela estava apenas sendo paranoica. Também estava exausta e provavelmente ficando louca.

Terminou dormindo no chão do seu banheiro na noite anterior, com a porta trancada e uma faca ao seu lado. Teve um pesadelo e mesmo que ela pudesse ver um carro de patrulha estacionado na frente de sua casa, nada parecia acalmar sua paranoia. Simplesmente não podia tolerar estar sozinha num quarto com janelas por algum motivo e por causa disso, acabou no banheiro.

—Aqui está a minha redação. — Ela pegou o papel dele, sorriu e se voltou para sua mesa. Era apenas o segundo período e

não tinha certeza de como ficar acordada durante todo o dia, especialmente, porque ainda teria uma classe de educação para adultos, no centro, naquela noite.

Katrina conseguiu de alguma forma, tomando muito café e bebendo um energético após o almoço, e quando o último de seus alunos saiu pela porta, rapidamente pegou seu casaco e suas bolsas e andou para fora da classe. Ela quase engasgou quando avistou o Detetive Adler se elevando acima das cabeças dos outros alunos. Cerca de seis metros abaixo no hall e com Seth a outros três metros depois.

—Pai. Eu estou indo muito bem na classe da senhorita Page. Merda! — As sobrancelhas de Katrina subiram quando o Detetive Adler virou-se para Seth.

—Diga isso de novo e verá por quanto tempo eu posso fazer seu Xbox desaparecer. — Ela quase riu, mas depois a humilhação apareceu novamente. Dillon nem sequer a tinha visto ainda e Katrina contemplou sair correndo pelo corredor na direção oposta.

Ela decidiu que não havia razões para isso. Ele estava lá, obviamente, para vê-la e isso significava que haveria uma razão para isso que envolvia o seu caso, ou Seth. Dillon não estaria fazendo-lhe quaisquer visitas sociais, ele deixou isso bem claro em sua cozinha no outro dia. Na verdade, a primeira vez foi no estacionamento. Não conseguia parar de se humilhar ao redor dele e agora, a mensagem do telefone? Ahrrrrrg! Por quê? Por quê? Por quê?

—Vá esperar no carro. Eu estarei lá em poucos minutos. — Detetive Adler jogou as chaves para Seth, que jogou as mãos no ar em frustração, enquanto se virava e saia pisando forte pelo corredor. Foi tudo muito bonito e reconfortante, na verdade. Ela nunca tinha realmente os visto juntos.

Quando ele se virou, ela tinha um pequeno sorriso em seu rosto e no momento em que seus olhos se iluminaram, sua boca puxou para cima com o seu próprio sorriso. O dela desapareceu rapidamente e Katrina voltou para sua sala de aula.

—Como você está? — Ele fechou a porta enquanto entrava na sala.

—Detetive, eu sinto muito. Eu apenas...

—Dillon, por favor.

—Dillon. Sinto muito sobre ontem à noite no seu escritório. Eu estava envergonhada e...

—Você não deveria estar. Não em torno de mim, ok?

Ela assentiu, mas seus olhos caíram ao longo de seu corpo alto e forte até seus pés. Não ter vergonha de ter a parte mais privada de sua vida exposta para ele contra sua vontade? Está bem, certo.

—Eu queria que você soubesse, que o rastreamento do telefone, foi um beco sem saída. Nós suspeitavamomos que ele provavelmente tivesse usado um telefone descartável não rastreável e estávamos corretos. Eu sinto muito. — Ela assentiu. Apenas a sua sorte. —Nós colocamos segurança extra com você, em sua casa durante toda a noite. Você deve ter notado.

Ela assentiu novamente, mas ainda permaneceu em silêncio.

—Katrina. — Ela finalmente olhou para ele e sua expressão era grave, mas incrivelmente calma. —Sinto muito sobre tudo isso. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes...

O mais sutil balançar de cabeça, sugeria que Dillon ultrapassou um limite. Katrina queria que ele ultrapassasse novamente. Ela precisava de sua necessidade, a mesma necessidade que Dillon estava escondendo e retendo dela. Lidaria com a humilhação do que ele sabia sobre ela se pudesse apenas absorver e experimentar um pouco da incrível força dele.

—Você não parece bem. — Sua boca se abriu enquanto ele falava.

—Obrigada?

Ele sorriu e ela finalmente sorriu também.

—Você parece exausta. Você não está dormindo, está?

—Claro que eu estou. Eu dormi no chão do banheiro na noite passada, quase me apunhalando com uma grande faca de cozinha que eu estava agarrada para o meu conforto. — Ela sorriu. Foi sem graça, mas ele parecia apreciar seu humor azedo.

—Se você se sentir desse jeito, me ligue. Eu nunca durmo durante toda a noite e eu estou acostumado a ser acordado constantemente. Você não precisa apenas sofrer esse tipo de medo sozinha. — Seus olhos suavizaram e seu interior amoleceu também. Ela estava derretendo em sua força mais uma vez, se

transformando em uma mulher patética. —Deixe-me acompanhá-la até lá fora.

Ela assentiu e saíram da sala juntos.

—Posso perguntar sobre a mãe de Seth?

Ele se virou para ela enquanto andavam lentamente pelo corredor agora deserto. Katrina pensou que talvez tivesse ultrapassado um limite nesse momento, mas suspeitava que Dillon estivesse ocupado demais se preocupando com seus próprios limites, para julgá-la.

—Ela morreu quando Seth tinha seis meses de idade. Acidente de carro.

—Eu sinto muito.

—Não sinta. Quero dizer, obrigado, mas foi há muito tempo. Eu me sinto mal por Seth mais do que qualquer coisa. Ele nunca conheceu sua mãe e isso é um pouco doloroso para mim, mas na verdade ele não sente sua falta, porque nunca a conheceu.

—E você? Você sente falta dela?

Ele pensou por um momento, enquanto andavam e, em seguida, parou e virou-se para ela.

—Na verdade, não. Não me interprete mal, eu senti por muito tempo, mas, já faz muito tempo. Eu acho que eu sinto falta do que tínhamos, porém faz muito tempo e minha vida mudou muito, é difícil me conectar com a vida que eu tinha naquela época. Eu não tenho certeza se faz sentido.

—Como ela era? — Katrina estava ultrapassando os limites, mas ele adorou o interesse dela.

—Ela era ótima. Era bonita, gentil, honesta e moral. Era tudo que eu queria. Eu pensei que ficaríamos juntos pelo resto de nossas vidas. O nome dela era Shannon. Nos conhecemos no nosso primeiro ano de faculdade, casamos em nosso segundo ano e ela estava grávida antes mesmo de nos formarmos.

Eles estavam levando um tempo muito longo, andando a passos de caracol, pelos corredores.

—E você? Você nunca foi casada?

Ela balançou a cabeça lentamente enquanto o estudava.

—Não. Nem mesmo perto. Nada sequer remotamente interessante nessa categoria. — Ele sorriu.

—O que você está fazendo esta noite? — Indo a um encontro com você. Era seu desejo.

—Ensinando. Eu tenho uma classe de escrita criativa, que eu leciono no centro, nas quartas-feiras a noite.

Ele ficou tenso ao seu lado por um momento.

—E você dirige?

—Claro. Há um estacionamento ao lado do prédio. Por quê?

—Eu provavelmente deveria dar uma olhada. Posso te encontrar lá, mais tarde, no final da sua aula?

—Claro. — Ela estava mais do que feliz em vê-lo mais tarde naquela noite, mesmo que não estivesse inteiramente certa do porquê de repente ele parecia tão preocupado. Era um prédio cheio, numa cidade cheia. Ela, na verdade, se sentia mais segura lá do que na tranquilidade de sua pequena casa, naquele momento.

—Oh, e eu não falo sobre os casos com Seth, se você estiver curiosa. Na verdade, eu não falo com ninguém sobre os casos, que não estejam relacionados com o meu trabalho. — Ele olhou-a por um momento quando se aproximaram da porta. —Então... Seth acha que eu estou recebendo atualizações sobre o progresso dele, com sua professora favorita. Benéfico por dois motivos, o mantém sobre a linha e, me deixa falar com você sem que ele tenha o conhecimento.

Ela riu enquanto ele segurava a porta aberta.

—Tal coisa é desonesta de fazer com o seu filho.

—Sim? Bem, eu espero que você jogue junto.

—Se isso faz você se sentir melhor, ele está indo muito bem. É um grande estudante e parece estar indo bem com o grupo de leitura também. Seth está participando muito e isso é um bom sinal.

—Fico feliz em ouvir isso. Veja quão produtivo podemos ser juntos quando você não está me odiando por estar atrasado e eu não estou te odiando por ser rude comigo? — Seu sorriso a fez sorrir antes mesmo que pudesse lembrar que ela não tinha nenhuma razão para sorrir.

Katrina deu-lhe o endereço do prédio e o número da sala de sua classe daquela noite, enquanto andavam em direção ao estacionamento, onde seu SUV estava estacionado na zona de embarque e desembarque.

—Se você tiver uma queda pela minha professora, pai, eu vou vomitar. — Seth estava gritando para fora da janela, muito intencionalmente tentando constranger seu pai e dado o rosto

corado de Dillon, ele conseguiu isso muito bem. Naturalmente, deixou as bochechas de Katrina vermelhas também.

—Desculpe por isso. — Ele murmurou.

—Está tudo bem. Eu já sei que você tem uma queda por mim. — O comentário apenas escapou como tais comentários muitas vezes faziam, antes que ela pudesse se conter. Katrina se afastou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa e ver suas bochechas corando furiosamente. Obrigou-se a manter os olhos para frente. Foi uma pequena vitória para o bem de sua humilhação e ela se divertia com isso mesmo quando o constrangimento corria por suas veias. Katrina teve poucas vitórias recentemente e merecia essa.



Ele, sorrateiramente, entrou em sua sala de aula no final da noite, se sentando rapidamente numa cadeira na fileira de trás. Era uma aula de educação para adultos e havia menos de quinze alunos lá. Stephens estava vasculhando os corredores no momento, verificando a segurança do prédio, mas Dillon estava mais interessado nos estudantes, mais especificamente, os de sua sala de aula. Ele observava. A maioria não tinha o notado entrar, embora Katrina definitivamente tivesse. Ela estava falando, algo sobre a importância do diálogo na ficção escrita, mas suas bochechas estavam com o mais incrível tom de rosa. Estava

deixando-a nervosa e estava gostando desse fato, após o comentário com que ela o deixou no estacionamento mais cedo.

Ela acertou em cheio. Dillon tinha uma queda por ela, mas Katrina não podia ver o quão inapropriado era. Não era algo que ele podia simplesmente abrir mão e deixar rolar, não importa o quanto desejasse isso. Mas ele estava condenado, ao não conseguir parar de pensar nela. Isso nunca tinha acontecido antes e não conseguia entender por que ela ficava o provocando tanto.

Dillon trabalhou com uma abundância de testemunhas atraentes e nunca tinha sido tão tentado, como era todas as vezes que estava com Katrina. E ela aparentemente sabia disso. Ele estava obviamente fazendo um trabalho de merda, escondendo seu desejo e sabia que tinha de obter controle sobre a forma como respondia a ela, ou ela continuaria a empurrar seus limites, o que optava por fazer, sutilmente. Mas não lhe agradava essa ideia. Na verdade, era uma tortura sequer pensar sobre isso.

Ele observou enquanto ela andava, casualmente, na frente da classe. Cerca de um terço do grupo era de homens e ele deixou seu foco passar por cada um deles. Observou, exatamente como eles a assistiam. Não podia ver todos os rostos, mas a partir de onde estava, podia ver um ângulo de seus perfis, então, os observou. Um a ignorava completamente e estava mais focado em seu iPhone do que no que ela estava falando. Estava afundado em seu assento casualmente, com as pernas esparramadas na sua frente. Exceto por querer chutar seus pés e puxá-lo pelo colarinho por sua óbvia falta de respeito a Katrina, Dillon certamente não o via como uma ameaça.

O segundo ele assistiu por apenas um momento. Devia ter, pelo menos, sessenta anos e enquanto não poderia desconsiderar o homem devido a este fato por si só, seu comportamento era muito paternal, quando a observava. Não havia fome em seus olhos em tudo, nada como ele sentia, em seu próprio desejo quando a via. Independentemente, desejo era desejo e Dillon estava procurando por ele. Esse desejo poderia estar sendo encoberto pelo desprezo ou pela malícia, até mesmo, sendo um amor platônico que recém começou e que faria o olhar de um lunático parecer mais como um bobão do que uma ameaça verdadeira para ela, mas o desejo, esse sim, tinha que estar lá.

No terceiro homem ele se concentrou por um longo tempo. Ele manteve seu queixo para baixo, mas Dillon podia ver os olhos do homem a seguindo por onde quer que ela fosse. Claro que era esperado, que seus alunos prestassem atenção, mas não gostou da expressão no rosto desse cara ou a maneira como se recusava a elevar o queixo. Era como se pela sua linguagem corporal, ele estivesse tentando se esconder de alguma forma, mas seus olhos não conseguiam parar de segui-la.

Dillon desistiu do quarto e último homem de sua classe rapidamente. O homem era obviamente gay e não havia simplesmente nenhuma razão para observá-lo mais. Os olhos de Dillon se voltaram para o homem número três e o estudou. Havia cerca de quinze minutos até o final da classe e ele estava esperando que ela não fosse liberá-los mais cedo. Queria o tempo para se concentrar na linguagem corporal deste homem e de como se comportava diante Katrina. Mas no momento em que os

15 minutos se acabaram, ele ainda não tinha, nem de perto, entendido a postura do cara.

Dillon esticou as pernas, cruzando os tornozelos sob a mesa à sua frente quando os estudantes começaram a recolher seus pertences e sair pela porta. Todas as mulheres olharam-no com curiosidade ou tentaram flertar com ele. Ele ignorou todas elas, mantendo o foco no homem número três. O homem ficou em silêncio, colocou a jaqueta rapidamente e colou o queixo no peito. Ele não disse nada a nenhum dos outros alunos e saiu com a cabeça baixa da sala. Dillon não tinha certeza do que fazer com o homem, mas pretendia fazer alguma pesquisa.

Katrina se aproximou dele, se sentando na mesa a sua frente e sob a qual suas pernas estavam esticadas. Ela o olhou, puxando uma das pernas para cima.

—Treinando suas habilidades de escrita criativa? — Ela era muito boa em lhe fazer sorrir.

—Culpado. Agora conte-me sobre o cara que estava sentado na parte de trás do grupo, ele deve ter uns trinta e poucos anos, cabelo escuro, gosta de ficar olhando para você. — Ele soava mais como alguém com ciúmes, do que alguém procurando suspeitos. Dillon ergueu as mãos para cima para descansar na parte de trás de sua cabeça, enquanto a olhava e esperava por uma resposta.

—Josh? Ele é inofensivo. — Odiava quando as mulheres faziam tais declarações. Odiava ouvir especialmente Katrina fazer essa afirmação. Isso significava que ela era muito ingênua sobre sua situação e sobre sua segurança. Ele não tinha nenhuma

dúvida de que ela estava preocupada com isso, mas o fato de que poderia fazer tal afirmação tão casualmente, era preocupante.

Seu coração disparou por um momento enquanto ela estudava seus olhos. Ele estava muito preocupado e se importava muito, sobre o que aconteceu com ela. Não era uma boa combinação para um policial e era exatamente por isso que não estava autorizado a gostar dela, de desejá-la, pensar sobre ela, fantasiar ou imaginar como seria tê-la, possuí-la e fodê-la. Katrina estava fora dos limites, por uma boa razão. Mas, mesmo reafirmando isso em sua mente, ele imaginou como ela se pareceria deitada na mesa em sua frente, arqueando as costas e com as pernas separadas, expondo toda sua boceta.

Ela finalmente cansou de esperar ele responder, enquanto Dillon se perdia no simples fato de observá-la, fantasiando sobre ela ou se preocupando, muito.

—Você está bem? — Sua voz era de repente baixa e seus olhos estavam sobre ele muito intimamente.

Balançou a cabeça por um momento, mas parou.

—Na verdade não. Eu não gosto de como esse homem estava olhando para você. E eu não gosto que você, tão facilmente, descartou meu questionamento sobre ele.

Dillon puxou as pernas de debaixo da mesa na qual Katrina estava sentada, inclinando-se para ela.

—Eu estou aqui para fazer um trabalho, Katrina e, isso é descobrir quem a atacou e aproveitar a oportunidade para mantê-la segura. — Ele estava falando com bastante severidade e podia ver o choque em seu rosto, mas ela precisava entender. —Eu

preciso de sua cooperação, eu preciso que você guarde seus nervos e constrangimento em torno de mim e eu não preciso de você fazendo comentários sobre eu ser atraído por você, porque nada realmente importa agora, não é?

Ela balançou a cabeça sutilmente enquanto seus olhos se deslocaram para longe dele.

—Desculpe. — Katrina começou a morder o lábio inferior e a culpa rapidamente lhe deu um soco no estômago, mas ela precisava entender.

—Não há dúvidas em minha mente que a sua segurança está em risco e eu preciso saber que você entendeu, realmente entendeu isso. — Ela assentiu. —Qual é o nome do aluno?

Seus olhos finalmente encontraram os dele novamente, mas Katrina parecia atordoada e ferida e, ele estava morrendo um pouco por dentro, ao ver isso.

—Josh Grant. Vou encontrar o endereço para você. — Era a sua vez de calar a boca e acenar e ele fez, mantendo o olhar no dela.

—Nós devemos ir. Stephens está verificando os corredores checando a segurança do edifício.

—Eu sinto muito. — Sua voz era um pouco mais forte quando falou desta vez e ele suavizou.

—Não sinta. Eu não estou chateado com você. Eu só quero que você leve isso a sério e as coisas são... complicadas entre... — A palavra era *nós*, mas não estava disposto a dizê-la. —Este caso, o fato de que você ensina na escola do meu filho e faz parte da

vida dele, nubla um pouco algumas áreas da investigação para mim e eu preciso que as coisas sejam bem nítidas.

Ela ficou lá parada com toda a sua insegurança escrita em seu rosto, mas no momento que desviou seu olhar, parou e olhou de volta para ele.

—Você não acha que eu estou levando isso a sério? Eu vivo e respiro com medo agora. Eu prometo que não é preciso muito para imaginar o que esse insano quer fazer comigo e eu não aprecio a sua sugestão de que eu não entendo a situação. Eu não sou naturalmente paranoica. E não, não é a minha primeira reação temer um aluno, a quem eu já tenho ensinado por um tempo, mas eu entendo.

Seus lábios franziram por um segundo, antes que ela desviasse o olhar novamente.

Katrina saiu da sala com seu olhos a seguindo. Ele ficou um momento a mais e depois a seguiu encontrando-a já conversando com Stephens no corredor. Dillon ficou parado feito um estúpido, enquanto Stephens reclamava sobre a falta de segurança no prédio.

—Eles têm uma mesa de segurança no térreo, mas fica vazio depois das dezoito horas. Eles têm câmeras de segurança em torno do edifício, mas são poucas, distantes e sem ninguém monitorando na mesa de segurança à noite, então, é tudo inútil. — Stephens parecia pessoalmente ofendido com o edifício e ela apenas ficou observando-o, balançando a cabeça e tentando disfarçar seus olhos que continuando mudando para Dillon, nervosamente.

—O estacionamento é outro problema. — Dillon entrou na conversa. O foco de Katrina foi inteiramente para ele, mas sua expressão era cautelosa. —Não há câmeras nele, o que é ridículo. Eles não monitoram o portão à noite porque é permitido qualquer um estacionar, após as dezessete horas. Não há nada que impeça alguém de ir andando diretamente para a garagem, onde há mais cantos desertos e escuros, do que no próprio edifício. Eu não quero que você estacione mais lá.

Ela pareceu chocada por um momento.

—O quê? Estacionar na rua é sem sentido, aqui no centro, e a garagem é gratuita para professores!

—Eu não me importo se eles te pagam para estacionar naquela garagem maldita. Não é seguro. Use o transporte público, então. — Ele estava segurando seu olhar duramente enquanto Stephens olhou entre eles.

—Devido a isso ser mais seguro? — Ela olhou incrédula.

—Sob as circunstâncias, sim! Um ônibus lotado é muito mais seguro para você agora do que um estacionamento subterrâneo deserto. Embora eu não goste da ideia de você andando de uma parada de ônibus para a sua casa também. Mas podemos ter o oficial te encontrando por lá.

—Ele está certo, Senhorita Page. — Stephens entrou na conversa. —Você estará melhor em um ônibus, por haver sempre muitas pessoas. Melhor ainda, pegue um táxi se você puder pagar. Só não se coloque em um lugar como um estacionamento quase vazio, sem segurança. — Ela assentiu, mas estava olhando para o chão. —Agora, o que diabos vocês estavam fazendo os dois

naquela sala de aula sozinhos por tanto tempo? Se pegando? Me deixou esperando muito tempo. — Stephens murmurou como uma reflexão tardia.

Dillon poderia estrangular o homem. Em vez disso, se virou com os lábios franzidos, balançando a cabeça e saiu pelo corredor. E apontou para trás para Stephens quando estava cerca de cinco metros de distância, dando ao homem um comentário final.

—Observe-a até chegar em seu carro e sair do estacionamento em segurança. — E então ele continuou andando. *Puta que pariu, nunca ganhava, nem tentando!*



Capítulo 8

—Então, como está o Detetive Bochechas Doces? — Imogen soltou, enquanto se sentava ao lado de Katrina, na mesa de vendas de bilhetes de jogos de beisebol, na sexta-feira à noite. Maldita responsabilidade aos jogos.

—Por bochechas doces eu suponho que você está se referindo as bochechas de sua bunda bonita?

—Claro. Duh. Eu achava que nem precisava dizer. — Ela repreendeu Katrina e deu uma cotovelada no seu braço, mas Katrina estava tendo um momento difícil em apreciar o humor. Ela estava um pouco irritada com o Detetive Bochechas Doces. Também estava exausta, graças a mais duas noites, sem quase dormir. Mas era sexta-feira. Estava pronta para uma bebida de adultos. —Então, estamos bebendo após a celebração dos jogos? — Imogen deve ter lido a mente de Katrina.

—Sim, por favor.

—Quanto tempo nós temos que nos sentar aqui? O jogo já começou.

—Até o terceiro turno. Então, é liberado para todos.

—É futebol do ensino médio, pelo amor de Deus! Realmente esperam que as pessoas paguem por isso? Quero dizer, como é que vamos saber quando é o terceiro turno?

—Em primeiro lugar, isto é beisebol, não futebol. Em segundo lugar, sim, esperamos que eles paguem. É por isso que eles continuam nos entregando dinheiro. E em terceiro lugar apenas olhe para o placar. — Ela sorriu. Não poderia ajudá-la, não quando Imogen estava sendo ridícula.

—Bem, não é minha culpa que vocês americanos, têm os esportes mais estúpidos conhecidos pelo homem.

—Sério? Pelo menos nós não nomeamos um esporte com o mesmo nome de um inseto[4]. — E então, quando Katrina olhou para cima, desanimou.

—Bem, falando no diabo. — Imogen murmurou enquanto Katrina dava uma cotovelada nela. Ela não tinha dito a Imogen sobre a palestra de quarta-feira que tinha recebido do homem. E aqui estava ele, vindo em direção a elas agora, juntamente com Seth, Jake e Molly. Excelente!

—Oi, Seth, Jake. Como estão?

Eles responderam com o máximo de saudação que puderam, antes de saírem correndo, deixando Dillon e Molly diante da mesa delas.

---

4 Estão se referindo ao esporte críquete=cricket(grilo em inglês), de origem Inglesa

—Os bilhetes já estão de graça? — Disse Molly, ela era tão vibrante e amigável quanto Katrina se lembrava do ano em que Jake esteve em sua classe.

—Desculpe, ainda não. Apenas após o terceiro turno.

—Bem, nós teríamos chegado aqui mais cedo, se Dillon não tivesse nos atrasado. Mau hábito dele, não é? — E os olhos de Molly encontraram os de Katrina com um sorriso sutil enquanto Imogen praticamente engasgava com o riso. O Detetive Adler parecia menos divertido enquanto pegava o dinheiro e Katrina mal conseguiu fazer contato visual com o homem enquanto tinha sua mão estendida.

Não demorou muito até o final do terceiro turno para elas escaparem para conseguirem suas bebidas. Estava pronta, aliás, mais do que pronta para uma boa e forte margarita com uma dose extra de tequila. Mas estava pensando que, ter pelo menos um pouco de comida no estômago seria uma boa ideia, para não acabar ficado uma bêbada atrapalhada. Bêbada, tudo bem. Bêbada tropeçando e caindo por ai, não seria bom.

—Posso lhe comprar um lanche para compensar minha grosseria na outra noite?

—Você deveria estar falando comigo ou você vai ficar em apuros com a polícia? — Ele a olhou com um olhar perplexo no rosto por um momento, até que o rosto dela começou a mostrar uma cor rosada. —Bem, fico contente que minha piada foi um desastre.

—Não, eu entendi. Muito boa. — Ele franziu os lábios e queria sorrir. Ela podia ver isso em seus olhos, mas infelizmente

Dillon deixou claro o quão profissional o relacionamento deles precisava ser. O que não parecia impedir seu coração de vibrar no peito ou os dedos de tremerem quando ele lhe entregou um saco com tacos.

Eles começaram a andar lentamente a partir da lanchonete, parando para ficar ao longo da grade que corria paralela à linha da terceira base. Não deveria significar nada, os dois de pé juntos e tendo em conta os poucos olhares que os analisavam e as sobrancelhas interrogativas em interesse que intrigava algumas pessoas, por assim dizer. Mas com certeza não deveria ser uma situação tão tensa, constrangedora e simplesmente errada.

O que poderia haver de errado com eles conversando? Ele deixou claro o quão intocável era, mas tudo o que ela sentiu foi uma rejeição. Claro que isso não era a verdade. Dillon estava de pé ali, meio desajeitado ao seu lado, comendo em silêncio e tentando se comportar como qualquer outro adulto em torno de um campo de beisebol.

—Seth se saiu muito bem na prova de história ontem com a senhora Martins. Seus testes podem ser bem complicados, porque eles dependem fortemente de leitura de textos e ele tirou um A. Não tenho certeza se te disse, mas Seth deveria estar orgulhoso.

Ele olhou para ela com um pequeno sorriso que mostrou nada mais do que orgulho pelo seu filho.

—Bem, obrigado por incluí-lo no seu grupo de leitura. Isso é ótimo de ouvir. — Ela assentiu e eles voltaram ao silêncio.

Ele estava tirando a embalagem vazia das suas mãos, alguns minutos depois, antes de falar novamente.

—Sinto muito se soei grosseiro na outra noite, no centro da cidade. Foi muito pouco profissional da minha parte.

—Pouco profissional... — Ela deixou as palavras escaparem enquanto repetia. Dillon estava certo sobre isso. Ele foi completamente, pouco profissional e totalmente, pessoal. Pessoal, daquela maneira em que ele parecia tão empenhado em evitar ser com ela. Mas Katrina estava adivinhando que seria... pouco profissional lembrá-lo do fato.

Ele ignorou o desafio em sua voz por um momento enquanto a estudava.

—É melhor eu ir encontrar Molly. Tenha uma boa noite. — Ele se afastou e ela o observou. Naturalmente, seus olhos foram atraídos para sua força física excepcional e beleza. Seu andar era com propósito, mas não se mostrando. Ele tinha apenas a altura perfeita para comandar, sem ser arrogante. E essa bunda. A forma como marcava o jeans casual que usava, era pecaminosa. E também mostrava a força da extensão de suas pernas. Ele tinha um corpo bastante construído com poder e ela se forçou a desviar o olhar rapidamente enquanto um rubor corria pelo seu rosto. Mas não desviou o olhar rápido o suficiente.

—Feche a boca e pare de olhar. — Imogen tinha parado, sorrateiramente, atrás dela, seguindo o rastro de seus olhos ávidos. —Vamos pegar a estrada, Jack[5]. — Katrina balançou a

---

5 Famosa letra de uma música americana. Título original: Hit The Road Jack

cabeça enquanto Imogen prendeu seus cotovelos e arrastou-a em direção ao estacionamento. Bebidas. Bebidas lhe fariam bem. Ela tinha apenas vinte e oito anos, caramba, e merecia um pouco de diversão desses vinte e poucos anos.



Duas e meia da manhã nunca era uma hora boa para ser acordado.

—Adler. — Ele respondeu, resmungando a palavra enquanto lutava para se sentar.

Tudo o que podia ouvir eram fungadas e ele olhou para identificador de chamadas em seu celular rapidamente. Dillon não deveria saber o número do celular dela de memória, mas pateticamente, ele sabia.

—Katrina? O que há de errado? — Mais fungadas. —Katrina, você tem que falar comigo. Você está bem? Se não estiver, você precisa desligar e ligar para 911.

—Eu estou bem. — Ela estava engasgando com as palavras e ele estava lutando para controlar o pânico. —Eu apenas achei que ouvi algo. Eu liguei para o oficial da patrulha aqui em frente. Ele checou e não é nada, mas... eu... só... Eu só entrei em pânico. Sinto muito. Eu não deveria ter ligado. Eu só não quero dormir no chão do meu banheiro de novo. — Ela riu nervosamente por um segundo.

—Aguente firme. Estou indo. Eu estarei ai em breve. — Ele enviou uma mensagem de voz para Molly avisando que Seth estava sozinho e que deixou para ele uma notinha avisando. Isso já era rotina. Seth iria ver a nota e iria para Molly quando acordasse se Dillon ainda não estivesse de volta. E Molly se certificaria de que ele acordasse uma hora decente pela manhã e não dormisse demais.

Quando Dillon parou em sua garagem, o oficial sentado fora da casa, o reconheceu.

—Eu verifiquei em torno de todas as janelas e eu não estou vendo nenhum sinal de que alguém esteve bisbilhotando. O alarme nunca disparou. Está ventando, então eu não estou surpreso que ela está ouvindo coisas com todos os arbustos em torno de sua casa. — Ele agradeceu ao oficial uniformizado antes de ir até a porta lateral, sendo inundado com os raios detestáveis do holofote com sensor de movimento. Katrina respondeu momentos depois. Seus olhos estavam inchados e seu rosto estava manchado. Estava usando calças de pijama de flanela e uma camiseta. Ela segurou a porta para ele.

—Eu sinto muito. — Ela apenas parecia tão esgotada. Seu cabelo castanho claro estava em um rabo de cavalo e seu rosto estava sem maquiagem, deixando seu olhar mais jovem do que realmente era. Katrina parecia bastante impressionante de uma maneira *jovem mulher assustada que precisava de resgate*.

Deus, ele queria salvá-la. Dillon balançou a cabeça ligeiramente, rejeitando seu pedido de desculpas.

—Conte-me o que aconteceu.

—Eu cheguei em casa cerca de uma hora atrás e...

—O que você estava fazendo fora até uma e meia da manhã? — Ele soou mais como um namorado ciumento do que como um policial.

—Eu estava bebendo com Imogen.

—Você está bêbada? — Ela não agia como uma, mas ele não conseguia abafar a frustração em sua voz.

—Não! — Ela baixou a cabeça com um profundo suspiro enquanto andava para seu sofá e se sentava. —Eu queria estar. Eu pensei que se eu pudesse obter algumas bebidas, talvez eu pudesse dormir sem pensar que eu estava acordando com algum homem me estuprando. — Katrina cuspiu as palavras com desgosto. —Eu não consegui relaxar, no entanto. Eu tive duas bebidas e em seguida, bebi água o resto da noite.

Ele respirou fundo, deixando a respiração sair lentamente enquanto andava até o sofá e se sentava. Ela puxou as pernas para cima e se sentou de pernas cruzadas, pegando uma almofada de descanso do lado dela e abraçando-a junto ao seu corpo. Ele observou seus dedos tremendo e fez uma careta com a visão.

—Talvez você devesse ficar com sua amiga por alguns dias. — Não esperava que ela fizesse cara feia para ele.

—Não. Esta é a minha casa. Eu não posso... — Ele compreendia bem o suficiente como ela se sentia. Este era o seu mundo, no qual ele estava sentado e isso significava muito para ela.

—Eu vou dar uma olhada. —Dillon se levantou e andou pelo corredor até o quarto de hóspedes. Olhou no armário, encontrando roupas fora de estação penduradas. A casa inteira cheirava a ela e ele gostava demais. Olhou debaixo da cama, encontrando sua gata velha de aparência estranha, enrolada e roncando. Quem sabia que as gatas poderiam roncar? Ele espiou o banheiro, abrindo o armário e puxando para trás a cortina do chuveiro. Quando entrou em seu quarto, verificou o armário e olhou debaixo da cama.

Ele queria procurar ainda mais. Queria ver tudo o que ela possuía e estudar, cheirar, tocar. Mas ao invés disso, puxou as cortinas e checou a parte de trás de sua casa. Ela tinha arbustos cheios que estavam roçando a lateral da casa com o vento forte e havia pouca dúvida que o som poderia ser alarmante, em seu estado vigilante.

Ele fechou as cortinas e quando se virou, ela estava de pé na soleira da porta. Estava encostada no portal, observando-o. Seu rosto estava branco e havia lágrimas nos seus olhos. Katrina estava torturando-se estando aqui sozinha e ele queria colocar algum senso em sua mente. Em vez disso, foi até ela e ultrapassou os limites mais uma vez.

Ele passou os braços em volta de seu corpo, sentindo o pequeno peso frágil dela contra a sua força. Ela caiu contra seu peito e se aconchegou. Estava muito excitado por estar tão perto dela, mas estava fazendo isso automaticamente, em seu estado erótico. Tinha se entregado por um momento e estava lutando para manter o pouco espaço que havia entre eles. Seu rosto

estava aninhado debaixo do queixo e os dedos estavam acariciando lentamente suas costas.

Quando os lábios dela tocaram seu pescoço, ele se engasgou com a respiração, mas não puxou para trás. Deixou seus lábios acariciarem os pelos crescendo em seu queixo. Seu cérebro estava gritando e seu coração batia forte, mas seu corpo estava imerso na sensação dela, como se fosse uma droga da qual ele estava carente e desesperado por mais, tão desesperado que seu pênis estava se contorcendo. Ela estava apenas suficientemente longe da sua virilha, para que ele pudesse esconder.

Sua respiração era irregular e desesperada contra a sua pele e Dillon estava enrolando os dedos contra as costas dela para evitar de agarrá-la e jogá-la na cama. Mas quando os lábios entreabertos e a respiração quente viraram-se para um beijo incrível e superaquecido, logo abaixo da orelha, ele gemeu e fechou o último espaço restante entre seus corpos. Katrina choramingou quando sua ereção empurrou contra seu estômago e ela afundou as unhas em suas costas através de sua camiseta.

Ele começou a ofegar, implorando seu corpo para parar, mas ela não permitiu, deixando os lábios definir o ritmo e o momento em que passou para baixo ao longo de seu queixo e foi até sua boca, então, ele se desfez. Katrina abriu a boca, levando seu lábio inferior entre os dela e ele a deixou.

Por que diabos deixou? Dillon se permitiu, deixando sua boca ir mais profundo na dela. Ele, intencionalmente, ignorou a parte de seu cérebro que estava gritando quando agarrou seu rosto e enfiou sua língua na boca dela. Katrina gemeu alto e

gemeu como se não conseguisse descobrir se precisava chorar ou chegar a um orgasmo.

Ele estava perdendo a cabeça, mas apesar de todos os sinos de alerta em sua mente, sua boca não estava recebendo a mensagem. Estava faminto quando apoiou seu corpo contra o batente da porta e empurrou seu corpo para espremer o dela, prendendo-a na soleira da porta e continuando seu ataque sobre os lábios. As mãos dela estavam por toda parte e não conseguia decidir o que tocar primeiro. Elas estavam nas costas dele, pelo seu peitoral, segurando seu rosto e puxando para o dela, depois, para baixo ao longo de seu pescoço. Mas, não foi até que Katrina atingiu a cintura da calça jeans e enfiou sua mão rapidamente e com força para baixo, sob o cós da cueca e mais para baixo, ao longo do comprimento de seu pênis rígido, que finalmente, seu cérebro funcionou.

Ela estava segurando a base de sua ereção, apertando com a pressão mais que perfeita, enquanto seu pênis pulsava e implorava por mais. Mas as engrenagens estavam voltando novamente e ele se puxou da sua boca, agarrou a mão dela, puxando-a dolorosamente para longe dele e a prendeu acima de sua cabeça. Ela estava ofegante e seus olhos estavam arregalados e chocados. Katrina se lançou em sua boca, capturando seus lábios outra vez e ele continuou, por uma fração de segundo.

—Eu não posso, eu não posso, eu não posso, eu não posso. Porra. Caralho! — Ele estava tagarelando contra a sua boca e ela estava choramingando. Dillon encostou sua testa na dela, empurrando para frente e tencionou todos os músculos do seu corpo para impedir-se de atacar seus lábios novamente. Sua mão

livre estava segurando seus bíceps fortemente e ela parecia como se estivesse pronta para quebrar em pedaços.

Ele não a soltou até que estivesse certo de que poderia ir para longe dela. E assim, enquanto cambaleava para trás, longe dela pelo corredor afora, ele viu quando Katrina caiu no chão, apertando os joelhos contra o peito e deixando a cabeça cair para descansar em cima deles. Seus ombros tremeram, quando ela começou a chorar silenciosamente. A alma dele estava sendo punida em voz alta, deixando claro que ele era o motivo de sua dor e enquanto a lógica dizia que seu estado emocional era muito mais complicado do que uma simples luxúria, não diminuiu a agonia ou a culpa que sentia, por ter permitido isso acontecer.

Andou para trás até que estava de volta na sala de estar, ainda observando a emoção que corria por seu corpo.

—Eu sinto muito. — Sua voz saiu em um sussurro rouco e ela balançou a cabeça, recusando-se a olhar para cima.

Ele não podia deixá-la assim, não havia nenhuma maneira que poderia apenas ir embora com ela neste estado. Dillon tinha estragado às coisas. As emoções dela não estavam assim, apenas pelo que aconteceu entre eles, mas tinha certeza, de como dois e dois são quatro, que tinha tornado isso muito pior.

—Eu quero que você fique com sua amiga Imogen. Você está exausta, aterrorizada a ponto de desmoronar. Você precisa ficar longe deste lugar, mesmo que apenas por alguns dias. Por favor. — Estava implorando, enquanto ela continuava a sacudir a cabeça, ele se curvou em desamparo absoluto.

Tudo o que queria era pegá-la e levá-la para a cama, abraçá-la, fazer amor com ela, dar-lhe uma pequena quantidade de paz, mas ele estava enraizado em seu lugar, na sala de estar, com medo de pisar, até mesmo, um centímetro mais perto dela. Quando Katrina se levantou, passou pelo corredor, por ele e pela cozinha, vestindo suas botas e casaco, agarrando uma bolsa que estava pendurada na porta dos fundos e pegando seu celular que estava no balcão.

Ela estava perto da porta, olhando para os seus pés e esperando por ele, para pegar a dica. Dillon finalmente fez isso, pegou suas próprias chaves do balcão da cozinha e saiu pela porta para o ar fresco da primavera.

Katrina não disse nada e ele não insistiu. Já tinha feito o suficiente. A seguiu até a casa de Imogen, onde a deixou na noite em que ela foi atacada. Parou, esperando para vê-la passar pelo portão. Ela estava olhando-o pelo espelho retrovisor e ele esperou até que a porta foi fechada atrás dela para finalmente colocar algum espaço muito necessário entre eles.

Pena que não pensou em fazer isso mais cedo.



Capítulo 9

—Oh amor. Tenho certeza que não é tão ruim assim. Fale comigo.

—Toquei o pênis dele.

—Você o quê? — Imogen estava praticamente gritando com ela. —Você apalpou a caixa do detetive?

—Imogen, de onde você aprende isso? Não é...

—Nos corredores da escola. Por quê? Não estou usando a palavra corretamente, estou?

—Não. Você não esta. Você tem que parar de copiar as gírias sexuais dos alunos do colegial. Metade deles nem sequer sabem o que é sexo ainda e a outra metade, sabe mais do que nós.

Elas estavam deitadas de bruços na cama de Imogen, olhando para a janela que tinha vista para as montanhas. A cama de Imogen não tinha uma cabeceira e não porque não poderia pagar por uma. A cabeceira da cama ficava encostada direto contra a parede da janela cara e era a sensação mais maravilhosa do mundo se deitar em sua cama e poder olhar para a água que

ficava do outro lado. Ela estava enrolada em um dos macios cobertores brancos de Imogen, deixando a vista do vapor saindo da água acalmá-la.

Fez a si mesma de idiota. Mais uma vez. Tinha estado meio louca na noite anterior, delirantemente louca, em sua exaustão e loucura emocional. Ele veio para ver como ela estava e se desfez com o protecionismo dele, como faria uma mulher mentalmente perturbada. Talvez precisasse ser trancada em um manicômio. Sentia-se louca. Mas ele era incrível...

Seu desejo por ela era real. E o dela por ele, também era real. Mas isso era irrelevante e entendia isso. Não gostava disso, especialmente quando essa força inabalável, era o que mais Katrina precisava agora. Mas entendia. Até que esqueceu sobre, ontem à noite e ele aparentemente também esqueceu. Querido Deus, ela agarrou seu pau.

—Então não é como uma metáfora? Você tipo... Realmente agarrou seu Roger Moore[6]?

Falando sobre metáfora. Ela inclinou a cabeça para o lado intrigada. Não seria a última vez que Imogen jogou uma palavra que significava absolutamente nada para Katrina e só poderia assumir que Roger Moore, tinha algo a ver com o pau de um homem. Então balançou a cabeça, virando para descansá-la em seus braços estendidos, enquanto olhava para Imogen.

—Eu toquei nele e ataquei. Não avançando minhas mãos para baixo pelo seu corpo lentamente, não. Apenas no pau, mão e

---

6 Roger Moore: O ator que representou o agente 007 no período de 1973 a 1985.

aperto no pau dele. Eu realmente acho que eu perdi minha mente temporariamente.

—Como foi?

—Perder minha cabeça?

—Não seja tímida comigo. Desembucha.

—Assustadoramente grande. — Ela suspirou quando voltou seus olhos para a água. Adorável. Delicioso, excitante, grande, intimidante. Duro como aço, mas suave como seda sobre esse aço. Assim, altamente másculo. Sua mente estava começando a ficar totalmente louca.

—Ah. Então, era um Roger Moore. — Katrina ainda não entendia a giria. —Voltarei em um instante. — Imogen pulou da cama, enquanto ela ficava perdida em seus adjetivos para negócio do homem.

Por que não podia ter sido sã, ontem à noite? Katrina finalmente se sentiu humana, graças a uma noite de sono decente em mais de uma semana. Tinha dormido ao lado de Imogen toda a noite, adormecendo com a vista estonteante das luzes que cercam a água e quando acordou, não foi por causa de um pesadelo, foi por um amanhecer sobre o lago. Finalmente, sentia-se descansada, ou algo parecido com isso. Não podia ficar aqui para sempre. Na verdade, não se permitiria isso, mas precisava dessa pausa.

—Aqui. — Imogen entregou-lhe um saco de dormir que era incrivelmente quente ao toque.

—O que é isso?

—É uma espécie de almofada aquecida.

—E?

—E você pode se aconchegar como sua gata.

—O nome dela é Kitty. E você não gosta de Kitty e, só por curiosidade, por que eu gostaria de abraçar isso?

—Bem, eu não sei. Eu o uso para cólicas, e eu só pensei... — Os lábios de Katrina começaram a puxar para cima, quando ela enfiou a manta quente no pescoço e se aconchegou. —Isso mesmo menina. Tente descansar um pouco enquanto eu faço café da manhã. Você finalmente parece acordada de verdade e você vai precisar se abastecer de mais sono, por mais tempo. — Imogen saiu e Katrina voltou a dormir.



—E vocês namoraram por quanto tempo? — Ele estava lutando contra o desejo de socar o homem. Era segunda-feira e conseguiu evitar sua tentadora testemunha pelo fim de semana. Não houve mensagens, não houve mais arrombamentos e ela ainda estava ficando na casa de sua amiga Imogen. Tudo isso o deixou aliviado, até que foi forçado a suportar seu ex-namorado. O cara era um babaca, mesmo sendo bonito, ele era presunçoso, arrogante e olhava para cada mulher que passava pelo seu escritório, como se tivesse transado com todas elas. Não podia suportar a ideia, de que o pau deste homem tinha estado dentro

dela. Foi uma combinação dolorosa de fúria absoluta e maldito ciúme debilitante.

Ele deu de ombros casualmente quando se recostou na cadeira. O filho da puta era um advogado de uma corporação que tinha uma vista maravilhosa, de onde Dillon estava sendo forçado a olhar, por estar sentado na frente do idiota. Ódio era definitivamente o que sentia por este homem, mas apenas metade dele era realmente necessário. O cara era um idiota, não havia dúvidas sobre isso. Mas não era uma ameaça para Katrina. Pelo menos não o tipo de ameaça que estava preocupando Dillon.

—Alguns meses. Tivemos nossa diversão, mas você sabe a abundância de peixes no mar e toda essa merda que falam. — Ele riu, olhando para Dillon, como se esperasse alguma demonstração de camaradagem. Nenhuma chance do caralho. Dillon tentou matar o homem com os olhos, mas o cara era alheio ao seu ódio.

—Eu gostaria de saber onde você estava há dois domingos atrás.

—Fora da cidade. Eu estava em São Francisco a negócios. Tenho certeza que você deseja verificação. Eu vou pedir ao nosso coordenador de viagens lhe entregar as provas em breve.

Dizer obrigado, já foi uma luta interna, mas, não se lançar sobre a mesa do homem para socá-lo, foi realmente difícil, só que, de alguma forma, ele conseguiu.

—Então, o que aconteceu com a minha Kat, hmm?

Ele se levantou, sacudindo a cabeça e se virando para a porta.

—Eu não tenho liberdade para discutir isso.

—Estava querendo ligar para ela. Você a viu. Tem uma bunda incrível, boceta apertada, mamas empinadas pra caralho. Eu não me importaria de ter outras chances de noitadas com ela. Talvez Kat até aprecie a distração nesse momento.

O limite de Dillon chegou ao teto e se desintegrou.

—Você é um babaca, sabia disso? Obtenha a confirmação da sua viagem para mim antes do final da semana ou, eu estarei lhe fazendo mais uma visita. — E saiu de lá antes que o Sr. Babaca pudesse o irritar ainda mais.

Deveria estar feliz que o homem era um idiota óbvio, mas ele sabia que mesmo os imbecis poderiam ser encantadores quando eles queriam, porque, como poderia Katrina ter caído na lábia de um idiota como este?

Dillon estava subitamente feliz por ter esperado para falar com o homem apenas no final do seu dia. Seus pneus quase derraparam em sua garagem e ele nem se incomodou em ir entrar na sua própria casa antes de ir para a casa de Molly, pegar uma cerveja de sua geladeira e sentar na mesa da sala de jantar. Os meninos estavam na sala de estar, lutando para terminarem logo suas tarefas de casa, para que pudessem desaparecer no mundo do Xbox o mais rapidamente possível.

—Essa cara é porque está com a cueca enfiada no rabo, maninho? — Molly estava limpando os balcões quando olhou para ele com curiosidade.

—Não é nada.

Ela bufou.

—Ah. Acredito nisso. — Ela jogou o pano nele, atingindo seu rosto. —Deixe a mesa limpa. Pedi pizza e estará aqui em breve.

Ele limpou a mesa como Molly pediu, pegou sua própria cerveja e se juntou a ela.

—Ok. — Ele suspirou profundamente, tentando deixar sair o estresse do dia. —Eu estou tendo um problema com uma testemunha.

—Que tipo de problema?

—Problema de estar atraído por essa garota.

—Oh. Você não está realmente autorizado a ter atração por garotas que são testemunhas.

—E esse é o problema.

Molly olhou para ele. Dillon viu quando as engrenagens em sua cabeça começaram a funcionar e sua boca começou a balbuciar antes dela balançar a cabeça em confusão.

—Espera. Eu podia jurar que você, meio que tinha uma coisa pela senhorita Page. Quer dizer, eu não sei... o jeito que você meio que queria odiá-la depois da reunião de pais e professores, mas você realmente não estava muito convincente sobre isso e, o jeito que estava agindo com ela no jogo de beisebol... Eu não sei. Eu realmente pensei que talvez houvesse alguma coisa lá.

Ele olhou-a. Dillon estava tentando falar com ela telepaticamente, mas não estava funcionando, dada a confusão

evidente em seu rosto. Então, ele levantou a sobrancelha e inclinou a cabeça para o lado e esperou e esperou...

—Oh! Oh oh oh oh... mais que mundo pequeno. Ela obviamente parece bem mas ela está... eu não sei... realmente bem? Quer dizer, ela está em perigo, ou ferida, ou... — Molly sabia que ele não podia e não falaria com ela sobre isso, então, ele ficou só olhando-a. —Que merda. Agora você me deixou preocupada. Eu gosto dela.

—Sim, bem, eu também.

Ela lhe deu o melhor sorriso de irmã mais velha.

—Então, me diga pelo menos sobre a parte que diz respeito a ela.

—Bem, é mais ou menos assim. Eu gosto dela, ela gosta de mim. Eu não estou autorizado a gostar dela, mas ela vem para cima de mim de qualquer maneira, naturalmente, porque eu sou um homem e não consigo fazer o meu corpo ouvir o que meu cérebro está me dizendo para fazer, eu permiti que isso acontecesse apenas um pouco demais, então eu feri seus sentimentos, colocando um fim a isso. E agora... eu não consigo parar de pensar nela. Ou me preocupar. Ah! E ela agarrou meu pênis. Aquilo foi bom.

—Ahhhh. Como uma caixa de agarrar inversa. Muito bom. — Ele inclinou a cabeça para o lado em confusão. —Eu não sei porque falei isso. Jake chegou em casa dizendo isso no outro dia. De onde eles tiram essas coisas?

Seu telefone começou a zumbir por cima da mesa e ele agarrou.

—Adler falando.

—Oi Detetive. É Oficial Anderson. Você disse que queria ser chamado primeiro se houvesse alguma atividade na casa da Senhorita Page? — Dillon levantou um pouco rápido demais para parecer casual e Molly se juntou a ele com uma expressão preocupada no rosto.

—Sim. — Seu coração começou a martelar.

—Bem, o problema é ela, realmente. Quero dizer, a senhorita Page está aqui. E está carregando uma sacola, parecendo que tem a intenção de ficar. Quer dizer, eu não acho que apenas apareceu, como normalmente faz para alimentar o gato.

Merda.

—Ok, ela tem permissão para estar em sua própria casa. Não é um crime voltar para casa. — Ele parecia irritado com o homem, mas, na verdade, ficaria furioso se o homem não tivesse o ligado avisando. Dillon estava apenas aborrecido, em geral e não queria ela lá sozinha.

—Bem, isso não é... não é tudo. — Anderson estava começando a soar nervoso. *—Ela não está sozinha. Um cara apareceu dirigindo um Lexus. Um cara em um terno com cabelos loiros parecendo rico.* — O ex. *—Ela o deixou entrar, então deve conhecê-lo, mas eu estou indo ver como ela está. Apenas pensei que você gostaria de saber.*

Ele agradeceu ao homem antes de desligar e agarrar seu casaco das costas da cadeira.

—Tenho que ir. Eu estarei de volta em um instante.

Seu nível de ansiedade estava ficando alto hoje e enquanto decolava em direção a casa dela, ele agarrou o volante com força até que seus dedos ficaram brancos. Sua fúria, seu ciúme, emoções turbulentas que não podia nem tentar nomear, eram inadequadas dado a sua posição, mas não conseguiu se importar de qualquer forma.

Ele não tinha nenhum motivo real para ir lá naquele momento, mas simplesmente não conseguia tomar uma decisão racional, o que sabia que era o que deveria fazer. Ele ainda deveria estar sentado na mesa, comendo pizza com Molly, mas ao invés disso, estava dirigindo em alta velocidade em direção a sua casa com nenhuma finalidade real, exceto que o seu ex-imbecil estava com ela e seu coração parecia que ia explodir.

Sua compostura prometia ser um desafio.



Capítulo 10

—O que você está fazendo aqui, Jason?

—Oh, sério, Kat? Estou preocupado com a minha garota. Um policial apareceu hoje fazendo perguntas sobre o nosso relacionamento. Quer dizer, eu sou um advogado, pelo amor de Deus. Eu não sou estúpido. Você está obviamente envolvida em algum problema. — Ele parecia preocupado. Ela o conhecia melhor que isso, mas de toda forma segurou a porta aberta e o deixou entrar.

Ele se sentou instantaneamente em seu sofá e ficou lá enquanto ela o olhava. Realmente não o queria ali. Ao mesmo tempo, não tinha certeza se estava pronta para ficar sozinha outra vez. Não tinha estado em sua casa sozinha desde o raiar da madrugada de sábado. Imogen tinha lhe pedido para ficar, mas Katrina simplesmente não era capaz de ser tão dependente dela assim.

Além disso, estava começando a pensar que talvez a coisa toda tivesse ficado fora de proporção. Ele tinha invadido, em

seguida, ligou e ameaçou-a. Talvez isso fosse tudo que queria fazer, assustá-la. Talvez o movimento dos policiais o houvesse assustado. Talvez nada fosse acontecer novamente com este idiota. Mas o *talvez* realmente não ajudou quando ela entrou em sua casa, sozinha e o medo se instalou.

Ela ficou na cozinha colocando comida para Kitty, enquanto a gata velha cambaleava bêbada para fora do quarto de hóspedes. Pobre velhinha.

—Bem, você pode ver que eu estou bem, Jason. — Colocou o prato de comida da gata no chão e foi encher seu prato de água, enquanto Kitty atacava o prato de comida como se ele fosse um rato vivo.

—Eu sinto falta de você, Kat. O que posso dizer? Quando o policial apareceu hoje, eu fiquei com medo e isso só me fez lembrar o quanto eu me preocupo com você. — Ele estava divagando, sua besteira escorrendo pelos seus lábios, como vômito verbal. Ela realmente odiava esse homem agora que podia vê-lo como o idiota que realmente era.

—Você disse que um policial foi te visitar? Quem foi?

—Como diabos eu vou saber? Apenas algum detetive. Alto, cabelo escuro, trinta e poucos anos. Por que isso importa? O cara era um idiota. Então, eu posso levá-la para sair na sexta-feira? Ajudar a tirar sua mente fora de toda essa bobagem? — Seus lábios puxaram para cima em um pequeno sorriso com o pensamento, não de sair com Jason o otário, mas de Dillon. Se Dillon foi rude com ele, Jason tinha merecido isso e dada a sua conversa, era sem dúvida sobre ela, não podia evitar de sentir um

calor correndo por ela. Dillon havia a defendido de alguma forma. Estava certa disso.

Quando escutou uma batida na porta ao seu lado, pulou e derrubou a tampa da comida do gato que tinha acabado de pegar. Oficial Anderson estava ali, esperando pacientemente por ela para abrir a porta.

—Oi, Oficial. — Ela estava esperando que ele quisesse entrar.

—Oi. Tudo bem, Srta. Page?

—Sim. Jason é um conhecido meu. Eu estou bem, mas obrigado por verificar. Você gostaria de entrar? — Sua expressão mudou quando ele recusou a oferta e estava novamente presa com Jason e sua proposta de um encontro. Talvez devesse concordar. Poderia usar a distração com certeza.

Jason achava que era muito melhor na cama do que realmente era, mas quem era ela para reclamar? Fazia meses desde que tinha transado e desde que Dillon havia deixado claro que não estariam fazendo isso, agora também estava sexualmente frustrada, quando antes era apenas frustrada.

Mas teria realmente estômago para lidar com o babaca, só para transar com alguém? Era capaz de fazer isso? Normalmente, diria que não. Agora estava machucada, graças à rejeição de Dillon e estava apenas desesperada por algo, qualquer coisa, para dar-lhe algum alívio sobre a preocupação constante que a estava assolando. Mas Jason? Argh.

Em vez de responder, ela mudou de assunto.

—Como vai você, Jason? — Isso iria despistá-lo. Se havia uma coisa que Jason gostava de fazer, era falar de si mesmo.

—Você sabe como sou ocupado. É por isso que as coisas não deram certo para nós na primeira vez.

Ela bufou e quase espirrou pelo nariz o gole de cerveja que tinha tomado.

—Não foi por isso!

—Eu sinto sua falta, Kat. Eu tenho pensado em você por muito tempo.

—Como desde esta tarde? — Ela realmente não estava facilitando as coisas, mas ele não parecia se importar muito. Katrina não ficou surpresa no entanto. Jason era uma daquelas pessoas que poderiam sentar-se ali, pelo tempo que você falasse e não ouvir uma palavra do que você estava dizendo. Egoísta, seria um eufemismo.

—Então, você vai me dizer o que aconteceu? O policial não disse, é claro.

—Oh, você sabe, um cara invadiu, me atacou e, em seguida, me ligou e deixou uma mensagem desagradável.

—Só isso?

—Porque isso não é suficiente? O que diabos isso significa?

—Eu só achei que você tinha sido, eu não sei, quase morta ou algo assim.

—Desculpe desapontá-lo. — Katrina murmurou. Ela sequer lhe ofereceu uma cerveja e estava no balcão da cozinha

recusando-se a se juntar a ele na sala de estar. Realmente não gostava desse homem.

—Você quer que eu fique hoje à noite? Eu prometo que vou fazer valer o seu tempo. — Sua expressão era de repente sedutora, mas isso meio que a fez querer vomitar. Uma merda que faria. Ele era tão egoísta no quarto, quanto era na vida real. Mas parte dela ainda estava tentada. Odiava ficar sozinha agora e ele estava oferecendo.

Quando houve outra batida à sua porta lateral, depois que havia passado mais dez minutos de conversa e ela sutilmente rejeitou seus avanços mais três vezes, ela pulou de novo, derramando sua cerveja dessa vez.

De repente, Dillon apareceu na janela de sua porta com as mãos nos quadris. Ele estava a olhando e ela ficou imediatamente com um nó na garganta. Katrina estava tremendo enquanto se aproximava da porta e respirava fundo, quando estendeu a mão para a maçaneta da porta. Ele observava cada movimento que ela fazia.

Não podia dizer o que estava acontecendo naquela bela cabeça dele. Dillon parecia com raiva, mas seus olhos estavam preocupados. A intensidade de sua linguagem corporal deixou seu corpo formigando.

—Você tem companhia? — Ele falou baixinho quando ela abriu a porta, sua voz mesmo parecendo calma, não conseguia disfarçar sua irritação. Seu olhar caiu para o peito dele, enquanto Dillon estava ali parado na porta, sem fazer nenhum movimento para entrar. De repente, ela se sentia culpada, pensamento

irracional, mas de qualquer maneira, se sentia assim. Também, ainda se sentia mortificada pelo que aconteceu antes. Esta foi a primeira vez que o tinha visto, ou falado com ele, desde a sua infeliz apalpada. Mesmo tentando funcionar como uma adulta, seu cérebro começou a piscar imagens e memórias de seu ataque, em seu corpo.

Porra de cérebro traiçoeiro. Ela ainda podia sentir sua dura ereção em sua mão, tão real, como se fosse aquela noite de novo e, enquanto olhava impotente para seu peito, começou a entrar em pânico.

—Quem está aí, Kat? — Jason gritou do outro cômodo e ela revirou os olhos antes que pudesse se conter.

—Esse homem é um idiota. — Dillon ainda estava falando em voz baixa apenas para ela ouvir, enquanto se inclinava em sua direção. E ainda assim, parecia irritado. O que, francamente, a deixou na defensiva.

Mas ela se manter na defensiva foi uma bênção porque sua humilhação rapidamente diminuiu, enquanto sua própria irritação começava se crescer.

—Isso é uma pergunta profissional? Será que isso faz parte do caso, de alguma forma?

E, em seguida, o idiota estava lá, encarando Dillon. Dillon estava encarando de volta e Katrina estava fazendo a única coisa que podia fazer, sacudir a cabeça como uma idiota.

—Eu tenho assuntos a discutir com a Srta. Page.

—Você está me pedindo para ir ou me dizendo para ir embora? — Isso estava se transformando em um maldito confronto sobre Katrina. *Porra, porra, porra!*

Ela virou-se para Jason rapidamente, agarrando seu braço.

—Eu estou pedindo para você sair. Eu vou falar com você em breve, mas agora não é um bom momento. — Ele ainda estava encarando Dillon e embora Katrina estivesse de costas para ele, achava que Dillon também estava encarando-o de volta.

—Até sexta-feira, então, Kat? — E, em seguida, olhando para Dillon com um olhar frio, antes de voltar os olhos para ela, continuou. —Como eu te disse, eu vou fazer valer a pena. Eu sei exatamente o que você precisa para aliviar toda essa tensão. Você sabe que eu posso te dar um bom tempo.

Katrina queria amordaçá-lo. Jason não estava nem olhando para ela quando disse, mas em vez disso, estava provocando Dillon com os olhos e um sorriso imaturo.

—Eu disse que eu vou falar com você mais tarde. — Katrina devia tê-lo rejeitado logo. Colocar Dillon nessa posição, sendo honesta, ela sabia que irritaria mais a Jason. Ele não gostava de rejeição. Era muito pomposo e egoísta para lidar com isso e ela não queria lidar com ele naquele momento.

E então, antes que pudesse detê-lo, Jason a beijou. Ele só se colocou sobre ela enquanto Katrina se encolheu indo para trás e soltou um grito de surpresa. Ela sentiu a mão de Dillon em seu ombro quando ele a agarrou suavemente, mas com firmeza e puxou-a de volta ao seu corpo. Sua outra mão disparou por cima do ombro e empurrou Jason para longe dela.

—Tire suas mãos de cima dela, porra! — Ele estava muito perto de um maldito rosnando e ela podia ouvir a vibração de sua voz através de seu peito, enquanto irradiava para fora através de seu corpo.

Jason olhou espantado, chocado, ofendido e simplesmente confuso.

—Minhas mãos já tocaram cada polegada da porra da pele dela, antes. Quem diabos é você para...

A mão de Dillon estava de repente no quadril dela, empurrando-a para o lado enquanto começava a se lançar em direção a Jason. Mas Katrina podia sentir o que ele ia fazer apenas com o movimento de seu peito contra as costas dela, passando para frente e ela virou-se para ele, colocando as mãos sobre seu peito.

Sua respiração era forte e seu desprezo era venenoso enquanto ele olhava para Jason sobre seu ombro.

—Detetive. — Ela estava tentando falar com uma voz suave, mas percebeu, rapidamente, que ia precisar de mais do que isso, para chamar sua atenção. —Detetive!

Seus olhos brilharam ao olhar para ela por um breve segundo antes de se focar em Jason novamente.

—Dillon, por favor. — Agora Katrina estava apenas implorando, mas o ar que escapou dos seus pulmões, com o som de sua voz suplicante, deixou claro que ela finalmente conseguiu chegar até ele.

Seus olhos, finalmente, voltaram para os dela e Katrina não podia fazer nada, a não ser manter o seu olhar. Sentiu as sobrancelhas se encolherem ao mesmo tempo em que as dela, também fizeram o mesmo movimento, e sua mão delicadamente subiu para apertar o ombro dela.

—Jason, eu preciso que você saia.

—Kat, este homem...

—Agora! Por favor. — Ela ainda não conseguia desviar o olhar de Dillon e ele parecia tão preso a seus olhos. Jason saiu sem mais uma palavra e ela deu um suspiro de alívio quando a porta finalmente se fechou atrás dele.

—Ele não é um homem bom, Katrina. — Sua voz era baixa e quente. —Por favor. — Dillon balançou a cabeça em frustração enquanto ela o estudava. —Por favor, não o veja.

—Que direito você tem de me pedir isso? — Ela não conseguiu fazer sua voz soar desafiadora como pretendia. Em vez disso, soou quieta e desesperada.

—Nenhum. Mas eu me preocupo com você e eu não quero vê-la ferida por ele.

—Mas isso realmente não muda nada entre a gente, não é?

Ele parecia quebrado e devastado, assim como ela se sentia. Katrina o queria tanto e sabendo que ele a desejava assim também, não ajudava, apenas a fazia sentir impotente.

—Sinto muito. Eu sei que eu não tenho o direito de te pedir, mas, por favor, faça isso por mim. — Sua mão estava segurando gentilmente seu ombro e ela não tinha conseguido remover as

palmas das mãos de seu peito forte que, lentamente, subia e descia sob suas mãos.

Katrina assentiu, mas não disse nada e quando deu um passo para trás indo para balcão da cozinha, ele exalou uma respiração profunda e voltaram a encarar um ao outro. Isto era apenas doloroso demais. Precisava dele. Precisava dele neste momento, mais do que jamais precisou de um homem, mas ele estava fora do alcance.

—Você pode sair sozinho.

Ela virou-se e saiu da sala para seu quarto, recusando-se a olhar para trás. Katrina ficou lá sentada ao pé de sua cama, à espera de ouvir a porta fechar novamente e uma vez que ouviu, voltou para a cozinha, onde encontrou uma nota sobre o balcão.

Sinto muito.

Sim? Bem, ela também.



Capítulo 11

Eram onze da noite, quando Mindy ligou. Ela era um dos poucos, encontros casuais, que tinha numa base regular. Mas ele se encolheu, ante a visão de seu número na tela do celular. Seth estava dormindo e graças ao fato de que ele sempre dormia com a TV ligada em seu quarto, Dillon poderia facilmente trazer ela para dentro e para fora de casa, sem Seth nunca perceber. Não que tivesse feito muito isso, no passado.

—Pensei em passar por ai, se você estiver acordado. — Sua voz era sedutora e quente quando ela falou. Estava tentando seduzi-lo e isso funcionava, normalmente. Mas se sentiu frio e morto.

Mindy era uma enfermeira que trabalhava em horas estranhas e estava divorciada há alguns anos. Ela não esperava um compromisso com ele e desde que não tinha interesse nisso, funcionava bem. Algo em seus olhos lhe dizia que ela queria mais e, ele sabia que em algum momento teria que colocar um fim a isso. Mas agora não. Não agora, quando precisava saber que ainda era o mesmo Dillon que poderia foder apenas numa aventura casual, sem dar pensamentos as emoções.

—Claro. — Ele estava olhando para seus pés, esticado em sua cama enquanto falava. Sua voz soou imparcial e distante, isto era como estava seu interesse por ela neste momento. Mas isto era quem era e o que fazia. Dillon não a desrespeitava, não desrespeitava nenhuma mulher, de qualquer maneira. Isto era apenas mais fácil porque a vida não era fácil. Para ele, fazia sentido manter seus relacionamentos pessoais dessa maneira.

Mas isso não estava sendo fácil e, depois que se arrastou escada abaixo e ligou a luz da varanda, pegou uma cerveja e bebeu metade dela enquanto ficava parado ali na pia. Parte dele queria isso, porque ele não queria isso. Não fazia sentido de jeito nenhum, mesmo assim, era isso que sentia.

Ele queria Katrina, não esta mulher com quem tinha transado mais vezes do que lembrava e ainda assim não conseguia desenvolver nenhuma merda de sentimentos por ela. Mas ele já tinha sentimentos por Katrina e nem sequer tinha transado. Não poderia transar com ela e é por isso que queria Mindy lá. Queria desejar Mindy. Queria desejar Mindy o suficiente para que pudesse parar de pensar em Katrina. Então, por que diabos estava engolindo cerveja, numa tentativa patética de se soltar antes dela chegar? Sabia muito bem o porquê. Tinha medo de não ser capaz de fazê-lo, se ao menos não estivesse um pouco bêbado.

Quando abriu a porta, ela sorriu sedutoramente o que combinava com sua voz sedutora excessivamente artificial.

—Bem, você não vai me convidar para entrar? — Ele ficou para trás, segurando a porta. Seu coração batia forte, embora estivesse na metade da sua segunda cerveja.

Ela passeou por ele que a seguiu até sua cozinha quando Mindy abriu a geladeira e pegou uma cerveja para si. Olhou para ela e repassou a última vez que estiveram juntos em sua mente. Tinha gostado, sempre gostava e estava esperando desesperadamente por algo agora, mas as lembranças não fizeram acontecer nada. Podia ver o corpo dela em sua mente. Era incrível de se olhar, quando estava nua. Corpo bronzeado, firme e esguio pra caralho. Mas isso não podia apagar o que realmente queria.

Toda vez que tentava se concentrar nas visões do corpo de Mindy, que geralmente o excitavam instantaneamente, tudo o que podia ver era Katrina. Ele não tinha sequer a visto nua ainda, mas tomaria o que estivesse debaixo de suas roupas, num piscar de olhos. E trocaria na mesma hora por cada centímetro já visto do corpo de Mindy. Quando sua mão tocou sua cintura, ele se contorceu para longe dela. Isso ia ser uma tortura se não pudesse entrar no clima. Seus olhos seguiram-no curiosamente enquanto ele andava até a geladeira, pegando mais uma cerveja enquanto esvaziava a última.

Mindy parecia, no mínimo, confusa. E Dillon estava apenas frustrado. Queria que seu corpo cooperasse, mas quando olhou para seu rosto cheio de expectativas, sua respiração o deixou. Não tinha o direito de esperar que Katrina ficasse longe do pomposo idiota do ex-namorado dela, mas pediu isso dela, podendo ou não, contra sua política ou não. E se pudesse ir em

frente com isso, então sabia que este direito podia ser revogado, o direito dela pertencer a ele, e queria esse direito.

De repente ele ficou atormentado com as imagens de Jason transando com ela. Dillon se viu do lado de fora de seu quarto, como a porra do psicopata provavelmente tinha feito, observando os dois transando. Podia ouvir o som de seu gemido, quando Jason empurrava em seu corpo. Podia ouvi-la gemendo o nome do homem e quando deixou sua mente vagar dolorosamente para essa visão deles na cama dela, ele teve que virar as costas para Mindy e enfrentar a pia da cozinha com tanta dor que lhe bateu direto no intestino.

Ela estava esperando-o pacientemente e ele olhou para a estúpida cerveja que segurava na mão, antes de finalmente deixá-la sobre o balcão e ignorá-la. As mãos de Mindy estenderam para sua cintura, o envolvendo por trás e sua respiração ficou presa na garganta com esse toque. Ele podia sentir os seios dela contra suas costas, enquanto ela empurrava seu corpo contra o dele, mas já era tarde demais. Dillon estava no inferno, lutando contra as imagens de Katrina com Jason e agarrou as mãos de Mindy, tirando-as de seu corpo e virando-se para ela.

—Que diabos deu em você? — Mindy estava começando a soar defensiva.

—Eu sinto muito, Mindy. Eu preciso que você saia. Eu não posso fazer isso. — Sua garganta estava apertada quando disse as palavras.

Ela parecia atordoada por um momento, mas depois ligou o tom sedutor de novo e estendeu a mão para seu corpo.

—Eu não acredito em você.

Sua mão começou em sua cintura e ele virou a cabeça para longe dela, mas não a impediu. Sua mão escorregou para segurar a protuberância em suas calças que estava traindo sua mente. Mas sua excitação não era por ela. Era uma excitação que só existia por causa das imagens que o estava atormentando, Katrina na cama com Jason, e era uma excitação que ele odiava, porque vieram de dolorosas porém excitantes imagens.

Ele se afastou de seu alcance e foi em direção à porta da frente enquanto seus olhos o seguiram. Não deveria ter concordado em deixá-la vir e era sua culpa que isso estava acontecendo, mas ela o irritaria muito se não entendesse o recado. Ele precisava que ela desaparecesse. Quando chegou à porta da frente, abriu a porta e esperou.

Mindy levou seu tempo para segui-lo e o olhou friamente, enquanto se aproximava.

—Por que você está fazendo isso? Eu sei que você quer isso. Seu pau duro deixou isso claro o suficiente. — Murmurou com um sorriso sarcástico. Ele deveria ter deixado para lá, mas não gostava de arrogância e ela estava carregada disso no momento.

—Eu estou excitado por imaginar uma mulher que eu quero e ela não é você. Eu não quero mais te ver.

Mindy virou-se em direção à porta com uma bufada irritada, mas jogou em cima dele, antes que ela passasse o limiar.

—Esquisito ela não estar aqui, não é, hmm? Não é divertido querer o que você não pode ter?

Olhou para ela.

—Saia. — Sua voz estava fervendo. Não tinha razão de esperar nada menos dela. Praticamente a expulsou quando ela veio na expectativa de transar com alguém.

Viu-a andar até o carro, com um sentimento de derrota. Bem, isso resolveu bem as coisas. Ele definitivamente não estava se convencendo de que esqueceria Katrina nem tão cedo. E nunca transaria de novo se continuasse assim.

Quando Dillon entrou no chuveiro, olhou para a parede de azulejo na frente dele. Não conseguia entender o por quê, não poderia deixar isso para lá. Não era o desafio da perseguição. Não era esse tipo de cara que só queria ter o que não estava disponível. Queria chegar e ficar com ela. Queria acabar com essa porra de caso e tê-la, sem precisar deixá-la ir. E queria que isso acontecesse sem que ela se machucasse no processo, porque ele não tinha certeza de que poderia lidar com relacionamentos.

Seu arquivo estava em cima de sua mesa e, enquanto andava de volta para seu quarto nu depois de se secar, agarrou-o e deixou-se cair na cama. Leu o relatório, leu suas declarações, revisou suas notas, analisou a transcrição da mensagem que havia sido deixada na secretária eletrônica e estudou as fotos dela.

Havia mais fotos do que eles provavelmente precisariam, mas olhou para todas e para cada uma, bem de perto. Estudou as lesões enquanto seu coração batia forte. As contusões e arranhões haviam desaparecido significativamente desde então,

mas vendo as marcas frescas em seu corpo nas fotos coloridas de alta definição, deixou sua ansiedade crescente.

Em seguida, deixou seu olhar estudar os olhos. Haviam tantas fotos de seu rosto que mostravam seus olhos. Katrina tinha olhos azuis incríveis e eles brilhavam com emoção mal contida, nas fotos. Sua mente deixou-o novamente e imaginou ela dando prazer a si mesma da mesma maneira que o lunático tinha falado.

Ele a viu fazendo isso. Dillon não duvidou nem um pouco disso. Tinha visto como ela se masturbava quando não havia nenhum homem em sua vida e quando virou de uma imagem para outra, em busca de seus grandes olhos deslumbrantes, ele imaginou exatamente isso.

Podia ouvir os sons que ela fazia em sua cabeça, o som molhado e escorregadio dela enfiando seu vibrador para dentro e para fora da sua boceta molhada, quando finalmente viu uma imagem em particular, ele congelou. Deixou cair as outras fotografias na pasta e segurou esta acima de seu rosto. Seus olhos estavam olhando diretamente para a câmera quando esta foto tinha sido feita, ao contrário das outras, onde seus olhos foram deslocados para algum lugar distante. Mas não esta.

Seus olhos estavam olhando para a câmera e, por isso, estavam olhando direto para ele, em seus olhos. Estudou e conseguia ouvir os gemidos de prazer em sua mente. Imaginou-a dizendo seu nome enquanto ela se contorcia sob seu corpo enquanto olhava para a maldita foto. Seu pênis estava duro e dolorosamente inchado.

Bastou uma foto e um pouco de imaginação e já estava pronto para explodir. Acariciou para cima e para baixo o comprimento de sua ereção, querendo a sua libertação. Só tinha que tirar ela de sua cabeça. Não podia acreditar que isso era tudo sobre Katrina. Não podia deixar de pensar que poderia se importar tanto com essa mulher que mal conhecia. Simplesmente não podia deixar de querer algo que era tão errado, fora dos limites.

Mas quando ele gozou, estava proferindo seu nome mais e mais e mais e, quando a última gota de seu esperma caiu em seu estômago, seus músculos se apertaram e contraíram, e então foi forçado a admitir que sim, isto tudo era absolutamente sobre ela.

Sua imagem olhou de volta para ele enquanto suspirava e acariciava até a última gota da sua libertação.

—Porra!

Murmurou para si mesmo enquanto colocava a foto de volta na pasta, fechou-a e jogou-a no chão ao lado de sua cama. Estava mais frustrado do que cansado na hora em que apagou a luz e olhou para a escuridão por quase 15 minutos. Odiava que ela estivesse lá, sozinha. Estava feliz que eles tinham um oficial em sua casa, mas sabia que era difícil para Katrina estar lá sozinha e não podia suportar a ideia de que estivesse com medo.

Quando pegou seu celular, tentou parar os dedos de digitar. Estava ultrapassando uma linha e não havia como negar isso. Enviou um texto perguntando se ela estava acordada e foram meros segundos antes que a resposta viesse dizendo que sim. Ele

discou seu número, seu pulso acelerado com cada número que apertava.

—Oi. — Ela parecia hesitante, preocupada.

—Oi. — Ele não estava muito certo do que dizer, além disso. Não tinha chegado tão longe em seu plano ainda. —Eu só queria ter certeza de que você está bem.

—Você nunca dorme? — Houve um ligeiro sarcasmo na voz dela e Dillon se acalmou com o som de seu humor.

—Não, mas não pelas mesmas razões que você. Estou apenas acostumado com as interrupções.

—Sim, bem, eu gosto do meu sono e eu não estou feliz que seja tão difícil ele vir agora.

—Eu realmente acho que você deveria ficar com a sua amiga Imogen. Você sabe que você estaria mais confortável lá.

—Eu não posso. Kitty está aqui e eu estava cansada de dirigir para cá todos os dias para cuidar dela. Eu não posso.

—Então, leve Kitty para a casa de Imogen.

—Bem, eu iria, mas ela meio que... irrita a gata um pouco. — Ela estava sendo fofa, mas podia sentir que estava falando sério também em certa medida e, seu corpo estava formigando com nada mais do que o som de sua voz. —Eu acho que Imogen acredita que está acariciando a pobre gata, mas na realidade, está cutucando. Simplesmente não há outra explicação. É estranho, admito, mas ela nunca teve animais de estimação.

—É estranho mesmo. — Sua voz foi sumindo na imagem bizarra que apareceu em sua mente, da britânica peculiar, cutucando a pobre Kitty.

—Sim. Sim é.

Ele riu e ela suspirou. A tensão foi embora. Foi embora da voz dela e foi embora do seu corpo. No começo do dia estava tenso, mas estava derretendo agora. Katrina também não estava com raiva dele. Ela poderia estar, provavelmente deveria estar. Ele tinha interrompido sua vida e invadido sua privacidade, quando não tinha nenhuma boa razão para isso. Mas Katrina não estava com raiva dele.

—Sinto muito sobre a outra noite quando eu toquei você. — Sua voz era calma e atada com insegurança. A risada calorosa que ele estava gostando tanto de soltar, depois de tanta tensão, congelou na garganta. —Eu o coloquei em uma posição ruim e...

—Não foi mais sua culpa, do que foi minha. — Dillon a ouviu inalar uma respiração lenta e profunda antes de soltar lentamente. Ele se conteve segurando a respiração, esperando que ela dissesse algo mais. Não havia mais nada a dizer, mas isso não o impediu de querer ouvi-la.

—Eu deveria ir dormir. — Mas Katrina não fez qualquer movimento adicional para terminar a conversa e apenas ficou em silêncio. Ele ficou também. Não estava pronto para dizer boa noite, mas não sabia o que dizer para mantê-la falando. Francamente, não havia nada que deveria dizer e mantê-la conversando no telefone não era uma preocupação que deveria ter agora.

O silêncio tornou-se desconfortável e longo, e eventualmente ele abriu a boca e forçou as palavras.

—Boa noite, Kat. Me ligue, se você precisar de alguma coisa.



—Eu preciso de você. — Ela sussurrou as palavras pateticamente em resposta ao seu comentário. Nunca poderia dizer se a tinha escutado, mas ele já tinha desligado. Depois que Dillon desligou o telefone, ela estava sozinha novamente, em sua casa tranquila. Sua lâmpada de cabeceira estava acesa, mas fora isso a casa estava escura. Tinha que descobrir uma maneira de dormir ou ia ficar louca de novo e quem sabe o que faria em seu delírio, lamber o rosto dele da próxima vez que o visse ou talvez pior.

Desligou a luz e rolou pro lado, puxando a colcha pesada por cima da cabeça, deixando apenas seu rosto para fora. Ela se sentia mais segura no escuro. Sempre foi assim. Nunca entendia o medo do escuro. Você poderia se esconder no escuro de uma maneira que você não poderia na luz e mesmo quando criança, ela sempre soube disso.

Tinha tantas lembranças de fazer, exatamente isso, quando garotinha. Seus temores não eram reais, da maneira como eles eram agora, mas era assim que sempre conseguia dormir.

Ainda estava sob o peso de seu cobertor, ouvindo o silêncio. Ela quase preferiria algum ruído. O silêncio só ampliava o

barulho da gota de água em sua torneira pingando, o aquecedor quando começava a funcionar, o ranger de seus canos velhos, os longos ramos dos arbustos crescidos que escovavam ao longo da lateral de sua janela. Havia apenas muitos sons silenciosos. Mas, eventualmente, ela dormiu. E quando acordou na manhã seguinte, ainda estava viva.

Os próximos dias passaram sem incidentes e a sensação de que talvez o pior já tivesse passado, entrava em sua mente aos pouquinhos. Queria pensar que cada minuto que passava sem mais incidentes, tornava-se mais e mais fácil de pensar, racionalizar e depois, eventualmente, depois de um tempo, claro, acreditar plenamente. Sabia que acreditar era simplesmente isso, mas era extremamente reconfortante. Parte dela pensou que estava sendo artificial e apenas era sua maneira de encontrar paz durante o sono, mas parte dela pensava que poderia ser real.

Katrina tinha seguido o pedido de Dillon e pegou transporte público para ir a sua classe de quarta-feira à noite. Embora, estivesse lutando para entender o por quê disso a essa altura. Ela não estava feliz, na melhor das hipóteses, muito menos com o cheiro ruim da mulher sentada ao seu lado nesse ônibus. A classe foi, igualmente, na mesma categoria.

Ela parou na secretaria da escola antes do início da aula para pedir as informações pessoais de Josh Grant e lhe entregaram sem perguntas. Quando ele se aproximou dela quando os outros alunos saíram da sala de aula, no final da noite, quase se sentiu culpada. Sua cabeça estava para baixo e ele estava segurando um pedaço de papel em sua mão.

—Eu fiz isso para você. — Seus olhos foram para a sua mesa e ele deixou cair o papel na frente dela. Katrina estendeu a mão para pegá-lo, tentando esconder o tremor de sua mão. Eles estavam sozinhos neste momento e ela estava nervosa. Josh era um pouco estranho, por assim dizer, e Dillon a tinha amedrontado em relação ao pobre do rapaz neste momento. Ela desdobrou o papel e engasgou.

Era impressionante. Nada mais do que um desenho de tinta simples, em uma única folha de papel branco, mas era ela. Tinha uma incrível semelhança. Não era um desenho glamoroso ou posado, apenas ela olhando para algum ponto distante. Katrina não estava sorrindo, não estava franzindo a testa, aquilo era apenas... *Ela.* Seu coração batia e perdeu a capacidade de reprimir o tremor em sua mão por mais tempo.

—Josh, isto é tão bonito. Eu não tinha ideia que você era um artista. — Ela estava tentando soar casual, mas estava tão nervosa quanto maravilhada com todo aquele talento que estava em suas mãos.

—Era... uh... quem... quem era aquele cara, era seu? Não. Não, não... Aquele, era o seu namorado... na semana passada?

—Oh. — Sua pausa foi ridiculamente longa enquanto apenas o contemplava. —Sim. — Ela deixou escapar quando suas pálpebras se agitaram. Isso significava que estava mentindo. Mas graças a Deus, ele não sabia disso. Katrina fungou e desviou o olhar rapidamente. Esse era o sinal de mentira número dois. Ela limpou a garganta, nervosamente, enquanto se levantava e recolhia seus pertences.

—Isso é bom. — Sua expressão desanimou e ele deu as costas com a cabeça baixa. Seu coração estava acelerado e ela estava começando a entrar em pânico. Josh se distanciou dela sem mais um som e Katrina esperou até que ele estivesse fora da porta, antes de afundar em sua cadeira e começar a respirar profundamente, para se acalmar.

Quando Dillon entrou na sala, Katrina gritou em choque e ele correu para ela, puxando-a em pé. Ele a segurou há um comprimento de braço, virando seu rosto, tocando e esticando sua pele, tentando descobrir o que diabos tinha acontecido.

—Estou bem. Eu estou bem. — Ela agarrou seus pulsos e acalmou o pânico com seu toque.

—O que diabos Josh estava fazendo aqui com você sozinha? Cheguei aqui quando seus alunos estavam saindo. Eu não sabia que ele ainda estava aqui com você. Eu estava esperando por você no corredor quando o vi sair. Ele tocou em você? — Seu pânico não tinha diminuído nem um pouco.

—Ele não fez nada. Só me deu um desenho. — Ela não estava conseguindo muito bem controlar seu próprio pânico também. O homem não tinha feito nada. Nada além de lhe dar uma imagem incrível. Ele era estranho. Era muito estranho, mas não tinha feito nada. Dillon estudou a imagem em sua mão e ela o observou. —Eu tenho as informações sobre ele.

—Bom. — Ele nem sequer levantou os olhos de sua imagem no pedaço de papel quando falou a palavra. Seu maxilar ficou tenso e apertou, enquanto observava seu rosto.

—Por que você está aqui, Dillon? — Mais uma vez ele não parecia interessado em tirar o olhar da imagem.

—Eu queria ter certeza de que você chegasse em casa bem. Vamos. Vou levá-la.

O clima estava quente para o início da primavera, embora o sol já tivesse se posto, e enquanto saíam do prédio, eles andaram devagar. Ele não disse onde tinha estacionado e ela simplesmente o seguiu, andando lentamente pela calçada.

Quando um skatista quase a derrubou, Dillon agarrou seu braço e rapidamente puxou seu corpo para dele. Ele a deixou ofegante, quando a palma da mão dela encontrou os músculos duros de seu estômago firme. Mesmo com uma blusa, era fácil sentir a definição de seu abdômen e era tudo o que poderia acontecer, para que ela puxasse logo sua mão.

Dillon a olhou. Era um olhar de luta interior, travando sua própria batalha. Katrina podia ver isso na forma como seus intensos olhos estavam nos dela, recusando-se a olhar para longe, mas recusando-se a deixar sua expressão suavizar. Ele estava tentando permanecer no controle e não vacilar, mas queria vacilar tanto quanto ela queria.

Tinha estacionado a duas quadras de distância e quando a mão dele encontrou a parte de baixo de suas costas, enquanto andavam até o carro, ela respirou rápido e ele instantaneamente se afastou. Olhou-a com cuidado e ela entrou.

A frase pisando em ovos de repente tinha um novo significado. Era o que faziam um com o outro. Era como se cada movimento que ela fazia, estava de alguma forma, ao contrário do

seu. Se Katrina o tocasse, ele se afastava. Se soltasse a respiração, Dillon prendia a dele. Se ela olhava, ele desviava o olhar. Ele estava tentando demais desfazer todas as reações dela a ele e isso estava muito na cara. Não se sentiu ofendida. Dillon não estaria fazendo isso se ele não estivesse tentando esconder o que realmente queria fazer, que era copiar cada movimento seu, cada suspiro, cada toque. Era um tesão incrível, de uma forma, e extremamente doloroso, de outra.

Uma vez que ele estava sentado ao seu lado no banco do motorista, ela se virou.

—E se tiver acabado? — Ele inclinou a cabeça para ela quando seus olhos se estreitaram. —Quero dizer, poderia acontecer, não? Já se passaram quase três semanas, nada aconteceu, talvez nada mais vá. Talvez ele se assustou e...

Ele a estudou, seu queixo apertando. Poderia dizer que estava frustrado com ela, mas não era raiva.

—Essa é uma ideia muito atraente, mas eu não acho que você pode se dar ao luxo de pensar dessa forma ainda. — Ele mudou seu corpo em sua direção e não tinha sequer se incomodado de ligar o carro. —Você diz algumas semanas, como se isso significasse algo. Algumas semanas não é nada. Este homem assistiu você por meses. Não há nenhuma dúvida em minha mente. Então, o que são algumas semanas para um homem que investiu meses em você?

Estremeceu com o pensamento. Mas ela não queria acreditar que era verdade e balançou a cabeça, abrindo a boca para discutir.

—Não. — Ele a silenciou rapidamente. —Você não é a primeira testemunha que quis trocar as circunstâncias por algo um pouco menos terrível. Você está racionalizando, você está se compensando e você não pode se dar ao luxo de ser tão negligente com a sua vida.

Sua boca estava aberta, com a dureza de suas palavras. Nada do que ele havia dito, foi cruel ou mal. Foi apenas honesto e desprovido de qualquer tato.

—Eu apenas, pensei que talvez...

Seus olhos se deslocaram para fora da janela e quando voltaram, Katrina pegou sua mão que estava estendida e ele fechou seus dedos sobre ela, então, redirecionou sua mão para o volante. Queria tocá-la, mas não o faria.

Depois que a deixou na porta lateral de sua casa, ela entrou, enquanto ele foi até o carro do policial de patrulha, para conversar. Katrina o observou da janela da sala de estar e ele ficou lá por muitos minutos, antes de virar e andar de volta até seu carro. Meio que esperava que ele batesse em sua porta e entrasse. Mas não o fez. Quando ouviu seu carro ligar seu coração afundou.



Capítulo 12

Ele conseguiu evitá-la durante a próxima semana. E odiava cada minuto. Não ligou, não a procurou, não enviou mensagem, merda, nem sequer foi para dentro da escola, nas tardes que era capaz de pegar Seth lá. Mas na tarde da terça-feira seguinte, ele a machucou de qualquer maneira.

—Pai, Jake e eu queremos ir jogar futebol depois do jantar. Tia Molly já disse que Jake pode ir. — Seth estava se aproximando dele enquanto ele estava parado, junto ao seu carro, fora da escola. Estava olhando para Dillon com expectativa, esperando por uma resposta. *Resposta?* Caramba, Dillon ainda estava esperando ouvir uma pergunta.

—Será que a frase deveria ter soado como se tivesse um ponto de interrogação no final? — Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto observava seu filho. Seth era realmente um bom garoto e Dillon estava determinado a mantê-lo assim. Testemunhou muitas crianças que deveriam ser como ele, começarem a ir em direção a maus caminhos, e não havia nenhuma chance que permitiria que isso acontecesse com seu filho.

Seth jogou a mochila no chão do banco da frente enquanto entrava no carro e Dillon fechou a porta. Mas congelou no segundo que se virou para contornar o carro. Ela estava lá, de pé, perto das portas de entrada, observando-o.

Katrina não estava sorrindo. Não estava fazendo nada, exceto prendendo-o ao seu lugar com seus olhos incríveis. Ele jurou que podia ver o azul, mesmo com a distância. Sua mão estava meio levantada em uma tentativa ocasional de acenar para ele. Deveria dizer algo para ela, mas entrou em pânico.

Toda vez que tentou agir apenas como o detetive perto dela, acabava sendo apenas ele, o homem. Então, em vez de deixar isso acontecer, a ignorou, desviou o olhar e contornou o carro para o lado do motorista. Recusou-se a olhá-la. Então quando estava se afastando do meio-fio roubou um rápido olhar para ela no retrovisor. Sua cabeça estava abaixada, olhando para o chão. Não precisa ver aqueles belos azuis para saber que Katrina estava machucada. Porra. Era a última coisa que queria fazer, mas não conseguia se comportar perto dela.

—Então eu posso ir?

—Sim, claro. — Ele mal estava pensando quando disse as palavras.

—De verdade? É sério? Você acabou de dizer sim. Você sabe disso, certo? Você não pode desdizê-lo mais. — Seth estava falando a cem quilômetros por hora.

—O quê? — Dillon estava confuso.

—Você acabou de dizer que eu posso ir jogar futebol com Jake depois do jantar. — Seth parecia suspeito e Dillon ainda estava, bem... confuso.

—Eu disse?

—Pai!

—Bem. Sim. Você pode ir, desde que a sua tarefa de casa esteja terminada, mas no futuro faça uma pergunta e não apenas fique dizendo e falando coisas, por favor. Eu prometo que vai te levar mais longe na vida. — Seth odiava quando ele dava um sermão, mas no momento, Seth estava um pouco focado demais no futebol, para dar à mínima se o seu pai queria dar um sermão.

—OK. Então, uh, o que há com você? Quero dizer, sem ofensa pai, mas você está agindo meio estranho. — Seth estava olhando-o como se ele fosse louco. Dillon estava muito familiarizado com este olhar.

—Por quê? Nada. Não há nada errado. — Ele estava praticamente gaguejando.

—Eu vi você olhando para a Srta. Page. — Dillon ficou tenso com apenas o nome dela. —Você gosta de minha professora, pai?

Seth estava olhando para ele e seu rosto estava estranhamente sério para um garoto de treze anos.

—Quero dizer, está tudo bem comigo. Ela é realmente muito legal para uma pessoa mais velha. — *Pessoa mais velha?* Dillon quase riu. Katrina era sete anos mais jovem do que ele e seu filho pensava nela como uma pessoa mais velha. Então Seth provavelmente pensava em seu pai como um velho gagá.

—Eu não tenho uma queda pela sua professora, Seth. — Ele disse com firmeza, esperando mascarar a mentira descarada, mas dado ao olhar de Seth, aquele olhar que parecia de que ele estava rolando os olhos mas sem estar realmente rolando, Seth não tinha comprado a história.

—Tanto faz, pai. — Seth o ignorou pelo resto do percurso.

Molly não estava melhor naquela noite e depois que os meninos saíram e seguiram para o campo de futebol a dois quarteirões de distância, ela caiu em cima dele.

— Então, como está a Srta. Page?

—Você sabe que eu não estou tendo essa conversa com você.

—Eu não estou perguntando sobre o seu caso. Eu estou perguntando sobre vocês dois. — Ela estava olhando para ele, esperando confessar.

—Não há... nós dois... E também não há nada a dizer. Desculpe desapontá-la. — Ele rapidamente se levantou da mesa e começou a retirar os pratos.

—Você só limpa os pratos quando não quer falar sobre alguma coisa! — Molly gritou e quando ele voltou para a mesa para pegar mais pratos, ela apoiou os pés em cima de uma das cadeiras e apoiou as mãos na parte de trás de sua cabeça casualmente. —Mas vendo como você nunca ajuda na cozinha, eu estou sendo coagida a permitir que você mantenha seu silêncio.

Molly sorriu e Dillon a olhou antes de finalmente afundar numa das cadeiras.

—Está bem. Eu gosto dela.

—Duh.

—Muito. Eu... Me importo com ela. Muito.

Ela baixou os pés da cadeira e moveu as mãos para a mesa. Agora parecia preocupada.

—O caso não durará para sempre. Você vai encerrar ele algum dia.

—Primeiro de tudo, ela tem que sobreviver a isso e eu não vou dizer mais do que isso, então, nem sequer pergunte. Segundo lugar, supondo que eu possa resolver essa merda e mantê-la intacta, haverá provavelmente as acusações no tribunal, os testemunhos. Essa coisa poderia continuar por um ano ou mais, quando tudo realmente acabar. Merda, até mais tempo que isso! E eu não estou autorizado a ter qualquer envolvimento com ela até que esteja acabado, engavetado, enterrado morto ou o que seja.

—Então se segure e seja paciente. Você se importa. Ela não vale isso?

—Vale o quê? Ouça o que você está dizendo. Quero dizer o que diabos você está dizendo? Que eu deveria falar o quê? Ei, Kat, vamos colocar este relacionamento, que não temos, em pausa pelos próximos dois anos, está bem? Quer dizer, eu sei que nós não estamos vendo um ao outro e talvez você não irá nem mesmo sobreviver por tempo suficiente, mas você pode, talvez apenas, não sair com outra pessoa durante esse dois anos, no caso de algum dia podermos ser capazes de irmos num encontro e decidir se realmente queremos namorar? Sério, Molly?

Ela esboçou um pequeno sorriso.

—Então, saia fora do caso. Invente alguma coisa, se tiver que fazer. Dillon, você gosta dela. Você se importa com ela de verdade. Tem sido um longo tempo desde que você ficou assim. Eu não acredito que isso é um desperdício de tempo nem por um segundo e você não estaria tão emburrado se fosse.

—Eu prefiro estar neste caso, do que confiar em alguém com a sua segurança. Essa é a coisa mais importante, agora. — Ele segurou seus olhos e ela franziu os lábios e enrugou a testa. —E, ao mesmo tempo, quão comprometida está a minha perspectiva por causa de como eu me sinto? — Ele balançou a cabeça em frustração. Dillon se importava mesmo. Queria o que era melhor para ela e já não tinha qualquer ideia do que realmente seria isso.

Dillon se levantou, agarrou mais pratos e foi até a cozinha. Quando Molly se juntou a ele na pia enquanto enxaguava pratos, ela começou a tomá-los para colocar na máquina de lavar. Eles ficaram em silêncio enquanto trabalhavam e uma vez que tinha terminado, ela apertou seu ombro antes de sair da cozinha e o deixou olhando para fora da janela.



Quando Stephens ligou às oito e meia da noite seguinte, ele e Seth estavam assistindo TV.

—A casa de sua menina foi arrombada esta noite. Acabei de receber uma ligação.

Dillon se sentou rapidamente enquanto Seth o olhava.

—Ela está bem? — Seu coração estava batendo tão alto que quando colocou a mão em seu peito, batia como se ele tivesse correndo.

—Ela está bem. Está com o policial agora e eles estão fazendo a segurança da cena. Você está vindo?

—Estou indo. A equipe forense já foi notificada?

—Duh. — E, em seguida, Stephens desligou na cara dele.

—Você se importa de ir para a casa da tia Molly? — Ele nem sequer precisava pedir. Estavam acostumados com essa rotina e Seth nunca se importou. Ele estava tão confortável lá quanto aqui e, embora Dillon tivesse alguns momentos em que se sentia culpado, para não mencionar com ciúmes, se sentiria muito pior se Seth não tivesse uma segunda casa tão boa para ir nessas horas.

Dillon ligou para Molly rapidamente antes de sair. Sua preocupação levou sua mente para lugares que realmente não queria ir durante a ida até a casa de Katrina. Ele a viu encostada na viatura, quando estacionou no meio-fio. Katrina estava conversando com o oficial Anderson e balançava a cabeça sutilmente para algo que ele dizia. Ela sorriu em agradecimento e seu coração disparou por um momento.

Uma estranha sensação de ciúmes o atingiu. Anderson era jovem, bonito, e a maneira como a olhava não era completamente inocente. Também não era lasciva. Não queria nenhum mal a ela, mas estava atraído, mesmo ele sendo muito profissional. Dillon podia ver isso claramente.

No momento em que Dillon saiu do seu carro e ela o avistou, inalou uma respiração profunda e se ajeitou, como se fosse andar em direção a ele. Mas então, algo a deteve e Katrina baixou os olhos para o chão e ficou imóvel. Dillon queria correr até ela, puxá-la em seus braços e acalmar o leve tremor que estava correndo através de seu corpo.

Levou muita força de vontade para manter seu modo de andar calmo e devagar. Quando se aproximou deles, uma vez que estava lá, lutou muito para cumprimentá-la casualmente. Seus olhos brilharam quando ele disse oi e a dor em sua expressão era como se tivesse levado um tapa. Em toda a sua preocupação e medo por sua segurança, tinha esquecido completamente que foi um imbecil no estacionamento da escola, no dia anterior. Ela, obviamente, não tinha esquecido de nada.

—Oficial Anderson, você pode dar a Srta. Page e eu um momento a sós? — Dillon não se incomodou em olhar para o homem e manteve os olhos fixos nela. Uma vez que o homem estava fora do alcance, ele abriu a boca. —Como você está?

Seus olhos brilharam rápido e a dor foi substituída pela raiva.

—Então você está me reconhecendo hoje? Me pergunto, Detetive, o que é que eu fiz hoje para ganhar sua atenção. — Amargura escorria de seu tom. Ela estava furiosa.

—Sinto muito. Eu não tenho nenhuma desculpa para o meu comportamento ontem.

—Sim, você tem. Só não é uma desculpa que você está disposto a dar em voz alta. — Porra, ela estava chateada e mais do que isso, estava completamente certa.

Inspirou bem devagar e soltou a respiração mais lentamente ainda. Ele merecia sua raiva e o pensamento o deixou na defensiva, ia deixar essa passar. Mas ela precisava resolver isso rápido. Tinha um trabalho a fazer e sua raiva podia esperar até mais tarde.

—Como eu disse, me desculpe, mas este não é o momento. Eu preciso saber o que aconteceu.

—Sério? Bem, Stephens já sabe o que aconteceu, então eu sugiro que você vá falar com ele. — Ela não estava resolvendo nada.

—Estou falando com você. Eu quero respostas e eu quero ouvi-las de você. — E então se inclinou para ela, falando com os dentes cerrados. —Pode ficar brava comigo depois. Não agora. — Sua boca estava apertada, mas suas emoções levaram a melhor sobre ela. Dillon observou enquanto lágrimas brotavam em suas pálpebras inferiores. Suas lágrimas estavam perfeitamente contidas e ele engoliu, dolorosamente, com um nó na garganta.

—Eu deixei a classe cedo, cheguei em casa e a porta lateral não estava trancada. Não estava aberta, mas tinha sido forçada. A luz de fora não acendeu também. Entrei em pânico e corri até o carro de patrulha.

—Então você não entrou? — Ela balançou a cabeça. —E você tocou a porta, a maçaneta da porta, alguma coisa? — Ela balançou a cabeça novamente.

Stephens estava andando casualmente para encontrá-los, mas as costas de Katrina estavam viradas para ele.

—Posso ir me certificar de que Kitty está bem? — Stephens balançou a cabeça porque ouviu as palavras dela e olhou fixamente para Dillon.

—Eu vou verificar Kitty. — Ele disse para fazê-la se sentir melhor, mas não tinha certeza do por quê da reação de Stephens. Será que a gata estava morta ou ele estava insinuando algo sobre a cena do crime?

Ela finalmente percebeu Stephens, chegando ao seu lado e se virou para ele.

—Você viu minha gatinha?

—Eu não vi, mas nós iremos checar. — Sua voz não revelava nada.

—Bem, eu não posso simplesmente entrar e verificar? Eu não vou tocar em nada.

—Desculpa. Os peritos forenses estão lá e há evidências, provas que precisamos preservar.

—Que provas?

A pergunta de Katrina foi recebida com silêncio. Stephens respirou fundo e olhou para longe. Dillon inclinou a cabeça para o lado e seus olhos se estreitaram enquanto estudava a expressão de Stephens. Tinha muitas coisas não ditas neste momento e não estava gostando disso.

—Você tem algum lugar aonde possa ficar esta noite? — Dillon quebrou o silêncio.

—Sim, com Imogen, ela deve chegar a qualquer minuto. — Dillon estava ansioso para entrar na casa, mas não estava pronto para deixá-la sozinha ainda. Eles ficaram lá em pé desconfortavelmente por alguns minutos até que Imogen finalmente chegou. Quando Katrina o olhou, sua expressão se suavizou. —Por favor, verifique Kitty?

Ele balançou a cabeça, mas não disse mais nada. Nem sequer sabia se a pobre gata velha ainda estava viva e dado que, não podia perguntar direto a Stephens, que ainda estava de pé em silêncio, tudo o que podia fazer era concordar.

Ele e Stephens foram juntos em direção a casa e não foi até que eles estavam se preparando para entrar pela porta lateral que Stephens parou.

—Vão haver perguntas sobre isto.

Ele não disse mais nada para Dillon, antes de entrar pela porta. Dillon o seguiu e no momento em que seus olhos chegaram ao balcão da cozinha, ele puxou uma respiração rápida. O perito criminal que estava estudando a bancada, olhou nervosamente para Dillon, no momento em que o viu. Dillon respirou fundo, forçando o nó na garganta para baixo e, em seguida, olhou até que não podia tirar as imagens de sua mente.

—Eu quero cópias 8x10 de todas estas imagens até amanhã à tarde. — O perito olhou para ele, estranhamente, mas concordou com a cabeça. Dillon finalmente conseguiu sair da cozinha e seguiu Stephens até o quarto dela. Ele congelou na porta, recusando-se a ir mais longe.

Stephens estava de pé, ao lado da cama, olhando para baixo, e quando seus olhos voltaram-se para Dillon, ele balançou a cabeça.

—Como eu disse, perguntas. Eu não posso dizer que eu não tenho algumas, eu mesmo.

Porra. Como ele iria ter essa conversa com ela?



Capítulo 13

—O que eles acharam?

—Eu não sei, Imogen. Isso é o que eu estou dizendo. Detetive Stephens disse que tinha evidências a recolher, mas não disse mais nada. Eu não sei nem mesmo se Kitty está bem.

Katrina estava acalmando seus nervos com um grande copo de vinho, enquanto estavam sentadas no deck da parte de trás da casa de Imogen. A propriedade ficava no lago, juntamente com uma infinidade de outras, mas ainda era isolada. Ela estava rodeada por árvores que cercavam o deck, fechando tudo para o resto do mundo. Havia um pequeno quintal e tinha uma ladeira íngreme, rochosa que ia até a água. Não haveria lugar onde Katrina se sentiria mais segura no momento.

Quando seu celular começou a vibrar no braço da espreguiçadeira em que estava sentada, ela pegou e viu que era o número de Dillon.

—Oi. — Ela parecia desesperada.

—Kitty está bem. Estava se escondendo debaixo da cama do quarto de visitas. Os peritos forenses ainda estão aqui, mas eu só

vou embora depois que eles forem, só para ter certeza de que está tudo trancado. Vou deixar um pouco de comida e água para Kitty. Eu achei uma lâmpada extra que o técnico deixou para repor e eu também vou substituí-la no sensor de movimento antes de sair. A lâmpada foi quebrada em algum momento. Eu estou supondo que ele passou por aqui durante o dia e a quebrou. Temos uma patrulha passando perto da sua casa duas vezes por hora durante o dia quando você não está em casa, mas a casa está desprotegida a maior parte do tempo. Não é possível ter certeza de quando ele invadiu, mas eu estou supondo que foi quando você estava em aula, ou no início da tarde.

—O que você achou? Quero dizer, as evidências. Detetive Stephens disse que havia evidências.

—Falaremos sobre isso amanhã. — Sua voz era um pouco estranha, talvez tensa. Dillon estava escondendo alguma coisa e não havia nenhuma maneira dela poder adivinhar. —Vou deixar comida e água suficiente para Kitty por uns dias. Eu quero que você fique com Imogen por um tempo. Nós vamos descobrir o que fazer com Kitty. — Ele estava esperando por uma resposta dela.

—Ok. — No momento, não havia nenhuma discussão.

—Eu gostaria de ir à casa de Imogen amanhã quando você chegar. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

Ele a deixou com isso e Katrina permaneceu sentada atordoada por um minuto depois que desligaram. Imogen apenas observava. Sua marca normal de sarcasmo não existia no momento e nem sequer tentou fazer um comentário sobre a

bunda de Dillon. Ela estava preocupada, e Imogen nunca se preocupava.

Depois de alguns minutos, Imogen se virou para ela.

—As férias da primavera estão chegando, Trink.

—E?

—E eu vou estar do outro lado do mundo por quase duas semanas de merda! Basta dizer isso, amor. Diga-me para cancelar e eu ficarei, ligo para minha mãe e meu pai. Eles vão entender. Ou melhor ainda, venha comigo. Eles te amam e eu não posso suportar a ideia de...

—Eu não posso ir, Imogen. Mas eu vou ficar bem.

—Você não pode dizer isso honestamente, não agora! Você é uma droga de menina teimosa! — Ela estava chateada. Mas era só porque estava muito preocupada. Esta era uma das poucas vezes que Imogen ficou irritada. —Então fique aqui. Traga aquela sua maldita gata velha com você e fique aqui. Por favor? — Imogen estava simplesmente implorando agora.

Katrina observava. Seus olhos estavam suplicando exatamente como sua voz fazia e depois de uma respiração profunda, Katrina assentiu. Imogen agarrou sua mão e se recusou a deixar ir. Ela tinha lágrimas em seus olhos, o que só deixou Katrina fungando por causa de suas próprias emoções.

Ela estava muito errada em assumir que tudo isso poderia ou iria possivelmente apenas desaparecer por conta própria. Como era possível Katrina ter chamado a atenção de um psicopata que a queria morta? Ela era apenas Katrina. Uma

medíocre professora que não saía há meses, nunca tinha tido muitas paqueras e era muito tranquila, muito normal e apenas,



com certeza, muito chata para atrair a atenção de alguém. Por que isso foi acontecer logo com ela?

O dia seguinte foi muito longo e difícil de passar. Ela tinha conseguido engasgar durante o almoço, apenas em escutar um casal de jovens professores rindo sobre algo e, teve de escapar da sala dos professores rapidamente, com Imogen a seguindo.

Alguma coisa tinha mudado. Ou nada havia mudado e ela só estava finalmente descobrindo isso. A noite anterior foi um lembrete gritante e feio de que absolutamente nada mudou. O psicopata ainda estava atrás dela, ele certamente não tinha se assustado e sim, Katrina era uma idiota absoluta por se iludir com a esperança de que talvez todo esse pesadelo tivesse acabado. Não tinha acabado, absolutamente, em nada.

Parte dela estava ansiosa para ver Dillon. Sentia-se segura quando estava ao seu lado, provavelmente era o único momento em que se sentia segura. Mas era desconfortável. Ela não queria admitir o quanto a reação dele, de uns dias atrás, tinha ferido seus sentimentos. Ele tinha muito intencionalmente a ignorado e simplesmente tinha lhe magoado. Katrina não conseguia parar de pensar nisso, mesmo em meio a todo o medo e caos em sua vida. Para ele tinha sido, simplesmente, fácil demais. Olhar para longe,

andar para longe, dirigir para longe e ignorá-la, como se não a tivesse visto. Ainda assim, ela queria vê-lo.

Imogen ia intencionalmente sumir naquela noite, mas quando tinha lhe assegurado que não era necessário, enquanto terminavam o almoço na sua sala de aula, ela conseguiu nada mais do que um sorriso maroto.

—Não é assim, Imogen. — Ela disse muito sinceramente. E era exatamente isso que acreditava.

—Eu acho que você não tem a menor ideia. O homem não pode tirar os olhos de você quando está perto e, o fato de você ser cega a isso, é tão você. Desculpe amor, mas você é rainha em subestimar-se. O homem está derrotado.

—Isso realmente não importa e eu estou começando a entender isso.

—Isso é besteira.

—Não é não. — Ela odiava que estava começando a entender isso. —Pense nisso. Se você passa a gostar da pessoa que você está tentando proteger, como conseguir manter uma perspectiva aberta disso?

—Talvez o faça trabalhar mais por você.

—Ou talvez torne difícil ser mais racional, lógico e focado. Só estou dizendo que eu entendi. Se você tem que fazer isso para ganhar a vida, o mataria se importar muito com cada vítima que encontrar. Não é? — Em seguida, a campainha tocou. Elas estavam sentadas na sala de aula de Katrina depois de seu

colapso no almoço e, quando Imogen se levantou para sair, beijou Katrina em cima de sua cabeça.

Mas agora eram horas mais tarde e ela estava andando nervosamente na cozinha de Imogen esperando-o chegar. Ele enviou um texto rápido, avisando que estava em seu vindo e ela pateticamente verificou seu rosto e cabelo, trocou de blusa por uma das mais bonitas de Imogen e borrifou uma nuvem do seu melhor perfume.

Quando ela entrou na frente do espelho do banheiro, teve uma visão de si mesma. Seus olhos tinham aquelas olheiras feias de novo, depois de mais uma noite se virando na cama, perdeu um pouco de peso, sem reclamações nisso ai, e parecia deprimida.

—Idiota. — Ela murmurou para si mesma quando ouviu a campainha tocar.

Dillon parecia bastante incrível de pé na varanda de Imogen, vestindo um jeans que se apegava ao corpo perfeito, camisa leve e mocassins marrons, impecavelmente polidos. Ele segurava uma pasta na mão e seus olhos se moveram, instantaneamente, para ela. O quer for que o trouxe até ali, a deixou em alerta máximo. Ele disse que tinha algo para falar. Katrina não tinha perdido a sutil, para não dizer vaga insinuação em sua voz e que tinha algo a ver com essa pasta.

Katrina segurou a porta enquanto ele entrava. Dillon parecia levemente desconfortável ao seu redor, mas depois de tudo era desconfortável a palavra que resumia onde eles se encontravam agora?

—Eu mesmo abri o portão. Espero que isto seja ok. — Ela assentiu e lhe ofereceu uma xícara de chá antes de colocar uma chaleira no fogão. Quando se virou para ele, a pasta estava apoiada no balcão e Dillon contornou o bar para se sentar em um dos bancos.

—Posso? — Ela perguntou, encontrando seus olhos quando tocou a pasta. Dillon balançou a cabeça, batendo os dedos contra a boca enquanto a estudava, com calma. No entanto a calma que ele parecia ter no exterior, não esta enganando-a. Havia uma tensão em seu corpo, uma seriedade nos olhos que não conseguia disfarçar.

Suas mãos tremiam quando pegou a pasta e abriu. Então, ela respirou chocada. Katrina estava consciente que sua boca estava aberta, mas que porra era essa!

Era ela, ou melhor, partes dela. Era seu rosto, mas definitivamente não era o seu corpo. A não ser que tivesse posado para algumas fotos pornográficas com sexo explícito, sem lembrar. O photoshop feito nas imagens era muito ruim, mas era bom o suficiente para não parecer engraçado.

Se alguém não soubesse melhor, provavelmente acharia que ela era uma menina voluptuosa, com uma propensão para espalhar as pernas amplamente e mostrar sua própria vagina, aberta com os dedos. Isto era mais do que uma pornografia leve. Isto era explícito e seu rosto estava estampando cada foto!

—Oh meu Deus! Não sou eu!

—Eu sei. Eu sei. Você não tem que olhar para elas se você não quiser, mas eu não quero esconder isso de você também. —

Não olhar? Como diabos poderia não olhar? Inúmeras pessoas andaram através da sua casa na noite anterior, vendo estas imagens. Como diabos não poderia olhar?

Katrina encontrou mais do mesmo na próxima página. A postura era além de comprometedora e mostrava com outro corpo deslumbrante, voluptuoso, preso com as pernas novamente espalmadas e não escondendo nada. Ela estava mortificada e suas bochechas estavam queimando furiosamente. Os olhos dele se afastaram dos dela enquanto virou para a próxima imagem. Sua própria timidez, em ter seu rosto anexado a corpos e imagens assim, era compreensível, mas a dele, não.

As imagens por si só seriam suficiente para deixá-la ofegante de humilhação na frente deste homem. Adicione colocar um recorte da cabeça dela na mistura e Katrina estava num maldito inferno de tanta humilhação. Tudo o que podia fazer era cobrir a boca, manter seus olhos para baixo e continuar passando as imagens. Ela conseguiu passar por mais sete imagens semelhantes, antes de finalmente entender porque Dillon estava agindo assim.

Quando ela viu pela primeira vez, seu corpo formigou. Foi inadequado, mas aconteceu. Na próxima foto, outra mulher com o rosto de Katrina estava em suas mãos e joelhos com o peito virado para baixo, e seus mamilos tocando o tecido da superfície que estava apoiada.

Mas, por trás dela estava o torso de um homem, um homem muito em forma e de corpo deslumbrante. Mas não foi o corpo que a trouxe para realidade e sim, o rosto incrivelmente bonito na

parte superior desse corpo. A expressão calma de Dillon de alguma fotografia desconhecida tinha sido transplantada para esta imagem. Seus lábios estavam entreabertos na foto, e, embora a foto original provavelmente não fosse sedutora, seu olhar sedutor juntamente com o torso nu e os fortes dedos masculinos que agarravam os quadris da mulher o faziam parecer, excepcionalmente, sexual. Dillon estava transando com ela nesta imagem.

Katrina nem percebeu que começou ofegar até que a voz de Dillon interrompeu seus pensamentos.

—Por favor, continue. — Sua voz estava rouca enquanto falava e ela não poderia sequer olhar para ele enquanto mudava para a imagem seguinte.

Mais uma vez seu rosto estava lá. Desta vez de costas com as pernas abertas, bem abertas, seu pescoço esticado para trás para olhar para a câmera acima e ligeiramente atrás de sua cabeça. Uma posição desconfortável para dizer o mínimo, exceto que, era necessário para capturar o rosto do homem que estava entre suas pernas, com o pau meio enterrado em seu corpo. É claro que o homem tinha o rosto de Dillon.

No total, eram cinco fotos deles juntos e cada uma enviou um formigamento inadequado através de seu corpo, mesmo quando ela tentava engolir calmas respirações. Seus dedos tremiam enquanto movia de uma imagem para outra, forçada a estudar poses incrivelmente vulgares com o rosto dela e de Dillon.

Quando ela viu uma fotografia de seu quarto, estava aliviada. Mas não durou muito. No início, não podia ver o foco da

fotografia, mas a próxima foto focava na sua cama mais de perto e a próxima mais perto ainda até que houve pouca dúvida do que estava olhando.

Katrina reconheceu o vibrador de silicone cor de pele que estava no centro da sua cama. Ela engasgou. Ao redor do vibrador estavam as fotos que tinha acabado de olhar. Seu corpo tremia e a fotografia fazia um som de vibração contra a bancada, enquanto seus dedos tentavam, desesperadamente, segurá-la.

—Eu tenho que perguntar. — Ele não precisava dizer mais nada.

—Sim. Parece com o meu vibrador. — Dillon ficou em silêncio. Sabia que ele estava olhando para ela, mas ainda não podia forçar os olhos para encontrar os dele. —Mas não, eu não o fodi na frente de uma câmera, se você estiver curioso.

Katrina estava sendo sarcástica. Só não tinha certeza, o que mais ela poderia fazer, dada as circunstâncias. Ele riu baixinho e ao som da sua risada ela finalmente conseguiu olhar para cima. Ele a olhava suavemente e não estava se afastando dela.

—E meus seios não são tão grandes e também não são tão falsos, só para sua informação. — Agora, a expressão suave se tornou um pequeno sorriso.

—Sinto muito.

—Não. Eu que peço desculpas. Este lunático, obviamente, sabe que você está trabalhando neste caso e que eu... — Ele contornou o balcão, enquanto ela se levantava para sentar em cima da bancada.

—Pare. Isto não é sua culpa e eu não quero ouvir mais um pingo dessa culpa em sua voz. — Ela empurrou a pasta para longe, recusando-se isso a tomar mais um minuto do seu tempo. —Eu queria te perguntar ontem, Josh Grant estava em sua sala de aula na noite passada?

Ela encontrou seus olhos novamente antes de balançar a cabeça.

—Não. Ele não estava. — Ele respirou fundo.

—Eu não sei o que fazer com ele. Não tem antecedentes criminais que eu tenha encontrado, pelo menos não em Washington. Vai demorar um pouco mais para saber se ele tem alguma coisa fora do estado, mas eu não gosto dele. Josh é artístico e isso... — Ele indicou a pasta que estava ao lado dela. — Bem, eu não chamaria isso de arte exatamente.

—Sim. Artístico. Não tenho certeza que é a mesma coisa que... Photoshop.

Seus lábios puxaram para cima novamente. Tinha belos lábios e seus olhos ficaram presos lá por um momento. Quando Dillon lambeu os lábios, seus olhos brilharam de volta até os dele apenas para vê-lo observando-a, atentamente.

—Eu quero falar sobre o outro dia. — Ela estava, obviamente, implorando para azedar o humor.

—Sobre o que?

—Por que você me ignorou?

Ele suspirou. Parecia culpado.

—Sinto muito. Eu não estava tentando ser chato com você.

—Você realmente não respondeu à pergunta.

—Há tantas coisas que eu gostaria de poder dizer a você que eu simplesmente não estou autorizado a dizer.

Era a sua vez de suspirar, mas foi muito mais frustrado do que o suspiro dele.

—Eu gosto de você também. — Ele apenas a olhou. Não disse uma palavra. Ela tinha atirado em seu rosto novamente.

—Kat, eu quero que você entenda uma coisa. Eu quero o que é melhor para você. Essa é a única coisa que você precisa saber sobre mim.

—Então, não me ignore. Feriu meus sentimentos. Eu pensei que, pelo menos, fôssemos amigos e que eu pudesse acenar para você. Eu me senti como uma completa idiota, em pé lá. — Sua mágoa estava vazando através de suas palavras.

—Você realmente acha que podemos ser amigos? Você acha que é possível isso, para nós? — Suas palavras estavam carregadas. Ele não estava realmente perguntando.

—Por que não?

—Você não precisa de mim para responder essa pergunta.

—Não é tão complicado. — Ela estava desafiando-o.

—Ok. — Ele passou o dedo ao longo da linha do queixo enquanto se aproximava dela. —Deixe-me começar por dizer que é muito fácil para você dizer isso. Seu trabalho não depende de mim para manter meu pau longe de você. Sua segurança, não depende de você ser capaz de manter o foco, racionalizar e não

deixar suas emoções entrarem no meio. — Ele obviamente não estava escondendo nada ao fazer seu ponto.

—Eu disse amigos, não amantes. — Ela estava realmente séria quando disse isso, embora reconhecidamente, soou como uma idiota completa.

O sorriso dele era sutil e completamente desprovido de humor, a mão que se estendeu para seu joelho exposto se movia de forma lenta e deliberada.

—Você poderia me parar, se eu fizesse isso? — Seus dedos tocaram o interior de seu joelho. Sua pele estava sensível e ela quase gritou com a carícia. Seus olhos estavam nos dela, com uma sobrancelha levantada.

Quando ele tirou sua mão da perna dela, não foi para parar de atormentá-la e excitá-la. Em vez disso, ele trouxe sua boca para perto, atormentando mais ainda. Foi apenas um beijo suave no canto da boca, mas colocou seu desejo para fora, como um fogo de artifício em seu ventre. Quando se afastou, manteve o rosto perto do dela. Longe o suficiente para segurar seu olhar, mas perto o suficiente para que Katrina pudesse sentir seu hálito quente em sua pele.

—E isso? Você iria me parar? — Ele olhou para ela. Dillon não poderia estar esperando por uma reação e Katrina estava muito aturdida para lhe dar uma. —E se eu puxar seu mamilo em minha boca, com meus lábios? — Ela chupou uma respiração rápida. —Se eu colocar meu dedo em sua boceta? Hmm?

Ela começou a balançar a cabeça lentamente. Claro que não, não iria parar este homem de fazer qualquer coisa que quisesse com o seu corpo.

—Bem, isso é uma merda, não é? Porque eu não tenho certeza de que eu poderia resistir a fazer cada uma dessas coisas com você, se me dada a chance, sendo amigos ou não. E se você não é mais capaz de colocar um fim a isso do que eu, onde iríamos estar agora, então?

Suas sobrancelhas se ergueram, mas a sedução foi embora. Seu rosto era um pouco sombrio e derrotado.

—Você sabe que eu quero você. Eu quero fazer cada uma das coisas que eu disse a você e muito mais. A questão é, todas essas coisas me fazem menos capaz de fazer meu trabalho. E eu prefiro mantê-la viva do que transar com você. — Seus olhos eram incrivelmente sérios quando a olhou e ela se sentiu como uma criança que estava sendo castigada por seu comportamento. —Eu não vou ignorá-la novamente. Foi rude de minha parte e eu sinto muito.

Katrina não tinha ideia do que dizer. Estava excitada, frustrada, como uma estúpida idiota e se sentia culpada por puxar a conversa nessa direção. Em seu pânico, agarrou-se na primeira pergunta que veio na mente, desesperada para voltar a uma forma segura de conversa que esconderia esta necessidade tão intensa.

—Como está Seth? — Talvez este fosse um assunto seguro.

—Está indo bem. Diz que você é uma professora legal e chamou você de, *uma pessoa mais velha*. — Seu sorriso era sutil. Eles não eram amigos depois de tudo.

—Bem, eu sou uma professora legal e ele obviamente não conhece seu pai. Quantos anos você tem afinal?

—Trinta e cinco. — Seu rosto parecia tenso. Era como se ela estivesse puxando conversa com ele neste momento. Dillon fez seu ponto e agora estava dirigindo para casa.

—Está vendo? Isso é ser velho. — Ela tentou dar uma gargalhada, mas não conseguiu e ele apenas a olhou, forçando os lábios a sorrirem um pouco.

—Eu deveria ir.

Eles ficaram em frente a porta da frente olhando um para o outro por muito tempo e quando Katrina começou a pegar a maçaneta da porta, Dillon pegou também. Suas mãos colidiram e ele se afastou como se sua pele fosse radioativa.

—Eu não vou deixar nada acontecer com você, Kat.

Sua voz era baixa e ela sabia muito bem que ele estava ultrapassando um limite, independentemente de quão duro lutou para se separar poucos minutos atrás, na cozinha. Katrina não dava a mínima para seus limites no momento. Queria que Dillon ultrapassasse todos e cada um deles, cedendo a ela. Mas não se surpreendeu, nem um pouco, quando ele abruptamente saiu pela porta.

Katrina o observou andar para o seu SUV e depois que ele dirigiu para fora da calçada e o portão estava fechado, ela voltou

para a cozinha, onde a chaleira estava apenas começando a assobiar. Fez chá e ficou andando dentro de casa. E andou, andou e andou até que a porta finalmente se abriu e Imogen entrou.

—E ai?

—Uh... Imagine imagens pornográficas pesadas, quero dizer pesadas, com o meu rosto colado em outro corpo. E sim! E o rosto de Dillon também. Você, aparentemente, pode fazer muita coisa com Photoshop, para humilhar uma pessoa. — Katrina não tinha certeza por que não disse Imogen sobre o resto da conversa. Talvez não quisesse parecer tão patética ou talvez só não soubesse como explicar isso a ela.

As imagens pornográficas foram suficientes para prender a atenção de Imogen, que a olhou com os olhos arregalados. Ela pegou na geladeira cerveja para as duas, tomou o chá de Katrina da mão e jogou na pia.

—Por que você está perdendo seu tempo com chá? Beba álcool. E... uh... sim, eles fazem isso o tempo todo nos tabloides, boneca. A próxima coisa que você vai me dizer é que você tem um paparazzi te seguindo. Bem eles não são apenas CSI[7] ou algo assim?

Katrina apenas olhou para Imogen por um momento.

—Hum, eu vou ter certeza de lhe perguntar se são CSI ou algo parecido.

---

7 CSI: Crime Scene Investigation(Investigador de cenas do crime). É uma série na televisão americana, que resolve casos criminais, mais complicados

—Então você conseguiu manter suas mãos longe do pau dele?

—Eu consegui. Definitivamente não haverá mais toques furtivos.

—Essa é a minha pequena sedutora.

Katrina estava, agradavelmente, tonta, pelo tempo que terminaram a noite e foi para o quarto de hóspedes. Mas não demorou muito para perceber que ia ser uma noite longa e preocupante sem conseguir dormir. O quarto de hóspedes era no segundo andar e, embora não tão grandioso como a suíte no primeiro andar, ele ainda tinha tetos altos, uma varanda com vista para a água e janelas suficientes para trazer o lago praticamente para dentro do quarto. Katrina acabou deitando com a cabeça ao pé da cama, olhando para a lua brilhando e



refletindo na água.

Quando Katrina apareceu na delegacia no dia seguinte, parecia nervosa. Segurava outra fita na mão e Dillon ficou puto ao pensar que ela foi para casa, mas depois da conversa tensa, desajeitada, quente e completamente inadequada que eles tiveram na cozinha, no dia anterior, ele decidiu não a castigar demais.

—Eu só fui para casa durante o almoço para ver Kitty. Havia uma mensagem. Eu pensei que eu deveria apenas vir direto para

cá. — Dillon a levou para uma sala silenciosa, para ouvir a fita. Parecia que Katrina estava se sentindo tão estranha quanto ele estava. Basicamente disse que não a queria como amiga. É claro que também, tinha basicamente dito que era porque ele queria transar com ela e muito.

Ele tinha feito merda, não havia dúvida sobre isso. Podia querer ser muito mais do que amigo, mas ele ainda precisava ser um amigo naquela hora. Ia ter que encontrar uma maneira de corrigir tudo isso.

Stephens estava fora no momento e Dillon não poderia deixar de ficar feliz por eles estarem ouvindo isso sozinhos. Dado o rubor de suas bochechas, havia razão para supor que isso seria tão humilhante como as imagens do Photoshop.

—Você gostou do trabalho de arte que eu deixei para você? O que posso dizer, eu só estou mostrando o que eu vejo. Esse homem quer transar com você, e, dado o olhar em seu rosto quando você está com ele, você quer tanto quanto ele te quer. Você acha que ele fode bem? Aposto que ele gostaria de nada mais do que meter seu pau dentro do seu corpo. O que você acha? Será que ele se compara com o seu vibrador?

Bem, até agora o homem não estava dizendo nada que não soubesse, mas ela estava olhando para o peito dele, passando à mesa, onde estava. Dillon observava seu rosto atentamente, imaginando o tempo todo aonde ele tocaria no nervo dela, considerando o tema da conversa. O lunático estava divagando sobre seu pênis e, embora estivesse certo de que deveria estar humilhado, engoliu e olhou para ela.

Suas bochechas estavam vermelhas e suas mãos apertavam firmemente a mesa. Ele queria tranquilizá-la. Essa fita era nada mais do que uma humilhação para os dois diante das circunstâncias, mas não estava autorizado a agir como se tivessem algo, embora, sem dúvida, tinha tudo a ver.

—Você acha que ele come boceta? Aposto que comeria a sua e eu aposto que você adoraria. Você gemeria seu nome do jeito que você costumava gemer toda vez que Jason, aquele filho da puta, lambia sua boceta. Você costumava adorar. Você apertava seus próprios mamilos entre os dedos, gritava enquanto ele chupava seu clitóris. Ele está ouvindo isso? Aposto que está. É um dos detetives, não é? Aposto que gostaria de fazer todos os tipos de coisas com seu corpo e você deixaria. Você acha que ele pensa em você, quando bate punheta? Aposto que faz. Eu aposto que ele pensa em você e no que você faz para o seu próprio corpo com esse vibrador. Você praticamente me deve um agradecimento. Se não fosse por mim, ele não teria nenhuma ideia da puta que você é. Que homem não quer foder uma puta como você?

Ela se levantou, quase derrubando a cadeira.

—Sinto muito. Eu apenas não posso mais fazer isso. — E então Katrina saiu correndo da sala antes que pudesse detê-la. Dillon apertou o botão de parar e embolsou o pequeno gravador antes de correr atrás dela. Mas, em seguida, ele bateu direto em Stephens e pelo tempo que levou para chegar ao lobby, ela estava longe de ser encontrada. Quando voltou, Stephens estava esperando por ele, coçando o queixo.

—Que porra foi isso?

—Outra mensagem. Acho que ela não queria ouvir o final.

—Sim? Bem, eu quero. Vamos ouvir.

Stephens o olhava desconfiado enquanto ouviam a fita na mesma pequena sala e Dillon evitava seu olhar. Estranho que, quando estava com Katrina, estava tão empenhado em observar seu rosto, mas agora, ele estava determinado a não olhar para Stephens. Estava com medo que Stephens pudesse ver através dele e simplesmente, não queria isso. O final da fita estava repleto de mais asneira vulgar como a primeira parte com algumas referências a Katrina e Dillon fazendo sexo anal para tornar interessante. Não é de admirar que ela tivesse fugido. Ele não a culpava.

—Então, você está fodendo essa garota?

Seu olhar foi para Stephens, encontrando seus olhos talvez pela primeira vez desde que a fita terminou.

—Não seja ridículo.

—Mas você quer, não é?

—Eu não vou responder a essa pergunta.

—Você acabou de fazer. — Stephens soltou um suspiro irritado. —Você nunca foi descuidado em suas responsabilidades

—E eu não estou sendo agora! Como você se atreve a insinuar isso? Você acredita num psicopata que fala em uma fita, que está obcecado com a nossa vítima, mais do que em mim? É isso mesmo? Você acha que eu estou dormindo com ela, só porque a porra de um lunático sugeriu isso? — Sua voz era alta e ele estava lutando para não gritar.

—Eu acho que você está pisando em gelo fino com ela. Eu vi vocês. Você pode fingir que é inocente o quanto quiser, mas não há nada de inocente nisso. — Stephens se levantou e saiu da sala.

Dillon não deveria ir atrás dela e não foi. Pelo menos não por algumas horas. Mas, no momento em que estava fora da porta da delegacia em seu carro, a guerra em sua mente começou e lutou com ele pela metade do percurso até sua casa. Até que finalmente virou a direção e se dirigiu para a casa de Imogen. Realmente não deveria fazer isso. Ele não estava pisando em gelo fino, estava pulando para cima e para baixo sobre o gelo, desafiando-o a destruir toda sua carreira.



Capítulo 14

Quando houve uma batida na porta, naquela noite, Katrina quase saltou para fora do sofá e caiu no chão. Ela estava dando notas as provas, ou melhor dizendo, tentando dar as notas, pois não conseguia se concentrar em nada. Imogen tinha um encontro e estava fora durante a noite, deixando Katrina sozinha, em sua verdadeira fortaleza de águas.

Espiou pelo olho mágico e lá estava ele. O homem que deixava seu mundo de pernas pro ar, seu coração acelerado e que deixava sua calcinha encharcada, cada vez em que estava perto. Estava pateticamente ligada a ele, o homem que não queria nem ser seu amigo. Era o maldito caso, de toda a segurança que ele exalava, talvez? Ou era apenas ele mesmo?

Seu coração tinha afundado na ida para casa, quando voltou da delegacia. Foi apenas uma maneira muito ruim de terminar seu dia de merda e, quando abriu a porta para ele, lutava contra todas as besteiras girando em sua mente. Desistir e desmoronar. Tinha sido apenas um daqueles tipos de dias. Mas não o fez. Ela ofereceu um pequeno sorriso e deu um passo para trás para que

ele pudesse entrar. Dillon a observou cuidadosamente quando entrou, não estava comprando seu sorriso falso.

—Você está bem?

Não. É o que ela queria dizer. Em vez disso, balançou a cabeça lentamente e o levou para cozinha. Ele se encostou no balcão e ela se encostou no balcão oposto. Dillon ficou em silêncio e depois de um momento, Katrina foi até a geladeira, pegou duas cervejas e lhe entregou uma. Abriu a dela imediatamente e tomou um grande gole. Ele olhou para a sua por um momento antes de colocá-la sobre o balcão ao lado dele, ainda fechada. E depois voltou os olhos para ela.

—O que está acontecendo com você?

—Eu só falo sobre essas coisas com meus amigos. — Ela estava jogando a merda em seu rosto, mas se sentiu culpada no momento em que disse isso. —Eu não quis dizer isso.

—Não, você está certa. — Os olhos dela foram para o chão por alguns segundos.

—Ouvi uma história na rádio a voltando para casa hoje. Jovem, mulher, sequestrada, espancada, estuprada, assassinada. Seu corpo apenas foi despejado no lado da estrada, como lixo.

—Sim. Eu sei que caso é esse.

Katrina encontrou seus olhos. Ele estava olhando-a com cautela. Dillon olhou desconfiado de onde ela estava indo com isso.

—Apenas me fez pensar...

—Katrina, não faça isso. — Havia uma advertência em sua voz, mas ele não conhecia seus humores. E quando ela estava com um humor assim, nada lhe parava.

—Eu poderia me transformar num desses corpos mortos um destes dias, não poderia?

—Por favor. — Ele parecia desesperado.

—Essa menina estava viva também. Ela estava viva, assim como eu, até que... não estava mais.

—Não faça isso. — Ele soava como se estivesse quase implorando.

—Meu corpo poderia acabar sendo parte de uma cena de crime. Todos esses peritos que vieram ver essas malditas e repugnantes imagens, podem acabar passando por uma cena de crime com o meu corpo morto nela, um dia destes.

—Pare com isso! — Agora ele estava com raiva.

As lágrimas que tinham ameaçado cair de seus olhos desde que o maldito anúncio de rádio, finalmente apareceram. Ela podia senti-las em suas pálpebras inferiores e mesmo assim se sentia estranhamente calma, apesar de não conseguir chorar, mesmo se quisesse. As lágrimas ficaram lá, enquanto ela observava seu olhar. Não era um olhar mal, ele apenas estava carregado com algum tipo de emoção que ela nem poderia sequer começar a imaginar qual era.

—Eu entendo. — Sua testa enrugou com suas palavras. — Eu entendo por que não podemos... Você estava certo. — Dillon balançou a cabeça lentamente enquanto seus olhos foram pro

chão. Ele estava finalmente entendendo e não gostava do que ela estava dizendo. —Se fôssemos... íntimos, merda! Até mesmo apenas amigos, minha morte seria muito difícil para você, não é? — Não era realmente uma pergunta que precisava de uma resposta e, dado o aceno de cabeça e o enrugar de seus lábios, ele não tinha a intenção de respondê-la. —Melhor me segurar por perto.

Katrina não estava tentando ser rude. Estava falando sério. O pensamento de ele ter que vê-la morta, a deixou com tanta tristeza por ele, como por si mesma.

Ela não esperava o movimento explosivo de seu corpo em sua direção. Ele a agarrou pela cintura, levantando-a facilmente para a bancada e ficando entre suas pernas antes de suas mãos encontraram seus quadris e a segurarem com força.

—Não. Eu estava errado. Quer dizer, eu estou certo, mas eu... eu preciso de mais. — Ele abaixou sua cabeça para manter seu olhar duramente. Sua voz era tão dura, quando falou de novo. —Mas não se atreva a assumir que sua importância para mim é sobre sexo. Se alguma coisa acontecesse com você... Não importa se eu te foder ou não. Isso iria me destruir.

O aperto dele nos seus quadris era possessivo e firme. Dillon estava puxando seu corpo em direção à beira do balcão e direto em sua virilha. Suas lágrimas estavam caindo pateticamente e ele estava se recusando a olhar para longe dela. Quando suas mãos encontraram suas bochechas, Dillon agarrou seu rosto perto do dele. Suas bocas estavam quase se tocando e ela podia sentir o cheiro de menta em seu hálito. Sua respiração profunda, era um

instrumento que começava a acalmar sua mente em pânico e derrotada e, quando seus lábios quentes tocaram os dela, seu desespero derreteu.

Ele era gentil e lento quando sua boca puxou o primeiro lábio e depois o outro. Mas tão gentil quanto seu beijo era, quando ele deixou cair uma das mão agarrou a parte inferior das suas costas, não foi gentil, de jeito nenhum. Dillon puxou seu corpo, forçando o espaço entre eles a desaparecer. Ela não se importava, estava se transportando para um lugar que parecia muito melhor e mais seguro. A vida que estava trazendo para o seu corpo, era a chave para tudo.

Ele puxou seu corpo para beira do balcão e seu aperto sobre ela a prendeu firmemente, entre a mão em suas costas e a virilha na frente. Ele estava excitado, duro e mal contido por seus jeans, mas não fez nenhum movimento para tocar seu corpo mais do que isso. Dillon só estava interessado em seus lábios. Sua língua mergulhou na dela, lenta e cautelosa no início, depois invasiva e agressiva.

Katrina queria olhá-lo, mas tinha medo que ele parasse e quebrasse todo o feitiço em que eles estavam. Ela quis dizer o que disse, quando falou que entendia por que eles não podiam ficar juntos. Realmente entendia. Tinha feito sua cabeça completamente e esta, estava gritando com ela para parar, antes que ambos acabassem se lamentando do que estavam fazendo. Mas sua boca era tão boa, tão possessiva e poderosa que ela só não queria que isso acabasse.

Ele finalmente parou de beijá-la. O polegar acariciou seu rosto enquanto segurava seu olhar. Cacete! Ela não estava respirando, esperando-o apenas ir embora, mas ele não foi.

—Oh merda, o que estou fazendo? — Ele murmurou baixinho enquanto seus olhos miravam seus corpos mantidos tão estreitamente juntos. Quando olhou de volta para ela, com a testa enrugada por mais ou menos um segundo, ela pensou que tinha acabado. Mas, em seguida, lentamente e bem devagar, assistiu a cada centímetro de espaço entre eles, desaparecer, quando ele se inclinou para sua boca novamente.

Katrina se concentrou no estalar molhado de seus lábios uma e outra vez, enquanto o provava. Querido Deus, ele era muito bom nisso. A porta se abriu de repente assustando os dois.

—Disse que era um engenheiro químico! E ele só faz imagens para uma farmácia. Imbecil, mentiroso, é o que ele é! — E então Imogen entrou na cozinha. Eles estavam congelados, olhando um para o outro, mas com seus corpos ainda confortavelmente juntos. Os lábios dele brilhavam lindamente e os dela, estavam inchados e doloridos. Ambos olharam para Imogen, mas as mãos dele permaneceram em seus quadris e ele a apertou mais, puxando ela mais para perto, como se quisesse protegê-la de alguma forma.

—Oh! Bem, eu vi o seu carro lá fora, mas eu não esperava, mas vocês dois só... você deveriam apenas, uh... — Ela levantou os dedos indicando para eles continuarem quando as bochechas de Katrina começaram a queimar. —Eu vou, uh... Eu só estou indo... para o meu quarto. — Seu dedo apontou no ar como um

general pronto para liderar um batalhão. E então, ela literalmente correu em direção ao seu quarto. Caramba. Isso foi humilhante. Isso era tão Imogen.

Bem, agora ia acontecer de verdade. Agora, ele estava indo se afastar. Dillon se orientou, sem sombra de dúvidas, graças a Imogen e estava acabado. Quando ele se inclinou para sua boca mais uma vez, dando um beijo suave nos lábios, ela gemeu baixinho contra sua boca.

—Dois anos é tempo pra caralho. — Ele murmurou enquanto afastava o cabelo dela para longe de seu rosto. Katrina não tinha ideia do que ele estava falando, mas o tom de sua voz, apenas parecia tão certo. O sorriso que lhe ofereceu era gentil. A hesitação, ou talvez até mesmo o choque, estavam lá, mas ele parecia decidido a mantê-lo para si mesmo.

Beijou sua testa mais uma vez e ela o seguiu até a porta da frente.

—Eu vou falar com você em breve. — Ele segurou seus olhos enquanto ela balançou a cabeça e então, se foi.

Ela praticamente desmoronou contra a porta, uma vez que estava fechada atrás dela e em um milésimo de segundo, ouviu os pés de Imogen pisando em direção a ela, numa corrida louca.

—O que diabos... quer dizer, o que... — Ela apontou para a porta e, em seguida, apontou para Katrina enquanto foram em direção à cozinha e, em seguida, finalmente trouxe seus dedos indicadores juntos novamente. Não havia como negar, Imogen poderia ser bastante infantil às vezes. Mas então, novamente Katrina também. —Conta tudo, cadela!

Katrina balançou a cabeça, um pouco fora de si, e depois de um momento, desistiu de tentar chegar a uma explicação racional para o que tinha acontecido e desabou no sofá. Imogen apenas sentou e olhou para ela.

Eventualmente, Katrina se levantou do sofá e foi para o andar superior, direto para cama. Imogen nunca realmente encontrou sua voz novamente, mas então, Katrina não entendia o que tinha acontecido. Só sabia que queria que isso acontecesse novamente. Droga, realmente queria ser amiga deste homem.



Capítulo 15

—Então, você está indo conosco para São Francisco?

—Você acha que Seth se importaria se eu não fosse?

—Hmm. — Molly estava fingindo contemplação. —Vamos ver. Será que eu acho que um menino de treze anos de idade se importaria se seu pai passasse ou não as férias de primavera com ele na casa de seus avós, em São Francisco? Sério mesmo? Jake e Seth provavelmente não vão nem mesmo me querer perto deles. Ou o papai e a mamãe, se formos honestos. Confie em mim, eles preferem tirar férias bem longe de todos nós, para falar a verdade. Nós somos adultos e isso significa que nós somos as pessoas mais chatas do planeta.

Ele riu para ela, mas não aliviava sua culpa nem um pouquinho. Molly estava certa. Seth não se importaria em nada, mas Dillon se importava. Também se preocupava com a segurança de uma determinada mulher bonita e a ideia de confiar sua segurança a alguns oficiais uniformizados, por dez dias, não estava acontecendo.

—É sobre ela? — Ele balançou a cabeça lentamente enquanto deixava seus olhos viajarem para fora da janela da sala de jantar para ver os meninos jogando basquete na garagem.

—Embora esteja me sentindo culpado. Essas são as férias de primavera. Eu tinha planejado ir com ele e agora estou escolhendo ficar.

—Ok, bem, pense nisso desta maneira. Se ela estivesse segura, sem nenhuma dúvida, você iria para São Francisco?

—Claro. — E então, refletindo tardiamente, murmurou. —Eu poderia tentar arrastá-la junto comigo para o meu próprio prazer, mas sim. Claro.

Molly riu.

—Meu irmãozinho, tá caidinho. Como isto é lindo. — Então, seu rosto voltou a ficar sério. —Se Seth pudesse tomar essa decisão, diria para você ficar. Também iria fazê-lo se sentir culpado até você lhe comprar um novo jogo de Xbox, mas basicamente, iria querer que você ficasse. Ele gosta muito dela e irá entender. Não há muita escolha agora. Ela precisa de você aqui.

Ele balançou a cabeça, olhando para o espaço. Estava confuso e as férias eram provavelmente o menor de seus problemas. Dillon estava se apaixonando por ela. Mais do que apaixonando. Ele a queria desesperadamente. A queria tanto que estava pronto para arriscar o seu trabalho só para estar com ela. A queria tanto que não podia suportar a ideia de não tê-la.

Mas não era apenas o querer. Era a preocupação, o cuidado, a forte pulsação em seu peito para se entregar a ela. Se nunca

tivesse a chance de se dar a ela, o que ambos queriam, se arrependeria para o resto de sua vida. Ao mesmo tempo, se isso a pusesse em risco de qualquer maneira, por causa de suas necessidades egoístas, nunca perdoaria a si mesmo outra vez. Está vendo? Confusão absoluta.

—Vou levar os meninos para mamãe e papai. Você fica aqui e cuida da professora.

Eles se levantaram e se juntaram aos meninos lá fora. Ele e Molly jogaram com Jake e Seth uma rodada de HORSE[8] e quando anoiteceu estavam exaustos. Ele e Seth andaram o curto trecho até sua casa, enquanto Seth brincava com a bola de basquete.

—Eu acho que vou ter que pular as férias, filho. Eu tenho uma testemunha em perigo e eu não posso deixá-la sabendo que é inseguro para ela.

—É a Senhorita Page? — Ele não esperava essa.

—Por quê? O que fez você pensar isso?

—Eu não sou estúpido. Parecia que tinha sido espancada a menos de um mês atrás. Continuou dizendo que não era nada, mas estava mentindo. Ela só não queria que ninguém se preocupasse. Além disso, vocês dois. Vocês ficam estranhos em torno de si. Quer dizer, eu sei que você tem uma queda por ela, mas... — Ele balançou a cabeça por um segundo. —É ela. Eu sei que é ela que está em apuros. Ela está diferente do que costumava ser.

—Como assim?

---

8 Um jogo que fazem com a bola de basquete.

—Eu não sei. Apenas diferente. Ela fica muito perdida em seus pensamentos. Parece sempre cansada. Vacila algumas vezes, quando alguém a surpreende.

—Já pensou em ser um detetive, Seth? Você tem um olho excelente.

Seth riu.

—Então você vai me dizer se é ela?

—Claro que não.

—Claro que não é ela, ou é claro que você não vai me dizer?

—Claro que não. — Ele agarrou Seth pela parte de trás do pescoço enquanto o conduziu pela porta. Seth jogou as mãos no ar, deixando a bola de basquete ir para longe dele pelo chão da entrada.



Quando o chefe de polícia, Greenwood, chamou Stephens e a ele em seu escritório na manhã seguinte, a pressão sanguínea de Dillon disparou. Se dava bem com Greenwood, mas o homem não chamava uma pessoa em seu escritório apenas para conversar sobre o tempo.

—Sentem-se. — Greenwood estava olhando para uma pasta aberta em suas mãos enquanto permanecia na frente de sua janela. Ele nem sequer os olhou enquanto eles se sentaram nas cadeiras. —Importa-se de me dizer o que é isso?

Ele não se incomodou em mostrar a pasta para ambos. Em vez disso, jogou no colo de Dillon. Dillon abriu a pasta, esperando não ter nenhum pesadelo de Photoshop dentro.

O que não esperava era ver imagens reais. Ele podia até não estar nu transando com ela como tinha estado nas imagens adulteradas que deixaram em sua casa, mas estas eram tão prejudiciais quanto. Ele estava andando ao seu lado na calçada em uma. Eles estavam praticamente nos braços um do outro. O pior foi quando a acompanhou em torno de seu carro com a mão na parte inferior das costas. Do ângulo, praticamente parecia que estava tateando sua bunda.

—Chefe, isso não é...

—Não é? Mandaram especificamente para mim. Não há uma impressão digital em qualquer uma delas.

—Eu estava dando uma carona para ela quando saia da sua classe à noite no centro. Esta foto foi tirada quando um skatista quase a derrubou! Isto não é o que parece.

—E onde estava Stephens? — Poderia ter sido uma pergunta, mas ele estava à beira de gritar. Dillon apenas permaneceu em silêncio, balançando a cabeça. Ele estava se sentindo um pouco ferrado no momento. —E não vamos esquecer as imagens que o criminoso deixou na casa dela, no outro dia.

—E eu sou responsável por isso também? O homem é um louco!

—Eu perguntei onde Stephens estava quando estas fotos foram tiradas. — Greenwood estava há dois tons longe do escarlate e ele estava perto de perder a cabeça.

—Ele não estava lá.

—Eu não podia ir e disse para ele ir sem mim. — Era uma mentira e o queixo de Dillon quase caiu enquanto seus olhos brilharam para Stephens rapidamente, antes de baixarem pro seu colo. Ele não tinha dito nada a Stephens sobre ir vê-la naquela noite.

Chefe Greenwood olhou para os dois.

—Eu estou colocando Smith e Terrell neste caso. Vocês dois estão sendo relocados.

—O quê? Chefe...

—Silêncio! Stephens fora, Adler você fica ai parado. — Ele estava em pânico quando Stephens se levantou para sair. Smith e Terrell eram bons detetives, mas esta era Katrina. Sua Katrina, e ele não poderia deixar sua segurança apenas para entregá-la a alguém. Quando a porta se fechou atrás de Stephens, Greenwood se sentou na beirada da mesa. —Você tem alguma coisa que você precisa me dizer?

Ele só olhou para Greenwood por um momento.

—Eu acho que isso é um erro. Stephens e eu sabemos o que estamos fazendo e não há razão para nos tirar deste caso, apenas por causa de duas fotos estúpidas que estão fora de contexto!

—Você está certo e se isso fosse tudo que estivesse acontecendo eu estaria errado em removê-lo. Importa-se de me dizer por que foi vê-la na casa de sua amiga sozinho dois dias atrás? — Dillon ficou em silêncio, olhando para o topo da escrivaninha de Greenwood. —Não? E no dia anterior a esse?

Hmm? Eu atribuí um oficial de patrulha para monitorar a propriedade de Imogen Graham, dado que a srta. Page está vivendo lá. Não esperava ver tanto de você por lá.

—Envolvia o caso.

—Certo. E ainda assim você se esqueceu de levar o seu parceiro. Mais uma vez. A srta. Page é professora de Seth. Você a conhece, mesmo que seja casualmente. Ela é bonita e você simplesmente não consegue ficar longe. Isto se tornou um problema tanto para você, quanto para ela.

Sua voz se acalmou enquanto estudava Dillon.

—O homem que está fazendo isso com ela, tirou fotos de você também. Ele pode ou não ter o identificado ainda, mas ele está mirando você, no entanto. Eu gosto de você, Dillon. É um detetive muito bom. É por isso que eu estou te tirando deste caso, para salvar a porra da sua carreira, antes de você jogá-la pela janela por causa de um pedaço de bunda.

Dillon não poderia mesmo se segurar na cadeira a este ponto, mas quando se levantou abruptamente, pronto para responder, Greenwood inclinou a cabeça em sinal de advertência. Dillon respirou fundo, levando consigo sua fúria para baixo, dolorosamente. Ele balançou a cabeça.

—Smith e Terrell são detetives bons também. Eles vão fazer seu trabalho e, desde que eu absolutamente acho que sua cabeça está ficando nublada no presente momento, você só vai ter que lidar com isso. Acredite ou não, eu estou olhando para o seu melhor interesse. Dela também, por assim dizer. Deixe-os trabalhar nesse caso, fique fora do caminho e deixe a maré

baixar, antes de você chegar a qualquer lugar perto dela, está me ouvindo? — Ele não reagiu. Ainda estava atordoado demais para se mover. —Eu disse, você está me ouvindo? Eu quero que você fique bem longe dela até que essa coisa esteja terminada e bem longe.

—Isso é uma ordem, senhor? — Sua boca estava quase apertada demais para falar.

—Não. É uma sugestão contundente que eu espero que você possa cumprir. Você criou um conflito de interesses e eu não preciso que o conflito venha e nos morda na bunda, se esta coisa acabar num tribunal. Um advogado de defesa decente, terá um dia de campo, com estas imagens só para ele. Se há alguma verdade no relacionamento que o senhor Louco está insinuando, só vai piorar a situação. Agora saia. Eu preciso que você dê a Smith e Terrell todos os detalhes antes do final do dia.

Quando voltou para sua mesa Stephens estava sentado lá com as mãos atrás da cabeça descansando. Ele estava observando Dillon, sem dizer nada. Dillon afundou em sua cadeira, olhando para o nada. Como diabos a manteria segura? Suas vísceras estavam se torcendo e ele estava com medo demais.

—O que você está pensando?

—Estou com medo de que eles vão estragar tudo e ela vai acabar mal.

—Sim? E é por isso que você não tem permissão de se importar com ela. — Stephens se levantou e foi embora.



Capítulo 16

Katrina tentou falar com Dillon por todo fim de semana, mas ele não estava retornando suas ligações ou mensagens. Não sabia como se sentir sobre os novos detetives em seu caso. Eles eram homens mais velhos e excêntricos, ao contrário do seu belo Dillon e seu companheiro rude, mas estranhamente fofo.

Gostava dos novos detetives, mas não eram ele. E Dillon estava se recusando a falar com ela. Perguntou ao detetive Smith, quando ele e o Detetive Terrell foram para casa de Imogen na segunda-feira à tarde, por que Dillon e Stephens tinham sido substituídos. E o máximo que fez, foi dar de ombros e lhe dar uma desculpa muito vaga.

—Acontece.

—Mas por que?

—Só acontece. — Ela precisava levar este homem a sua sala de aula e lhe ensinar umas coisinhas sobre comunicação. Mas nenhum dos dois jamais foi na sua sala de aula ou na casa dela ou na casa de Imogen sequer. *Merda!* Eles nem sequer sabiam

como passar através do portão de segurança de Imogen e Kat não tinha a intenção de lhes dizer.

Não davam à mínima se ela tinha uma gata para alimentar todos os dias, não pareciam compreender suas preocupações em nada. Mas não era sobre eles. Eles até que eram bons. Eles simplesmente não eram *ele* e ela estava emburrada por causa disso. Dillon sempre mostrou preocupação, estava sempre lá quando Katrina precisava, nunca tinha que se sentir sozinha, mesmo que fosse só para falar ao telefone. Ela só sentia falta dele.

Fazia três dias desde que tinha visto Dillon, beijado e tocado nele. E era a última semana antes das férias. Ainda estava ficando na casa de Imogen e logo teria a fortaleza toda só para si, por quase duas semanas. Não queria ficar sozinha na casa de Imogen, mas certamente preferia ficar sozinha lá do que em sua própria casa. Ela começou a se ressentir de sua casa, estava um pouco cansada de ter que ficar saindo de lá.

Os oficiais ainda patrulhavam por seu bairro, não que ela estivesse ali para vê-los, e agora eles também patrulhavam a casa de Imogen. Não tinha nenhuma razão para acreditar que o louco sabia onde Imogen vivia ou que Katrina estava hospedada lá, mas eles não estavam dando quaisquer chances a ele.

Imogen partiria na manhã seguinte para o Reino Unido onde passaria algumas semanas com a família, e Kitty tinha finalmente vindo para a casa de Imogen, onde ficaria. Ela pegou sua amiga britânica e atrevida a cutucando em mais de uma ocasião. Ela murmurou nomes doces para a velha gata e depois a cutucou no

rosto, ou no queixo. Imogen realmente achava que estava sendo doce, mas ela... cutucou a gata.

E agora já era tarde da noite de terça-feira, as malas de Imogen estavam empilhadas na porta da frente e elas estavam abrindo uma grande garrafa de margaritas pré-prontas. Quando seu celular tocou, ela o pegou do balcão. Estava meio bêbada e no momento em que viu seu número, engasgou. Seu coração começou a acelerar. Imogen viu imediatamente e pegou o controle remoto, baixando o som que estava muito alto.

—Como você está? — Ela saiu para a varanda enquanto falava e deitou em uma das espreguiçadeiras de madeira.

—Humm, eu não tenho certeza de como responder a isso. Eu acho que eu estou bem. Você? — Ela podia ouvir o tom defensivo em sua voz. *—Katrina, eu sinto muito. Ter sido retirado do seu caso, não foi a minha escolha.*

—Eu realmente não me importo com isso. Mas tentei falar com você, já faz alguns dias. Eu só queria saber o que estava acontecendo e porque novos detetives apareceram de repente na porta. Você poderia ter, pelo menos, me ligado para dizer.

Ela o ouviu suspirar lentamente.

—Disseram para ficar longe de você.

Ela não tinha a menor ideia do que dizer sobre isso.

—Mas, mas, não faz sentido. Se você foi retirado do caso. Eles não podem lhe dizer para...

— Claro que eles podem. E fizeram. Eu não estou autorizado a ficar perto de você durante todo processo de investigação, ou

qualquer caso que o siga. Nosso relacionamento dá a aparência de indecência e isso não vai tolerado. Eu só não quero que você pense que eu estava a ignorando por escolha própria. Eu nunca faria isso.

—Então, espere. Você está dizendo que você não está mais no caso, mas agora você não pode falar comigo ou me ver... ou qualquer outra coisa?

— Sinto muito, mas sim. Eu não queria que isso acontecesse.

—Eu acho que essa porra é uma merda. — Ela estava chateada. O álcool correndo através de seu sistema tornava muito fácil para expressar sua raiva. —Eu te quero. O que eu quero dizer é, eu quero você, querendo de verdade. Eu não quero ficar longe de você e, com certeza, não quero que você fique longe de mim. — Aparentemente, o álcool estava fazendo sua boca divulgar todos os tipos de coisas. —Isso não é justo.

—Isto é culpa minha, Katrina. Eu não deveria ter deixado as coisas...

—O quê? Ficarem pessoais? Eu quero pessoal.

—Eu também, mas isso não pode acontecer. Não tão cedo. — Ele ficou em silêncio por um longo tempo e sua boca bêbada tinha acalmado com suas últimas palavras também. *—Eu só queria que você soubesse que eu sinto muito. Eu não tinha a intenção de deixar isso acontecer. E eu odeio isso.*

Ele realmente não lhe daria a chance de dizer mais nada, então, desligou rapidamente, após isso. Bem, isso certamente explicava muito e ela odiava tudo isso tanto quanto ele odiava.

Quando Imogen trouxe a margarita que ela tinha deixado em cima do balcão, ela sentou ao seu lado.

—Lhe disseram para ficar longe de mim.

—Merda. Isso explica as mensagens sem retorno. O que você está pensando, amor?

—Que eu não deveria me importar tanto quanto eu me importo. Que isso não importa para mim, tanto quanto faz. Que eu deveria querer proteger seu trabalho e ficar longe dele. Que eu deveria compreender que a minha própria segurança é mais importante.

—Mas?

—Eu odeio tudo isso.

—Sinto muito. Ele está em apuros?

—Ele não disse que estava. Só que estava fora do caso e independentemente disso, ainda tem que ficar longe de mim.

—Bem, então é isso.

—Eu me sinto mal. Eu sinto que foi minha culpa. Que eu fiz as coisas irem nessa direção. Eu fui tão estúpida. Eu só pensei em mim e eu arrisquei seu trabalho, arrisquei a minha própria segurança nesse sentido.

—Pare. Você está sendo muito dura consigo mesmo. Você gosta do cara. Você não fez nada de errado.

—Eu peguei seu pênis.

—Bem, tudo bem, sim. Isso foi errado. — Ela ofereceu um sorriso fraco. —Mas não aconteceu, por causa disso isso. Isto

aconteceu pelo modo como ele se sente sobre você. Ele não teria se colocado nessa posição se não se importasse de verdade com você.

—E que diferença isso faz agora?

—Desculpe. — Não fazia qualquer diferença e Imogen sabia tanto quanto Katrina .



Quando Katrina acordou na manhã seguinte Imogen já tinha saído para o aeroporto. Ela tinha sua classe noturna naquela noite e mais dois dias de escola e, em seguida, seria forçada a suportar uma semana de noites, sem dormir, sozinha, na casa de Imogen.

Katrina realmente não estava pronta para enfrentar a realidade do fato de que Dillon não estava mais sendo uma parte de sua vida. Era estranho, considerando que não tinha certeza de que parte de sua vida ele tinha estado até aquele ponto, mas estava fazendo falta e o que ela sentia era tristeza pela perda.

Sabendo que poderia pegar o telefone e ligar para ele sempre que necessário, mesmo que fosse no meio da noite, tinha feito ela passar por um monte de noites sem dormir. Poderia ter usado esse privilégio uma vez ou duas vezes, mas apenas saber que ele estava lá, lhe deu uma sensação de segurança. Nunca poderia imaginar pegar o celular para ligar para o detetive Smith ou Terrell, e de repente se sentiu muito sozinha nessa situação toda.



Capítulo 17

—Pensei que você fosse para São Francisco ver os seus pais, nesta sexta-feira.

—Eu decidi ficar aqui. — Stephens estava mantendo um olho sobre ele. Molly tinha ligado para ver se poderia ir buscar os meninos na escola, antes do horário normal, na sexta-feira e, naturalmente, Stephens tinha ouvido.

—E isso não tem nada a ver com uma certa professora que está fora dos limites para você e que tem um admirador secreto que fica a atormentando, não é?

Ele olhou para Stephens através da mesa, mas não disse nada. Será que realmente queria mentir? Era, completamente, tudo a ver com ela. Já era difícil lidar com o fato de que não fazia mais parte do caso. Era igualmente difícil, saber que não podia falar com ela. Mas viajar para longe dela, por algum motivo, era impossível. Estava com medo que algo fosse acontecer e, mesmo estando sentado em casa sozinho, ele precisava estar perto.

Tinha falado com Molly sobre isso na noite anterior e ela não queria que ele fosse na viagem, tanto quanto ele não queria ir. Ela

entendeu por que Dillon precisava estar aqui, mas o homem sentado em frente parecia não entender nada disso.

—A não ser que você queira que eu seja honesto, eu sugiro que você não pergunte. — Stephens bateu sua caneta na sua mesa enquanto observava Dillon. Ele estava considerando, exatamente, o que queria ou não dizer sobre o assunto, e Dillon o encarou.

—Você vai ficar longe dela, certo?

Dillon concordou.

—Não tenho muita escolha, tenho?

—Então, eu acho que eu não vejo o ponto.

—Você não precisa entender.

Dillon estava achando difícil tirar os olhos de Smith e Terrell do outro lado da sala. Tinha sido assim durante toda a semana. Ele estava se torturando com eles. Ele detestava, quando eles não estavam na delegacia porque se perguntava onde diabos estavam. Ele detestava quando estavam lá porque só de olhar para eles, era como um tapa na cara. Isso não tinha passado despercebido por seu parceiro e, cada vez em que os olhos de Dillon mudavam para eles, Stephens balançava a cabeça em desacordo.

Quando o celular de Terrell tocou e Dillon foi forçado a assistir em como o homem ficou tenso e murmurou algumas palavras para Smith e depois, ambos pegaram os seus casacos, a ansiedade dele disparou. Fosse o que fosse, não era bom. Saíram, olhando rapidamente para ele e deixando os olhos de Dillon observá-los.

Ele ficou tentado a segui-los, mas se achava que antes estavam aborrecidos, nem queria imaginar se fosse ousado o suficiente para se meter em sua investigação. Mas não havia como esconder o pânico. E quando se levantou e começou a andar em torno da mesa, odiando a ausência deles, ele começou a pensar.

Ele tinha que ir embora dali antes que perdesse a cabeça. Não havia nenhuma maneira que pudesse continuar ali sentado, sabendo que estava acontecendo alguma coisa. Ele olhou para seu telefone celular e, em seguida, para o relógio. Eram seis horas de uma quarta-feira à noite. Ela deve estar na sua aula. Puta que pariu! E se algo aconteceu com Josh Grant? E se ela nem mesmo chegou à classe porque algo aconteceu no meio do caminho? Dillon começou a clicar a caneta em sua mão, enquanto andava para trás e para frente consecutivamente.

Stephens continuou a observá-lo, silenciosamente, apenas olhando para seu parceiro. Provavelmente achou que tinha perdido a cabeça, mas a Dillon realmente não se importava com nada que Stephens pensava dele. No momento em que decidiu que não se importava com o que seu chefe pensava, dizia ou fazia com ele, seu parceiro se levantou.

—Você vai me deixar louco.

—Eu não posso continuar sentado aqui. — Ele balançou a cabeça em resignação. Ia perder a porra do emprego por causa disso, mas não havia nenhuma hipótese que pudesse permanecer sentado sem saber o que diabos estava acontecendo. Alguma coisa estava acontecendo, porra!

—Acalme-se. Você fique quieto ai. Eu vou descobrir o que está acontecendo. Mas não saia da porcaria dessa mesa ou vamos acabar ambos em apuros.

Ele se sentou e olhou para seu celular enquanto Stephens saía. Não podia ligar para ela. Mas precisava disso. Tinha que ligar. Seus dedos tremiam quando pegou o aparelho e discou enquanto olhava em volta para se certificar de que Stephens não ia voltar tão cedo. O homem estava sendo estranhamente útil, mas não queria ser apanhado tentado falar com ela.

Conforme o celular tocava, seu coração batia forte, como sempre acontecia cada vez que sabia que ouviria a voz dela. O fato de que ela não estava atendendo, para lhe assegurar que estava tudo bem, deixou o seu coração batendo ainda mais forte, a cada segundo. Por fim, foi para o correio de voz e ele desligou.

Levantou-se e voltou a andar de um lado para o outro. Porra! Ele sentia como seu corpo fosse partir ao meio. Agora sabia como era a sensação de ficar louco, porque a qualquer momento deixaria de ser capaz de guardar toda essa necessidade de gritar o mais alto possível, para libertar a tensão que estava se acumulando no peito. A sua garganta estava em chamas por estar se contraindo dolorosamente e ele estava ofegante como se fosse a única maneira que tinha para não desmaiar.

Quando agarrou o casaco e o telefone, estava tudo acabado. Tinha tomado uma decisão e não ia dar a mínima para mais nada. Não se importava se isso significasse que sua carreira terminaria. Não se importava se não deveria ir vê-la. Se Greenwood tinha dito explicitamente para ficar longe dela. Ele

simplesmente, não se preocupava com mais nada, exceto de ficar com ela.

Virou-se tempestivamente para sair da sala, esperando conseguir estar fora do edifício, antes que Stephens voltasse e tentasse detê-lo e foi quando ficou, cara a cara, com o seu terror. Estava todo escrito no rosto de Stephens.

Stephens não demostrava muito na cara, mas quando finalmente o fez, era lhe dando um aviso. Ele ficou na frente de Dillon com os olhos arregalados e o rosto preocupado. Ele quase parecia estar com medo de falar e suas mãos ergueram-se lentamente, como se tentasse abrandar o ritmo os movimentos dele. Mas não havia nenhuma razão para isso. Dillon estava atordoado e parou, na expectativa, ao ver a expressão séria no rosto Stephens.

—O quê foi? — Ele mal conseguia falar e soava engasgado.

—Algo aconteceu. — A voz de Stephens quebrou por um segundo e Dillon alcançou a mesa mais próxima para se segurar porque, de repente, parecia estar tudo longe demais dele. Sua cabeça estava cheia e não tinha certeza se podia suportar ouvir o resto que Stephens tinha a dizer.

Ele fez a única pergunta para a qual precisava de uma resposta imediata e lutou para ficar de pé.

—Ela está viva?



Ela só estava na casa de Imogen durante quinze minutos e nesse espaço de tempo, já tinha conseguido deixar cair a cafeteira, quebrando-a e derramando o café que deveria ajudá-la a passar por sua aula, naquela noite. Também passou 30 minutos tentando encontrar Kitty, que estava organizando uma greve de gato, em protesto por ter sido arrancada de sua casa.

Graças à ridícula casa grande de Imogen, a gata velha não podia ouvir Katrina chamá-la, ela quase desistiu, até que ouviu o som bizarro do miado de Kitty vindo da despensa, onde aparentemente, a trancou naquela manhã. Mais dez minutos para limpar o xixi da gata e estava finalmente pronta para sair. Infelizmente, estava quase quarenta minutos atrasada.

Estava já chegando ao portão da casa de Imogen, andando para a parada de ônibus mais próxima quando parou e olhou para o chão por um minuto. Ela estava lutando contra o senso comum e com Dillon em sua mente e, finalmente, disse a ambos para se foderem, voltando para a casa. Entrou em seu carro e partiu, resmungando o tempo todo. Dillon estaria lívido, não havia dúvida. Mas, ele não importava mais e ela estava super atrasada.

Ela acelerou, ultrapassou pessoas e até mostrou-lhe o dedo, duas vezes, tudo antes dela conseguir chegar a entrada da garagem e dirigir seu pequeno carro como se fosse um carro de corrida, até que encontrou um lugar. Se tivesse pego o ônibus, provavelmente ainda estaria longe. Pulou as escadas de dois em dois degraus e abriu a porta para a entrada do quarto andar do edifício. Deveria levá-la diretamente ao final de um corredor deserto e era uma rota mais rápida para a sua sala de aula.

Katrina não estava inteiramente certa do que a impediu de passar pela porta do corredor. Tudo que sabia era havia sido parada e incapacitada de avançar. Ela tinha a sua bolsa e maleta do laptop por cima do ombro e ambas ficaram presas em alguma coisa.

A despreocupação é uma cadela! Percebeu, tarde demais, que deveria ter continuado andando. Talvez se tivesse abandonado suas coisas que estavam a puxando para trás, ela poderia ter chegado a segurança. Mas ao não perceber que o impedimento se devia às fortes mãos de um lunático que seguravam suas bolsas e a puxava de volta para a escada, ela não tinha percebido o perigo que se escondia atrás dela até que fosse tarde demais.

Katrina se virou para libertar as bolsas e, no momento em que o fez, uma mão saiu de dentro da porta da escada para segurar e torcer seu cabelo, arrastando-a dolorosamente de volta para a escada. Sabia que estava perdida no instante em que avistou a mão vindo em direção a sua cabeça. Nenhuma quantidade de puxar, lutar e se agarrar a soleira da porta, poderia impedir ele de a dominar com sua força.

Ouviu o clique do trinco da porta pesada atrás dela e seu coração afundou. Isso ia ser ruim. Isso muito provavelmente ia matá-la, e tudo por quê? Porque ela tinha sido estúpida o suficiente para valorizar seu tempo mais que sua segurança. Ficou congelada, de frente para o homem. Ele usava outra máscara de esqui preta e seus olhos claros a olhavam. Ele soltou seu cabelo e estava simplesmente parado na sua frente, com as

mãos levantadas, como se estivesse desafiando ela, a tentar passar por ele.

Ele estava bloqueando a escada que levava para o andar de baixo, e mesmo que ela estivesse mais perto das escadas que conduziam para o andar superior, podia imaginar o que aconteceria na sua mente, enquanto implorava aos seus pés para se moverem. Sabia que ele ia apanhá-la. Katrina não tinha ideia do por que ou como sabia, mas assim que ela disparou escada acima, sua mão agarrou a parte de trás de seu tornozelo. Não havia um pingo de surpresa ai. Ela caiu na escada, batendo seu joelho fortemente na borda de um dos degraus e gritou.

Seu grito ecoou pelo vácuo e foi o som mais deprimente que já ouvira. Eram seus pesadelos se tornando realidade, era seu fim, foi tudo o que ela temia, mas tinha sido muito estúpida para evitar.

Estava tudo acabado e sabia disso. Tinha conseguido retirar suas bolsas do ombro e as tinha abandonado no chão, enquanto ela tentava subir as escadas com mãos no chão, ele a pegou pela gola do blazer que usava.

Katrina puxou os braços para atrás, permitindo que o blazer deslizasse fora dela, deixando livre seus braços, ao invés, de deixá-lo puxá-la para trás escada abaixo. Mas, mesmo se libertando dele por um breve momento, não foi suficiente.

Ele se lançou sobre ela novamente com um grunhido que emanava de sua garganta. Katrina não tinha sequer chegado ao meio da escadaria quando ele agarrou o cabelo dela, a puxando rapidamente para trás.

Katrina agarrou, desesperadamente, o corrimão da escada para impedir de ser atirada para baixo. Ela se agarrou ao corrimão, vendo suas mãos escorregarem ao longo do metal pintado da grade. Não consegui se impedir de descer, indo para trás, mas não estava caindo. Foi um momento estranho quando ele puxou seu cabelo e ela caiu no degrau abaixo. Isso a fez torcer o joelho e ela gritou de novo, querendo manter a maldita boca fechada.

Ela deveria ter feito muito barulho, mas estava com medo que fosse irritá-lo demais. Ela foi arrastada pelas escadas, sua frágil blusa puxando para cima e a parte inferior das costas dela saiu raspando na tinta desgastada que revestia as beiras dos degraus, destinado para evitar que as pessoas escorreguem na escada.

A dor em sua pele na parte inferior das costas por ter ralado nos degraus era ruim. Estava choramingando pateticamente e implorando quando ele soltou o seu cabelo. Seus apelos ecoavam para cima e para baixo na escada, assim também como seus gritos. E ela começou a chorar, tanto de pura tristeza, como de medo.

Cambaleou em seus pés, incapaz de parar as lágrimas que estavam caindo. Ele ficou para trás e assistiu. Katrina achou que ele estava se divertindo, dada à forma como sutilmente inclinou a cabeça para o lado e a observou com calma. A calma não durou muito. No momento em que ela ficou de pé, ele deu um passo rápido em sua direção, deu um soco em sua barriga e jogou seu corpo na parede de trás.

Katrina colidiu com a parede de cimento áspero e engasgou, tentando desesperadamente puxar o ar, escorregando pela parede. Os tijolos rasparam duramente contra a pele nua de seu ombro enquanto deslizava para baixo e quando sua bunda bateu no chão, começou a ficar nauseada.

Ela ainda estava tentando fazer com que seus pulmões funcionassem e seu estômago estava doendo ainda dos socos que tomou, até em suas costelas. Quando ele se ajoelhou na sua frente enquanto continuava lutando para respirar, era para afastar seu cabelo de sua testa e puxar sua cabeça para cima, para olhar em seus olhos frios e maus.

—Você não pode acreditar quanta dor eu posso te dar. — Suas palavras sussurradas por entre os dentes. Ela estava segurando seus olhos, incapaz de desviar o olhar.

A mão dele foi para o seu pescoço e ele agarrou, empurrando-a para trás na parede e cortando suas vias respiratórias, e ela arranhou desesperadamente seu pulso. Sua mão livre foi para o decote baixo da blusa e, embora não pudesse ver o que ele estava fazendo, ainda podia sentir quando o tecido foi arrancado abaixo de seu peito.

O ar frio fez cócegas em sua pele exposta e então, sentiu dor. Dor agonizante e cegante no seu peito, irradiando dos seus seios. Ela podia sentir um calor escorrendo de sua pele e quando sua mente começou a ficar confusa e seus ouvidos começaram a zumbir, sabia que estava sangrando. Podia sentir a falta de oxigênio em sua cabeça, mas isso não aliviou a dor lancinante no peito.

E então... não havia mais nada.



De repente ela estava acordada, sendo arrastada pelos cabelos novamente. O formigamento que atravessava sua cabeça e pele, disse-lhe que ficou inconsciente e ao olhar para baixo, viu o sangue em seu peito nu, mas não podia ver qual era a lesão. Ele parou, puxando-a e ela ouviu quando ele hesitante abriu a porta para o nível do estacionamento. E então, estava sendo arrastada novamente. No momento em que atravessou a porta, começou a lutar outra vez. Ela estava finalmente em um espaço aberto e se pudesse se livrar dele, poderia correr, poderia se esconder, poderia gritar por ajuda.

Katrina estendeu a mão e cravou as unhas em seu pulso. Ele rosnou, parou de se mover e, em seguida, bateu com força no seu rosto. Mas ela estava pronta para lutar agora e começou a gritar, fugindo dele, deixando-o arrancar seus cabelo enquanto lutava para fugir.

Ela conseguiu, mas ele a pegou novamente pela perna, derrubando-a no chão. Ele começou a puxá-la pelos tornozelos através do piso. Sua camisa estava toda esfarrapada e não fez nada para proteger sua pele neste momento e podia sentir as pedrinhas e areia do cimento sujo passando pelas suas costas, enquanto ele a arrastava.

Mas, depois ela ouviu. O som do céu. O som de segurança. O som da esperança. A princípio, apenas pneus passando,

fazendo volta após volta em espiral, na garagem subterrânea. Ainda estava um pouco longe, mas o carro estava se aproximando. Se ela conseguisse sair do meio da fila por onde ele a estava arrastando...

Katrina começou a chutar, arranhar o chão e manteve suas mãos segurando um pneu por um momento, antes dele a puxar. Mas, em seguida, ela pegou no painel lateral do carro. Enfiou a mão debaixo, sentindo o metal e apertou com força. Ele a puxou e, pego de surpresa pela sua incapacidade de movê-la, ele tombou para trás.

Ela rolou em seu estômago e, em seguida, ficou de joelhos, correndo por entre os carros. Podia ouvir o som de sua fúria, rosnando atrás dela e estava tão aterrorizada que forçou as pernas para correrem com mais força e mais rápido do que teria pensado ser possível.

Não ia morrer hoje. Não nessa porra de dia! Ela estava chorando, estava gritando e estava correndo, com o conhecimento de que, sua vida dependia completamente disso. E então ele estava lá. Apenas um carro azul compacto. O jovem ao volante olhou assustado, os olhos arregalados e aterrorizados com a visão dela.

Katrina não perdeu nem um segundo antes de correr para a porta do passageiro, abriu-a e sentar ao lado dele. E o cara, permaneceu ali atordoado enquanto ela trancava a porta.

—Dirija rápido! — Ela gritou com o pobre homem como se estivesse furiosa com ele por não saber o que fazer.

Ele, finalmente, conseguiu voltar a colocar o pé no acelerador e ela caiu para trás no assento. Ele tentou parar uma vez, perguntando se devia chamar a polícia. E Katrina gritou para conduzir e não parar, até que estivessem totalmente fora da garagem. Ele encostou no acostamento, bloqueando um beco,



mas a rua estava movimentada e ela sabia que estava a salvo.

As próximas duas horas foram um borrão. Havia uma ambulância e havia luzes. Ela estava lúcida e completamente consciente, mas seu cérebro simplesmente não queria lidar com nada. Então, fechou os olhos e ignorou todos os sons e vozes. O hospital não era melhor. Eles tiraram fotos e a remendaram.

O filho da puta tinha usado seu peito esquerdo como uma placa de escultura. Os cortes foram superficiais e não exigia pontos, uma boa quantidade de adesivo líquido e alguns band-aids em forma de borboleta resolveram. As suas costas estavam doloridas, a parte superior do seu estômago estava dolorida demais, onde ele deu um soco nela e seu corpo apenas doía em toda parte. Mas teria sido condenada ao inferno, se não sobrevivesse. Não deveria estar viva.

Os detetives Smith e Terrell chegaram. Eles fizeram inúmeras perguntas, mas ela lutou para prestar atenção. Katrina contou a história o melhor que podia e eles finalmente calaram a boca. A fotógrafa, a mesma loira da outra vez, tirou fotos de seu

seio nu, das suas costas, de seu estômago. E, eventualmente, uma assistente social entrou e perguntou se ela queria falar sobre o assunto. O caralho, não. Não queria falar e gostaria de nada melhor do que enfiar um pano na garganta da assistente social para fazê-la calar a boca também.

—Você tem alguém que pode chamar para ficar com você?

Dillon.

—Não. — Ela murmurou a palavra quando as lágrimas encheram seus olhos. —Eu só quero ir para casa. Alguém pode me levar para casa?

A assistente social se desculpou e logo após, Smith e Terrell voltaram. Terrell ofereceu seu braço quando se levantou. Seu corpo estava dolorido e estava cansada, mas contra todas as probabilidades, conseguiu sobreviver a tudo. Mais quantos ataques seriam necessários antes que o Sr. Louco tivesse sucesso? Ela poderia estar um pouco ferrada.

Katrina desabou no sofá de Imogen, logo que os detetives finalmente saíram. Eles vasculharam a casa e a propriedade antes de irem embora com a promessa de que um carro de patrulha faria sua segurança. Estava quase exausta demais para ter medo. Quase. Mas, então, olhou ao redor da grande sala de estar de Imogen e ouviu o silêncio em torno dela, seu pulso se acelerou e o terror instalou-se outra vez.

Estava deitada no sofá, tremendo e lutando contra o pânico por algum tempo, quando escutou uma batida na porta. Quando ela espiou pelo olho mágico, começou a soluçar e abriu a porta.

Ele a pegou em seus braços, fechando a porta atrás dele, enquanto se moviam.

—Você está bem, baby. Eu tenho você agora. — Ele estava se movendo através da casa e a cabeça dela estava enterrada em seu pescoço, soluçando. Ele sentou-se, a segurando forte e não se mexeu. Dillon sussurrou baixinho e ela lentamente adormeceu nos braços dele.



Capítulo 18

Katrina acordou com o som de movimentos na cozinha. Estava no sofá, o que era provavelmente uma coisa boa, considerando que era fácil limpar o couro e ela não tinha mudado de roupa. Suas roupas estavam cobertas em sangue seco e o que não estava com sangue, estava coberto de poeira e sujeira. Quando ela olhou para a cozinha ele estava lá, a observando. Katrina se arrastou do sofá e começou a se mover em direção a Dillon. Seu estômago estava vibrando com borboletas e não conseguia discernir perfeitamente o humor dele.

—Pensei que não deveríamos nos ver. — Ela estava tentando ser engraçada, provavelmente fazendo uma tentativa de merda, mas essa foi sua intenção.

Seu olhar intenso foi toda a resposta que recebeu.

Contornou o balcão para estar mais perto dele, enquanto Dillon a olhava de cima a baixo. Sabia que estava parecendo uma merda. Sua parte mais limpa era a camisa que tinham dado a ela no hospital para substituir a blusinha que foi destruída no meio da luta.

—Nós deveríamos estar nos vendo?

Ela teve uma resposta neste momento.

—Não.

—Então...

—Você poderia ter morrido. — A expressão dele não tinha suavizado nenhum pouco. Dillon não parecia estar com raiva ou feliz, apenas ilegível.

—Mas eu não morri.

—Você poderia ter. — Sua voz levantou-se a um volume exigente. Ilegível se transformou em raiva num flash.

—Então é por isso que você está aqui? Para gritar comigo?

Seu rosto suavizou ligeiramente e um sorriso sutil, sem humor, assumiu sua boca.

—Não. Tenho a intenção de fazer amor com você também. Entretanto, eu pensei em gritar para riscar isso da lista primeiro.

Ela engasgou, mesmo enquanto seu corpo corou com o calor.

—Eu realmente não estava tentando irritá-lo.

—Vou levar isso em consideração. Mas não muda o fato de que você tomou uma decisão estúpida que quase lhe custou à vida.

Ele pode não estar gritando, mas também não estava se contendo.

—Estou extremamente irritado, Katrina. Você não pode imaginar como eu estou com raiva. — Ele a olhou sério e ela ficou

lá, como uma criança mal-humorada na sua frente. —Eu também estou muito aliviado. Agora parece que você precisa de um banho e eu estive esperando por muito tempo para ver o quão impressionante você é, por baixo dessas roupas.

Katrina não conseguia parar de ofegar depois de tudo o que o homem disse. Não tinha pensado que iria vê-lo novamente, certamente não neste contexto. Mas aqui estava ele, de pé na frente dela, irritado com sua estupidez, ainda assim, com ela. Não estava se afastando, não estava dizendo que eles não poderiam ficar juntos. Na verdade, muito pelo contrário, estava desistindo, estava deixando claro o que ele pretendia.

—Lamento desiludi-lo, mas o que está embaixo das minhas roupas, não é muito para se olhar nesse momento. — Ela tentou suavizar sua postura dura, mas estava só os nervos, no momento.

Ele riu baixinho conforme pegava na mão dela.

—Onde está o chuveiro? — Ela tremeu, mas o levou lá em cima para o quarto de hóspedes com banheiro. Nervosa era um eufemismo. Katrina tinha estado obcecada com isso por muito tempo e agora, quando parecia horrível, ele estava pronto. Ela preferiria estar esperando por isso toda limpa e depilada, não com poeira e sujeira cobrindo noventa por cento do seu corpo. Mas temos que aceitar o que a vida nos dá. E ela também estava pronta para isso, alias, mais do que pronta.



A mão de Dillon tremia e seu corpo pulsava de necessidade. Essa necessidade incrível de possuí-la e tê-la pronta para ele, desde o momento em que ouviu Stephens pronunciar as palavras:

—Ela vai ficar bem. — Não estava realmente convencido disso até que Katrina abriu a porta e foi capaz de tocá-la. Mas, uma vez que ela estava em seus braços, ele se decidiu. E por mais que essa decisão fosse imprudente, não ficaria mais longe dela.

Sentou-se, a segurando no sofá na sala de estar, por quase toda noite. Ele cochilou com a testa encostada na dela, mas se recusou a deitá-la ou se separar de seu corpo. Quando seus músculos começaram a doer e ele não podia ignorá-los por mais tempo, deitou-a gentilmente no sofá, cobriu-a com um cobertor e ligou a chaleira. Precisava de café, mas apesar de encontrar a máquina e os grãos de café, não foi capaz de encontrar a cafeteira para fazer.

Kitty se enrolou nos seus pés enquanto ele esperava Katrina acordar e uma vez que a viu se mexendo no sofá, sua virilha ficou pulsando e a necessidade possessiva se afundou em seu corpo novamente. Ele estava furioso. Irritação e raiva estavam agitando sob a superfície, mas, foram eclipsados, eficazmente, pelo seu

desejo, necessidade e alívio absoluto. Ele não queria fazer nada, a não ser colocar as mãos sobre Katrina. Colocar sua boca na dela e seu pau dentro dela.

Agora, a seguindo pela escada, se deu conta da roupa suja e manchada de sangue que ela estava usando. As queria fora dela. Apenas ver o sangue deixou seu coração batendo e seu cérebro zumbindo com terror.

Stephens tinha enviado uma mensagem de texto, uma vez que ela deixou o hospital. Ele conhecia Terrell bem o suficiente para saber que o homem iria mantê-lo informado se pedisse e, Stephens, por algum motivo que Dillon ainda não tinha descoberto, estava usando essa conexão para o seu benefício.

Com um táxi e um pouco de discrição, para ficar escondido do carro da patrulha que estava dirigindo constantemente por lá, ele a tinha em seus braços onde precisava que ela estivesse.

Katrina não parava de tremer e, quando ele abriu o enorme chuveiro, ela permaneceu no balcão da pia esperando.

—Tire a roupa. — Ele segurou seu olhar enquanto seu tremor aumentava violentamente. Parte dele queria ajudá-la, aliviá-la de alguma maneira, mas parte dele a queria desconfortável daquela maneira. Afinal, apesar de tudo, ainda estava com raiva. E, apesar de que fosse se certificar de que ambos fossem gostar disto, ele ainda queria que ela entendesse o quão furioso estava. Era uma estranha combinação de necessidade e fúria.

Katrina puxou a camisa sobre a cabeça. Estava sem sutiã e seus olhos foram instantaneamente para seu seio, coberto de

bandagens borboleta. Dillon não sabia os detalhes e mesmo sabendo que ela foi estrangulada e que tinha alguns pequenos cortes, arranhões e contusões, ele não tinha imaginado isso.

O que ele viu foi feito muito intencionalmente. Não havia nada casual sobre isso. As linhas retas precisas poderiam ter sido feitas com um bisturi e conforme absorveu o dano, respirou fundo, um nó que cresceu na garganta. Os olhos dela não conseguiam encontrar os seus e ela olhou para seu seio.

—Como isso aconteceu? — A voz dele tremia enquanto falava. Ela tinha seios lindos com pequenos mamilos rosados e ele queria se concentrar apenas nisso, mas as linhas vermelhas em sua pele estavam sendo impossíveis de ignorar.

—Ele me cortou com alguma coisa. Eu não tenho certeza do que era. O médico literalmente colou a pele de volta junta. Meio louco, não é. — Katrina riu, mas estava nervosa e ele jurou que viu em seus olhos lágrimas, mesmo enquanto ria. Dillon cedeu e andou até ela, puxando-a em seus braços.

—Eu realmente estou muito bravo com você. — Ela assentiu contra seu peito. —Se você for tão descuidada com a sua vida de novo, eu prometo a você que eu vou gritar, mas agora, eu não posso.

Ele se inclinou para seu pescoço e a beijou enquanto suas mãos viajaram até a cintura da calça jeans. Ele desfez o botão e abaixou o zíper, e os músculos do estômago dela contraíram e tremeram sob seu toque. Dillon podia ver a grande ferida que ia até em cima do ombro, pelo espelho atrás dela. E a parte inferior das costas parecia machucada e arranhada. Quando ele

empurrou seu jeans para baixo dos seus quadris e deixou-os cair, quase engasgou com a visão de seu traseiro.

Katrina era linda e pura. Tinha uma cintura incrivelmente, pequena e uma bunda redonda adorável, perfeitamente tonificada. A pele dela era suave e branquinha e seu pênis estava flexionando e lutando para se libertar. Não havia nada mais impressionante do que a visão dela.

Suas mãos a seguraram pela cintura e ele apenas olhou. Tinha imaginado que ela teria um corpo bonito, mas era totalmente outra coisa, finalmente tirar suas roupas e ver o quão incrível era a pele lisa pálida e a sua figura perfeitamente cheia de curvas.

—Entre. — Era pouco mais que um sussurro quando falou e ela passou por ele para entrar no chuveiro. Dillon se despiu rapidamente e, quando entrou, ela estava de pé sob o grande chuveiro com o rosto inclinado para cima na água e os olhos fechados. Katrina passou as mãos pelo cabelo e ele ficou contra a parede com os braços cruzados simplesmente assistindo.

Seu olhar encontrou seu sexo. Ele ainda não tinha posto os olhos naquela parte dela e foi capturado pela visão dos pequenos lábios de seu sexo, como foi pela visão de sua bunda. Ela estava completamente depilada e não deixou nada para a imaginação, exceto, talvez, como a pele sedosa entre aqueles lábios se sentiria no seu pau ou o gosto que teria.

Katrina o pegou olhando e suas bochechas pálidas coraram em carmesim e seus olhos se encontraram. Mas, em seguida, seu olhar começou a viajar cada polegada de seu corpo e sua boca se

abriu. Ele a deixou observá-lo, podia sentir seu pênis se contraindo contra seu estômago. Dillon acariciou o comprimento de sua ereção, sabendo muito bem que ela estava olhando. Não estava necessariamente tentando chocá-la, mas ele precisava do toque. Precisava do toque dela, mas estava disposto a se contentar com o seu próprio, até que ela estivesse pronta.

Andou até ela e se inclinou para beijá-la na boca. Katrina pegou o seu pênis e a deixou tocá-lo desta vez. Ela apertou o eixo suavemente e ele gemeu em sua boca.

—Vire-se. — Ele disse enquanto ainda tinha forças para falar. Mais um tempo com seu toque e poderia perder sua capacidade de falar completamente. Ela o soltou e se virou lentamente.

Ele puxou o cabelo para o lado de seu ombro machucado e deixou sua boca sobre seu ombro bom. Seu outro ombro parecia dolorido e ele ensaboou uma toalhinha que pegou quando entrou no banheiro e passou suavemente sobre a pele ralada. Ela estremeceu e puxou o ombro para frente por um momento, mas acabou voltando, enquanto se ajustava ao toque doloroso. Percorreu o resto de sua pele, lavando cuidadosamente a poeira e a sujeira para fora de seu corpo.

Passou-a sobre ela, querendo fazer desaparecer essa toalha para que ele pudesse tocar a sua pele com as mãos. Quando foi para trás dela, passou-a na sua parte de baixo, em suas pernas, mas mantinha os olhos grudados em sua parte inferior. Inclinou-se e beijou suavemente a pele pálida de seu rosto e ela gemeu baixinho. Acabou abandonando a toalhinha aos seus pés e

movendo sua boca até a parte inferior das suas costas enquanto ajoelhou-se atrás dela e puxou-a em seu corpo com uma mão cobrindo cada osso ilíaco[9].

Seu peito estava encostado na parte inferior dela, tomou o seu tempo beijando tudo à sua volta enquanto suas mãos acariciavam seus quadris. Quando conseguiu ficar completamente de pé, seu corpo cobria toda a sua zona traseira e ele esqueceu totalmente a toalhinha que agora estava no chão. Virou-a e empurrou o seu corpo contra a parede atrás dela e depois de encontrar sua boca e empurrar sua língua entre os lábios o tempo suficiente para deixar ambos ofegantes, pegou a pequena toalha esquecida no chão e começou a limpar seu pescoço.

No pescoço, aparecia o vermelho vivo, onde ela tinha sido agarrada mais de uma vez e por isso foi cuidadoso enquanto passava o pano para baixo da linha do pescoço até o peito. Quando ele viajou para baixo em seu estômago, seus músculos se contraíram debaixo da sua mão. Ele não mergulhou muito a mão entre os lábios de seu sexo, quando segurou a toalha entre suas pernas. Em vez disso, se moveu rapidamente para lavar a frente de suas pernas, antes que pudesse ficar muito fascinado com sua boceta. Katrina lavou o cabelo rapidamente, e ele corria o chuveirinho sobre seu corpo enquanto ela o assistia.

Quando finalmente acabaram, ficaram lá vendo a sujeira circulando o ralo, mas ela estava limpa e ele estava tão,

---

9 Ossos do quadril.

excessivamente, desesperado por ela que estava quase ficando louco de luxúria.

Katrina seguiu-o para o quarto quando ambos estavam secos e ele sentou-se na beira da cama king-size. Para um quarto de hóspedes era um pouco grandioso. Era grande, com tetos excepcionalmente altos, uma grande varanda e uma vista maravilhosa do lago Washington. Ela observou-o atentamente, tentando decidir o que fazer. Ele podia ver o nervosismo em sua expressão e pensou que era o mínimo que ela merecia, por colocar-se em perigo e o deixar tão preocupado.

—O que você quer que eu faça? — Dillon quase derretia na insegurança em sua voz. Katrina era peculiar, mas também era um pouco ousada quando queria ser. Normalmente, fazia o que queria e perguntava o que queria perguntar, mas agora, apenas parecia aterrorizada. Seu nervosismo era a única punição que ele tinha por seu comportamento estúpido e, ele estava indo para apreciá-lo imensamente.

—Eu quero vê-la em suas mãos e joelhos, se você está confortável nessa posição.

—O quê? Por quê?

Ele sorriu gentilmente e ela corou. Isso por si só fez o seu pau pulsar.

—Eu quero te ver toda. Eu quero te tocar toda. Eu quero espalhar seus lábios abertos, beijar sua boceta e provar você. Eu quero cada polegada de seu corpo, bem visível. — Ela estremeceu ao som de sua voz ou talvez tenha sido as palavras que estava

dizendo. Quando disse que tudo bem, seu pau não apenas pulsou, ele saltou.

—Onde? — Sua voz era calma e insegura. Ele estava começando a amar esse som.

—Em cima da cama. Olhando para longe de mim. — Sentou-se na cama ao seu lado e puxou a sua boca. Seus lábios tremiam quando a beijou. Ela o deixava sentindo-se, como se estivesse ficando louco, mas na melhor maneira possível e, quando mudou de posição, mostrando seu traseiro para ele primeiro, antes de empinar os quadris expondo tudo, ele gemeu.

Não havia nada que ele queria ver que não podia.

—Você pode colocar seu peito na cama sem se machucar? — Ela começou a deixar cair o peito para baixo. —Agora, mantenha sua bunda para cima. Muito bom. — Era mais do que bom. Seu peito baixou e empurrou a sua bunda para um ângulo ainda melhor e abriu as bochechas de seu traseiro para ver tudo.

Ele passou seus dedos para baixo através dos lábios pequenos e gordos na junção de suas coxas e ela choramingou. Os músculos que tinha na parte de trás de suas coxas se tensionaram até sua bunda e ele não podia deixar de gemer. Usou os dois primeiros dedos de uma mão, para abri-la, espalhando os lábios de sua boceta. Ela estava brilhando e era rosada. Ele inalou uma respiração irregular quando visões de seu pau empurrando profundamente em sua boceta começaram a atacar sua excitação.

Ele estava pronto antes mesmo de tê-la sobre a cama. Agora, só estava se torturando com ela, mas era uma tortura incrível.

Ela era impressionante. Deixou seus olhos lentamente passear até a fenda de sua vagina, para a pele lisa que levava ao ânus. Ele não se importaria de tocá-la lá também, mas dado o tremor de suas pernas, sua própria paciência estava se esgotando.

Ele se inclinou, e, quando sua língua acariciou a pele rosada de sua boceta, ela gritou. Dillon deixou a língua encontrar sua entrada e, em seguida, empurrou para dentro. Podia sentir o tremor de suas paredes apertando, tremendo e pedindo por mais e ele estava indo para lhe dar isso. Cada polegada que pudesse tomar. Transaria com Katrina bem forte ou bem suave, como ela quisesse, desde que ela tomasse tudo dele dentro de seu núcleo. Queria ser enterrado dentro dela sem um pingo de espaço entre eles.

—Dillon. — Katrina estava gemendo seu nome quando sua língua empurrou nela. —Por favor. Por favor. — Ela ficava repetindo enquanto ele ia em direção ao clitóris e enquanto o acariciava e chupava, a levou para espasmos do orgasmo, ela continuou implorando.

Suas coxas tremiam e quando o orgasmo a atingiu, ela caiu na cama. Ele se arrastou até o seu corpo, deixando sua ereção arrastar sobre a pele de seu traseiro enquanto ela se contorcia embaixo dele.

—Você é linda. — Ele sussurrou em seu ouvido e sua respiração a deixou. —Você pode deitar sobre suas costas ou você está muito dolorida? — Ela rolou, levantando as mãos acima da cabeça, mas parou, segurando sua bochecha e puxando sua boca para sua.

Ela tinha um sabor extraordinário e ele ainda sentia o gosto da sua deliciosa boceta. Seu pau estava em seu estômago, pulsando contra sua pele e quando ele alcançou entre seus corpos. A mão que ela tinha colocado em sua bochecha seguiu para baixo entre seus corpos também. Dillon usou a cabeça do pênis para provocar a protuberância apertada e inchada do seu clitóris e Katrina usou os dedos para separar os lábios, abrindo-se para ele. Ele podia sentir as pontas dos dedos dela roçando nele e gemeu apenas por isso.

Ela deixou os dedos no lugar enquanto ele se alinhava em sua entrada e empurrou bem devagar, sentindo o eixo de seu pau correr entre seus dedos antes de empurrar para além de seus lábios e no calor de seu corpo.

Ela estava escorregadia com sua necessidade, mas também estava excepcionalmente apertada em torno dele. Dillon retirou um pouco, empurrando de novo, desta vez mais profundo. Katrina gritou com a invasão e ele observou seus olhos. Ele podia ver a dor, mas a necessidade também era inegável. Seus dedos permaneceram lá, emoldurando sua boceta enquanto ele mergulhava, recuava e depois, afundava um pouco mais profundo. Estava empurrando lentamente na sua boceta e quando finalmente empurrou até o final, deixando suas bolas descansarem contra sua bunda, ela gritou e seus olhos se abriram em espanto.

Ele esperou. Observou seu rosto, esperando pacientemente seus músculos relaxarem. Katrina tirou a mão por entre seus corpos e ele enfiou um pouco mais profundo e ela gemeu e gritou.

—Oh Deus, Dillon. — Katrina estava ofegante e ele apertou os quadris entre suas pernas enquanto ela agarrava seus ombros. Podia sentir a umidade em seus dedos, cruzando a parte de trás de um ombro enquanto ela o arranhava, pela intensidade de sua profundidade.

Ele estava tão pronto para foder, mas queria que ela estivesse pronta também e por isso, foi paciente. Ele apreciou suas expressões faciais, conforme ela se acostumava lentamente com sua largura e comprimento. Sabia que era grande e sabia que estava empurrando seus limites, mas queria tão desesperadamente que ela tomasse tudo dele.

Quando o beijou e sua boceta relaxou em torno dele, recuou e, em seguida, empurrou para seu núcleo novamente. Seu gemido mostrava que Katrina estava pronta, então, puxou quase inteiramente para fora, antes de empurrar-se no fundo novamente. Estabeleceu um ritmo de puxar e empurrar. Não se conteve e batia mais fundo dentro dela, cada vez que ele mergulhava. Quando sua velocidade acelerou, ela agarrou-se a seus ombros, cravando as unhas em sua pele.

Segurou seus olhos, tornando-se hipnotizado nas profundezas azuis cristalinas enquanto ele começou a bater em seu corpo. Ele estava empurrando seu corpo para frente e sua se abriu enquanto ela o observava.

—Deus, você é tão linda. — Ele nem sequer percebeu que tinha dito as palavras, até que ele ouviu saindo de si. Estava tão perdido nela que sua própria boca tinha assumido o controle,

sem sua permissão. Ela choramingou com suas palavras e ele esmagou sua boca, enfiando a língua entre os lábios.

Katrina estava ofegante, agarrando seus ombros em desespero e, quando gozou, podia sentir sua boceta apertando forte em torno de seu comprimento. Dillon fez uma pausa, afundado, dentro dela, era quase impossível parar o impulso de seus quadris mas ele se forçou, segurando seu orgasmo que pulsava, já se aproximando.

Congelou, deixando-se saborear na sensação de seus músculos apertando seu comprimento e quando finalmente relaxou, ele puxou para fora e em seguida, bateu duro de volta. Ele se desfez rapidamente depois disso e com apenas alguns golpes mais profundos, estava derramando-se dentro dela, gritando o seu nome e enterrando o rosto em seu pescoço.

Katrina murmurava contra o pescoço dele, enquanto seus corpos começaram a relaxar lentamente e quando ele saiu de seu corpo, as paredes de sua boceta tremeram em torno dele, Dillon tentou ser gentil. Katrina pode ter ficado dolorida e ele se movia lentamente. Ela assobiou quando ele escorregou de seu corpo e deitou-se ao seu lado, puxando-a em seus braços.

—Deus foi muito generoso com você. — Ele riu com ela enquanto a puxava para mais perto. Deixando para Katrina dizer exatamente o que se passava em sua mente.

—Desculpa, o que? Muito generoso?

—Não. Perfeito.

—Eu estava pensando a mesma coisa sobre você. Ah e por favor, me diga que você está no controle de natalidade. — Ele já

conseguia pensar um pouco e o pânico, começou a aparecer quando o seu cérebro percebeu o que tinha feito.

—Implante no braço. Eu estupidamente pensei que Jason estaria comigo por algum tempo, então, um controle de natalidade que durasse três anos valeria a pena.

De repente ele estava tenso ao ouvir o nome de outro homem, mas obrigou-se a sorrir para ela.

—Estou contente e sinto muito. Eu só não estava pensando sobre isso. — Ele não teria nenhum problema em acabar esse compromisso de três anos com o controle de natalidade e, em seguida, mais alguns, se ela o deixasse.

Ela era pura perfeição. Pele leitosa e suave, mas toda durinha. O deixava pensando que foi para o céu. Tudo sobre ela era incrível. Era quase fácil demais, esquecer no silêncio do seu quarto, que alguém estava ameaçando tudo isso. Ele não podia perdê-la. Estava se apaixonando por ela.



Capítulo 19

Katrina não tinha nada que estar na escola e sabia disso, mas Dillon teve que ir para o trabalho e não queria ficar sozinha ainda. Tinha estacionado na garagem de Imogen e conseguido facilmente tirar Dillon de lá sem ser visto. O tinha levado para casa naquela manhã e quando estacionou na entrada de sua casa, antes de ir para a escola, ele puxou sua boca e a beijou.

Ele era excepcionalmente bom nas coisas sexy e ela não conseguia parar o tamborilar do seu coração, cada vez que a tocava. Ela também não conseguia superar as barreiras que ele tinha permitido desmoronar na noite passada.

Dillon estava arriscando seu trabalho. Tinha que estar, mas também estava se recusando a falar sobre isso. Ela tinha perguntado uma vez quando eles estavam na estrada dirigindo para o seu bairro e ele pegou sua mão, apertando-a suavemente e em seguida, a ignorou.

Katrina não gostava de ter esse relacionamento escondido mais do que ele, mas ela não era a pessoa que estava colocando o seu trabalho na linha por causa disso, para estarem juntos. O que significava isso mesmo? Estarem juntos? Eles fizeram amor.

O homem, com quem ela gritou na primeira vez em que se encontraram, cujo pênis agarrou num estupor emocional cheio de luxúria e que tinha deixado claro que não deveriam de maneira nenhuma estarem juntos, foi com ele, que tinha feito amor.

Ele foi incrível, mas quando o beijo terminou e apenas estavam sentados na frente de sua casa, ela estava nervosa. Isso não era realmente novo, dadas às circunstâncias, mas o motivo por trás dele era.

—Hum você vai me dizer que não podemos fazer isso de novo? — A pergunta tinha saído totalmente errada e torta.

Dillon a olhou por um momento e seu nervosismo intensificou. Iria lhe dizer exatamente isso. Katrina não podia lidar com isso. Ele era importante para ela. Podia lidar com tudo que estava prestes a acontecer se estivessem juntos, mas sozinha, era impossível. Dillon lhe dava forças e já era suficientemente ruim que ele já não era mais o principal responsável pelo seu caso.

—Não. Eu não estou dizendo nada disso. E eu não quero que você se preocupe com isso. Isto é problema meu e não seu.

—Problema?

Ele a olhou por um momento. Tinha sido honesto. Este era um problema que poderia prejudicá-lo profissionalmente e, querendo ou não, ela estava preocupada.

—Eu quero ver você amanhã à noite, quero você aqui na minha casa comigo. Eu não estou deixando a cidade com Molly e os meninos nas férias e vou ter a semana de folga. Eu quero passar esse tempo com você.

—Você vai ficar na cidade por minha causa?

Dillon a olhou novamente. A conversa estava se tornando mais tensa a cada momento. Basicamente, ele não queria ter a conversa que ela queria.

—A sua segurança não é uma razão boa o suficiente?

—Eu não sei como me sinto sobre isso.

—Você quer dizer que não sabe como se sentir sobre mim e minha escolha para ficar com você. — Ele balançou a cabeça em frustração e estendeu a mão para a maçaneta da porta.

Ela segurou seu braço rapidamente.

—Por favor. Eu só não quero ser a razão de sua carreira ser arruinada. Não quero ser a razão de você estar perdendo seu tempo com Seth. Eu não quero ser a razão de você tomar essas decisões.

—Então você quer ser a razão de que? — Sua voz era dura e seus olhos estavam irritados. —Eu acabei de fazer amor com você. Eu fiz isso por uma razão, uma razão muito específica. — Seus olhos procuraram os dela. —Eu me importo com você. O que diabos está errado com isso? —E então se calou e seus olhos se moveram para olhar para fora da janela.

Katrina permaneceu congelada ao lado dele, seu coração batendo enquanto as suas palavras ecoavam em sua mente uma e outra vez. Podia se ouvir dizendo que o amava em sua mente. Mesmo que ele pode não ter dito isso para ela, ainda assim, sabia que o amava. O mínimo que deveria dizer então, era que também se importava com ele.

Não dizer nada era a coisa mais cruel que ela poderia fazer, mas não foi por crueldade. Katrina simplesmente não conseguia descobrir o que dizer exatamente. Ele desistiu dela e abriu a porta, deixando-a a olhar para ele.

Agora, três horas mais tarde, estava sentada em sua sala de aula com o grupo de leitura, olhando para o espaço enquanto os alunos estavam lendo. O grupo estava sentado em círculo e depois de ler uma seção do material de estudo, começaram uma discussão sobre o que tinham lido. Seth estava lá e ela continuamente o pegava olhando-a.

Quando foi a sua vez de discutir a seção que tinham acabado de ler, sua mão subiu instantaneamente.

—Sim, Seth.

—O que aconteceu com seu pescoço, Srta. Page?

—Oh… — Estranho pensar, mas ela tinha quase esquecido. Seu corpo inteiro doía, os ombros, costas, cada centímetro. A maioria era do ataque e alguns foram feitos por Dillon e, ainda assim, não estava pensando sobre a dor.

—Não é nada.

Ele olhou para ela com os mesmos olhos de seu pai, com um pouco de preocupação e suspeita. Ele não se deixou enganar e ela não sabia o que dizer, mas se perguntou o que Dillon o tinha dito. Katrina sabia que ele não falaria do seu caso, mas Seth não estava fazendo um bom trabalho em esconder o fato de que sabia de alguma coisa. Ela dirigiu a conversa de volta para a leitura, mas Seth continuou a observá-la.

—Você está bem, Srta. Page? — Ela olhou para cima para Seth quando o resto do grupo saiu da sala.

—Eu estou bem, Seth. Como você está?

—Eu sei que o meu pai está investigando algo que tem a ver com você.

—E o seu pai te disse isso?

—Não. Meu pai não fala comigo sobre suas investigações. Eu só sei. Eu sei que você foi ferida um tempo atrás e eu posso dizer isso pela forma que ele age em torno de você. E você está ferida de novo e ele foi embora ontem à noite. Posso dizer que está preocupado com você.

— Como você sabe?

—Ele está agindo com você do mesmo jeito que age quando eu me machuco. — O tom de sua voz sugeria que ela era louca por não entender isso. —Papai está agindo como quando tia Molly e Jake se envolveram em um acidente de carro alguns anos atrás. Eu sei que ele não vai na semana de férias conosco, porque está preocupado com você.

—Seth... — O que diabos poderia dizer? —Eu não falarei sobre isso. — Ela respirou fundo. Não podia ter essa conversa com ele, mas também não podia deixar de ter essa conversa com ele.

—Eu não me importo. Jake vai e tia Molly estará lá também. Eu realmente não me importo. — Mais uma vez, ele soava como um adolescente, mas realmente estava tentando tranquilizá-la com a maior maturidade que os seus treze anos de idade

permitiam. Era doce, mas não podia dizer que se sentia melhor sobre a situação. Seth não imaginava o que seu pai significava para ela. Ele também não tinha ideia do que ela significava para Dillon. Estranho era o eufemismo do século.

—Eu estava apenas dizendo que por mim está tudo bem. E eu sinto muito sobre o que aconteceu.

—Obrigado, Seth. Eu aprecio isso. — E ela realmente fazia. Foi a coisa mais doce que um menino de treze anos de idade poderia dizer a um adulto. Ele pode ter pensado que ela era louca por não entender tudo o que estava tentando dizer e ele pode não ter a menor ideia o quão grave a situação realmente era, mas foi a compaixão, geralmente, não vista num garoto da sua idade.

Ele virou as costas para sair, mas depois parou e voltou-se lentamente para encará-la.

—Você tem uma queda por meu pai?

—O quê? Não. Não. Isso não é... — Mentira, mentira, mentira.

—Está tudo bem, se você tiver. Eu sei que ele gosta de você. Apenas dizendo. — E então ele se foi.



Quando Katrina chegou na casa de Imogen naquela noite, os detetives Smith e Terrell estavam esperando do lado de fora do portão de segurança, estacionados no meio-fio.

—Bem, não há nenhuma câmera de vigilância na garagem. — Eles a seguiram até a casa de Imogen. —Portanto, não há vídeo de segurança.

Ela poderia ter-lhes dito isso, mas apenas balançou a cabeça.

—E nós estamos assumindo que ele entrou no estacionamento a pé. Ele teria que ter uma autorização para entrar com um carro, mas ainda estamos verificando todos os veículos que estavam lá, na noite passada. Eu só não esperaria nada com isso.

Ela deixou de ouvir. Estava cansada e eles não estavam dizendo nada novo. Este homem não quer ser encontrado e estava fazendo um trabalho muito bom em manter dessa forma.

Eles encontraram suas bolsas e jaqueta na escada e colocaram esses itens, no balcão da cozinha, enquanto ela lhes oferecia chá. Eles recusaram e em menos de dez minutos, saíram.

Imogen ligou enquanto ela estava preparando o jantar. Era tarde no Reino Unido e disse que tinha acabado de voltar, depois de sair para umas bebidas com uns velhos amigos. Katrina poderia dizer que ela estava meio bêbada e, embora soubesse que Imogen estaria lívida depois, decidiu não se incomodar em dizer sobre o incidente no estacionamento, ou o incidente do sexo para ser honesta. Quando finalmente desligou, Katrina estava sentada na mesa da sala de jantar sozinha para comer o frango que tinha conseguido queimar. Ela olhou fixamente para o vazio ao seu redor, sentindo-se patética.

Katrina sentia falta de Dillon e estava certa de que o irritou naquela manhã. Não tinha ideia de como se sentir sobre ele ou o que tinha acontecido entre eles. O queria, mas sabia que era um risco para a sua carreira. Poderia colocar um fim a isto só para protegê-lo? Ela não tinha muitas esperanças que conseguiria. Se tivesse a oportunidade de estar com ele novamente, não havia maneira, de não fazê-lo. Ela precisava dele. Importava-se com ele também. Que diabos, simplesmente, o amava.

Enrolou-se na cama com o telefone e começou a escrever.

Você está chateado comigo?

Sua resposta veio, quase dez minutos depois e ela sabia que ele tinha pensado, em nem sequer responder.

Provavelmente.

Sinto muito.

Não houve resposta e depois de 30 minutos esperando, ela adormeceu.



—Tem certeza que você não gosta da Srta. Page? — Molly estava terminando a mala enquanto ele estava do outro lado de sua cama. Seth e Jake estavam lá embaixo carregando suas malas na SUV Traverse de Molly.

Dillon estava, tecnicamente, de férias na próxima semana, apesar de que passaria a sua semana sozinho, sentado, com

medo de ir para São Francisco, porque a mulher que ele secretamente ansiava poderia ser atacada novamente. Prometia ser um ótimo tempo, olhando para suas paredes sem nada para fazer. A reação dela pela manhã, tinha sido uma decepção, mas ela não disse nada de errado.

Mesmo quando ele estava confessando que se importava com ela, sabia que não tinha lhe dito tudo. Estava apaixonado por ela, mas nem sequer conseguiu retribuir a sua confissão, então, certamente, não lhe daria mais do que isso. Só que nada importava realmente. Ela podia decidir que o odiava amanhã, mas ele não podia suportar deixá-la e estar ainda mais longe, sabendo que sua vida estava em perigo.

—Molly, não importa como eu me sinto. — Ele soou como Seth, quando falava irritado, já que ela não conseguia entender a situação telepaticamente. —Alguma coisa aconteceu e não terminou exatamente do jeito que eu teria gostado.

—Algo como...

Ele olhou por um momento, contemplando, considerando, debatendo.

—Porra. Eu dormi com ela. — A boca de Molly caiu. —Duas noites atrás e na manhã seguinte... foi... eu não sei o que foi. As coisas simplesmente, ruíram.

Molly ainda não tinha conseguido fechar a boca, então ele continuou.

—Katrina está preocupada que um relacionamento comigo possa prejudicar a minha carreira, está preocupada que eu estou tomando decisões com base em como me sinto sobre ela e eu

acho que não quer que eu faça assim. Ou... eu não sei. Quero dizer, ela gosta de mim. Eu sei disso, Katrina disse isso, mas, em seguida, quando eu disse que não viajaria ou a ideia de que eu estava indo contra as regras para estar com ela, ficou chateada.

—Você dormiu com ela? — Aparentemente, o cérebro de Molly tinha parado depois da primeira declaração.

—Molly! Concentre-se.

—Ok, ok. Ela provavelmente se sente culpada por você está colocando em risco a sua carreira por causa dela. Provavelmente também se sente culpada que você vai ficar aqui, em vez de vir com a gente para São Francisco. Quero dizer, coloque-se em seu lugar.

—Estou fazendo isso por ela!

—E isso pode deixar qualquer um se sentindo culpado. Você está se sacrificando por ela. Isso é ótimo, isso é nobre, eu entendo, mas vai ver ela pensa que não te merece. Será que ela sabe que você a ama?

—Eu não disse que eu a amo. — Ele disse defensivamente.

Molly inclinou a cabeça com uma expressão irritada.

—E você não a ama?

Ele suspirou.

—Eu amo. — Ele parecia bem irritado com a admissão.

—Se ela não sabe disso, então realmente não se admira que não entenda muito bem o motivo. Não é à toa que se sinta culpada. Eu me sentiria da mesma forma no seu lugar. Se você a ama e está disposto a assumir riscos e comprometer certas coisas

por ela, então ela precisa entender o porquê de você está tomando certas decisões.

—Cale a boca. — Ele revirou os olhos quando virou-se de costas e olhou para o teto de Molly.

Os rapazes entraram, pulando na cama e começaram a cantar *I left my heart in San Francisco.* Eles tinham sido atormentados por Molly e Dillon, com esta música, em particular, em todas as viagens de carro que tinham feito para São Francisco, mas eles, finalmente, estavam com idade o suficiente para mudarem de opinião. Não chegavam nem perto de Tony Bennett[10] e quando assassinaram a melodia com o seu melhor vibrato, Molly e Dillon riram e Dillon bateu no rosto de Seth com o travesseiro de Molly.

Era difícil pensar em não ir com eles, quando Katrina nem sequer parecia poder entender a sua necessidade de estar perto dela. Mas no momento em que deixou sua mente vagar para as coisas horríveis que poderiam acontecer, simplesmente não havia escolha. Ele não podia forçar-se fisicamente a colocar tanta distância entre eles. Ficaria louco se não estivesse por perto.

Dillon andou com eles até ao carro e deu a Seth um abraço rápido.

—Ei, pai, cuide da minha professora. Na verdade, estou tirando boas notas em sua classe. — Dillon soltou uma risada tensa com as palavras de Seth e, em seguida, não disse nada.

---

10 Cantor dos anos 50

Não havia nada que pudesse dizer, mas a expressão séria de Seth dizia muito. Ele estava preocupado.

—Vejo você em uma semana e meia. Diga oi para a vovó e o vovô por mim. — Os observou se afastando, antes de voltar para a sua casa e se jogar na frente da TV. Queria ligar para ela, mas estava tão confuso sobre o que pensar. Molly estava certa. Ela o colocou contra a parede e esperava que ele se explicasse por que estava tomando as decisões que estava, em relação a ela. Mas não disse nada. Disse que se importava com ela.

Tinha acabado de fazer amor com a mulher, pela qual, tinha se apaixonado e estava disposto a dizer, apenas que se importava com ela. Então, ficou chateado com Katrina por colocá-lo contra a parede e não aceitar simplesmente que ela valia tudo isso. Katrina valia, mas ele não a convenceu disso ou sequer tentou. Ele simplesmente afastou-se dela.

Assou uma pizza congelada e tomou uma cerveja. Estava tentando ganhar coragem para ligar e pedir desculpas, mas não teve a chance de se preparar. Quando houve uma batida na porta, sabia que era ela antes mesmo de abrir. Seu coração começou a acelerar, seu pênis começou a se mexer e sua mente começou a girar. Ele não podia foder isso de novo.

—Oi.

—Oi.

Em seguida, eles apenas se olharam. Ela mordeu o lábio enquanto ele segurava no batente da porta. Dillon deu um passo atrás, mas não disse nada. Quando Katrina passou por ele, seus

olhos olharam para os lados. Ele estendeu a mão para seu braço e acalmou ela.

Seu peito arfava e ela não conseguia olhá-lo. Estava tão nervosa quanto ele, mas no momento em que fechou a porta atrás dela, ele a beijou. Katrina ficou paralisada por meio segundo até que seu corpo derreteu no dele, seus braços passaram em sua volta e sua língua empurrou gentilmente por seus lábios.

Ele gemeu ao sentir a língua em sua boca e suas mãos agarraram e cavaram nos lados de sua cintura.

—Sinto muito. Eu não deveria ter ido embora assim. — Ele estava falando entre os beijos.

—Não. Eu não deveria ter questionado você. Eu preciso de você. Eu preciso de você aqui. — Suas unhas arranharam sua pele sob a camisa e ele empurrou-a para a escada.

—Eu gosto da maneira que você disse isso.

—Eu preciso de você.

—Eu preciso de você também. — Ele estava empurrando seu corpo para trás e ela tinha tomado o primeiro passo no andar de cima. Não conseguia parar de beijá-la e sua boca estava tão ansiosa. O primeiro degrau colocou-a abaixo do nível dos seus olhos e ele passou sua camisa sobre a cabeça rapidamente, antes de atacar os lábios novamente. Ela já estava empurrando sua camiseta por cima da sua cabeça também e a deixou cair no chão atrás dele quando a empurrou mais um degrau acima.

Katrina estava usando uma calça de yoga e ele os puxou para baixo de seus quadris, deixando sua calcinha no lugar. Não era como se não quisesse fora dela também, mas não estava com nenhuma pressa. Empurrou-a para outro degrau, uma vez que suas calças estavam em torno de seus tornozelos e tirou os tênis de seus pés, enquanto ela saía de suas calças e subia mais um degrau.

Desabotoou o sutiã e puxou-o de seus braços. Ele baixou a boca no seu seio não machucado e chupou seu mamilo em sua boca enquanto ela gemia e corria os dedos pelos seus cabelos.

—Sente-se. — Ele falou com seu seio ainda em sua boca, mas soltou seu mamilo enquanto ela se sentou dois degraus acima dele. Ele já a tinha no meio da escada e tinha a intenção de mantê-la aqui por um tempo.

Sua roupa de baixo era pura e branca e ele podia ver tudo sob o tecido facilmente. Dillon colocou seu dedo médio numa das aberturas laterais e passou as costas do seu dedo para baixo sobre seu sexo. Katrina choramingou e ele encontrou seu olhar, desafiando-a a manter os olhos fixos. Sua testa se enrugou e sua boca estava aberta enquanto ela ofegava baixinho, mas não desviou o olhar. Quando ele passou o dedo entre os lábios de seu sexo, sentiu a umidade sedosa de sua excitação revestir seu dedo e Katrina gritou no primeiro contato que ele fez com seu clitóris.

Ela choramingou quando ele abruptamente se afastou e se levantou. Dillon ficou abaixo dela nos degraus e quando estendeu a mão para a cintura da calça jeans, ele deixou seu olhar viajar por cada polegada dela. Katrina estava sentada com as pernas

abertas, mas com seus olhos nela, ela começou a fechar as pernas.

—Não se atreva. — Ele avisou enquanto os seus dedos habilmente desfizeram sua calça jeans e puxaram o zíper para baixo. Ela fez uma pausa, olhou em seus olhos por um momento e, em seguida, abriu os joelhos largamente novamente. Katrina estudou as mãos enquanto ele empurrava a calça jeans e cueca para baixo e, em seguida, saia deles, abandonando-os no degrau abaixo dele. Quando estava despido na frente dela, olhou para o seu pênis e ele se aproximou de suas pernas quando ela estendeu a mão para sua ereção.

Katrina se inclinou para frente e ele prendeu a respiração enquanto observava os seus lábios abrirem para levá-lo em sua boca. Queria ver cada último movimento que ela fazia, mas seus olhos se fecharam quando o calor quente de sua boca o envolveu.

O gemido profundo vindo de sua garganta estava fora de seu controle e o empurrão lento de seus quadris foi manipulado completamente pela sucção de sua boca. Ela puxou-o, o levando tão longe quanto possível antes de liberá-lo. Ele viu quando ela lambeu ao redor da cabeça de seu pau pulsante e inchado. Katrina lambeu o pré-semên que estava aparecendo e, em seguida, beijou suavemente em baixo no comprimento de sua ereção.

Ela empurrou os quadris para frente do degrau, para colocar seu corpo mais para baixo e agarrou sua bunda, puxando e segurando-o firmemente enquanto chupava primeiro uma de suas bolas e depois, a outra. Segurava e lambia, provocando-as

até que seu pau estava pronto para explodir. Quando percebeu que ele estava no limite e, quando já não aguentava mais sua deliciosa tortura, a palma da mão dela apertou em torno do eixo de seu pau e sua boca lentamente voltou até a cabeça.

Seus olhos foram para os dele.

—Deite-se. — Ela deixou que a cabeça do seu pau saísse de seus lábios, enquanto se encostou no degrau acima. Ele subiu até seu corpo, plantando um joelho no degrau que apoiava as costas dela. Seu outro pé estava do outro lado do corpo dela, no mesmo degrau e, quando ele usou a mão para orientar-se em sua boca, ela esticou as mãos e agarrou sua bunda.

Dillon fodeu sua boca com um lento e estável movimento, apoiando o seu corpo com uma mão na escada acima de sua cabeça e a outra segurando o corrimão ao lado deles. Ele empurrou, vendo seu pau afundar em sua boca, enquanto mantinha os olhos fixos entre seus corpos. Ele já estava sonhando em provar sua boceta. Toda vez que se lembrava do sabor doce que ela tinha, suas bolas apertavam e seu pênis pulsava.

Ele estava gemendo. Estava tentando parar, mas não podia. Quando começou a dizer seu nome repetidas vezes, foi em uma tentativa desesperada para fazê-la parar, porque não queria acabar com isto. Ele queria tanto gozar em sua boca que tinha visões disso, mas quando o som de seu nome rolando da sua língua tornou-se mais desesperado, seus olhos fixaram nos dele e ela parou. Ele ficou ofegante sobre seu corpo enquanto ela o soltou de sua boca e quando conseguiu se mover novamente, Ele

desceu lentamente de volta para o degrau de baixo, ao longo de seu corpo e se ajoelhou entre suas pernas.

Seus lábios estavam brilhando e se separaram enquanto esperava por seu toque. Ele puxou o tecido entre as pernas para o lado e apenas olhou. Suas pernas estavam abertas e ela estava molhada. Dillon usou a outra mão para acariciar, muito suavemente, de seu clitóris para a sua entrada. Katrina estremeceu e quando ele chegou na sua abertura, pressionou o seu dedo médio lentamente dentro dela, enquanto os seus músculos se contraiam em torno dele.

Empurrou até o nó do dedo e quando retirou, empurrou novamente com o dedo indicador junto. Ele empurrou o mais longe que pôde e, em seguida, dobrou os dedos contra a pele úmida e macia dentro de sua boceta.

Katrina gritou e ele continuou o movimento de vai e vem. Quando ele começou a torcer seus dedos dentro dela, seus gritos ficaram mais altos e ela agarrou a borda da escada ao lado dos quadris. Sua boceta se apertou em torno de seus dedos e ela empurrou seus quadris para baixo em direção a ele. Quando Dillon se inclinou com a boca em seu clitóris e chupou duramente entre os lábios, seus quadris se sacudiram e ela praguejou.

Por um instante, ela se sentiu envergonhada, mas logo passou, quando ele chupou mais forte. Katrina começou a empurrar e a moer contra sua boca enquanto seus quadris se moviam e se contorciam contra ele. Dillon a observou se

despedaçar e gemer seu nome quando gozou, segurando os cabelos dele em seus dedos.

Ela caiu de volta nas escadas com suas pernas totalmente abertas, uma apoiada e a outra dobrada e caída. Respirando profundamente enquanto ele se movia para cima, deixando seu pau provocar os lábios molhados de seu sexo. Katrina tentou de imediato mover os quadris para alinhar com a cabeça de seu pau, mas ele acalmou seus quadris com uma mão firme em sua barriga e a segurou no lugar.

Dillon lambeu seus lábios, à espera de sua boca abrir e quando fez, enfiou a língua. Queria que ela provasse o que ele tanto gostava e ele explorou sua boca por um tempo enquanto seus quadris se contorciam. Era inútil, a palma de sua mão a segurava no lugar e quando ela ficou frustrada o suficiente, ela disse.

—Por favor. — Ela não teria que pedir duas vezes.

—Vire-se.

Agora, ela ficou nervosa. Quem não ficaria? Se a luz do dia enchendo a casa não era o suficiente, a grande lâmpada que estava pendurada, iluminando toda entrada, era suficiente para fazer alguém corar. Ela assentiu e ele diminuiu a pressão em sua barriga quando ela se levantou, virou-se e subiu um degrau. Katrina estava de joelhos, mas suas pernas estavam fechadas e ela não se inclinou. Sabia que não ganharia nada fazendo isso, mas estava aterrorizada demais para se mover.

—Curve-se e afaste as pernas. — Katrina poderia fazer isso? Aqui, agora, com este homem lindo a observando? Enquanto a

olhava fixamente, ela abriu as pernas e se curvou sobre o degrau na frente dela, ele inalou uma respiração profunda e gemeu em satisfação.

Ela podia sentir suas pernas tremendo e ele subiu atrás dela, segurando sua cintura com suas mãos fortes. Enquanto ela tremia, Dillon segurou com uma mão seu pau e usou-o para cutucar seu sexo. Katrina estava tocando-se novamente, esperando sentir aquela sensação incrível que tanto gostava. Mas o que não esperava era ser questionada por ele.

—Por que você gosta de se tocar? — Ele estava se inclinado sobre o corpo dela, falando em seu ouvido. Sua mão livre estava no degrau de cima, apoiando-se enquanto empurrava tão lentamente em seu corpo que a estava torturando.

—Eu não sei. — Ela resmungou baixinho e enquanto falava, ele empurrou um pouco mais profundo.

—Sim, você sabe. Me diga. — Sua respiração era quente contra sua orelha e ela estremeceu.

—Eu gosto de como me sinto. — Ele queria honestidade? Então, receberia. Ela estava impotente de negar-lhe.

—Você precisa de seus dedos para sentir isso? — Ele empurrou profundamente em seu núcleo em um movimento suave e invasivo que a fez gemer.

—Não! Eu gosto da forma como sinto a pele. — Ela estava choramingando quando disse isso.

—Minha pele? Ou sua? — Ele estava movendo os quadris com cada palavra que falava e ela estava caindo aos pedaços com cada movimento.

—Sim! — Katrina gritou desta vez. Ele estava profundo e dolorosamente dentro dela.

—Como é que a sua boceta se sente? — Ele parou de se mover dentro dela. Estava se recusando a se mover até que ela falasse.

—Suave.

—Com certeza.

—Molhada. — Ele poderia dizer que ela estava tentando não ofegar enquanto falava agora.

—Definitivamente. E como é que você me senti?

—Duro. Mas suave. — Ele apertou dentro dela. —Tão duro, caralho.

—Você gosta de me sentir entrando, não é? — Ele puxou suavemente dela, inteiramente, deixando-a vazia e tremendo.

Ela parecia estar mal se segurando quando falou de novo.

—Sim.

—O que você mais gosta? — Ele ficou imóvel por um momento antes de avançar por sua entrada lentamente. —Você gosta de sentir a cabeça do meu pau empurrar através dos lábios de sua boceta?

Ela sentiu o pop quando ele avançou para a frente com um gemido silencioso e ela gritou.

—Ou você gosta do meu pau longo quando eu empurro profundamente em você? — Ele moveu igualmente lento enquanto empurrava em direção a seu centro e ela gemeu do prazer torturante.

—Ou você gosta do último centímetro, quase impossível de chegar ao fundo, quando eu empurro mais longe do que o possível. — Ele praticamente cutucou suas entranhas quando afundou, apertando os quadris entre suas pernas. Ele gemeu entre dentes.

—Sim. — O corpo dela estava tremendo e suas paredes estavam apertando em torno dele enquanto falava.

—Você vai ter que compartilhar essa experiência comigo na próxima vez. Agora, eu vou te foder forte e rápido, é melhor você se segurar ou você vai ser jogada no degrau na sua frente.

Ele começou a bombear em seu corpo, empurrando fortemente e recuando enquanto ela agarrava o corrimão em uma mão e o degrau em outro. Ela não precisava de seus dedos para sentir as penetrações rápidas e profundas. Ele queimava seu canal com cada golpe, fazendo o seu melhor para trazê-la mais perto de um orgasmo antes de puxá-la de volta da beira do abismo outra vez e mais uma vez e, de novo.

Ele estava batendo tão forte que estava quase levantando os joelhos dela para o degrau de cima. Quando ele passou os braços ao redor da sua cintura, era para levantar seu corpo pelos últimos dois degraus e afundar nela no patamar. Seu peito estava no chão e ela olhou para trás para o pé apoiado no último degrau enquanto ele bombeava nela por trás em um ritmo violento.

Katrina pensou que ele foi profundo na primeira vez que fizeram amor. Mas desta vez Dillon foi tão mais profundo que sentia como se estivesse rastejando para dentro de seu corpo para consumi-la de dentro para fora. Ela estava tão excitada e pingando com a necessidade de sua invasão cada vez mais rápida e poderosa que lhe deixou muito perto de perder o controle.

—Oh, Porra, Kat! — Ela moveu os dedos de volta para baixo entre as pernas e tocou o comprimento dele, enquanto ele entrava e saía em seu corpo, empurrando uma e outra vez, quando ela finalmente se desfez, ele também foi junto.

Dillon empurrou dentro dela enquanto gozava e ela tremia e gemia quando seus joelhos ameaçaram desmoronar. Ela finalmente caiu no chão com ele. Deitada no chão do corredor no andar de cima, não era exatamente o que imaginou que aconteceria quando bateu em sua porta, nervosa, mas quem estava se queixando? Ela estava ofegante como um cão e seu peito subia e descia contra a lateral de seu corpo quando ele relaxou.

—E eu aqui pensando que precisava ir fazer uma corrida mais tarde. — Ela sorriu para o seu humor e ele puxou o corpo dela para que ficasse deitada de costas. A olhou sorrindo suavemente quando encontrou os seus olhos.

Seu olhar passou por cima de seu corpo, parando em seu seio mutilado. Sua testa se enrugou, mas ele continuou. Seus dedos correram sobre seu estômago e, em seguida, mudou-se para baixo para agarrá-la entre as pernas. Foda-se, estava ferida, mas ele não ouvia queixas dela.

Katrina nunca tinha tido tais orgasmos incríveis como teve com ele. Dillon era generoso com o prazer que distribuía e estava gostando de ser o centro de sua atenção após meses de ter relações sexuais pateticamente mornas, com Jason. Esse homem sabia o que estava fazendo.

Ele levantou-se, ofereceu a mão e a levou para o seu quarto e para o banheiro principal. Ela não tinha tido a oportunidade de comentar sobre sua casa, mas a adorou. Ela era incrivelmente confortável e masculina de uma maneira calorosa. Katrina adorava a naturalidade da mesma. As cores quentes, as linhas retas, a autenticidade de sua mobília. Ela mal teve um vislumbre de tudo o que havia para ver, mas adorou. Parecia tão ele.

Ele começou o banho e voltou para onde tinha a deixado, de pé ao lado da pia.

—Fique esta noite.

Ela assentiu.

—Fique a semana toda.

Ela não disse nada por um momento, mas depois encontrou sua expressão expectante e exigente. Katrina assentiu novamente e ele se inclinou para beija-la. Apesar do lunático, essa pode ser um inferno de uma boa semana.



Capítulo 20

Ela o ajudou com o café da manhã no dia seguinte e quando seu celular começou a tocar, agarrou-o rapidamente. Ele soube imediatamente que era Smith ou Terrell apenas pelo modo como seu olhar direcionou para o dele, de forma tão repentina.

—Não, eu não fiquei a noite passada na Imogen e eu não vou estar lá muito por esta semana também. — Ela ouvia enquanto mordia o interior de seu lábio e se mexia. —Apenas com um amigo. Eu prefiro não dizer quem, mas eu estou segura.

Mais silêncio, enquanto ela se mexia desconfortavelmente.

—Me desculpe, mas eu não vou dizer a você. — Seus olhos se encontraram enquanto ele lhe servia uma xícara de café. — Eu vou ter certeza de ligar para você sempre que eu for para a casa de Imogen, mas eu sinto muito, eu não lhe devo qualquer outra explicação a mais do que isso. Não, você...

Ela estava lutando para manter o controle da conversa e ele queria alcançar através do telefone e dar uma porrada, em quem, infernos, estava falando.

—Eu disse não. Eu não estou... Não! Cale a boca e me escute.

Aparentemente, ela não estava perdendo o controle nesse momento, em tudo.

—Minha vida tem estado em perigo, durante todo o mês passado. Eu estou tão segura onde eu estou como eu poderia estar em qualquer outro lugar. Esta é a merda da minha vida e francamente, quando este Cafaralho finalmente me matar... — Cafaralho? —Vai ser minha morte também, então, você pode, simplesmente, beijar minha bunda, a menos que tenha algo construtivo a dizer!

E ai, ela desligou na cara dele, respirando fundo antes de olhar de volta para Dillon, cuja boca, sem dúvida, estava aberta.

—Mm... Café? — Ele lhe estendeu um copo e ela, ofereceu um fraco sorriso de desculpas.

—Desculpa. Isso foi errado, não foi?

—Foi interessante. E o que é um Cafaralho exatamente?

Agora, suas bochechas estavam rosa e ela balançou a cabeça.

—Eu não tenho certeza realmente. Eu ouço essas palavras na escola e eu não estou sempre certa do que elas significam, mas pareceu bem apropriado por algum motivo.

Ele não conseguia parar de sorrir. Fez-lhes torradas, se juntando a ela na mesa da sala de jantar, apenas olhando-a. Não tinha ideia se essa mulher poderia amá-lo. Mas ele sabia que a amava e também sabia que Katrina estar em perigo lhe doía de

uma forma que nunca tinha experimentado antes com uma testemunha.

Não era agradável saber todas as maneiras que ela poderia se machucar. Sendo destruída e tomada dele. Entendeu essa ameaça, bem demais para ignorá-la, estava preparado para perder tudo só para protegê-la.

Trabalhou duro em sua carreira, mas se fosse forçado a escolher entre ela e sua carreira, não haveria mesmo que perguntar o que ele escolheria. Seria ela e sabe que? Nunca olharia para trás enquanto pudesse mantê-la segura.

—Kat, você gostaria de ter aulas de autodefesa? — Ela olhou por cima de sua torrada mordida e acenou com a cabeça.

—Contanto, que você entenda que eu tropeço em meus pés andando em terreno plano e com os pés descalços.

—E ainda assim, você conseguiu permanecer em seus pés durante toda viagem pelas escadas, ontem, enquanto eu te fodia. Eu diria que você é um pouco mais coordenada do que se dá crédito. — Ele sorriu enquanto suas bochechas ficaram rosadas.

Quando a cor em suas bochechas voltaram ao normal, ela olhou para a janela por um momento e, em seguida, de volta para ele.

—Você deveria me usar como isca e em seguida, atacar o bandido quando ele viesse atrás de mim.

Ela parecia um pouco séria, o que fez ele querer puni-la ainda mais, por ser tão ingênua.

—Você percebe que eu já estou com raiva de você, só por dirigir até sua aula, certo? Agora você está realmente empurrando a sorte. Merdas como essa, só funcionam nos filmes, quando todo mundo pode ir para casa, sãos e salvos, no final do dia. E se eu não estou sendo claro o suficiente, isso é a porra de um não.

—Tudo bem, desmancha prazeres. Apenas uma ideia.

—Autodefesa, flor, talvez seja o melhor plano de ação para você. E um plano que não vai me dar um ataque cardíaco. Eu conheço um oficial que dá aulas e vamos conseguir colocar você nelas, mas eu vou começar hoje e passar por cima de alguns pontos com você.

—Então, a autodefesa está na agenda para o dia?

—A menos que você tenha algum lugar mais importante para estar. — Ele sorriu e ela balançou a cabeça.

—Que tal, você fazer amor comigo primeiro? Então, eu vou fazer qualquer mambo-jambo de autodefesa que você quer que eu faça.

—Combinado. Agora leve sua bunda lá para cima na cama.



Estava muito dolorida, para não mencionar exausta, depois do que ele tinha feito com ela. Também, já era final da tarde quando eles decidiram deixar o quarto. Não que Dillon fosse tão viril assim, que pudesse transar por horas, sem fim. Mas, foi apenas um dia incrível, gasto assistindo TV na cama, fazendo

amor algumas vezes, com inúmeras rodadas de algum tipo de preliminares e finalmente, um longo banho quente.

Ele arrancou os curativos de borboleta do seu seio, enquanto ela estava sob os jatos de água quente. Ele foi cuidadoso e gentilmente traçou as linhas retas dos cortes já curados. Era horrível e perturbador de ver, o padrão cruzado dos cortes, dava para saber que foram realmente rasos e já podia ver o enchimento do tecido rosa, cicatrizando.

—Eu acho que vou te comprar, um novo dildo. Ou isso, ou terei que roubar o seu, lá das evidências em sua casa. — Ele estava murmurando em seu ouvido.

—Eu prefiro um novo. Quem sabe, o que aquele tarado, fez com o meu. E se importa se eu perguntar, porque você está querendo me comprar um novo?

—Eu tenho tido umas fantasias incríveis, sobre te assistir, enquanto você se fode. Desculpe, mas é verdade. Eu absolutamente amaria te assistir. — Seu corpo inteiro estava formigando com uma súbita onda de necessidade.

—Contanto que você me compre um novo vibrador também, ou busque o meu da minha casa. O dildo nunca é muito divertido sem o vibrador. — Ela provavelmente deveria se calar agora, mas então, não seria muito Katrina se controlasse sua boca.

—Muito estranho que o Sr. Psicopata, não conseguiu colocar as mãos sobre isso também. Talvez eu simplesmente vá invadir sua casa, por isso.

Ela estava rindo enquanto as mãos dele percorriam sobre sua pele. Essa poderia muito bem, ser uma conversa peculiar,

mas ela estava se exitando... De novo. Parecia ser uma coisa constante hoje.

—Bem, ele não teria, necessariamente, encontrado os dois, porque eu não os mantenho juntos. O vibrador está na minha gaveta de calcinhas e o dildo, agora, infelizmente, inadequado, estava no banheiro. Dildos pertencem aos banheiros e vibradores pertencem aos quartos. Todo mundo sabe disso. — Ela estava falando merda, mas a forma bruta que seu riso morreu, fez com que se afastasse para olhar para ele.

—Espera. Não estava na mesa de cabeceira. Você tem uma mesa de cabeceira, mas você o manteve no banheiro? — Ela não conseguia ver seu interesse, mas balançou a cabeça de toda forma. —Onde?

—Sob a pia, em uma pequena gaveta, que eu uso para colocar coisas. Por quê?

—Caralho. Querida, sua casa não foi revistada.

—Ok? Eu não entendo. — Sua excitação estava desaparecendo, mas seu interesse, certamente, foi despertado.

—Cometemos o erro de assumir que você mantinha isso em sua mesa de cabeceira ou, em algum lugar fácil de encontrar. Preste atenção. Seria uma coisa, se uma pessoa entra, abre a gaveta do criado mudo e encontra preservativos, brinquedos sexuais, lubrificante, essas coisas. Seria mais esperado que, não estando lá, pudesse estar em uma gaveta na cômoda, talvez. O que estou dizendo é que, eu esperava que o homem fosse encontrar seus brinquedos sexuais em algum lugar que fosse fácil

procurar, ou mesmo, em algum lugar que tinha visto você colocá-lo, quando a espionou.

—E daí?

—Se ele encontrou em seu banheiro, no armário da pia, dentro de uma gaveta cheio de coisas e fez tudo isso, sem saquear sua casa, então, ele sabia exatamente, onde olhar. — A pele dela de repente parecia que estava cheia de larvas e a bile foi de repente subindo em sua garganta.

—Bem, talvez ele me viu quando estava me espionando.

—Se uma pessoa pudesse ver seu banheiro, a partir de qualquer janela do lado de fora da sua casa, sim, poderia ser possível. Mas, seu banheiro é no meio do corredor e bem no meio. Ele não tem janela e não é visível para nenhuma janela exterior. Quem sabia que estava lá?

—Hun, ninguém. Quero dizer... — Ela balançou a cabeça em descrença.

—Será que Jason sabia onde você guardava? — Ela poderia dizer que ele estava tentando manter a acusação fora de sua voz, mas estava lá e quando seus olhos encontraram os dele, seu queixo estava apertado e sua expressão era dura.

—Sim. Mas não foi Jason. Jason pode ter olhos azuis, mas eu ouvi a voz deste homem. Não é Jason.

Dada a expressão de raiva, sarcástica no rosto, ele não dava muito valor a sua opinião, sobre esse assunto.

— Sério? Bem, você namorou o idiota por meses e nem percebeu o babaca que era, então, eu não tenho certeza, se tenho

muita fé em seu julgamento. — Ele estava chateado e quando deu as costas e saiu do chuveiro, sem outra palavra, ela pisou atrás dele.

—Bem, ele também sabia onde estava o meu vibrador. Se ele é o Sr. psicopata, por que não levou isso também? Um golpe de humilhação dupla, hein? — Ela estava ficando mais irritada, a cada segundo. Dillon estava pingando, todo molhado e nu na frente dela e ele apenas a olhou.

—Volte para o chuveiro.

—Não!

Ele revirou os olhos, mas foi sem um pingo de humor.

—Você nem mesmo enxaguou seu cabelo. — Sabão caia do topo de sua cabeça, no chão de ladrilhos, e com se fosse uma sugestão, ele saiu batendo a porta.

Katrina terminou seu banho, ficando por lá, um longo tempo, apenas olhando para as paredes de azulejos em torno dela. Estava tentando se acalmar. Não queria brigar com Dillon. Ele tinha feito um ponto válido e encontrado uma pista, afinal de contas. E ela estava exagerando. *Caralho!* Mas se estava exagerando, ele estava fazendo, um maldito de um bom trabalho, em exagerar também.

Quando finalmente saiu do box, ela puxou o folego rapidamente. Dillon estava de pé, contra o balcão, com os braços cruzados em cima do peito e os tornozelos descansando, cruzados, também. Ele ainda estava tão nu como antes, mas sua expressão estava ligeiramente suavizada.

—É por isso que eu não posso ser um detetive, no seu caso. Estou correndo risco de matar os suspeitos em potencial, porque eles foderam você e são idiotas completos.

Ele olhou para seus pés por um momento.

—Ótima perda de perspectiva, hein? Eu odeio que você dormiu com aquele homem. Eu odeio que ele conhece você intimamente e sabe coisas sobre sua vida, que eu não faço... Mesmo coisas estúpidas, como, onde você guarda seus brinquedos sexuais, porra. — Ele balançou a cabeça. Dillon estava irritado com ele mesmo e a irritação dela começou a dissipar.

Ele a levou de volta para a cama e se arrastou ao lado dela. Tanto para a autodefesa. Dillon a segurou pelo resto da noite. Eles conversaram. Ele parecia decidido a perguntar tudo dela, sua família, sua história, sua vida. Ela não podia reclamar. Queria que soubesse e passou tempo também pesquisando sobre o passado dele.

Ficou com inveja de seu relacionamento com sua família. Era óbvio que eles significavam o mundo para ele e ela sentia falta do seu pai que tinha falecido, mas adorava saber que Dillon entendia a importância disso. Katrina não gostava de ouvir sobre seus relacionamentos passados, mesmo sendo superficiais como pareciam ser, igualmente como ele não gostava de ouvir sobre Jason. Katrina entendeu isso. Dillon pertencia a ela. E, realmente esperava, que entendesse que ela pertencia a ele, se quisesse tê-la também.

Adormeceram e quando ele a acordou no meio da noite foi com os dedos explorando seu corpo. Tocou e acariciou cada polegada. Ele empurrou nela lentamente, primeiro, um dedo, em seguida, um segundo dedo. Quando acrescentou um terceiro, Katrina gemeu com a intensidade. Não foi tão intenso como fazer amor, mas foi suficientemente perto para deixá-la querendo relaxar os músculos ao seu redor. Ele acariciou com a ponta do polegar no seu clitóris e ela começou a se contorcer, enquanto ele se inclinou sobre seu corpo. Quando parou de repente, ela quase chorou.

—Aquele homem nunca vai tocar em você novamente, entendeu? — Ele não estava com raiva, mas sua determinação era incontestável.

—Eu já tinha decidido isso há muito tempo. Eu juro.

Ele acariciou seu clitóris e ela desmoronou em seus braços, ofegando enquanto seu orgasmo tomava conta. Ela cravou as unhas em seu braço, enquanto o seu interior fez seus dedos enrolarem. Estava repetindo seu nome contra seu pescoço como um disco arranhado, mas ele cantarolava contra sua pele em contentamento.

—Eu tenho que dizer a Smith e a Terrell. — Dillon falou para a escuridão enquanto ela estava ofegante ao seu lado. —Eles precisam saber que devem estar à procura de alguém que teve acesso à sua casa antes da invasão. Eles precisam começar a olhar para o pessoal da construção, ou qualquer outra pessoa que poderia conhecer seus hábitos pessoais. Stephens e eu falamos com muitos operários que conseguimos, das informações

do contratante que você nos deu, mas, eu acho que eles precisam cavar mais fundo. Nós batemos em alguns becos sem saída, devido ao volume de negócios, demissões e registros de emprego mal conservados, mas tem de haver algo lá.

—Mas se você falar com Smith e Terrell...

—Eu vou dizer a Smith e Terrell.

—Dillon... — Ele a silenciou rapidamente e a puxou em seus braços. Não precisava ver o rosto dele, para ver a preocupação. Havia um peso, sentado em sua consciência naquele momento e não conseguia esconder isso dela.



Capítulo 21

Dillon não tinha ideia do por que estava tão enfurecido por seu passado com Jason, tinha assistido ela dormir ao seu lado, enquanto tentava descobrir o motivo. Dillon não era do tipo que sentia ciúmes, nunca tinha sido. Mas quando era a respeito dela, tinha todo tipo de ciúmes.

Dillon queria saber se significava alguma coisa para ela e não conseguia imaginar, se era apenas mais um Jason em sua vida. Provavelmente, porque ele fazia isso. Mantinha relacionamentos apenas casuais desde a morte de Shannon. E Katrina, tinha sido a primeira, que queria manter permanentemente. No entanto, tinha muito medo de que ela o olhasse do jeito que ele normalmente fazia com as suas outras mulheres.

Katrina não parecia realmente ser do tipo casual, mas não o impedia de temer. Não queria ser para ela, o que ele tinha sido em todos os relacionamentos que teve anteriormente.

Katrina era tão linda. Seu cabelo castanho claro tão longo e liso, seus lábios tinham aquela voltinha completa. Ele se conteve lambendo seus próprios lábios apenas com a visão dela. Os

músculos do rosto dela se contorceram enquanto sonhava e quando gemeu baixinho, ele passou a mão no seu ombro e beijou sua testa. Quando se afastou, podia ver seus olhos abertos brilhando ao luar.

—Eu me importo com você também. Desculpe-me não te dizer na outra manhã. — Ele olhou para ela, tentando fazer sua garganta engolir, tentando respirar, tentando colocar sua língua para funcionar e assim, pudesse responder. Quando Katrina se sentou, balançando a cabeça e virando-se de costas para ele, sabia que tinha estragado tudo. A agarrou pela cintura, se ajeitando para sentar atrás dela.

—Pare. Nem mesmo pense em fugir de mim. — Ele puxou seu cabelo do ombro, para que pudesse beijar seu pescoço e deu beijos com suaves chupões, ao longo de seu pescoço até o ombro. Katrina baixou a cabeça para o lado e ele foi cheirando até embaixo de sua orelha. Ainda não estava dizendo o que precisava dizer, mas ela também não estava dizendo o que ele precisava escutar.

Puxou-a de volta para cama e ela enrolou-se em seus braços. Ficaram lá até a manhã seguinte. Dillon realmente queria lhe mostrar alguns movimentos de autodefesa, mas toda vez que mencionava isso para ela ou trazia a tona naquele dia, eles acabavam de alguma forma de volta na cama ou enrolados no sofá. Era domingo e, depois de tudo, não estavam preparados para lidar com a vida real, com a ameaça real, nada de realidade ainda. Sua casa parecia segura para ele... sempre havia sido... e tê-la por lá, não só, parecia certo e confortável, parecia seguro.

—Eu tenho que alimentar Kitty e pegar algumas roupas. — Ele não disse nada quando ela o olhou, esperando por uma resposta. Se ele dissesse que não, não tinha dúvidas de que ela iria mandá-lo ir se foder. Talvez Katrina fosse mais agradável do que foi com Smith e Terrell, mas não teria nenhum problema em enfrentar qualquer pessoa. E não negligenciaria sua gatinha por sua própria segurança.

—Estou supondo que eles não estão vigiando a casa de Imogen tanto quanto fariam, se você tivesse hospedada lá, então, você precisa se certificar de que eles saibam quando você chegar. Eles provavelmente farão um policial te encontrar e se não o fizerem, eu quero saber, porque você não deveria estar lá sozinha. Eu acho que você deve trazer sua gata com você.

Agora, ele estava esperando uma discussão e acabou de conseguir.

—Kitty tem mais de 20 anos de idade. Você, simplesmente, não move gatos idosos de um lugar para outro, só por uns dias. Ela não é um cão. Você não pode...

—Você poderia apenas ficar por aqui. — Ele disse isso casualmente, mas por dentro estava pirando como nunca. Que merda foi que acabou de propor? Dillon se levantou e saiu do quarto sem lhe dar a chance de responder. Ele caiu no sofá e ligou a TV.

Não demorou muito tempo para ela ir ao seu encontro, então, ele silenciou a TV quando Katrina sentou-se ao seu lado. Dillon estava descansando de costas e deixou sua mão arrastar-se sob a parte inferior da blusa dela, enquanto estudava seus

olhos. Sentir-se tão desesperado por uma mulher não era algo que estava acostumado. Ele a colocou em um estranho estado de controle sobre ele que geralmente... melhor dizer, nunca... teria feito, tão facilmente.

—Eu não tenho certeza do que você está dizendo.

—Sim você tem. Mas você está certa. Foi uma ideia estúpida. Esqueça que eu falei isso. — Ela parecia magoada por um segundo, mas ele se feriu ao ver sua surpresa quando perguntou. Novamente, o que não estava sendo dito, estava fodendo com tudo, mas *esse*, simplesmente, esse não era o momento certo.

Sua vida estava em perigo, o relacionamento deles estavam se movendo mais rápido do que, qualquer outra coisa acontecendo ao redor. *Que merda!* Nem seu próprio filho, ainda, estava plenamente consciente do que estava acontecendo. Nenhuma das coisas estavam acontecendo para que eles pudessem avançar e até que sua vida estivesse segura, não tinha um ponto em tudo isso. Não que estivesse disposto a perdê-la, não pretendia isso, mas porra, era difícil descobrir como passar por isso até que ela estivesse segura. Maslow era um psicólogo esperto e acertou na mosca. Eles estavam presos em um degrau de uma escada, incapaz de dar o próximo passo para subir.

Seus lábios estavam entreabertos e sua expressão estava cansada e confusa, todas as coisas que ele não queria que ela sentisse, mas desde que suas palavras, apenas pareciam complicar as coisas, deixou seus lábios corrigir. Dillon tomou, delicadamente, sua boca. Ele provou dela e segurou os lábios nos dele com uma mão firme em sua bochecha.

Podia absolutamente ver uma vida juntos. Katrina pode ser até mais jovem do que ele, mas era madura, inteligente, um pouco ousada quando ela queria ser. Podia vê-la em casa, aqui com ele e Seth. Conhecia seu filho bem o suficiente, mesmo aos treze anos, para saber que ele poderia lidar com isso. Eles poderiam formar uma família juntos.

Família. Essa droga de coisa que ela perdeu há alguns anos e queria lhe dar de volta. Não tinha ideia se Katrina queria ter seus próprios filhos, mas não iria recusar a ideia de dar-lhe isso também. Ele era jovem o suficiente aos trinta e cinco anos e ela seria uma excelente mãe. Não havia nenhuma dúvida disso. Seth, também seria incrível como irmão mais velho.

Ele estava planejando suas vidas juntos, quando ela se sentou nervosa, ao seu lado. Sua mão ainda estava sob a parte inferior de sua camisa, mas seus dedos tinham acalmado no momento em que a conversa ficou tensa.

—Eu tenho que ir para a delegacia por um tempo. Não se esqueça de chamar Smith e Terrell antes de sair. Vou deixar uma chave para você sobre a mesa, antes de ir para o chuveiro. — Ele levantou-se enquanto seus olhos seguiram-no saindo da sala.

Quando terminou de tomar banho e de se vestir, ela já tinha saido. Ele ficaria preocupado até que a visse novamente, mas não estava mentindo quando disse que precisava ir para a delegacia. Ele ligou para Stephens, preparando-se para uma tempestade de merda com sua irritação e minutos depois, estava fora.



Ela acabou lavando duas levas de roupas na máquina de lavar roupa, enquanto estava na casa de Imogen. Passou o resto de seu tempo se aconchegando com Kitty no sofá, enquanto esperava o sinal da máquina soar. O dia estava quente e o sol iluminou a grande sala da casa. Katrina cochilou com Kitty ronronando e, quando acordou, dobrou sua roupa e finalmente tinha calcinhas e roupas limpas, com uma escova de dentes, amontoados numa bolsa quando o sol já estava começando a desaparecer.

Ela decidiu chamar Imogen sabendo onde a conversa ia chegar antes mesmo de discar o número, mas era sua melhor amiga e precisava falar com ela.

—Você dormiu com ele! — Imogen estava praticamente gritando no telefone.

—Sim, bem, eu não sei se isso vai acontecer novamente. Eu apenas estrago tudo. Literalmente, eu nunca digo a coisa certa e nem tenho certeza do que é certo para dizer!

—Você já pensou que a honestidade pode ser o certo a fazer?

—Não, você está sendo ridícula.

—Você o ama?

—Oh, puta merda, Imogen. Eu não quero responder essa pergunta.

—Por que não?

—Por que... Eu não sei como ele se sente sobre mim e eu não quero amar alguém que não sente o mesmo por mim, como eu sinto por ele. Isso iria me destruir.

—O que te faz ter tanta certeza, de que ele não te ama também?

—Começamos a pouco mais de um mês. As circunstâncias que cercam a nossa relação são apenas... Bem, é apenas um caos. E se o que eu estou sentindo, é o resultado dessa adrenalina, dessa agitação de vida em que eu estou experimentando?

—Você não pode acreditar nisso. Eu te conheço melhor do que isso. Mamãe e papai me pediram para lhe dizer oi e que eles estão pensando em você. Eles também estão chateados que eu não te trouxe comigo. Você sabe o quanto te amam você depois daquela vez que você me salvou na faculdade.

—Imogen, eu tirei você da cadeia.

—As acusações foram retiradas, duh. Portanto, não é como se eu estivesse realmente presa.

—O sistema de justiça do Reino Unido não é tão diferente do nosso, Imogen. Você foi presa. Eu te prometo. Ouça, eu vou falar com você em breve. Eu sinto sua falta.

—Também sinto sua falta, Trink. Se cuida.

Momentos depois houve uma batida na porta e ela falou com o oficial que tinha conhecido no portão, quando chegou. Ele inspecionou o interior da casa e em seguida, patrulharam a propriedade enquanto outro policial da patrulha dava voltas no

quarteirão. Katrina estava começando a se sentir como uma sugadora dos contribuintes de Seattle, mas estava agradecida. Quando voltou para dentro, o telefone tocou novamente. Aparentemente, sua tarde de preguiça tinha acabado. Era Dillon.

—Podemos jantar no centro da cidade? — Ela não disse nada por um momento. Estava realmente apenas aliviada que ele não parecia chateado. —Kat? Você está bem?

—Sim. Sim, desculpe. Claro que podemos. — Ele lhe deu o endereço e disse qual estacionamento era para ela parar. Então, aparentemente, nem todos os estacionamentos eram difíceis. E uma vez que estava lá, encontrou uma vaga facilmente. Era domingo à noite e o estacionamento estava deserto, mas isso não fez parar de girar as engrenagens em sua cabeça.

Começou a entrar em pânico no momento em que desligou o carro. As paredes de concreto e teto baixo, de repente, pareciam tão claustrofóbicas que não conseguia nem abrir a porta. Mas em vez de deixar sua imaginação tomar lugar, ligou para ele.

—Estou aqui. Mas, merda. Sinto muito. Eu estou com medo até de sair do carro. — Ela se sentiu ridícula, assim que as palavras saíram.

—Que andar você está? Eu vou até você.

Dillon chegou ao seu lado, menos de um minuto depois e quando ela finalmente destrancou a porta e abriu-a, ele estava lá ao seu lado puxando-a para um abraço apertado.

—Você está bem, baby. — Ele murmurou em seu ouvido, enquanto acalmava sua respiração cortada. Enquanto ele estivesse lá, ela estaria bem. Dillon pegou sua bolsa do banco da

frente do carro e jogou no banco de trás do seu, enquanto ela o olhava com curiosidade.

—Estamos deixando seu carro aqui. Disfarçando em tudo. — Ele sorriu e ela balançou a cabeça.

—E o que acontece quando eu precisar de um carro? — Ela perguntou desafiando.

—Bem, podemos apenas pegar o seu se precisarmos. Caso contrário, você pode pegar um táxi se tiver que fazer isso, ou, eu posso levá-la para onde você precisar ir. Nenhum de nós tem que trabalhar esta semana, por isso não deve ser muito difícil.

—Você sabe que deixar meu carro nesta garagem por alguns dias, vai me custar um belo dinheiro.

—Você é uma professora. Você faz muito dinheiro. — Ela bufou com essa. —Eu estou pagando pelo jantar para compensar isso e você só tem que me deixar pagar para tirar seu carro daqui também. — Ele pegou a mão dela, puxando em direção ao elevador.

O restaurante era calmo, exótico e perfeito. Era italiano, você nunca poderia errar na escolha, indo para um restaurante italiano, na opinião de Katrina. Ele se sentou em frente a ela, observando-a. Dillon parecia gostar de olhá-la e, francamente, achou sexy pra cacete, quando a estudava tão a sério assim. Ele obviamente não estava chateado com o que aconteceu mais cedo e ela certamente não estava também.

—Como está a Kitty?

—Viva. Isso é tudo que posso dizer sobre essa velha morcega neste momento. — Ele sorriu.

—E um oficial, te encontrou lá?

—Sim. Vasculharam a casa e patrulhavam a propriedade. Nenhum sinal de qualquer atividade lá, pelo que ele disse.

—Bom.

—Por que você foi para a delegacia hoje? — Katrina estava com medo de já saber a resposta para essa pergunta, mas perguntou de qualquer maneira. A pausa, demasiado longa que recebeu com a sua pergunta, deixou claro que ela foi direto ao ponto.

—Eu liguei para Stephens e pedi para que me encontrasse lá. Eu queria falar sobre a nossa conversa e a possibilidade de que o criminoso já esteve dentro da sua casa, antes da invasão. — Ela apenas balançou a cabeça enquanto falava. —Eu dei a ele a versão diluída da nossa conversa. Eu deixei de fora o fato de que estávamos no chuveiro e uma boa parte do que eu disse a você, que nos levou à essa conversa. Eu admiti que falei com você, o que foi ruim o suficiente, dada a reação dele e eu lhe disse o que sabia e porque eu pensei que este criminoso já teve acesso à sua casa antes.

—Você falou com Stephens sobre o meu vibrador?

—Todo mundo sabe que você tem um vibrador neste momento querida.

—É humilhante.

—Eu pessoalmente, acho sexy pra caralho. Lamento que você ache que isso é humilhante. — Ele estava sorrindo e quando a garçonete chegou, de repente, com a comida, ele nem se incomodou em olhá-la, enquanto ela colocava seus pratos na mesa. Ele estava observando-a de novo.

—Então, o que Stephens disse? — Ela falou com boca cheia de berinjela a parmegiana.

—Me chamou de burro idiota, mas depois, concordou comigo. Smith e Terrell estavam lá, então, deixei Stephens falar. Ele não mencionou quando falei com você sobre isso. Só deu as informações da conversa e quando eles perguntaram quando tínhamos falado sobre isso, evitou a pergunta e eu saí antes que pudessem ir mais longe. Isso não é muito importante e eles sabem disso. No entanto, que eles avancem em sua investigação e continuem acompanhando o empreiteiro como deveriam, quem falou essas coisas não é da conta de ninguém.

—Você realmente acha que poderia ser um dos empregados da construtora?

—Há um número incrível de cenários a considerar, mas eles estão certos em se aprofundar mais. Eu não quero falar mais detalhadamente sobre isso com você, mas eu posso lhe garantir que Smith e Terrell vão. Você precisa ser honesta, aberta e precisa realmente se esforçar para lembrar-se dos detalhes que eles pedem. Sua colaboração é um grande trunfo para eles e isso precisa continuar dessa forma.

Katrina assentiu. Dillon estava colocando um fim sobre o tema, mas ela entendeu. Tendo essa conversa com ele agora, iria

se tornar redundante depois. Melhor lidar apenas com os detetives que poderiam usar as informações que ela lhes desse e não colocar detalhes nas mãos de Dillon, que iria deixá-lo na posição de ter que passar as pistas para eles. Era assustador o quanto ela estava entendendo este conflito, do seu ponto de vista.

—E se você só gosta de mim por causa de tudo isso? — Sua boca estava se sentindo muito confortável. Deve ser a comida italiana.

—Isso o que? — Ele zombou com uma garfada de frango saltimbocca, parada perto da boca.

—Este caso. A ansiedade, a adrenalina, o constante estado de loucura.

—Primeiro de tudo, eu lido com esse tipo de estresse o tempo todo. Em segundo lugar, isso não explica porque eu queria transar com você até fazer você parar de me repreender durante a conferência de pais e professores. — Ele riu calorosamente, ainda segurando seu garfo no ar.

—Então, realmente não tem nada a ver com tudo isso?

—Se a luxuria por adrenalina é o motivo de você estar aqui comigo, então nós precisamos conversar. Porque este é o maior intervalo, para que eu realmente quero estar fazendo com você. — Seu rosto de repente ficou muito sério.

—Que seria?

—Conhecê-la melhor. Descobrir como você é, eu suponho. Fazer você se apaixonar por mim. — Suas palavras e seus olhos

pararam nessa última afirmação e o coração de Katrina de repente pulou.

—Você me ama? — Ela pensava que era uma pergunta lógica em sua cabeça, mas, no segundo em que pronunciou as palavras, estava mortificada. Sua voz estava calma, não conseguia nem engolir e nem pela vida dela, poderia olhar em seus olhos que, de repente, estavam de volta nela.

—Sim. — Ele parecia tão tranquilo como ela e quando a garçonete apareceu do nada perguntando como seu prato estava, eles apenas se olharam, sem dizer nada, nem mesmo para pobre e confusa garçonete que esperava de pé ali, pacientemente.

—Sim. — Ela estava sussurrando novamente. Nunca tinha sussurrado tanto em sua vida.

—Desculpe-me, minha senhora, sim? Eu perguntei como a berinjela estava?

—Não, quero dizer, sim. Quero dizer sim a ele e a berinjela. Estava boa também, mas, uh... — Merda, ela estava toda errada, mas Dillon estava sorrindo. Ele estava se divertindo e sua mão encontrou a dela sobre a mesa, dando-lhe um aperto suave.

—Não leve a mal. Ela está apaixonada por mim, isso é tudo. A comida está deliciosa também. — A garçonete deu-lhes um aceno estranho antes de sair. Eles não iam ver muito dela mais, depois disso. Mas então, eles não estavam prestando muita atenção a ninguém, apenas um no outro.



Sua admissão havia chocado tanto ele, como pareceu chocá-la. Quando ela lhe disse que o amava também. Bem, isso fez o choque subir a um nível totalmente novo. Em seguida, como se não bastasse, ela subiu em seu colo no momento em que ele desligou o carro e foi fechar o portão da garagem, que estava aberto. Foi o choque número três. E, enquanto os dois primeiros choques derreteram seu coração, este, enviou um tipo diferente de calor através de seu corpo.

Ela estava desfazendo os botões de sua camisa, enquanto ele atacava sua boca. Katrina rasgou o tecido de sua camisa com um puxão voraz e sua boca se moveu para baixo em seu pescoço. Dillon estava muito velho para chupões, mas não estava indo parar sua boca, enquanto ela chupava sua pele.

Quando ela se afastou um pouco em direção ao volante, foi para que pudesse arrastar sua boca, para baixo no seu mamilo. Katrina beliscou suavemente com os dentes e ele gemeu.

Dillon puxou sua camisa sobre a cabeça e pegou seu sutiã preto. Katrina tinha seios incríveis e ousados, com a pele mais macia que já havia sentido. Ele puxou para baixo, abaixo dos seios, empurrando-os ainda mais para cima. Ela tinha apenas pequenas linhas parciais, formando cicatrizes no local onde tinha sido cortada e a maioria dos cortes era nada mais do que essas cicatrizes, bem finas.

Dillon passou os dedos pelas linhas rosas ligeiramente levantadas. Katrina se inclinou para trás, observando-o. Quando se inclinou e chupou seu mamilo, os dedos amassaram o monte

cheio de seu seio enquanto sua boca trabalhava. Dillon apertou com cuidado, para não ser demasiado áspero em torno das últimas linhas de ferida restantes e, puxou. Deixou seus dentes passar suavemente e ela gemeu quando empurrou sua pélvis para trás encontrando a dele. Katrina estava vestindo calça e com sua excitação continuou a montar e seus quadris empurrado para baixo em seu desespero, mas ele acalmou seu corpo suavemente com as mãos nos quadris.

—Por que você não usou uma calça crotchless[11] hoje? — Sua voz estava rouca quando falou em seu ouvido.

—Desculpa. Por que eu não pensei nisso?

Dillon bateu em seu quadril de brincadeira e Katrina se encolheu, puxando seu corpo ainda mais perto do dele. Ele a beijou cuidando para não deixar as coisas ficarem muito aquecida novamente, antes de puxar a boca da dela e balançar a cabeça com desaprovação simulada. Quando ele puxou a maçaneta da porta, ela baixou a cabeça em seu ombro.

—Espera aí, docinho. — Ele ficou com ela escarranchada em seus quadris, com suas pernas agarradas com força e os braços ao redor do pescoço, abraçando-o.

Dillon não perdeu tempo entrando em casa a colocando no sofá, mas em seguida, seu telefone celular começou a tocar. Pensou em deixar para lá, mas suas sobrancelhas se ergueram quando tocou pela terceira vez e ele sentou-se entre as pernas dela, puxando o telefone da mesinha, onde o tinha deixado. Katrina se encostou no sofá olhando-o.

---

11 Calcinha com abertura na frente, no caso ele sugere o uso de uma calça dessa forma

—*A casa de sua menina está pegando fogo. Quer apostar que não é acidental?* — Dillon ficou em silêncio, lutando para controlar sua reação às palavras de Stephens, enquanto Katrina olhava-o. —*Porra, ela está com você, não é? É por isso que você não tem nada a dizer e porque Terrell, foi reclamar sobre ela não lhes dizer onde estava morando.*

—Vou falar com você mais tarde.

—Seu estúpido.

O telefone de Katrina começou a tocar, mas ela estava tendo um momento difícil para puxar os olhos de Dillon e ver quem estava ligando. Tinha suas suspeitas. Tinha razão de ter. Ele não conseguia esconder o choque dela.

—Eu te ligo mais tarde.

—*Espere*. — Stephens estalou para ele.

Katrina respondeu seu telefone enquanto ele estava à espera de Stephens para dizer algo mais e quando viu sua expressão mudar, sabia que ela tinha acabado de receber a notícia. Seus olhos se encheram de lágrimas instantaneamente e ela virou o rosto, colocando a mão, para cobrir seus olhos, quando começou a chorar.

—*Eu vou buscá-la. Eles vão precisar falar com ela e eu estou supondo que vai ser melhor Katrina chegar comigo, do que com você. Ninguém acha que estou transando com ela.* — Stephens desligou e Dillon chegou até ela.

—Sinto muito, docinho. Era Stephens. Ele acabou de me contar.

—Por quê? Por que alguém faria isso? — Katrina estava chorando, quando puxou-a para seu colo. Ela afundou-se contra ele.

—Eu não sei, docinho. Eu sinto muito. Stephens vai vir buscá-la e levá-la para a delegacia. Ele estará aqui em cerca de quinze minutos. Quer que eu traga alguma coisa?

—Não. — Ele apenas voltou a segurá-la. Não havia mais nada que pudesse fazer por ela e foi um sentimento de desamparo. —Será que vão me deixar ver a casa? — Ela continuou balançando a cabeça em descrença e não conseguia parar as lágrimas.

—Não essa noite. Não até que os bombeiros e forenses tenha limpado a cena. — Ele manteve a voz baixa, calma. Era a mesma voz que usava quando falava com praticamente qualquer testemunha do sexo feminino e ele odiava o som dela agora. Não havia nada sobre ela que poderia permitir ser como qualquer uma, como as outras testemunhas, mas ela respondeu a essa voz e depois se aconchegou mais perto dele, relaxando contra seu corpo. Isso era definitivamente diferente de como lidava com as suas testemunhas.

Quando Stephens bateu na porta, Katrina levantou-se e ele a seguiu. Stephens entrou pela porta e olhou para os dois. Ele olhou para Dillon e tentou usar uma expressão simpática com ela. Sutilezas apenas não eram com ele, o que fazia disso o motivo de Dillon ser o homem de frente em sua equipe.

—Você vai ser capaz de ver a casa em algum momento ao longo dos próximos dois dias para ver se há alguma coisa

aproveitável, mas eu não esperaria muito. — Ela assentiu, mas as lágrimas estavam em suas pálpebras inferiores, apenas esperando por uma desculpa para cair novamente.

Quando Stephens colocou a mão em seu ombro, ele falou.

—Eu sinto muito, Katrina. — *Uau, ele nem sequer dirigiu-se a ela de maneira formal.* Dillon estava começando a suspeitar do por que de seu parceiro tentar protegê-lo. E não tinha muito a ver com ele, mas muito a ver com ela. Ele gostava dela. E não de uma maneira que faria Dillon querer quebrar seus dentes. Seu parceiro, só gostava dela, a respeitava.

Suas lágrimas começaram a cair e Stephens puxou sua mão para trás, balançando a cabeça em frustração. Não estava frustrado com Katrina. Sua frustração era sobre o caso, no perigo em que sua vida estava, a ameaça que permanecia sobre sua cabeça, independentemente, do que eles faziam para tentar parar isso. Ele e Stephens estavam na mesma página dessa vez, e era tudo sobre proteger Katrina.

Ele provavelmente não devia tocar Katrina na frente de Stephens, mas não havia nenhuma maneira que podia ficar de braços cruzados enquanto ela suportava isso sozinha e quando a puxou em seus braços, ela não se opôs e nem Stephens.

—Você tem a chave? — Katrina assentiu quando se afastou dele. —Eu falo com você, quando você chegar em casa. Desculpe-me não poder ir junto.

Ela balançou a cabeça.

—Está tudo bem. Eu vou ficar bem. — Ela estava tentando tranquilizá-lo. Que estranho, esse era seu trabalho. Ele jogou o

cuidado no vento inteiramente, quando se inclinou e a beijou. Foi apenas um beijo, suavemente doce, embora terminando o beijo com ele dizendo que a amava, estava empurrando um pouco as coisas demais. Stephens apenas pigarreou, mas não disse nada.

—Eu também te amo.

Observou enquanto Stephens andou com ela até seu carro e viu quando eles começaram a dar ré, na sua garagem. O desamparo estava começando a tomar conta de sua vida e odiava isso.



Capítulo 22

No momento em que chegaram à delegacia, já eram quase dez horas e com o tempo que ela esperou por Smith e Terrell para chegarem da cena do crime, já era depois da meia-noite. Eles fizeram suas intermináveis perguntas, as mesmas que haviam lhe feito uma centena de vezes. Eles deram as atualizações de status da casa e quão destruída ficou.

O corpo de bombeiros levou a maior parte da noite para apagar e uma vez que estava seguro, os detetives Smith e Terrell a levaram lá para que pudesse chorar, até se afundar em um estado de estupor. Eles não iriam deixá-la sair e ela não tinha certeza se realmente queria. Seus vizinhos, pessoas que tinha cumprimentado, acenado e conversado, estavam todos ao redor, ainda olhando a fumaça da casa queimada.

Quando eles a trouxeram de volta para a delegacia, Stephens ainda estava lá esperando por ela, parecendo irritado e talvez um pouco esgotado. Já estava perto de amanhecer e toda essa emoção estava correndo através dela como um rio raivoso de confusão, ela ainda estava desgastada e pronta para escapar para algo mais pacífico do que a vida real.

Ela se sentou, esperou e fez o seu melhor para descobrir o que diabos estava acontecendo em sua cabeça. Katrina estava entorpecida em um minuto e no próximo segundo, estava tão lívida que queria gritar.

Sua raiva foi de curta duração, quando as memórias da casa que tinha feito para si mesma começaram a circular em sua cabeça, veio a tristeza. Em seguida, virou para um completo terror, em como verdadeiramente ferrada poderia estar. Agradecida por estar pelo menos viva e então, rastejou para dormência, assumindo novamente enquanto ela lutava para juntar a cabeça em torno de tudo isso.

—Posso levar a Srta. Page para casa agora, rapazes? — Stephens parecia ser amigo do Detetive Terrell, dada a relação levemente pessoal que eles tinham um com o outro, mas o detetive Smith levantou outro assunto.

—O quê? Você é seu acompanhante agora, é isso?

Stephens riu sem graça.

—Porra nenhuma, Srta. Page e eu, apenas frequentamos os mesmos círculos. Ela é uma educadora e eu sou apenas inteligente pra caralho. — Stephens tinha uma forma estranha de desarmar a situação, recusando-se a dar uma resposta direta. — A Srta. Page e eu somos do tipo cerebrais e nós não temos tempo para suas merdas. Agora, eu posso levá-la daqui ou vocês dois querem gastar mais do tempo dela?

Eles estavam na estrada menos de dez minutos depois disso. Era cedo demais para o gosto de Katrina, mas quando ela colocava no contexto de nem mesmo ter dormido, era tarde até

demais. Stephens puxou o carro para um drive-thru do Starbucks, pedindo um café grande e bem forte, com três colheres extras no expresso dele. Droga.

—O que você quer, Srta. Page?

—Katrina, por favor. Eu gosto quando todos os meus motoristas me chamam pelo meu primeiro nome. — Ele sorriu. Ela nunca tinha o visto sorrir antes. —Eu só quero um vanilla steamer, sem açúcar.

—Fala sério, isso?

Agora, era a sua vez de sorrir. Foi um sorriso fraco, provavelmente pouco convincente, mas era um começo. O rosa claro que estava iluminando o céu a cada minuto foi como remédio necessário para seu humor. Kitty estava segura. Katrina também estava e não era nem perto o que aquele lunático queria quando tinha tirado tudo dela, apenas num piscar de olhos. E realmente era sortuda. E também, uma sem-teto.

—É só leite fervido, com sabor de baunilha. Tenho a intenção de dormir quando eu chegar em casa, não ficar acordada por uma semana direto, como você, aparentemente, pretende fazer.

Uma vez que eles tinham suas bebidas na mão, dirigiu-se para a casa de Dillon e ela olhou para o céu lentamente se iluminando.

—Posso perguntar qual é seu primeiro nome, detetive?

—Marcus. Ou Marc.

—Por que você e Dillon não se dão bem? Não é só comigo, é?

—Humph... — Ela estava se acostumando com seus bufos. Não tinha ideia do que isso significava, mas sabia que não era mal-intencionado. Nada sobre Stephens era simples de dizer.

—Se dar bem com as pessoas, não foi sempre o meu forte. Não quer dizer que eu não gosto do cara. Gosto dele, simples assim. E, francamente, eu me dou com ele tão bem, quanto qualquer um.

—Você está... Ajudando ele com esta situação. Eu acho que eu só estava me perguntando o por quê.

—Essa situação, estou supondo, que você quer dizer, é o fato de estarem transando.

—Então, é assim que nós, pessoas inteligentes, falamos?

Outro bufar.

—O que vocês dois estão fazendo é arriscado. É bom que ele não esteja mais com seu caso em mãos. E não porque eu acho que ele não é um detetive capacitado o suficiente, Dillon é um dos melhores que eu já conheci. Nós somos bons no que fazemos, mas ele estava perdendo a perspectiva com você.

Ela assentiu. Ela entendeu bem.

—Agora, é com a sua carreira que ele tem que se preocupar. Este caso, nem sempre vai ficar no caminho de vocês. E ele não é o primeiro detetive a se apaixonar por uma testemunha. Acontece. Mas, discrição é o nome do jogo e a porra desse bandido está colocando seu relacionamento à frente de todos e no centro de tudo, com seus talentos fotográficos. — Ela estava em

silêncio para ouvi-lo. Stephens não era um homem de muitas palavras. E se, ele estava querendo falar, ia prestar atenção.

—A verdade mesmo, é que eu entendo. Dillon não pode ficar longe de você. E, francamente, eu prefiro ter você vivendo com ele a tê-la em qualquer outro lugar, mas vai ser um risco para a sua carreira, até essa coisa toda acabar. As regras sobre os *conflitos de interesse* são imprecisas. O que é, ou o que não é considerado um conflito, não está tão claro e definido ainda, como se poderia pensar. Foi-lhe dito para ficar longe de você e ele não ficou. Agora, isso não significa que ele está fora do emprego. O que significa é que poderia perder seu emprego, se o chefe decidir fazer disso um problema. Dillon poderia perder, caso seu relacionamento se torne um problema no tribunal. É apenas um monte de coisas que pairam sobre a cabeça dele.

—Você acha que eu deveria parar de vê-lo? — Doía até mesmo considerar e ela não tinha certeza, de que poderia fazer isso.

—Não. — E então Stephens parou abruptamente e se virou para ela. —Não. — Ele olhou para o chão do carro, para seus pés, com um olhar perplexo no rosto. Balançou a cabeça sutilmente e foi ridículo, de tanto tempo que passou antes de que, finalmente, olhasse novamente para ela. —Eu gosto de você. Eu gosto de vocês dois juntos. Você é boa para ele. O tipo de bem que faz valer a pena correr esse risco. Você perguntou por que eu estava ajudando a tirar um pouco da atenção fora dele. Essa é a sua resposta.

Ele colocou o carro para andar, mas antes de puxar de volta para o tráfego, se virou para ela uma vez mais.

—Você pode manter essas informações para si mesma. Não preciso dele pensando que eu estava todo sentimental e essas merdas todas.

—Sem problema, Detetive Stephens. — Katrina atirou-lhe uma piscadela exagerada e estalou a língua para efeito.

—É Marc.

Ele a acompanhou até a porta quando eles voltaram para casa de Dillon. E Dillon se encontrou com eles na entrada e parecia tão exausto quanto ela se sentia. Ele ainda estava vestido com a mesma roupa da noite anterior. Agradeceu a Stephens e, em seguida, levou-a até seu quarto, fechando as cortinas e rastejando ao lado dela. Katrina pegou no sono, logo que sua cabeça bateu no travesseiro, com os braços dele firmemente em



torno dela.

Katrina o acordou quando sentou-se na cama ao seu lado, gritando. Dillon também tinha tido alguns pesadelos nos seus dias ruins. Seth, passou por um período com pesadelos, depois do acidente de carro que Jake e Molly sofreram e ele acordava quase todas as noites, durante um mês. Mas este ganhava o prêmio. Ela estava gritando com terror, no qual, rapidamente,

tornaram-se soluços, quando percebeu que seu pesadelo era sua realidade.

—Você está bem, baby. — Ele murmurou contra seu ouvido quando ela o deixou puxá-la para mais perto.

Virou-se para ele, com os olhos brilhando a luz do sol da tarde que estava passando pelas brechas das cortinas fechadas.

—Ele vai me matar. — Não havia um pingo de inflexão em sua voz.

—Não, ele não vai. Isso não vai acontecer. — Ele acariciou suas costas e ela lentamente parou de tremer e se aconchegou nele novamente. —Eu vou chamar a oficial que ensina auto-defesa da qual eu estava te falando antes. Suas aulas são nas terças-feiras, a noite no Y. Vou ver se ela pode receber você amanhã mesmo, ou achar um tempinho para você individualmente.

—Você não pode simplesmente me ensinar?

—Parece que quando tentamos, desviamos do que tem que ser feito. — Ele tentou clarear seu humor com um sorriso. —Além disso, ela tem voluntários que usam equipamentos de proteção para que você realmente comece a praticar. — Ele sorriu e ela finalmente sorriu junto.

—Porque, você está com medo que eu te machuque?

—Eu lhe garanto de que se eu deixar, você colocar seu joelho na minha virilha, você me coloca no chão. — Ele a beijou. —Que tal tomar um banho, fazer o jantar e eu chamo Selena para ver sobre as aulas? — Ela assentiu e o seguiu até o banheiro.

Eles ficaram sob os jatos quentes e ele a segurava contra seu corpo, lutando sobre a possibilidade de ser despertado ou não. Era impossível não despertar. Katrina estava nua, afinal de contas e, ele adorava seu corpo incrível. Desligar seu pau, era simplesmente impossível na presença dela, mas ela não parecia se importar com a fúria do tesão que estava apertando entre seus corpos.

Quando ele finalmente a soltou e virou-se para o chuveiro, ela alcançou em torno de sua cintura e puxou-se para perto de suas costas. Beijou ao longo de sua pele, seus dedos acariciaram delicadamente o estômago e para baixo, nos seus quadris e coxas. Katrina estava, intencionalmente, ignorando sua ereção, mas ele não.

Suas mãos traçando tão suavemente sobre a pele, não era algo que seu pênis podia ignorar e Dillon acariciou seu comprimento, enquanto as mãos dela se moveram levemente contra sua pele. Quando Katrina finalmente, deixou uma mão trabalhar em seus testículos e com sua outra mão, segurou seu eixo, ele gemeu.

Ela entrelaçou os dedos com os dele contra seu pau e com a outra mão apertava suas bolas, gentilmente, nas palmas de sua mão. Katrina passava seus dedos para cima e para baixo em sua ereção, torturando sua excitação até que ele estava chupando o ar nas respirações, rapidamente se aproximando de seu limite. Dillon gozou quando se encostou contra a parede do chuveiro, com a mão livre. Ela continuou a acariciar e apalpar, durante seus espasmos e pulsações de sua liberação.

Ela escapou, discretamente, enquanto ele se recuperava no chuveiro. Dillon encontrou-a no térreo, invadindo sua cozinha, logo em seguida. Ele descobriu, rapidamente, que ensinar, não era seu único talento. Katrina era uma cozinheira impressionante e depois de deixá-la fazer o que queria com seus armários e geladeira, preparou uma refeição incrível de sopa cremosa e pão caseiro.

—Eu quero falar com Seth sobre o que está acontecendo. — Ele percebeu um pouco tarde demais que não estava seguindo seu próprio conselho, por esquecer a declaração que deveria mesmo ser uma pergunta.

—Ele não precisa saber sobre tudo isso.

—Não, ele não precisa, mas deveria. Já sabe que algo está acontecendo com você e sabe que eu estou, de alguma forma, envolvido. Eu não estou sugerindo que saiba de todos os detalhes, ou mesmo a maioria deles, mas eu quero ser capaz de ter você por perto quando ele estiver aqui e não ter que dar desculpas esfarrapadas, por isso.

Ele poderia dizer que não ia gostar de sua resposta antes mesmo de ela abrir a boca para falar

—Quando ele voltar das férias, eu... — Ela parecia quase nervosa. —Eu não acho que eu deveria ficar aqui. Eu nem tenho certeza se eu deveria ficar com Imogen.

—O que você está falando? — Ele não estava muito feliz com o que ela estava dizendo.

—Eu acho que eu deveria ficar em um hotel ou, encontrar um apartamento ou...

—Não! — Ele não queria parecer com raiva, mas seria condenado ao inferno se não estivesse exatamente como soava.

—Eu tenho medo de que as pessoas ao meu redor acabem em perigo por minha causa e eu não posso... Eu não posso ser a responsável por isso. Eu não vou ter Seth em perigo por minha causa ou mesmo a Imogen. Já é ruim o suficiente estar aqui, correndo o risco de que ele descubra e coloque você em perigo. O que acontece se descobrir quem você é? E se já sabe disso? Ele já te viu. Então, já coloquei você e Seth em perigo.

—Você não colocou ninguém em risco. Ele colocou. Isso é culpa dele, Kat e você não pode se sentir responsável.

—Não, mas eu posso, com certeza, fazer o que puder para proteger as pessoas que me importam! Realmente não importa de quem é a culpa. Me mataria se algo acontecesse com você ou Imogen ou, Deus! Seth? Não! Como eu poderia lidar com isso?

—Você não pode fazer isso sozinha, Katrina!

—Eu não vejo uma escolha. Eu não tenho nenhuma outra escolha com a qual eu possa viver.

—E o que isso significa para nós?

Katrina olhou para ele, engolindo duro, um nó na garganta. Dillon realmente não tinha a intenção de que a conversa chegasse a este ponto. Queria que concordasse em se mudar para lá, mas aqui estava ela, ameaçando separá-los por causa dessa maldita coisa.

—Eu não sei. — Ela de repente não conseguia olhar para ele. Sua comida foi esquecida, o momento bastante agradável no

chuveiro, antes do jantar, foi embora também. Esse caso, do tarado, estava prestes separá-los e Dillon não estava disposto a aceitar isso.

Quando houve de repente uma batida na porta, os dois pularam. Stephens entrou no momento em que Dillon abriu a porta para ele.

—Onde está sua namorada?

—Sala de jantar. E aí?

—Bem, eu sou o mensageiro do caralho, não sabe disso?

Stephens seguiu para a sala de jantar, onde Katrina estava sentada, olhando pela janela. Detestava a forma como as coisas estavam entre eles no momento. Estava começando a parecer um hábito. Eles estavam vivendo como um maldito ioiô, graças ao pervertido lunático. Estava se tornando impossível para eles ser apenas um casal normal. Todo o aspecto deste caso, de algum modo, tocava em seu relacionamento e acabava fodendo com tudo.

Katrina finalmente olhou para cima para Stephens.

—Você nunca dorme, Marc? — *Marc? Que porra é essa?* Sua voz soava cansada e irritada.

—Não, quem precisa dormir? Amanhã eu vou levá-la até sua casa. Os inspetores do incêndio e forenses, estão passando por toda cena hoje e você será capaz de ver o dano completo, amanhã. Eu dirigi por lá mais cedo e eu estou te avisando que foi perda total. Smith e Terrell querem que você encontre com eles por lá, então, eu lhes disse que iria te levar.

—Você não pode, eventualmente, ter tempo para ficar me levando por aí.

Ele riu baixinho quando eles se entreolharam. Ela olhou culpada e ele parecia estranhamente simpático. Dillon apenas ficou lá, com ciúmes.

—Eu tenho todo o tempo do mundo esta semana. Eu não estou na escala até a volta de Adler domingo à noite, por isso, estou apenas acompanhando as pontas soltas esta semana.

—E sobre Smith e Terrell? Você está assumindo um risco de ir e vir, ao redor, com Katrina. — Dillon sabia que Stephens tinha dominado a arte de ser rude, o suficiente para alguém desistir de ficar perguntando ou, simplesmente, se recusava a responder essas perguntas que podiam incriminá-lo. Mas, isso não significava que ele iria pôr em perigo a sua própria carreira por estar envolvido.

Terrell pode ser seu amigo, mas Smith dificilmente era. E se o chefe descobrisse haveria perguntas. A abordagem idiota de Stephens, só pioraria as coisas com Greenwood.

—Katrina e eu já conversamos sobre isso e você não precisa se preocupar. — Os olhos de Dillon brilharam para Kat, que estava agora, timidamente, o evitando. O ciúme de Dillon foi se elevando a cada palavra que passava. *O que diabos Stephens estava fazendo, falando com Kat em vez dele, sobre o que estava acontecendo?*

Dillon se levantou e foi para a cozinha, pegando uma cerveja na geladeira. Ele parou no bar que separa a cozinha da sala de jantar e observou. Stephens sentou-se no final da mesa e Katrina

estava ao lado dele. Havia algo estranho sobre a maneira casual e confortável que eles consideravam um ao outro e deixou o coração de Dillon mais acelerado.

—Eu vou ter que ir na casa de Imogen algumas vezes por semana para alimentar e dar água a Kitty e o meu carro está num estacionamento. Talvez devêssemos trazer meu carro. Então, você não teria que se preocupar em me levar por aí. Eu poderia mantê-lo na garagem de Dillon.

—Não. — Dillon rosnou do seu lugar, ao mesmo tempo em que Stephens respondeu a ela. O olhar de Kat pegou o seu, rapidamente, antes de voltar para Stephens.

—Não, Kat. Você precisa ser vista o menos possível. Ele já viu Dillon e isso significa que é possível que saiba quem ele é, talvez, até onde mora. Também é possível que saiba sobre Imogen e onde fica sua casa também. Você não quer correr o risco dele estar vigiando essa casa e vendo você saindo dela com seu carro. Tornaria muito fácil para ele segui-la. Ele, sem dúvida, conhece seu carro muito bem e nós não queremos que te siga para Imogen. Até eu, te levando por ai, será arriscado. Não tem uma forma perfeita. Adler ou eu poderíamos encontrá-la no centro da cidade e levá-la a partir desse estacionamento. Dessa forma, ele não poderia segui-la, tão facilmente, de volta para cá. Nós não queremos dar-lhe todos as rotas fáceis para seguir você até aqui. É apenas um jogo para torná-lo mais difícil possível dele te seguir ou descobrir onde você está.

O queixo de Dillon trincou, enquanto escutava. Não era como se Stephens estivesse dizendo nada de que já não soubesse,

mas estava lutando com isso internamente. Ele estava com raiva de Kat por diminuir sua importância para ele.

Ele sentiu como se ela fosse, em dois segundos, andar para fora da porta, porque pensou que era um perigo para as pessoas ao seu redor. Entendeu isso, mas também, significava que Katrina estava disposta a sair dali para protegê-lo e ele não poderia aguentar isso. Sua relação fácil com Stephens não estava ajudando a situação e Dillon se sentiu como um maldito idiota e juvenil, com ciúmes. Ele era o que estava do lado de fora no momento e não gostava disso, não quando se tratava dela.

Quando seu celular tocou, ele viu que era Selena. Ele tinha lhe deixado uma mensagem antes, sobre a aula de auto-defesa e ela estava, sem dúvida, retornando a chamada a respeito disso.

—Ei Adler, você tem alguém que quer na minha aula, amanhã à noite?

—Sim, ela é uma vítima num caso de perseguição, que ainda está em andamento e eu me sentiria melhor se estivesse tão preparada quanto pudesse. — Ele tinha deixado a cozinha e estava sentado na escada, no hall da entrada com sua cerveja em uma mão e seu telefone na outra.

Dillon podia ouvir Kat e Stephens falando, facilmente, na sala de jantar e ele teve que se esforçar para se concentrar em sua conversa.

—Claro, vamos fazer isso. Ela pode se juntar a aula, amanhã à noite. A aula na realidade, acontece durante um mês, uma noite por semana e dura uma hora e meia. Amanhã à noite é a segunda noite em nossa série, mas eu poderia ficar depois e dar-lhe uma

boa versão, diminuída, de toda a série. Vou ver se Jeremy pode ficar para ajudar. Talvez duas, ou duas horas e meia extra e poderíamos cobrir o conteúdo um a um? Soa como um plano para você?

—Isso é ótimo, Selena. Eu realmente gostei disso. Cinco horas da tarde, amanhã, certo?

—Sim e eu vou tentar terminar até as nove.

—Ótimo. Ela vai estar lá. Seu nome é Katrina Page.

Ele desligou rapidamente enquanto voltava para a cozinha. Dillon pegou os dois rindo de alguma coisa e quando olharam para cima e viram ele, o riso foi se acabando. Kat parecia nervosa e Stephens parecia confuso e irritado.

—Você está inscrita para a aula de auto-defesa, amanhã à noite.

—Kat, você deve chamar Smith ou Terrell e verificar com eles a hora que você irá encontrá-los em sua casa em algum momento depois do almoço, então, eu posso levá-la diretamente para a sua aula de lá.

—Claro. — Dillon só assistia, incapaz de obter uma compreensão sobre o que acontecia. E era exatamente por isso que estava sentindo tanta raiva, tristeza e ciúmes.

Stephens levantou-se lentamente e Katrina o seguiu até a porta, enquanto Dillon ficou de mau humor, na cozinha.

Quando ela voltou, soltou um suspiro profundo.

—Você está com raiva de mim.

—Não. — Ele olhou para Katrina por um minuto, enquanto ela, o observava com a testa franzida. —Eu estou saindo para correr. Eu vou sair pela porta de trás. — Ele passou por ela quando saiu do local, correndo para o andar de cima para se trocar e não a viu novamente antes de sair de casa.

Ele correu por uns 15 quilômetros, sem mesmo tentar manter um ritmo. Deixou seus músculos queimarem, se focando na dor intensa, em vez de deixar sua mente vagar de volta para ela. Quando finalmente chegou em casa, ele espiou em seu andar de cima. Ela estava dormindo em sua cama. Ele desceu as escadas e adormeceu no sofá.



Capítulo 23

Quando disseram que a casa era uma perda total não estavam brincando. Katrina literalmente saiu com nada, nem uma única peça de vestuário, nada mesmo. Tinha chamado a companhia do seguro da casa na segunda-feira e providenciou alguém para encontrá-la lá, ao mesmo tempo que os detetives Smith e Terrell esperavam por ela. O homem não ficou muito tempo. Não era preciso ser um gênio para ver que não havia nada aproveitável lá.

A casa teria que ser derrubada porque era um risco para segurança da população. O homem do seguro atestou, logo que chegou com uma careta no rosto.

—Sinto muito, srta. Page. — Ela tinha ouvido isso ser dito por três vezes. Pelo bombeiro, pelo detective Terrell e agora, pelo cara do seguro. Poderia socar a próxima pessoa que lhe dissesse isso novamente.

—Amei o que você fez com o local, menina. — Stephens deu uma cotovelada nela, enquanto vinha para ficar ao lado dela e ver o agente de seguros ir embora. —Mas... Você ainda tem uma chaminé completamente intacta. O que nós sabemos, né mesmo?

Katrina riu. Pelo menos ele não sentia muito como todos. Olhou para ele por um momento. Ela precisava de Imogen aqui e o fato de que teria de se contentar com Stephens era quase cômico. O fato de que estava tão feliz de tê-lo lá e não realmente sentir como se estivesse tomando conta de tudo foi simplesmente surpreendente.

—Dillon está chateado comigo.

Ele olhou para mim por um momento, sem dizer nada. Tinha certeza de que isso, o deixava meio incômodo. Conversas sentimentais, não estava no topo da lista dos talentos deste homem.

—Eu disse a ele que pensava que deveria arranjar um apartamento ou ficar em um hotel por um tempo.

Sua testa franziu de repente.

—Por que diabos você diria isso?

—Não quero que ninguém se machuque por minha causa. Como posso, não me afastar das pessoas que poderiam sair prejudicadas? Imogen, Dillon, Seth. Não posso colocar a segurança deles, ou a falta dela, em minhas mãos. Dillon não deve estar na posição de querer me proteger, em troca, da segurança de Seth.

—Então foi por isso que vocês dois pareciam como dois Jedi[12] em combate mental, na noite passada?

Ela assentiu.

---

12 Os Jedi, pronúncia aportuguesada: jedái sem flexão de gênero ou número, são personagens fictícios da série americana Star Wars. Formam uma ordem de guardiões que dominam o "lado da luz" da força, em contraposição aos sith, no universo fictício da série.

—Nós estávamos discutindo antes de você chegar lá.

—Isso explica tudo. — Ele respirou fundo. —Ouça, Dillon sabe como protegê-la e sobre balancear entre você e Seth. E nessa situação, é decisão dele, não sua. Ele é o pai de Seth e é um bom pai. Você não precisa questionar isso. — A voz de Stephens era exigente ao falar e trouxe Katrina à razão. —Este não é um conflito que existiria entre vocês dois, se não fosse pelo seu caso.

—Apenas outra razão de não ser uma boa ideia continuarmos nos vendo, certo?

—Eu ia dizer para ser paciente. A situação é temporária. Seu relacionamento não. Pelo menos, assumi de que não fosse uma coisa casual. Talvez você devesse falar com ele sobre isso.

—Eu estava dormindo antes dele voltar de sua corrida na última noite, e ele me evitou durante toda manhã seguinte.

—Não ajudou muito que você e eu conversamos tanto na noite passada, momentos depois de praticamente dizer a ele que havia coisas mais importantes do que o seu relacionamento e que você queria cair fora. Tente ver as coisas, com seus olhos.

—Você é muito bom com essas conversas sentimentais.

—Vá se foder pra lá. É melhor irmos ao Y logo para sua classe de defesa.

Ela gemeu.

—Isso deve ser bom. Ele realmente não tem ideia de como eu sou uma pessoa sem coordenação. Eu, provavelmente, vou

acabar fazendo mais estragos a mim mesma do que em qualquer outra pessoa. — Stephens riu enquanto voltavam para seu carro.



Ela decidiu rápido que na verdade, gostava de autodefesa. Isso não quer dizer que era boa nisso, mas havia algo sobre suar, enquanto tentava matar um homem. Um homem armado, de aparência bizarra, num equipamento de proteção, mas mesmo assim ainda era apenas um homem. Não era difícil imaginar ser o Sr. Lunático sob as camadas dessa proteção e ela se divertiu, imensamente, enquanto levava seu joelho até a virilha, acertava o cotovelo em vários lugares em seu corpo e batia o calcanhar para baixo, na ponta dos seus pés.

Ela estava pronta para matar qualquer coisa que tentasse feri-la e o faria como vingança, no fim das quatro horas que passou com Selena e o desconhecido que fingia ser o Cara Mau. Tomou banho rapidamente no vestiário, vestiu seus jeans com uma camisa e, quando voltou a sala de exercício, encontrou Selena falando com um homem bonito de cabelos loiros. Eles eram, obviamente namorados, dada a sua linguagem corporal e, quando se aproximou, Selena olhou para ela.

—Como você se sente, Kat?

—Uh, na verdade, maravilhosa. Isso foi muito divertido.

Selena riu.

—Bem, você deve se juntar a nós na próxima semana, se puder. Jeremy vai deixar você bater nele um pouco mais, não vai, Jeremy?

Ele piscou para Katrina.

—Claro que sim. Você está se saindo muito bem.

—Ah, desculpe por isso. Eu o imaginei, sendo um homem bem assustador, embaixo daquelas roupas.

Agora ele riu dela.

—Não tão assustador, embora, lá fora existem muitos caras assustadores que não parecem assustadores. — Inclinou a cabeça para ela. —Apesar de tudo, eu não sou um deles. Podemos levá-la até lá fora?

Katrina assentiu e puseram-se a andar pelo prédio indo para o estacionamento quase deserto. Ela viu Dillon esperando em seu Tahoe de imediato e ele a olhou impassível. Sua maneira, lembrava muito da sua primeira reunião de pais e professores quando o irritou.

Selena deu-lhe um abraço.

—Então, talvez nos vemos na próxima semana, Kat. Se cuide.

Katrina agradeceu-lhes antes de virar na direção do carro de Dillon. Ele a observou, mas ela, não conseguia sustentar seu olhar. Realmente não entendia o que estava acontecendo entre eles, mas odiava isso. Fazia mais de 24 horas desde que as coisas tinham se transformado numa merda e não tinha certeza de quem era a culpa ou exatamente, o que tinha acontecido.

Quando subiu no veículo, ele não disse nada. Engrenou a marcha e saíram do estacionamento pegando o rumo para casa.

—Está com fome? Nós poderíamos parar e jantar em algum lugar? — Ela odiava a esperança em sua voz. Não sabia se deveria estar com raiva, apologética ou talvez, na defensiva. Mas sua voz soava patética.

— Já jantei, mas se você quiser, podemos passar por um drive-thru, posso levá-la. — Ele disse isso, sem a menor inflexão na voz e seus olhos permaneceram na estrada, à frente.

—Tudo bem. Não estou com tanta fome. — Na verdade, ela estava, mas decidiu que estar na defensiva em qualquer abordagem, era o melhor... e com raiva, também.

Seguiram em silêncio e, uma vez que ele colocou o carro dentro da garagem, fechando a porta da garagem atrás dele, saiu e se dirigiu à casa, mesmo sem esperar por ela. Katrina o seguiu com a raiva crescendo a cada passo e quando finalmente chegou à sala de estar, parou, não conseguindo segurar a língua.

—Se importa de me dizer por que você está sendo um babaca comigo?

—Porque você está sendo muito agradável?

—Você ignorou minha existência o dia todo.

—E você, é a pessoa que quer sair desse relacionamento, devido a uma noção equivocada de que está colocando minha vida em risco.

—Não é uma noção equivocada. Estou pondo sua vida em perigo! E não só a sua. Seth...

—Seth é de minha responsabilidade! — Ele a olhava intimidando-a e ela tentava manter-se firme. De repente, ele disparou zangado. —Quer me dizer por que, subitamente, está tão amiguinha do meu parceiro?

De boca aberta, com a sobrancelha franzida em incredulidade, de repente, sentia-se culpada. Dillon a olhava fixamente com as mãos no quadril. Suas narinas queimavam e ele estava esperando, ahh tão pacientemente, apenas para ela lhe dar uma razão para explodir. Ele estava furioso. Ela olhava para o chão entre eles, observando o tapete, enquanto tentava desesperadamente descobrir o que dizer.

Quando finalmente ergueu a cabeça, respirou fundo. Ele estava em toda sua glória de força, altura e postura, exibindo seu poder masculino na frente dela, quando ela, só queria essa segurança, lhe abraçando. Katrina o afastou para longe. Mas tinha feito isso por um motivo muito bom, mesmo que tenha feito, exatamente, isso. E ela se perguntava, por que ele estava agindo com tanto ciúmes por se dar bem com Stephens. Mas, ela ameaçou tirar sua capacidade de protegê-la e, em seguida, confiou ao seu parceiro, em vez dele.

Quando ela se aproximou dele, seu olhar permanecia e Dillon simplesmente seguiu com os olhos, encarando-a. Katrina estendeu a mão para seu estômago, sentindo seus músculos ondularem sob o tecido de sua camiseta. O olhar em seu rosto era quase aterrador, mas quando ela deixou cair sua testa contra o peito, ele lançou uma respiração profunda.

—Sinto muito. — Não tinha certeza se ele a ouviu e ela levantou a cabeça para olhá-lo. —Sinto muito.

—Você fez alguma coisa para estar se desculpando?

Katrina assentiu e viu como seu queixo se apertou e ele desviou o olhar dela.

—Estou apavorada se serei a razão de alguém se machucar, mas tenho certeza de que minha insistência em me afastar para protegê-lo, está parecendo como se eu estivesse tirando sua capacidade de me proteger.

Seus olhos voltaram para ela e sua testa enrugou em confusão. Ele não esperava que dissesse isso, aparentemente.

—Falei com Marc sobre isso, quando na verdade, deveria ter conversado com você. E o fato de você, me sentir te empurrando, deve também parecer, como se eu tivesse te traindo de alguma forma.

—Aconteceu alguma coisa entre você e Stephens? — Seus olhos encontraram os dele quando ela engasgou.

—Não! Não dessa maneira. Ele está fazendo isso por nós, para proteger a mim e a você. — Dillon olhou para ela com confusão em seu rosto, que estava lá, desde que começou a falar. Quando ele finalmente olhou para longe, balançou a cabeça ligeiramente enquanto assimilava o que ela estava dizendo.

—Eu pensei... Eu não sabia o que pensar.

—Que eu estava atraída por ele? — Ele olhou de volta para ela e assentiu ligeiramente. Quase parecia envergonhado. Quando Katrina deixou suas mãos descerem até seu quadril e arrastou

seu corpo para cima, próximo do dele, olhando-o nos olhos velados e escuros, fazendo o seu melhor, para deixá-lo mais maleável.

—Não me sinto atraída por ele. Eu me sinto atraída por você. Estou apaixonada por você. — Então, respirou fundo e preparou-se para mais um argumento. —Também acho que preciso voltar para a casa de Imogen, antes que Seth chegue em casa.

Ele respirou fundo e deu um passo se afastando dela, enquanto ela mantinha a respiração calma e relaxada. Sabia que iria perturbá-lo, mas era a coisa certa a fazer.

—Que droga, Kat! — Ele falou com os dentes cerrados.

—Por favor, me escute. — Estava implorando e o momento em que ele a olhou e cruzou os braços sobre o peito, ela lançou-se em seu discurso de forma rápida.

—Você sabe que eu só estaria me mudando para cá por causa da minha segurança. Você pode me amar, mas a única razão de você me quer aqui, tão cedo, é porque você está preocupado comigo.

Ela levantou a sobrancelha, mas ele não lhe deu resposta, apenas fixou o olhar no dela.

—Eu quero um relacionamento real com você. O tipo que, não vai apressar Seth a se acostumar comigo estando por aqui e, de se acostumar com a ideia de estarmos juntos. Se o nosso relacionamento está indo para além deste caso, então, nós temos que pensar no que é melhor para o nosso futuro e não apenas, o que faz você se sentir melhor agora.

Quando ele se aproximou dela, colocou as mãos suavemente sobre seus ombros e a olhou. Katrina estava certa de que o atingiu. Isso, até Dillon responder.

—O que acha do fato de que você tem que sobreviver agora, para chegar a ter um futuro? — Suas sobrancelhas se ergueram, mas sua boca estava numa linha séria. Deu as costas e saiu da sala e ela, só ficou olhando para ele.

Katrina estava cheia de eletricidade enquanto subia as escadas, alguns minutos depois. Sabia que ele foi lá para cima, mas não estava inteiramente certa por que, o tinha seguido. Ele não estava cedendo e ela não tinha certeza se também podia. Toda vez que ela imaginava que algo terrível pudesse acontecer com Seth, ou Dillon, era como uma facada em sua barriga. Katrina o amava. Não estava mentindo quando disse isso.

Também acreditava que ele a amava muito e, embora explicasse perfeitamente, porque estava tão decidido a mantê-la por perto, ela, simplesmente, não se importava. Dillon acreditava que poderia protegê-la e acreditava nele. Mas acreditava nele o suficiente para arriscar a vida dele ou a de seu filho? Claro que não acreditava.

Quando abriu a porta do quarto, se surpreendeu ao ver que ele não estava lá. Levou um minuto para encontrá-lo em, o que parecia ser, um quarto vago. Ele estava deitado na cama, quando ela entrou, olhando para o teto.

—Se eu voltar para Imogen neste fim de semana, o que isso significa para nós?

—Você está me dando um ultimato?

—Não. Estou perguntando, se você está me dando um. — Ela respondeu, enquanto olhava para ele. —E o que é isso? Você não vai dormir comigo se não for do seu jeito? É por isso que você está de mau humor, no quarto de visitas? Parece um pouco infantil, se você me perguntar.

—Sério? Não acho mais infantil do que se recusar a fazer o que é melhor para si mesma, sendo uma moleca mimada e teimosa!

—E quem é você para falar isso, já conheceu a si mesmo? Teimoso deveria ter sido seu nome do meio, ao invés de... bem... qual é a merda do seu nome do meio, de qualquer maneira?

—Bray.

—Bray não é um nome. Dillon Bray Adler? Isso é estranho.

—E qual é o seu nome do meio?

—Anne.

—Bem. Esse, na verdade é muito bom. — E eles apenas se olharam como idiotas.

Quando ela foi até o lado da cama, subiu e montou em seus quadris, ele apenas olhou para ela como se tivesse perdido a cabeça.

—Você vai me deixar, se eu voltar para Imogen neste fim de semana?

Dillon suspirou, olhou-a por muito tempo e, finalmente, quando ela tinha quase desistido dele, ele sentou-se, trazendo seu rosto até o dela.

—Não. Eu vou fazer amor com você, sempre que puder, dizer que eu te amo todos os dias, puni-la com retenção de orgasmos e fazer você implorar por cada um que demorar a receber.

Ela exalou um profundo suspiro de alívio.

—Bem, contanto que você não vai ser imaturo sobre isso.

—Estou lidando com uma namorada teimosa para burro que vai me dar uma doença coronária. Mereço um, ou dois momentos imaturos. — Ele suspirou antes de beijá-la suavemente e se afastar para olhar para ela de novo. —Não vou fazer você me implorar hoje à noite, se você me fizer um favor.

—O quê?

—Voar para São Francisco comigo amanhã. Podemos dirigir de volta com Molly e os meninos no sábado.

—Por quê?

—Quero falar com Seth sobre nós. Não sobre o seu caso. Ele já suspeita o suficiente para preocupar-se e não precisa dos detalhes, mas quero que saiba que estamos vendo um ao outro. Eu não quero perder mais tempo para fazer-lhe parte da minha vida. Porém, você está certa de que Seth precisa de tempo para ajustar-se a isso. É por sua segurança que eu quero você aqui, mas para o bem do nosso relacionamento, também quero que Seth e você tenham um tempo juntos. A vida comigo significa uma vida com um adolescente, não que ele não seja um bom garoto e você já sabe disso.

Katrina sabia disso. Ela assentiu lentamente. Sua reação pode ter sido calma, mas seu coração estava batendo. Ir para São

Francisco, significava lidar com sua mãe, pai, irmã, filho e sobrinho de uma só vez e dar as notícias a cada um deles, de que estavam namorando. Isso era o suficiente para aterrorizar alguém. Junte isso, ao fato de que tinha sido anos desde fez essa coisa de conhecer família e, estava pirando pra caralho! Mas ela balançou a cabeça. Enfrentaria isso por ele.

—Obrigado. — Sua expressão se suavizou e finalmente seus incríveis e deliciosos lábios finalmente a puxaram sedutoramente. Seus dedos foram para a bainha de sua camisa, puxando-a para cima, sobre a cabeça. Ele amassou seus seios através de seu sutiã, enquanto segurava seus olhos e ela engasgou, com a dureza do seu toque. A pressão era exigente e possessiva enquanto ele tateava, mas ela queria que Dillon fosse possessivo. Katrina chegou por trás e soltou o sutiã, quando ele o puxou para baixo de seus braços, soltou e deixou seus olhos descerem por seus seios.

Ele segurou seu mamilo enquanto se afundava para trás nos travesseiros que já estavam apoiados atrás dele. Dillon beliscou seus mamilos. Ela gemeu da dor intensa e repentina, quando sua boca abriu e ele estudou o que estava fazendo com ela. Dillon a segurou apertada, enquanto ela ofegava.

Seus beliscões variavam na pressão e no momento em que ela pensou que a dor era muito intensa, ele liberava o aperto, apenas o suficiente, para que ela gemesse em resposta. Em seguida, o aperto começava tudo de novo. Era intenso, quase tão intenso, quanto a expressão ardente em seus olhos.

Mas, terminou rapidamente, quando ele sentou-se de repente, rolando seus corpos até que estava prendendo-a, em cima da cama. Sua boca imediatamente atacou um mamilo acalmando a carne palpitante antes de se mudar para o outro. Ele lambeu, chupou e gemeu contra sua pele. Deixou seus seios doloridos, abusados e formigando de desejo lascivo por mais de seu toque.

Ele estendeu a mão para a cintura da calça, desfazendo o botão e abaixando o zíper. Seus dedos desceram por baixo da cintura da calça jeans e da calcinha e puxou para baixo, quando ela levantou seus quadris. Sua boca ficou trancada em seu mamilo e ela estava gemendo pelo tempo que ele conseguiu puxar as calças até seus quadris.

Dillom deixou-as lá, se puxando para trás, longe de seu corpo e deixando seus olhos viajarem para baixo em seu seio e, em seguida, para baixo em sua virilha. Ela estava molhada e carente e tinha certeza de que seu sangue tinha sido substituído por fogo. Estava correndo através de seu corpo em um calor de formigamento que a deixou com a sensação de pele corada.

Os olhos dele ficaram colados à sua boceta exposta e, embora suas pernas estivessem meio fechadas por causa do seu jeans que estava, apenas, fora dos quadris, ele ainda parecia desfrutar da visão dela. Ele chegou aos lábios do sexo, separando-os e expondo seu clitóris apertado e inchado para o ar fresco.

Se pensou que sua pele estava formigando antes, sentiu uma maldita vibração e, agora, ela estava enviando o calor todo,

direto para seu clitóris exposto. Dillon se inclinou e ela levantou a cabeça para ver quando ele deixou apenas a ponta de sua língua chegar e atormentar a protuberância. Katrina não pôde evitar os palavrões que escaparam de seus lábios em seguida e ele riu, antes de soprar diretamente sobre seu clitóris. Ela gritou e xingou novamente.

—Agora me diga, isso é maneira de uma professora de ensino médio falar?

—Pensei que você disse que não ia me fazer implorar?

—Não estou fazendo você implorar, mas você é mais que bem-vinda a fazer, se quiser, mas não vai levá-la para onde você quer mais rápido. Não tenho pressa esta noite. — Sua voz era controlada e profunda. O tipo de profundo que cheirava a testosterona e luxúria.

Dillon se inclinou de novo, mais uma vez lambendo, com o mais leve toque, apenas a ponta de sua língua. Ela teve vontade de gritar com a sensação. Não era o suficiente e ele sabia disso, mas lambeu, traçando, lentamente, em torno da carne inchada de seu clitóris e, finalmente, empurrando até bater no centro do local mais perfeito, que disparava espasmos de prazer por seu corpo. Mas, ainda não era suficiente.

Quando ele se inclinou para longe de seu corpo novamente e sorriu. Foi mais um sorriso sarcástico, ela tremeu. Não podia evitar, mas achou que isso era vingança por não conseguir o que queria.

—Levante as pernas. — Ele olhou para ela, esperando que o obedecesse. Era óbvio que estava jogando com seu clitóris e ela

finalmente desistiu, esperando mais do mesmo, fazendo o que ele pediu. O sorriso que lhe deu era sutil. —Obrigado. — Isso definitivamente era sua vingança.

Katrina puxou as pernas para cima, deixando os joelhos dobrados e descansando, os topos das suas coxas, em seu estômago. Sua boceta e bunda estavam expostas, seu olhar começou a percorrê-la, enquanto ela tremia. Não era como se estivesse com medo dele, mas ele podia ver cada polegada dela em detalhes.

Dillon estendeu a mão e deixou seu dedo entre os lábios de seu sexo. Ela estava escorregadia e podia sentir a facilidade com que o dedo passou através de sua umidade. Suas pernas estavam apertadas juntas, mas a umidade permitiu que seu dedo deslizasse entre os lábios facilmente. Ele massageou para frente e para trás com o dedo médio antes de empurrá-lo além em sua boceta. Ela choramingou e ele segurou seus olhos enquanto empurrava suavemente dentro e fora.

Quando empurrou um segundo dedo junto com o primeiro, ela gemeu e ele ficou observando seu rosto. Dillom se recusava a olhar para longe de seus olhos e era tão intimidador, como ele estava, sobre sua posição bastante exposta, mas também era muito excitante

—Você gosta disso, não é?

Katrina mal podia respirar, quanto mais responder, mas quando ele puxou os dedos para fora de seu corpo, esperando sua resposta, então, ela conseguiu falar.

—Sim.

—E você não quer que eu pare agora, quer? — Ele enfiou os dedos de volta bem devagar, na medida que suas palavras brincavam com ela.

—Não. — Sua voz tremeu no meio da resposta, mesmo sendo de apenas uma sílaba.

—Será que estamos começando a nos entender melhor? — Ele colocou um terceiro dedo dentro e os músculos do seu estômago começaram a tremer. Ela assentiu enquanto sua respiração começou a se interromper. —Por favor, me responda. Quero desfrutar, de ouvir sua voz quando você está tendo prazer.

—Sim.

—Isso foi o que eu pensei. Agora, que tal uma oferta de paz? — Ela não tinha certeza do que isso implicava, mas neste momento, estava pronta para fazer o que ele quisesse.

—Ok.

Dillon puxou os dedos de sua boceta e rapidamente puxou as calças fora de suas pernas. Quando empurrou seus joelhos afastados, Katrina apenas assistiu e quando ele se deitou entre as pernas dela, ela suspirou. Estava tão pronta para isso.

—Agora espalhe seus lábios para mim, assim como você faz antes. — Ela se abaixou, abrindo seu sexo com o dedo indicador e o dedo médio e ele a estudou.

Se pensava que estava exposta antes, agora, era simplesmente de uma forma ginecológica, mas ele sorriu para o que via. Dillon se inclinou para ela, beijando o dedo antes de

passar sua língua para o outro dedo. Ele chupou seu dedo médio em sua boca, deixando sua língua quente massagear o mesmo.

Ele soltou seu dedo, puxando o outro em sua boca e em pouco tempo, estava chupando-os e acariciando-os com a língua. A visão dele chupando seus dedos enquanto estavam colocados entre suas pernas, a desfez e teve que engolir mais um nó na garganta quando ele os soltou e ela abriu os lábios novamente.

Ele a beijou perto de seu sexo, puxando seu clitóris excessivamente necessitado em sua boca e chupando duro em seu cerne inchado e sensível. Ela podia sentir seu lábio superior contra a pele entre os dedos e podia sentir o canto da boca, trabalhando ao lado de seus dedos.

Quando libertou seu clitóris, começou a lamber. Ele atacou sobre seu monte uma e outra vez, antes de se mover para baixo em sua entrada e empurrar para dentro. Seus dedos estavam apertando mais em seus lábios abertos, enquanto ela chegava perto de enlouquecer, com cada novo toque. Ele estava empurrando e degustando e quando se afastou, seus lábios brilhavam. Podia sentir a umidade gotejando e pingando entre as bochechas de sua bunda.

A ponta do polegar delicadamente espalhou e esfregou a umidade em seu ânus. Katrina apertou sua bunda sem sentir, até que seus olhos focarem nos dela e ele balançou a cabeça. Foi, com muita força de vontade que ela relaxou ao seu toque e deixou-o explorá-la, mas quando ele empurrou, não havia controle e seus músculos se apertaram instantaneamente.

—Relaxe baby. Não vou te machucar. — Ela estava choramingando quando Dillon a silenciou e manteve enfiando o polegar, pouco a pouco em sua bunda. A sensação não era de dor, pelo menos não, uma vez que ele passou pelo anel apertado de músculos em sua entrada, mas era totalmente novo para ela. Ele impulsionou, empurrando completamente para dentro e Katrina podia senti-lo mexendo o dedo, suavemente, enquanto continuava a empurrar e retirar-se ligeiramente cada vez mais. Os dedos da mesma mão estavam segurando o lado de seu traseiro e ela deixou a mão correr mais para baixo para agarrar a dele. Ela segurava no topo de sua mão enquanto seus dedos cravavam em sua pele.

Quando Dillon atacou sua boceta novamente, Katrina começou a se contorcer. Ele estava lambendo, sugando e atormentando o clitóris e ela podia sentir a umidade e os dedos deslizando junto com cada movimento de sua língua e lábios sobre sua pele. As bochechas dele estavam escorregando entre os dedos dela e seu polegar continuava pulsando e empurrando para dentro e fora de sua bunda, enquanto ela apertava sua mão.

Katrina estava perdendo a cabeça e em um segundo ofuscante, seus nervos explodiram e ela gozou de uma forma tão mais intensa, como nunca tinha gozado antes. Ele a chupava enquanto seu corpo pulsava e convulsionava contra sua boca. Quando seus músculos finalmente começaram a relaxar e seu corpo voltou lentamente ao seu controle, ele empurrou o polegar de dentro dela e puxou seus lábios brilhantes, para longe de seu corpo.

Ela estava ofegando enquanto ele saia da cama e tirava a roupa. Katrina o viu puxar sua camisa e soltar suas calças e cuecas no chão. Dillon estava excitado, duro e a visão de sua largura e comprimento, era uma coisa intimidante de se ver. Ele se arrastou de volta na cama e deitou-se ao lado dela. Katrina rolou, apoiando-se em seu cotovelo para olhá-lo.

Ele puxou sua boca para a dele, ela provou a si mesma em seus lábios ainda brilhantes. Ele não liberou sua boca até que puxou o corpo dela, montado-a em cima de seus quadris. Sua umidade revestiu a base de seu pênis e Katrina não conseguia deixar de empurrar para baixo. Dillon agarrou seu quadril, puxando-a duramente em sua virilha, tão desesperadamente quanto ela. Ele desceu seu corpo até chegar no comprimento de sua ereção e quando a cabeça estava brincando com a sua entrada, ele soltou seus quadris.

—Vá em frente.

Katrina levantou os joelhos e ele agarrou a base de sua ereção, segurando seu pênis ereto. Ela foi para baixo sobre a cabeça, sentindo-o passar pelo seu corpo. Ele se esticou e empurrou, enquanto ela afundava mais para baixo, em cima dele. Cada polegada que entrava, testava seus limites e no momento em que se sentou em seu colo, estava choramingando.

Inclinou-se para beijá-lo. Dillon apertou suas bochechas, segurando sua boca e ela começou a balançar os quadris contra o dele. Quando Katrina levantou os quadris, a pressão profunda em sua virilha se acalmou, mas no momento em que sentia o vazio, ela empurrava de volta para baixo, ao longo de seu comprimento,

empalando-se novamente. Ela gritou quando ele bateu profundo e ele a assistiu.

Quando Dillon passou os braços em volta dela, a puxou para seu peito e rolou seus corpos enquanto empurrava profundamente dentro dela. Ele rolou seu quadril entre suas pernas e ela cravou seus dedos em suas costas e não o largou até que ele puxou os joelhos sob suas coxas e sentou-se, levantando-a para encará-lo.

Dillon estava sentado sobre os calcanhares com os joelhos ligeiramente espalmados e ela alinhou as solas dos seus pés contra os dele. Toda vez que ele movia os quadris, dirigia seu pênis diretamente em seu núcleo. Katrina usou seus pés como alavanca, enquanto apertava seus quadris contra os dele, sentindo-o empalar uma e outra vez.

—Deixe ir e se incline para trás. — Ele falou em seu ouvido. Ela estava se segurando firmemente nele e ao som de sua voz, o soltou e olhou para ele. Dillon ainda estava empurrando seus quadris contra os dela e quando Katrina se inclinou para trás, segurou na parte inferior das costas dela até colocar seus ombros na cama, enquanto ficava ereto. Ele segurou-a, deixando apenas seus ombros descansar contra a cama enquanto seus quadris sedutoramente rolavam entre as pernas.

—Esfregue seu clitóris. — Ela centrou os olhos nos músculos do estômago dele que estavam trabalhando, enquanto alcançou entre suas pernas e fez o que ele pediu. Quando olhou para seus olhos, seu olhar estava focado no que seus dedos estavam fazendo entre suas pernas e, quando ele lambeu os

lábios, franziu a testa enquanto rebolava seus quadris, ela se desfez e gozou, enquanto seus músculos se tensionavam e se apertavam em torno dele.

Seu gemido era profundo quando Katrina apertava em seu comprimento e ele caiu sobre ela, empurrando as mãos acima da cabeça, prendendo-a na cama enquanto se movimentava nela. Ele estava sacudindo seu corpo para a frente, com estocadas poderosas e quando gozou, enterrou o rosto contra seu pescoço enquanto se mantinha profundamente pulsando dentro dela.

Ela ouviu sua respiração lenta contra si e beijou o lado de seu pescoço.

—Isso foi uma oferta de paz?

Ele riu, emitindo uma vibração quente de sua boca através de sua pele.

—Não, docinho. Meu dedo na sua bunda era uma oferta de paz. Isso foi apenas uma foda muito boa. — E então, mordeu sua orelha enquanto se puxava de sua boceta dolorida. Ela assobiou com a dor e ele a puxou para seu lado para encará-la. —Por que sinto que eu estou te machucando, muitas vezes, quando fazemos amor?

—Esse, é um tipo de dor boa.

—Acho difícil acreditar que tal coisa existe.

—Bem, você não tem uma boceta.

—Você venceu. Não tenho uma boceta, mas tenho certeza que gosto da sua. — Ele beijou a ponta de seu nariz. —Agora,

será que podemos ir para minha cama? É muito mais confortável do que esta.

—Você deve lembrar que foi o único que veio para cá.

—Não seja petulante. — Dillon rolou da cama, puxando-a para ficar de pé e andar pelo corredor até seu quarto. Ele subiu na cama atrás dela e puxou-a em sua direção. —Eu te amo. — Ele sussurrou baixinho contra a têmpora.

—Eu também te amo.

E então, ela estava dormindo.



Capítulo 24

—Vou estar em São Francisco pelo resto da semana. Estarei de volta à cidade, sábado à noite. — Em seguida, uma pausa. — Não. Sinto muito, mas não estou dizendo a você onde vou ficar. Eu estou indo visitar amigos e você pode me encontrar pelo celular.

Outra pausa.

—Que tipo de emergência, detetive? Eu já não tenho uma casa para ser arrombada, você está vigiando a casa de Imogen e ela está segura fora do país, então, que tipo de emergência você está pensando que aconteceria que precisasse saber onde eu estou?

E ainda outra pausa.

—Como eu disse, você tem meu celular. — E então ela encerrou a chamada com o detetive Smith. Não admira que eles tivessem ido tão mal a primeira vez que se encontraram. A mulher não tinha nenhum problema em falar dessa maneira com praticamente, qualquer pessoa e, sim, isso significava que também com os policiais, inclusive Dillon.

Fizeram as malas naquela manhã depois de tomar café, assim que ele levou a bagagem pela porta da frente, tinha chamado detetive Smith. Pensou que, talvez, conseguisse chegar a seu correio de voz para evitar essa conversa, mas não tinha tido tanta sorte assim.

Eles precisaram ir para Imogen, antes que pudessem chamar um táxi, então, Kat poderia ter certeza de que Kitty tinha o que precisava para o resto da semana, e assim poderia arrumar alguns itens finais que não estavam ali. Chamariam o táxi para levá-los ao aeroporto quando voltassem para a casa de Dillon.

Quando chegaram a Imogen, o oficial postado lá, olhou desconfiado. Isso não era bom. Ele digitou o número no painel do portão de segurança e, em seguida, parou em frente. Agarrou a mala, parcialmente embalada, de Katrina e foi com ela para a casa. O velho bicho sarnento que era suposto ser uma gata, encontrou-os instantaneamente. Ela estava cambaleando como de costume e Dillon encheu suas vasilhas de água e comida enquanto Katrina limpava sua caixa de areia.

Katrina tinha boa parte de seu guarda-roupa na casa de Imogen, quando sua casa foi incendiada, então, teve a sorte de não ser deixada, completamente, sem nada. Terminou de arrumar sua mala com as roupas que tinha lá, enquanto Dillon descansava em sua cama olhando-a.

Era difícil acreditar que ele estava tão apaixonado por ela. A própria ideia esgueirou-se sobre ele o tempo todo e, geralmente, deixou seu coração vibrando e seu pau duro. Fazer amor com ela, era algo como nunca tinha experimentado antes.

Havia uma incrível profundidade para o que eles fizeram juntos, que, simplesmente, não existia com as mulheres sem sentido que tinha transado, desde que a mãe de Seth havia morrido. Não conseguia parar de pensar nisso toda vez que estava dentro de seu corpo. Era estranho que ele quisesse estudar sua dinâmica no meio do sexo, mas não havia nada mais poderoso do que focalizar o quanto ele a amava quando estava empurrando em seu corpo.

Ela o olhou, ou mais precisamente, olhou para sua ereção que estava lutando contra o zíper da calça.

—No que você está pensando? — Ela olhou para ele sedutoramente.

—Em você.

—O que, sobre mim?

Ele a estudou por um momento, decidindo o quanto queria deixá-la conhecer seus pensamentos. Decidiu revelar todos eles.

—Sabe o quanto você gosta de tocar a si mesma quando eu entro em seu corpo? Você gosta de sentir, esse ponto, onde nossos corpos se encontram?

—Sim? — Ela parecia nervosa, talvez até mesmo envergonhada e suas bochechas estavam vermelhas. Ela não iria se sentir assim, se soubesse o quão sexy ficava, quando se tocava.

—Bem, eu gosto de pensar que essa experiência para você, é... não sei dizer, envolve o emocional, estou certo? — Ele estava pisando no território de conversas emocionais de meninas e não

podia se ajudar, mas talvez, ele estivesse fora de ambiente, com sua profundidade aqui.

—Sim. Mas é meio difícil de explicar, eu acho. — Ela se sentou ao lado de seu quadril depois que jogou, a última de suas roupas, dentro da mochila. Katrina pensou por um momento e depois balançou a cabeça, como se não conseguisse descobrir o que queria dizer.

—No passado, acho que eu fiz isso para tentar me convencer de que havia mais intimidade do que realmente existisse. — Ela parecia apavorada com o que estava falando tão livremente com ele, mas o que estava dizendo era tão perfeito e ele entendeu completamente.

—É diferente comigo? — Ele sabia que era, ou pelo menos, esperava que fosse.

—Sim. Não estou mais desejando a intimidade, já tenho isso e tocar lá... É uma espécie de necessidade agora. — Ele pegou-lhe a mão, sentando-se com ela. O rubor de suas bochechas ainda estava lá e ele sabia que ela estava se sentindo extremamente vulnerável.

Quando estendeu a mão para a seu rosto e trouxe sua boca para a dele, era apenas para tranquilizá-la. Em seguida, mudou-se para sua orelha.

—Gosto de pensar sobre o quanto eu te amo, quando estou dentro de você. No início, o pensamento só aparecia quando estava fazendo amor com você, porque era tão novo para mim, que me pegou desprevenido. Agora, eu gosto de focar nisso

intencionalmente, porque é tão incrível. — Ela sorriu quando ele se afastou de sua orelha. —Soa estranho para você?

—Não. Soa sexy para caramba. — Ela o beijou e ele levantou-se da cama, carregando sua bolsa de volta para o carro.

Pegaram café, na ida de volta para casa e entraram no táxi que veio buscá-los um pouco mais tarde. Katrina o observava. E ele podia vê-la pela visão periférica, estudando-o. Quando pegou a sua mão, ela suspirou.

—Estou nervosa.

—E se eu lhe disser que você não deveria ficar assim?

—Eu ainda ficarei nervosa.

—Como imaginei que sim. Bem, então, está ficando nervosa sem nenhuma razão e eu vou te dizer isso mais tarde, quando você perceber que não havia nenhuma razão para ficar nervosa em torno de minha família.

Ele sorriu rapidamente, ignorando os olhares atentos do motorista de táxi. Já tinha comprado e impresso seus cartões de embarque, por isso foi uma corrida, razoavelmente, tranquila e segura, antes que eles tivessem mais uma hora e meia para matar até que pudessem embarcar. Ele sugeriu uma bebida e ela concordou rapidamente.

Eles pegaram uma mesa, com suas mochilas em um carregador de malas, colocado ao lado deles e passaram a próxima hora ficando, agradavelmente, tontos. Katrina tomou três cocktails e quando se levantaram para sair, balançou um pouquinho em seus pés e ele riu. Não reclamaria, já que isso a

relaxou. Ela era realmente muito bonita quando estava um pouco bêbada e quando eles finalmente encontraram assentos na área de pré-embarque, ela afundou preguiçosamente.

—Eu lhe disse que odeio voar?

—Não, você não disse. Lamentável, uma vez que, você sabe, nós vamos fazê-lo. — Isso pode explicar a necessidade dela, de pacificar seus nervos com um pouco de álcool e ele só assumiu que era medo de encontrar sua família

—Nós deveríamos ter dirigido.

—Por favor, me diga que você está brincando.

—Sim, quer dizer... mais ou menos. Eu realmente odeio voar.

Dillon rapidamente descobriu o quão verdadeira essa afirmação era. Ele acabou com marcas de unhas, na parte superior de sua mão e Katrina, provavelmente, assustou um bom número de passageiros próximos, com seus gritos e gemidos cada vez que ouvia um som diferente ou o avião balançava um pouco, o que transformou a viagem, num ataque de pânico após o outro, para ela. Graças a Deus que estariam dirigindo, na volta para casa.

Quando estavam de pé no corredor pronto para desembarcar, ele se inclinou em seu ouvido.

—Lembre-me de nunca torturar você de tal forma novamente. Realmente não tinha ideia de que alguém poderia ficar tão aterrorizado com a forma mais segura de viajar.

Ela se virou para ele e sorriu. Era o primeiro sorriso que tinha visto desde que entraram no avião, mas quando eles pegaram um táxi seu sorriso desapareceu e suas mãos começaram a tremer.

—Por favor, não fique tão nervosa. Não há nada para se preocupar. — Ela o olhou como se tivesse acabado de xingá-la. Ele riu. Não se conteve. Katrina não era apenas bonita quando estava bêbada, era bonita, pra cacete, quando estava nervosa demais também.



Dillon estava fora de juízo, se achasse que não deveria estar nervosa, ela estava a dois segundos, de socá-lo. Claro que exigiria que soltasse sua mão e uma vez que era a única coisa que mantinha sua sanidade estável, pensou que seria melhor se agarrar a isso. Não conseguia parar de tremer e quando eles dobraram a esquina de uma rua residencial, o tremor se tornou vibrações violentas. Ele apertou a mão dela e foi para o meio do banco, envolvendo os braços em sua volta.

Eles viram uma incrível casa de três andares no meio de uma colina que, provavelmente, lhe daria um ataque de asma, independentemente do fato dela não ter asma. Enquanto o motorista de táxi ajudou-os a pegar suas malas, ela olhou para a bela varanda na frente deles. Dillon carregou suas bagagens e liderando até a porta da frente.

Quando a porta foi aberta, Molly estava lá com um largo sorriso para os dois. Katrina ficou instantaneamente contente de ver seu rosto. Pelo menos, conhecia Molly.

—Senhorita Page! Estou tão feliz em vê-la!

—Oh, por favor. É Katrina. E estou contente em vê-la também. — E estava... aliviada, seria a melhor palavra para isso.

—Vamos entrar. Mamãe e papai estão animados para conhecê-la. Mamãe esteve se movimentando, limpando, desde que chegou a mensagem de Dillon, dizendo que ambos estavam vindo. Os meninos estão no parque, então, você não vai vê-los ainda, mas estou supondo que você está pronta para relaxar de qualquer maneira. — Molly falava rapidamente e o coração de Katrina estava finalmente, desacelerando. Dillon seguiu até a porta de entrada e deixou suas malas na base da escada.

Molly já tinha segurado o braço de Katrina e foi levando-a mais para dentro da casa, Dillon veio atrás delas, descansando uma mão quente na parte de trás de seu pescoço e a outra agarrou a mão livre e apertou suavemente, para tranquilizá-la. Esticou a cabeça para vê-lo atrás dela e ele piscou rapidamente.

—Mãe! Ela está aqui! — Katrina foi escoltada para uma cozinha grande e ventilada. Os balcões eram de mármore, o piso de madeira gasta e, provavelmente, era de madeira recuperada e os tetos, eram tão altos quanto a sala de estar. Ela estava em êxtase. Dillon tinha uma bela casa, mas esta era incrível. Não era luxuosa, de maneira nenhuma, mas era perfeita e confortável, tão incrivelmente convidativa. A mãe de Dillon estava em pé na pia enchendo uma chaleira e ela virou-se para eles rapidamente.

—Oh! Você deve ser a Srta. Page! — Katrina sorriu instantaneamente para a mulher. Era surpreendentemente baixa, assim como Katrina e seu cabelo era ondulado e branco. Ela, obviamente, ficou grisalha muito mais cedo que a maioria, mas lhe caía bem.

— Katrina, por favor. Você deve ser a Sra. Adler.

—Delphi, mas, por favor, me chame Del. Oh, você é simplesmente adorável! Eu sabia que você seria, mas... Bem, você é! — Ela puxou Katrina em um abraço apertado e não foi até que Dillon pigarreou que ela, finalmente, foi autorizada a respirar novamente. —Oh, Dillon! Você está aqui também. Sim. Como você está? — Ela agarrou Dillon tão firmemente quanto fez com Katrina.

—Estou bem. Onde está o papai?

—Ele está lá fora no jardim, regando as plantas. Como foi o voo?

—Oh, pergunte a Katrina. Ela adorou. — Ele sorriu para Katrina, que instantaneamente sentiu suas bochechas queimando.

Del virou-se para Katrina com um olhar interrogativo e ela balançou a cabeça de vergonha.

—Eu não gosto de voar. — Disse, quase timidamente, enquanto Dillon erguia a mão, mostrando as marcas das garras que ela tinha lhe infligido. Molly começou a rir e Del deu-lhe um olhar de simpatia.

—Bem, tenho algo que vai cuidar desses nervos. — Del foi até a geladeira e pegou uma garrafa aberta de vinho. Ela pegou cinco taças, entregando a garrafa para Dillon. Voltando-se para a geladeira, aparentemente, como se pensasse melhor sobre isso, então, pegou outra garrafa fechada de vinho, passando-a para Molly. —Vamos para o pátio, eu acho. Oh, eu quase esqueci. — Ela se dirigiu para a porta dos fundos da cozinha. —Organizei dois quartos vagos para vocês dois, mas se preferirem ficar em um, basta escolher o que você gostar.

—Ah, não. Dois estão bem. Obrigada. — Katrina respondeu enquanto Del virou-se e sorriu gentilmente.

—Uma merda que está. — Dillon murmurou atrás dela.

O pátio era tão impressionante como o interior da casa. O quintal era pequeno, mas cada espaço livre, estava cheio de verduras e flores, que já começavam a brotar. O pavimento de pedra formando calçadas estreitas de tijolos, serpenteava através das plantas exuberantes e ela podia ouvir o som de água em algum lugar, embora, estivesse escondido de sua visão no momento. Havia um amplo espaço de pedra no pátio, do lado de fora da porta dos fundos e uma espaçosa mesa de madeira tinha sido colocada com seis cadeiras ao redor.

Molly sentou-se e a levou para o seu lado enquanto Dillon gritava por seu pai. Ela podia ouvir o farfalhar de ramos antes que visse o homem e, quando finalmente fez uma aparição, ficou chocada com a semelhança entre Dillon e ele. Ainda tinha a cabeça cheia de cabelos escuros, salpicados com cinza. Usava óculos moderno e até mesmo em pesadas luvas de jardinagem,

ele era alto e intimidador. Isso foi até que ele sorriu para seu filho.

—Oh, Dillon! Estou tão feliz que você veio. Sua mãe esteve agindo como uma louca durante todo o dia, preparando-se para você e sua convidada. E onde está ela? — Seus olhos pousaram sobre Katrina enquanto ela se levantava e contornava a mesa para encontrá-lo.

—Pai, esta é Katrina. Kat, este é o meu pai, Michael.

—É um prazer conhecê-la, Katrina e estamos muito felizes por você está aqui. — Ela agradeceu antes de voltar para sua cadeira.

Dillon, rapidamente sentou-se ao seu lado e pegou sua mão imediatamente. Molly notou e seu rosto se iluminou. Era tudo muito bonito e desesperador para Katrina, mas Dillon, obviamente, tinha uma família maravilhosa e era incrível vê-lo com eles.

Del trouxe pão, com alguns patês diferentes e cortou limão, oferecendo para as taças de vinho. Em seguida, serviu uma rodada de bebidas.

Quando todos se serviram, Molly virou-se para Dillon

—Então, estou autorizada a perguntar sobre o que vem acontecendo com o caso de Katrina? Você se recusou a dizer qualquer coisa até agora, mas, bem, quero dizer, o gato está fora do saco, certo? Sem trocadilhos, Kat.

Dillon respondeu imediatamente.

—Essa decisão é inteiramente de Katrina, se vai querer falar sobre isso, ou não. — Olhou para Katrina e ela balançou a cabeça.

—Não me importo. Eles merecem alguma explicação a respeito do por que eu estou me impondo no meio de vocês.

O queixo de Dillon ficou tenso instantaneamente, mas ele recuperou a compostura rapidamente. Começou a explicar os eventos que aconteceram há um mês e meio. Deu a versão resumida das mensagens telefônicas, mas não estendeu muito o assunto.

Sua família ouviu atentamente, o olhar de sua mãe, indo e voltando entre Katrina e seu filho, ocasionalmente, balançando a cabeça. Molly ficou igualmente espantada com a história e sua boca esteve aberta a maioria do tempo. Quando chegou ao que aconteceu a semana passada, Molly se encolheu quando relatou sobre o fogo e os olhos de sua mãe arregalaram instantaneamente.

Seu pai ouviu atentamente enquanto falava e continuou a estudar os dois, mesmo quando Dillon se calou.

—E não há evidências do que aconteceu na casa de Katrina, nada sobre os telefonemas, ninguém foi visto perto de sua casa ou qualquer coisa suspeita? Quero dizer, é apenas estranho que ele poderia estar tão despercebido. — Katrina sentou-se calmamente ao lado de Dillon, escutando.

—Eu sei. Mas a coisa é, este homem não é descuidado. Ele é cauteloso e paciente. Nem mesmo tenho certeza se posso chamá-lo de, criminoso inteligente. Ele é apenas bom em... Bem, por

falta de uma palavra melhor, se guardar. Seria uma coisa, se esse criminoso estivesse tão excessivamente interessado em Kat, que fosse simplesmente compelido a agir, mas ele é paciente. Espera, muitas vezes, por semanas, antes de chegar de novo e fazer algo. E essas ações, são frequentemente, bem calculadas.

—Por que incendiar a casa dela? Se você parar para pensar, isso a obrigaria se afastar e se ela está longe, provavelmente, ficaria mais consciente sobre a sua segurança, onde quer que esteja. Em alguns aspectos, estava mais vulnerável em sua casa. Agora, ela não está tão desprotegida.

—Não sei. Raiva, eu suponho. Após o sequestro ter falhado na garagem apenas alguns dias antes, talvez ele perdeu o controle de uma vez. Há evidências que sugerem que essa pessoa tenha ido à casa de Kat antes.

—Um conhecido? — Molly perguntou.

—Não penso assim. Seus amigos e conhecidos foram todos investigados, mas houve vários empreiteiros e trabalhadores que trabalharam no ano passado em vários projetos. Todos estão sendo analisados.

—O que faz você pensar que este homem esteve em sua casa? — O pai de Dillon tinha um olhar severo em seu rosto, bem como a própria expressão de seu filho.

—Hmm... certa familiaridade com o layout de sua casa que o criminoso não teria, com apenas uma perspectiva de fora para dentro.

—Tais como? — Era Molly novamente.

—Como informações pessoais que não vou relatar, mas que deixam claro que este homem era intimamente familiarizado com a casa dela.

—Hmm. — Seu pai foi juntando os dedos contra o queixo de novo, em uma semelhança impressionante, com Dillon. —Bem, Katrina, eu tenho que dizer que você é a última pessoa no mundo que merece algo como isto, não que alguém mereça. Eu sinto muito que você tenha que suportar isso.

—Obrigada. — Dillon alcançou sua mão novamente e sua expressão era tão solene quanto à de seu pai.

—Agora, se você não se importa que eu perguntar, e sobre o seu afastamento do caso dela, Dillon?

Ele endureceu ao lado dela.

—O que é que tem? — Ele parecia levemente na defensiva.

—Você tem alguma razão para pensar que poderia haver uma ação disciplinar ou demissão?

—Não sei, pai. — De repente, Katrina se sentia culpada novamente. Sentia-se como o centro das atenções, o que era estranho, considerando que os últimos 30 minutos foram todos sobre ela, e agora se sentia mais, como estando sob um microscópio, do que em qualquer outro momento.

Não conseguia levantar os olhos de cima da mesa, na sua frente e podia sentir sua testa franzida com o estresse, mas ela não conseguia liberar a tensão.

—E você, não encontrou a mamãe no trabalho? — Ela não pode deixar de olhar para cima em seguida. Não tinha ideia que o pai de Dillon tinha sido policial.

Michael riu por um momento:

—Era uma blitz, de rotina, quando eu ainda era um oficial de patrulha. Três multas, num mês. Estava prestes a acontecer... a mulher não conseguia parar de acelerar. — Ele sorriu. —Ela é muito má motorista, Katrina. Nunca entre no carro com ela se você puder evitar. — Ela sorriu, mas estava tendo um momento difícil com essa conversa.

O aperto de Dillon em sua mão, aumentou suavemente.

—Não posso dizer que não estou preocupado, mas o que vou dizer é isto, nunca vou me arrepender do meu relacionamento com Kat. Estou apaixonado por ela. Simples assim.

Se Katrina pensou que seus olhos estavam grudados na mesa antes, agora eles estavam, literalmente, cimentados no local. Que diabos ela deveria fazer, na frente de sua família a respeito disso? O amava. É claro que amava, mas isso significava de que tinha, alguma ideia de como, não agir como uma louca, na frente de sua família? De jeito nenhum. Felizmente, Seth e Jake decidiram que agora seria um grande momento para entrar em cena.

—Pai! Srta. Page! Tia Molly disse que vocês estavam vindo. Nós fomos para Alcatraz outro dia, pai! E fomos para um jogo do Giants! — Katrina arriscou um olhar para cima para ver Seth e Jake em pé na porta. Dillon levantou-se e foi de encontro a Seth, abraçando-o. Molly apertou a mão de Katrina, assumindo,

rapidamente, de onde Dillon parou. Não escapou a sua atenção também que Del estava sorrindo calorosamente para ela. Mas nada disso evitou que lágrimas quentes ardessem por trás de seus olhos. Não queria ser responsável por ele perder o emprego ou por qualquer outra coisa horrível que pudesse acontecer com qualquer um deles. E ainda assim, ela era o centro de tudo.

—Hey, companheiro. Vocês, garotos, entrem e se lavem. Vocês estão fedendo demais e sua avó já está preparando o jantar.

—Ok. Hey podemos ir a um show de Drag Queens, antes de partimos?

—Hã, não. Isso realmente não vai acontecer. Definitivamente não. Nem mesmo considere isso.

Katrina riu, mesmo enquanto uma lágrima escapava de seu olho. Ela estava arruinando esse homem com seu drama. Estava sendo egoísta. Por que continuar pondo suas necessidades acima das dele? Já tinha perdido esse argumento com ele uma vez, mas se vê-lo com sua família, não fosse argumento suficiente, para que o que estava fazendo fosse egoísta, ela não sabia mais o era.

—Kat?

—Hmm? — Katrina virou-se para sua voz. Ele estava sentado ao lado dela novamente e ela podia sentir as lágrimas quentes em seus olhos.

—Baby, por que você está chateada? — Ela balançou a cabeça. Sua família estava indo para dentro e ela inclinou a cabeça em direção a ele para esconder as lágrimas em seus olhos.
—Não se esconda de mim.

Ela encontrou seus olhos, mas no segundo que viu a preocupação, balançou a cabeça novamente. Ele suspirou.

—Vamos. Vou te mostrar seu quarto, que infelizmente, não é o meu. Graças ao movimento conservador Amish que você fez quando chegamos aqui. — Ele sorriu e ela fungou. —Kat, olhe para mim.

Sua voz estava de repente séria e quando ela encontrou seus olhos, estavam demasiado sérios também.

—Você sabe que eu te amo. — Katrina concordou. —E você me ama também? — Ela assentiu novamente —Então tudo vai se resolver. Confia em mim? — Ela concordou mais uma vez. Mas estava começando a se sentir, como um fantoche. Ele era tão bom em conseguir entrar em suas emoções. —Venha comigo.

Ela se levantou, sentindo-o apertar sua mão enquanto voltavam para dentro de casa, atravessando a cozinha e voltando para a grande sala de estar. Suas malas estavam onde haviam deixado no patamar e ele as carregou para o andar superior, enquanto ela o seguia.

Dillon deixou a sua mala no corredor do segundo andar e então, foi com ela até o terceiro andar, com sua bolsa. O quarto era lindo e aconchegante. A cama era de ferro forjado e a colcha que a cobria era estampada com tema floral, de antigo padrão. Havia um edredom ao pé da cama. O quarto tinha seu próprio banheiro, com uma banheira. Não podia imaginar um quarto mais aconchegante e confortável.

Dillon abriu as pequenas portas francesas para uma pequena varanda, com vista para o quintal e pátio abaixo e

quando se virou, viu-a olhando para o porto a distância, ele sorriu.

—Minha mãe era uma designer, antes de se aposentar. Você poderia adivinhar?

Katrina sorriu. Estava lutando para reprimir as emoções que surgiram em cima dela e, quando a expressão no rosto de Dillon mudou por um momento, ela lembrou com mais culpa.

—Molly está do outro lado do corredor. Os meninos estão compartilhando um quarto no segundo andar e meu quarto é lá também. O quarto principal dos meus pais é no piso térreo. Você vai ficar bem aqui sozinha?

Katrina concordou e ele aproximou.

—Você sabe que isso é inteiramente culpa sua? — Ela inclinou a cabeça para o lado. —Eles não se importariam se nós ficássemos juntos.

—Mas talvez Seth se importasse. — Ele a observou atentamente por um momento antes de assentir sutilmente.

—Possivelmente. Vejo você lá embaixo em breve. — Dillon a beijou, ela estava tão tentada a fechar a porta do quarto e afundar em seu corpo por um tempo. Ele estava todo homem e sua parte mais viril, estava dura e rígida contra seu corpo. O corpo dele a provocava e dizia que poderia fazer suas preocupações desaparecerem por um tempo, era só deixá-lo fazer isso. Era a promessa de uma distração, um indulto, uma ruptura das coisas feias, em sua mente.

Era garantido que o êxtase e o prazer dele iriam deixá-la completa novamente, mas ela deu um passo para trás. Ele a olhou com cuidado. Não estava entendendo seu humor. A suspeita em seus olhos estava prendendo-a no local, acusando-a com isso.

Quando ele saiu, ela fechou a porta e foi para o banheiro. Lavou o rosto, acalmando-o com água fria e esperava desesperadamente que isso fosse limpar sua mente também. Eles foram encantadores. Todos eles foram preciosos com ela, doces e decentes.

Não poderia ferir essa família, mesmo que não fosse culpa dela. *Não era sua culpa!* Isso era a verdade irritante sobre isso, saber que fizeram isso com ela, que estava fora de seu controle e que poderia ferir o homem que amava e todos no mundo com quem ele, se preocupava.

Vendo que sua família era uma coisa incrível. Ela estava feliz, estava com inveja, se sentia culpada e só queria ser um deles, de uma forma patética e muito imatura. Quando houve uma batida na porta, ela pegou a toalha de mão e secou o rosto rapidamente, enquanto abria a porta.

—Oi. — Molly parecia nervosa.

—Oi.

—Você está bem, não está? — Katrina assentiu. —Deve ser muito para você. Todos nós de uma vez. E quanto a sua família? Digo, vocês são próximos?

—Não. Minha mãe deixou meu pai e eu, quando eu ainda usava fraldas e meu pai faleceu alguns anos atrás.

—Oh, Katrina. Sinto muito. Você está completamente sozinha, em tudo isso. Quero dizer... Você nunca mais estará sozinha, com Dillon ou com a gente, para qualquer coisa, mas você sabe o que quis dizer. — Molly piscou para Katrina. —Ele ama você. — Ela balançou a cabeça enquanto um sorriso aparecia em seu rosto. —Uau! Não tinha certeza que veria isso de novo, mas ele ama. De forma feroz. Você o ama também?

—Sim, eu amo. — Não houve um momento de hesitação na voz dela.

—Então, por que você parece tão triste? — Molly a estudou.

Katrina olhou para o chão por um momento. Não tinha ideia de como responder isso.

—Porque eu o amo. — Molly inclinou a cabeça para o lado em confusão. —Não quero que nenhuma parte desta confusão o toque, ou toque Seth. Estou preocupada o tempo todo se as pessoas com quem me importo, vão se machucar por minha causa e não tenho certeza se eu poderia lidar com isso.

Os olhos de Molly se fecharam lentamente enquanto entendia a preocupação de Katrina. Mas quando eles se abriram novamente foi com determinação.

—E se a situação fosse invertida? Se a vida de Dillon estivesse em perigo? Você o deixaria só, porque ele estaria com medo do efeito que pudesse ter sobre você?

—Não.

—Então, por que você deve esperar menos dele? — Ela olhou Katrina por um momento, antes de falar novamente. —Vejo você lá embaixo. — Em seguida, ela se foi.



Dillon observou-a do outro lado da mesa no jantar. Katrina estava tendo um momento difícil, chacoalhando seu medo. Ela entendeu. Estava cansada de sua vida, sendo como uma festa de drama. Queria ser comum, simples, tediosa, apenas normal novamente. Os olhos compassivos que a observavam, agora deixaram claro de que não era nenhuma dessas coisas. Eles foram gentis, generosos e quando o pai de Dillon esfregou seu ombro, quando ela entrou na cozinha, ficou claro que eles não estavam nem um pouco ressentidos. Mas os olhos suspeitos que observavam do outro lado da mesa, disseram que Dillon não estava acreditando nela.

Katrina tentou sorrir-lhe, mas ele apenas a observava. Olhou para ela, sabendo que estava tentando esconder o lado feio, dele. E ele não disse nada.



Capítulo 25

Não era difícil se colocar no lugar dela. Dillon sabia que na maioria dos dias, ela carregava muita culpa. A sua única esperança real, estava em terminar com tudo isso e mantê-la segura, dando-lhe o que precisasse para seguir em frente com ele. Precisava tirar a culpa que Katrina sentia e sabia que só pondo um fim a este pesadelo, faria com que ela se sentisse melhor. Ironicamente, a culpa era o que estava ameaçando separá-los e ainda assim, era tudo por causa do fato de que ela se importava com ele, de uma forma comovente e aterrorizante, tudo de uma vez só.

Molly chamou-lhe, para dar um passeio após o jantar e ela concordou. Observou-a sair com Molly. Tinha visto muito poucos sorrisos reais dela desde que tinha chegado aqui. Ela mostrou à sua família, o que achava que eles queriam ver. Katrina lançava-lhes um sorriso rápido, completamente forçado, quando eles olharam, mas sumia do seu rosto, quando eles desviavam o olhar.

Dillon via, estudava e odiava. Katrina deveria ao menos, ser capaz de relaxar aqui. Estava segura, era suposto ser um alívio

para ela, mas a sua expressão mostrava que carregava junto consigo cada preocupação. É claro que carregava. Estava atravessando uma tempestade no momento, algo que não era tão facilmente esquecido.

—Katrina é realmente adorável, Dillon. — A mãe dele apertou seu braço quando passou por ele na cozinha.

—Sim ela é. Embora, eu estou preocupado com ela.

—Como assim? — Seu pai se juntou a eles na ilha de cozinha.

—Ela está tão preocupada com tudo isso. Eu também, mas odeio que se sinta insegura.

—É bem compreensível que ela se preocupe. Katrina deve estar aterrorizada—. Del lamentou com um leve aceno de cabeça.

—Claro, mas não é só isso. Somos nós. É tudo. Ela se preocupa de que eu possa ser ferido. Preocupa-se que o Seth possa ser ferido. Preocupa-se de que eu vou perder meu emprego. Sente-se tão responsável por tudo e nada disso, é culpa dela.

—Eu não deveria ter perguntado sobre o seu trabalho, na frente dela esta tarde. Eu não pensei. Eu deveria ter sabido que ela iria sentir-se mal com tudo isso. — Seu pai parecia culpado.

—Está tudo bem. Isso tudo apenas, está cobrando seu preço sobre ela. Katrina está lidando com isso já há algum tempo. Foi atacada, aterrorizada, atormentada e não fomos capazes de fazer coisa alguma sobre isso. Sua vida inteira foi virada de cabeça para baixo. Tudo que conhece e tudo o que importa para ela, está sendo ameaçado ou destruído, ela tem que lidar com isso.

—Não pode ser fácil, considerando que vocês dois não estão juntos por muito tempo. — Ele não estava inteiramente certo, qual era o ponto da sua mãe, mas se estava indo sugerir de que eles não estavam juntos tempo suficiente, então isso não acabaria bem.

—O que isso significa? — Ele tentou não soar na defensiva.

—Significa que nenhum de vocês deveria gastar tempo focando nisso, mas em vez disso, no seu relacionamento. E eu não estava sugerindo outra coisa, por isso, pode tirar esse olhar do rosto. — Bem, ela colocou-o no seu lugar. —Você a ama. É obvio. E você nunca vai ouvir um pio de mim sobre isso, eu compreendo. E ela também o ama. É óbvio, da mesma maneira.

—Bem, sim, mas às vezes eu não tenho certeza se isso é o suficiente para ela. Ou, se é o suficiente para fazê-la ir embora, pensando que está me fazendo um favor.

Sua mãe franziu os lábios.

—Você vai ter que falar com Seth sobre isso. Ele está preocupado com ela. Ele é um garoto esperto e sabe que algo está acontecendo.

—Eu vou falar com ele amanhã.

Molly e Katrina voltaram um pouco mais tarde e no momento em que entrou, sorriu timidamente para ele. Dillon não se aproximou dela, esperou para ver se iria até ele. Katrina fez, hesitantemente, olhando para ele enquanto chegava ao seu lado. Dillon beijou-a no topo da cabeça dela e ela se inclinou.

Os meninos tinham voltado para o parque e não iria vê-los novamente até o anoitecer, por isso, eles se acomodaram na sala de estar. Katrina estava sentada próxima, ao seu lado e teve conversas casuais por um tempo antes de se desculpar e ir para a cama. Ela, o beijou rapidamente antes de desejar a todos uma boa noite e, em seguida, se foi. E ele, não tinha certeza do que fazer consigo mesmo.

Ele seguiu os meninos para cama, algumas horas mais tarde e passou as próximas horas virando-se de um lado paro o outro até que finalmente caiu no sono. Acordou um pouco depois, aflito com a escuridão, tinha que ver se Katrina estava bem, só para não entrar em pânico. Não tinha certeza do que se tratava seu sonho, mas sabia que era sobre ela e que não foi nada bom.

Ele subiu voando pelas escadas, até o quarto dela e silenciosamente, entrou no seu quarto deitando ao seu lado. Seu corpo estava quente e ele imediatamente, começou a voltar a dormir.

—Eu te amo. — Dillon não tinha percebido que ela estava acordada, até que sua voz calma o trouxe de volta de seu sono.

—Eu também te amo. — Ele estava abraçando seu corpo por trás e deixou seus dedos lentamente tocar sua perna por baixo da camisola que ela estava usando. Quando chegou na sua cintura, passou a mão por baixo da sua calcinha, esfregando sua bunda. Ele empurrou seus dedos pela parte de trás entre suas pernas, encontrando-a quente e úmida.

—Eu não posso fazer isso aqui. Não na casa de seus pais.

Ele gemeu.

—Você está me matando aqui. — Ele pegou sua mão, guiando-o para seu pau duro. —Eu preciso de você. Agora.

Ela gemeu.

—Você sabe que eu também quero.

—Sim. Sua boceta está encharcada. Você já está pronta. — Ele estava acariciando em sua nuca e ela estava suspirando e gemendo baixinho. —Venha comigo.

Dillon rolou da cama e estendeu a mão para ela. Estava escuro, mas a lua estava quase cheia e brilhando através das portas francesas. Ele andou com Katrina pelas portas, agarrando uma cadeira de madeira que estava ao lado de uma pequena mesa. A cadeira era antiga e esperava que para o bem de sua própria bunda e dignidade, que não fosse apenas para decoração.

Quando abriu as portas, ela acalmou-se ao seu lado.

—Dillon, isto não era bem o que eu quis dizer quando disse que não poderíamos fazer isso na casa dos seus pais.

—Eu estou bem ciente do que você quis dizer. — Ele a puxou para fora para a pequena varanda e sentou-se na cadeira. —Agora, esta cadeira é velha pra cacete e você vai ter que ser gentil comigo, se é que há alguma esperança de que não vamos destruí-la. E este é o seu quarto, assim, que você vai ser a única a ter que explicar para minha mãe, por que sua antiga cadeira está em pedaços na varanda. Ainda nervosa?

—Dillon...

—A menos que você esteja gemendo meu nome quando eu estou dentro de você, pare de dizer o meu nome como se eu fosse uma criança insolente.

—Eu não tenho certeza que isto esteja muito longe da verdade. — Ele riu. Era só uma faísca do seu humor, apenas uma faísca, mas foi o suficiente para acender um fogo dentro dele.

Dillon deu um passo para perto dela, levantando a bainha de sua camisola ao longo das suas pernas. A sua respiração estava irregular e nervosa. E quando finalmente levantou a bainha da camisola, acima de sua calcinha, ele passou os dedos sob a cintura e desceu pelos seus quadris. Seu pau estava duro pra caralho. Não estava mentindo quando disse que precisava dela. Ele precisava dela, para dar-se a ele. Katrina poderia estar aterrorizada ou preocupada, mas não podia manter-se longe.

Ele puxou a frente de suas calças de flanela, enfiando o elástico embaixo de seu saco para provocar uma tensão maior nele. Seu pênis estava tocando a barriga dela e suas mãos, imediatamente, se moveram para agarrar seu comprimento.

Ele gemeu quando seus dedos se moviam para baixo. Ela roçou seu toque macio sobre suas bolas apertadas. Brincou com a pele, arrastando o dedo, só para fazer cócegas, com o mais leve dos toques, ao longo dos seus testículos novamente. Katrina empurrou o elástico da calça mais para baixo, para segurar o saco todo, nas mão. Ela apertou e a cabeça dele foi para trás enquanto gemia.

Dillon não estava mais tão preocupado em acordar todos na casa e nem ela, mas Katrina tendia a fazer com que ele perdesse

a razão rapidamente e suas mãos, estavam fazendo um grande trabalho em lembrar-lhe o quão fácil ele poderia sucumbir a ela.

Ele, a deixou segurar, acariciar, apertá-las, atormentando-o pelo tempo que poderia aguentar, antes de se acalmar e baixar as calças até seus pés. Dillon estendeu a mão sob a calcinha para colocar os dedos entre seus lábios vaginais. Ela estava toda sedosa, molhada e, ele já podia imaginar-se empurrando seu pau através da sua umidade. Ele adorava a sensação de quando ela gozava na sua pele e seu pau já estava se contorcendo por isso.

Katrina agarrou seus bíceps enquanto ele movia para cima e para baixo em sua fenda. Toda vez que seu dedo passava sobre seu clitóris, ela choramingava baixinho e seus dedos seguraram mais apertado nos braços dele. Foi com muita dificuldade que tirou os dedos de seu corpo, mas, ele não ia durar muito tempo se continuasse com isso. Realmente estava um pouco preocupado sobre a cadeira que, certamente, devia ter mais de cem anos de idade, mas ela deu apenas um rangido quando se sentou nela. Se acabaria com lascas de madeira na bunda dele, aí, era outra coisa, inteiramente, diferente.

Dillon guiou seu corpo para ficar em cima dele e ela afundou-se sobre as suas coxas. Katrina o beijou, empurrando a língua em sua boca e as mãos dela encontraram sua ereção novamente. As mãos dele, foram para seus quadris, levantando-a e colocando-a sobre a cabeça de seu pau. Ele baixou-a lentamente e ela usou os seus dedos para guiá-lo para seu corpo.

Ela ficou parada enquanto ele passava por entre os lábios e o aperto causou um gemido que escapou de sua boca. Dillon

agarrou seus quadris, puxando lentamente mesmo que ainda firme, para baixo, em seu colo. Podia sentir o calor de sua boceta aceitá-lo, mas era tão apertado, que era intenso. Quando ela estava sentada no seu colo, ele puxou-lhe a camisola sobre a sua cabeça.

—Eu não gostei quando você disse a minha família que a única razão para você estar aqui, era por causa do caso. — Ele segurou seus quadris firmemente sobre seu pau, mantendo-se enterrado dentro de seu corpo, castigando-a. —Você sabe por que você está aqui?

Seus lábios se separaram e a sua respiração estava ofegante e curta. Suas paredes vaginais, se agarrando e tremendo em torno dele. Estava sendo muito difícil, não a levantar e afundar a boceta de volta, na sua ereção. Dillon estava ansioso para sentir o movimento de sua pele quente e lisa contra o seu pau, mas ele estava esperando chamá-la a razão, sobre o seu comentário insensível, algumas horas atrás.

—Porque você está preocupado comigo. — Sua voz estava ofegante quando respondeu e seu pau se contorceu dentro dela, ao som de sua necessidade desesperada.

—Você está aqui, porque eu estou apaixonado por você. Você está aqui, porque eu quero que a minha família te conheça. Você está aqui, porque meu filho tem que saber que estamos juntos. Não se esqueça de que há muito mais entre nós do que um lunático patético. Não foi por ele que eu lhe pedi para vir conosco.

Ela ficou quieta, mas, eventualmente, balançou a cabeça e o beijou. Quando ele largou o seu aperto na sua cintura, ela se balançou para frente e para trás e caiu com a cabeça no ombro dele, gemendo baixinho contra a sua pele.

O movimento de seus quadris, era inebriante. Katrina rebolava contra ele, levando-o mais profundo e quando ela rolava para trás, tirava-o um pouco da profundidade, enquanto se esfregava contra ele. Dillon deixou-a se movimentar no seu colo e escutou os gemidos baixos, vindo de sua boca.

Katrina sentou-se, inclinando-se para trás apoiando suas mãos nos joelhos dele. Dillon a observava, lentamente, transar com ele. Quando tocou seu clitóris exposto, ela silvou e as unhas dela cravaram nas suas pernas, enquanto ele gemia.

Dillon acariciou o seu clitóris e ela começou a ofegar. A lua estava quase cheia e brilhante e ele viu seus músculos do estômago se contraírem, enquanto seu corpo se enrolava, tentando capturar sua libertação. Quando Katrina finalmente gozou, podia sentir as suas nádegas apertando contra suas coxas, enquanto ela empurrava sua pélvis para cima. Ela não conseguia parar o grito e ele se inclinou rapidamente, empurrando a língua em sua boca, enquanto ela gemia.

Ele não diminuiu a pressão sobre o clitóris, até que ela estava tremendo e lutando para respirar e só então, ele puxou seu corpo de volta para perto do seu e deixou-a descansar, com a cabeça no seu ombro. Deixou-a descansar um pouco, antes de agarrar nos seus quadris, segurando-a com força ao seu corpo e

começou a apertar suas nádegas, se dirigindo profundamente nela.

—Dillon! — Ela engasgou seu nome contra seu pescoço.

—Diga que você me ama. — Ele sussurrou em seu ouvido enquanto se dirigia em sua boceta.

—Eu te amo. — Ela mal conseguia pronunciar as palavras enquanto ele continuava movendo-se dentro dela.

—Diga isso de novo.

—Eu te amo.

Ele estava empurrando duro e rápido, segurando o seu quadril tão apertados como podia, no seu colo.

—Não pare. Diga isso de novo. Eu quero ouvi-la enquanto gozo dentro de você.

Katrina murmurou contra seu ouvido novamente e novamente, gritando silenciosamente enquanto ele perfurava seu corpo. Katrina não parou de dizer o que precisava ouvir e quando ele empurrou uma última vez, apertando forte sua cintura e empurrando seus quadris para cima e dentro dela, ela começou a beijar seu pescoço, murmurando as palavras contra sua pele.

Estava derramando-se profundamente dentro de seu corpo e escutava sua voz enquanto pulsava dentro dela. Dillon ficou ofegante contra o seu pescoço, enquanto o seu corpo relaxava novamente.

Passaram-se alguns minutos, antes dele encontra sua voz novamente.

—Garota de sorte, mantendo esta cadeira inteira, sem quebrar nenhum pedaço.

Dillon puxou o seu corpo junto ao dele, sentindo os seus mamilos duros contra seu peito. Não soltou seu corpo até que ele sentiu como se fosse cair de bunda, devido ao sono e quando a levantou de seu colo, ela o levou para o banheiro e puxou-o para o chuveiro. Dillon a beijou, lentamente movendo-se para baixo junto com a água quente que caía em cascata, sobre eles. Ele levantou o pé dela para o lado da banheira e colocou dois dedos em sua boceta.

Ele podia sentir seu sêmen e sua umidade em torno dos dedos, enquanto salpicava beijos suaves, nas bochechas do seu traseiro. A sua vagina, estava apertando em seus dedos e seu pau, já estava acordado novamente. Ele estava atrás dela, aninhando-se contra o seu pescoço.

—Eu acho que me acostumei em tê-la na minha cama. Dormir sozinho já não é para mim.

Ela virou-se para ele, envolvendo os braços a sua volta.

—Eu sei.

Depois que Katrina estava de volta em sua camisola e enxugou o seu cabelo, ele a levou para cama e se sentou perto do seu quadril, observando-a enquanto ela se aconchegava debaixo dos cobertores. Ficou tentado a deitar com ela, mas estava certo de que nunca sairia de lá, uma vez que dormisse.

Em vez disso, a beijou. Permaneceu com os seus lábios provando os dela, seus dedos desceram, apertando seus mamilos.



O suspiro e gemido frustrado, quando seus mamilos endureceram e ficaram duros com tensão, foi seu sinal para sair. Ele agarrou a cadeira da varanda, devolvendo-a para a mesa, beijou-a mais uma vez e depois, a deixou.

—Pai, onde você estava na noite passada? Me levantei e sua porta estava aberta, mas você não estava lá.

—Uh, no banheiro.

—Você não estava! Eu estava no banheiro!

—Oh humm... uh... no closet.

Jake bufou e Seth apenas balançou a cabeça.

—Você está estranho. — Eles pegaram o suco que Molly tinha feito apenas para eles e fugiram passando por Katrina que tinha acabado de mostrar-se na soleira da porta.

—No closet? Sério? Você não poderia ter dito cozinha? — Molly sentou-se ao lado dele, enquanto servia-se de uma xícara de café.

—Que closet? — Katrina sentou-se no outro lado dele, puxando a perna para debaixo dela.

—Aparentemente Dillon passou algum tempo no seu closet na noite passada e é por isso que Seth não conseguiu encontrá-lo no meio da noite. — Katrina engasgou-se quando Dillon olhou para ela, já estava corando no mais incrível tom de rosa. Molly riu e Dillon balançou a cabeça.

Dillon conseguiu agarrar Seth, antes dele conseguir sair de casa, com Jake.

— Venha passear comigo.

—Ok. — Respondeu, como se fosse uma pergunta, em tom irritado.

Uma vez que ele e Seth já estavam na metade da esquina, Seth olhou para ele com uma expressão expectante. Afinal, Dillon estava acabando com seu tempo da parte da manhã.

—Kat... Senhorita Page e eu, estamos namorando. Eu queria que você soubesse.

—Sim, duh.

—É tudo que tem para falar? Sim duh?

—Uh, sim. Você trouxe minha professora para São Francisco com você, você olha para ela, ela olha para você. Isso é o que as pessoas fazem quando gostam uma da outra.

—Elas olham uma para a outra, hein?

—Sim, pai, duh. E eles compensam.

—Você quer dizer, acoplar.

—Tanto faz. Eu estou nas aulas de saúde agora e eu sei sobre os pássaros já.

—E as abelhas também, eu presumo?

—Que abelhas?

—Yeah. Então, você está bem com isso?

—Claro. A senhorita Page é legal. Ela é muito mais legal do que você é.

—Oh, ela é, hein? — Andaram por mais um minuto. Seth estava ficando mais impaciente a cada segundo. —Então você sabe que ela está tendo alguns problemas.

—Eu sei que algo aconteceu com ela. Quero dizer, alguém a machucou. — Seth de repente soou muito maduro para seus treze anos. Ele suspirou forte. —Será que ela vai ficar bem?

—Alguém está tentando assustá-la e nós não sabemos por que e nem quem é, mas estamos fazendo tudo que podemos, para descobrirmos isso. E nós estamos fazendo tudo que podemos para protegê-la.

—Assustá-la? Pai, eu não sou mais um bebê. Eu sei que alguém está tentando machucá-la.

—Eu sei que você não é um bebê.

—Mas por que alguém faria isso? Ela é legal. É uma boa pessoa. Eu só não entendo como alguém poderia querer machucá-la.

—Eu não sei por que, Seth. O que as pessoas fazem para outros, nem sempre faz sentido. Eu gostaria que fizesse, mas nem sempre faz. Mas você está certo. Ela não merece isso. Mas eu não quero que você se preocupe com isso. A polícia está fazendo tudo o que podem para descobrir quem está tentando machucá-la.

—A pessoa que está fazendo isso quer matá-la?

Seu coração batia no peito como louco apenas por suas palavras. O olhar assustado e confuso no rosto de Seth não ajudava em sua reação. Não podia responder a essa pergunta honestamente, sem preocupar Seth, mas, ao mesmo tempo, a

mentira não era exatamente a abordagem que ele queria tampouco.

—É difícil saber qual é sua intenção. Mas nós não vamos deixar isso acontecer. Você entende?

Seth assentiu e ficaram em silêncio por um tempo, enquanto davam a volta para o outro lado do bloco e voltavam para a casa, por outra direção.

—E então, você gosta, gosta, gosta dela? Como do tipo você a ama, gosta dela?

—Sim.

—E ela realmente gosta de você também?

Dillon riu.

—Ela realmente me ama... mesmo sendo demasiado óbvio que você não acredita.

—Isso é legal. — Seth ficou em silêncio por um momento, mas Dillon sabia que ele tinha mais a dizer. —Ela deve viver conosco. Estaria mais segura com a gente. Ela não deve ficar sozinha.

—Eu não acho que ela está pronta para isso. E eu não tenho certeza se você está. Isso é um grande negócio, Seth.

—Você disse que você a ama. Isso é o que as pessoas fazem quando se amam. Eles se casam, vivem juntos, têm bebês, ficam velhos e enrugados. Quero dizer, você já está velho, pai.

—Você não sabe o que é velho, não é? Eu apenas completei trinta e cinco.

—E daí? Você vai esperar até que você esteja muito, muito, velho?

—Eu não estou dizendo que eu não iria me sentir melhor em tê-la mais perto, mas é mais complicado do que isso.

—Então descomplique isso! — Seth disse, com frustração, na sua voz.

—Não é escolha minha! Ela tem que concordar em se mudar e ela é... bem, ela é teimosa como uma mula.

—É estúpido. Ela estar sozinha é simplesmente estúpido. Ela nem sequer, tem mais uma casa.

—Você ouviu sobre isso?

—Eu ouvi a tia Molly e a vovó falando sobre isso ontem à noite na cozinha. Você precisa falar com ela. — Dillon não poderia concordar mais, mas como diabos ele ia fazer isso? Ele respirou fundo e suspirou enquanto se aproximavam da casa.

Dado o seu público, Dillon achava que a conversa tinha corrido bem. Seth gostava de Kat. Ele a respeitava. Ele entendeu a importância de cuidar de alguém que precisava de ajuda, o que provavelmente, impressionou mais que tudo. Seth era um bom garoto. Sempre tinha sido e Dillon sempre soube que ele era, e não do tipo, meu-filho-não-faz-nada-errado. Seth, poderia fazer muita coisa errada, mas, poderia fazer muito mais, as coisas certas.

Isso não queria dizer que Dillon escapasse, de não dizer ao Jake, logo que possível, em um tom bastante juvenil,

—Meu pai está namorando com a senhorita Page. Eles estão tipo, namorando, namorando.

Para isso, Jake respondeu.

—Pelo menos ele está namorando. Mamãe nunca sai em encontros. Eu aposto que eles gostam de fazer aquilo. — É claro que nenhum dos dois podiam esperar para ter esta conversa, quando estivessem longe de casa. Molly, estava de pé a dois passos de distância, com a cabeça inclinada para o lado, com uma expressão séria.

—Isso é totalmente nojento. Eles estão velhos. Eca. — Seth exclamou da sugestão de Jake.

Dillon estava assistindo Molly tentar olhar seriamente para os meninos, quando na verdade, ela só queria rir. Os meninos não ficaram tempo suficiente para ouvir uma palestra sobre o assunto e, no segundo em que eles estavam fora da porta, Molly disse.

—Eu tenho muitos encontros. Ele apenas não sabe de nada.

Dillon riu, enquanto Molly fez uma careta.

—Mamãe e eu estamos levando Katrina para o SPA. Você e papai estão no comando, dos meninos. Se Jake disser *fazer aquilo*, novamente, sinta-se livre para corrigi-lo por estar sendo um idiota.

—Entendido.

Katrina desceu as escadas naquele momento, sorrindo timidamente para ele.

—Hey, Kat. Tem certeza que quer um tempo no SPA com mamãe e eu? Minha mãe tem um jogo perverso de vinte perguntas, mas vou correr para socorrer você, eu prometo.

—Claro. Parece ótimo, na verdade.

—Ah, e os meninos estavam falando sobre, como você e Dillon estão, fazendo aquilo, assim o gato está fora do saco, de toda forma.

—Bem, pelo menos eles não disseram trepar. —Comentou Katrina, secamente, quando suas bochechas começaram a ficar vermelhas.

Molly entrou em erupção, gargalhando e Dillon, começou a sacudir a cabeça em desaprovação simulada. Quando Katrina olhou para ele de novo, suas sobrancelhas se ergueram, provocativamente. As bochechas vermelhas ficaram mais rubras, enquanto ele observava seu olhar passando rapidamente pelo seu, lembrando de algum momento antes, olhando para trás.

Katrina, obviamente, não tinha esquecido o seu encontro à meia-noite, mas ele certamente também não e só estava esperando, aguardando seu tempo, tão pacientemente, quanto seu pau deixaria para ter sua mãos sobre ela novamente.



Mais uma vez, infelizmente, não aconteceu durante o resto da viagem e chegou sábado de manhã, onde estavam guardando

as malas no carro de Molly. Dillon decidiu que a privação de sexo, estava deixando-o insano. Ele simplesmente precisava colocar suas mãos sobre ela, antes que perdesse a cabeça. Infelizmente, o mais perto que chegou dela, foi segurando sua mão enquanto dirigia o carro de Molly para o norte.

Molly reivindicou a terceira fila só para ela, queixando-se de ter levado os meninos, sozinha, por um dia completo.

No segundo em que Dillon segurou sua mão, lá estavam eles cheios de risinhos que vinham do banco de trás. Dillon, olhando pelo espelho retrovisor, focou seu olhar em Seth.

—Vocês dois vão rir como idiotas cada vez que eu toco Kat, ou poderiam, talvez, crescer um pouquinho? — Ele sorriu e Seth revirou os olhos.

—Hey Srta. Page? — Ela se virou para Seth. —Você sabe que meu pai é tipo, bem velho, né?

Ela riu.

—Ele é velho demais. Sem dúvida nenhuma.

—Eu só tenho trinta e cinco anos! Velho demais, seria, pelo menos, trinta e sete.

—Eu ouvi isso! E eu sou jovem no coração, Idiotas! — A voz veio do corpo de Molly, que estava enterrada, debaixo de um cobertor, no banco de trás.

Eventualmente, Seth e Jake, deixaram de pensar que seria estranho Dillon segurar a mão de Kat da mesma maneira que descobriram que seria, realmente muito natural, ele gostar de beijá-la no rosto, de vez em quando ou dar um beijo de boa noite.

Eles tiveram alguns dias para lidar com tudo, na casa dos pais de Dillon e enquanto os risinhos o tinha conduzido a loucura, no início, tinham se acostumado um pouco mais, a cada vez que a tocava, beijava-a ou sussurrava algo em seu ouvido e, mesmo agora, enquanto eles brincavam sobre isso, passando dos limites da cidade, a tensão tinha desaparecido. Era simplesmente engraçado, para garotos da idade deles, riam de tais coisas.

Partir, não tinha sido tão alegre ou preenchido com risos, pelo menos por parte dos adultos. Sua mãe quase chorou quando puxou Katrina em um abraço de urso apertado. Não era como se tivesse questionado se eles gostaram dela ou não, estranhamente, realmente, nunca tinha questionado isso. Mas era mais do que óbvio que eles estavam preocupados com ela. Merda, eles estavam preocupados com ele também.

Ficou claro que suas vidas estavam ligadas e o que era feito a ela, iria afetá-lo. Sua mãe preferia que Kat e Dillon se mudassem, deixem seus empregos, adotem novas identidades e ficassem escondidos do criminoso, pelo resto de suas vidas. Ela estava apenas preocupada e mostrou isso. Sua mãe chorou e seu pai manteve as mãos sobre seus ombros para acalmá-la e tranquilizá-la, enquanto Katrina, passou através de suas próprias lágrimas, quando Dillon segurava sua mão.

Eles convidaram-na para visitar a qualquer momento que Dillon viesse e ela balançou a cabeça. Sua boca estava apertada com a emoção que estava tentando, arduamente, conter e ele apertou sua mão, beijando-a em cima de sua cabeça.

Agora eles estavam voltando para seu pesadelo. Dillon não estava pronto para voltar mais do que supôs que ela estava. O único benefício real era que seria muito mais fácil para ele levá-la para cama em casa do que tinha sido na casa dos seus pais e independentemente do pesadelo, nada mudou sua necessidade de consumi-la ou, aparentemente, a necessidade dela de ser consumida por ele.

Foi um longo dia e estava escuro no momento em que parou dentro da entrada da casa de Molly.

—Hey, Seth. Você não quer ficar e passar a noite aqui com Jake. — Molly estava olhando para Dillon enquanto falava com Seth. Ela tinha feito isso para o seu benefício e ele sorriu e acenou para ela.

—Ok. Pode ser, pai?

—Claro. Eu preciso levar Kat para casa, para que possa cuidar de seu gato e assim, eu posso ficar lá essa noite, se você não se importar.

—Legal. Eu volto num segundo, tia Molly. — Seth pegou sua mala e começou a arrastá-la na calçada, pelo pequeno espaço, para a casa deles.

—Obrigado, Mol. — Ele deu-lhe um beijo na bochecha antes de pegar as malas também. Molly abraçou Katrina e disse que iria vê-la em breve e, minutos depois, estavam indo pela calçada, seguindo atrás de Seth.

Dillon fez uma rápida parada na garagem e jogou a bolsa de Kat em seu Tahoe e quando voltou para dentro, escutou o som de vozes de Kat e de Seth, vindos da cozinha. Eles estavam

confortáveis em torno de um do outro, ainda mais agora, do que antes de São Francisco e seu coração acelerou enquanto os ouvia por um segundo, permanecendo escondido atrás de um canto. Eles não podiam vê-lo e só ficou parado, escutando.

—Talvez você devesse, simplesmente, vir morar com a gente. Eu sei que meu pai não se importaria com isso. Ele realmente, de verdade, tem uma queda por você.

—Isso é tão doce da sua parte Seth, mas, eu realmente vou ficar bem. A polícia está fazendo de tudo para descobrir quem está fazendo isso e eu vou ficar bem. Eu não quero que você se preocupe comigo.

—Você o ama, então qual é o problema? Eu não vou nem dizer a ninguém na escola.

—Não é isso. Eu já não serei sua professora próximo ano e, não há nada errado com seu pai e eu namorarmos, mas se mudar para cá, só porque ele está preocupado com a minha segurança, não é a resposta para isso.

—Isso é besteira! Por ser uma adulta, você não está tomando decisões muito inteligentes. — Seth soava tão parecido com Dillon naquele momento que teve que sufocar o riso preso na garganta que subia involuntariamente, mas a conversa era séria demais para interrompê-la.

Ele a ouviu suspirar antes de falar novamente.

—Nós vamos falar sobre isso, outra hora.

—Tudo bem. — Seth murmurou. E não foi até que Seth disse à Katrina, que já estava indo embora que Dillon fez sua

presença conhecida. E quando ele passou por Dillon em direção à porta da frente, gritou por cima do ombro. —Tchau, papai.

—Tchau, Bud[13]. — Os olhos do Dillon seguiram Seth pela sala, antes de voltar a olhar para Katrina. —Pronto, Freddy[14]? — Ele estava forçando-se a sorrir. Queria terminar a conversa que Seth tinha começado, mas não queria começar uma discussão, sabendo, exatamente como essa conversa terminaria, então, não o fez. Mas ele estava ficando irritado, apenas estando ali, de pé em frente a ela. Katrina não tinha feito nada de errado, mas o fato dele saber que houve um argumento, independente, de terem tido essa conversa, ou não, sufocou seu estado de espírito que, já estava começando a azedar.

—Para você, sempre. — Sua expressão era, o olhar sedutor mais discreto que ele já tinha visto e isso aliviou, lentamente, sua tensão, tirando-o de sua irritação. Não havia nada artificial, ou ostensivo na sua resposta. Apenas, sua necessidade que combinava, perfeitamente, com a dele, que podia se ver, pelas suas feições impressionantes.

Ele estava tão excitado quanto irritado.

Respirou profundamente, sabendo muito bem de que ela perceberia as respirações calmas e aproximou-se dela. Seus olhos estavam semicerrados e quando Katrina olhou para Dillon, ele

---

13 Bud é abreviado da palavra Buddy, que significa, companheiro, amiguinho, camarada.

14 Ready Freddy é uma frase muito comum, usada como gíria. Só pra saber se a pessoa está pronta. A origem exata dela, nunca foi revelada. Uns acham que pelo slogan para promover o filme Nightmare on Elm Street-4 em 1989, outros acham que é baseada na música de Queen, crazy little thing called love, onde o cantor principal era Freddie Mercury e muitas outras teorias.

soube imediatamente que tinha cometido um erro, permitindo-se estar tão perto dela após, metade de uma semana, em restrição.

Ele balançou a cabeça, obrigando-se a dar um passo atrás antes de comê-la viva.

—Nós temos que sair agora, antes que eu arraste você lá para cima. — Ela riu calorosamente e ele continuou balançando a cabeça. —Você acha que eu estou brincando.

E ele agarrou-a pela mão, puxando-a pela garagem antes que pudesse mudar de ideia e privar Kitty, mais do que o pobre e velho animal, já tinha sido privado, de sua proprietária.



Capítulo 26

Andar pela casa de Imogen, era deprimente. Adorava aquela casa, mas sua semana de normalidade havia terminado e estava de volta a loucura dessa cidade, agora. Katrina não estava pronta. Dillon foi com ela, até o carro do oficial que estava de patrulha. Ele não deveria e ela lhe disse exatamente isso, mas ele não quis ouvi-la falar, mesmo andando aquela curta distância, sozinha.

Por mais estranho que pareça, sabia até demais que teria ficado com medo e não podia deixar de se sentir aliviada, de que ele estava perto dela.

O oficial confirmou que tinha sido uma semana tranquila e momentos depois de voltar para casa, o celular de Katrina tocou. Era Smith e ela gemeu enquanto pensava em não responder.

—Ouvi dizer que você está de volta na cidade. Tudo vai bem?

—Sim. Eu acabei de voltar. — Mas ele já sabia, claro. Ela não era estúpida. O oficial era um dedo-duro e só levava para um lugar, Smith e Terrell.

Era um risco para Dillon, mas o que não era nos dias de hoje? Dillon parecia estar se recusando a se preocupar com esse risco. Ele deixou seu carro na calçada em vez de guardar na garagem, não que isso fosse ajudar muito nesse ponto e ele, muito obviamente, tinha a intenção de ficar a noite toda. Seria provavelmente, mais correto, dizer que ele estava, de forma passiva agressiva, mandando a polícia de Seattle ir se foder.

—Bem, não há muito para relatar da nossa parte. Nós ainda estamos passando por algumas pistas, da lista dos contratantes, das empresas que você nos deu. Há um, em particular que estamos interessados em falar. Um encanador que apareceu numa fatura, de mais de um ano atrás. Nós estamos tendo dificuldades para rastreá-lo e dado o acesso que teve para o interior de sua casa, mais especificamente, seu banheiro, faz sentido dar uma olhada nele, de perto. Também, ainda estamos olhando seu aluno Josh Grant, mas estamos num beco sem saída com ele. Só não há muito sobre ele. Mas vamos mantê-la informada.

Ela agradeceu ao homem, antes dele deixá-la ir e quando desligou olhou para Kitty que estava cambaleando em torno de seus tornozelos. Dillon estava voltando do carro, no qual foi buscar sua mala, quando virou na cozinha colocando a bolsa no chão, ele sorriu e ela estremeceu, com o calor em sua expressão.

—Esse é um bom tapete que Imogen tem. — Ele estava olhando para um tapete vermelho no chão da cozinha. Era legal. Claro que era. E provavelmente, custava mais do que Kat ganhava num mês.

—Uh... sim. Suponho que seja. Hum, você está procurando um tapete ou algo assim?

—Não. — Ele sorriu. E foi aquele sorriso lascivo, no qual deixava claro que só havia uma coisa que estava pensando. — Parece suficientemente confortável.

—Para? — Ela estava ficando nervosa.

—Por suas mãos e joelhos. — E ela ficou molhada.

Seu foco mudou para o tapete por um minuto, antes de voltar para ele. Podia sentir um rubor rastejando em seu rosto, arrastando-se sobre cada polegada de sua pele. Dillon a olhou com cuidado, com calma. Katrina sabia que ele estava faminto. O brilho em seus olhos traía sua compostura bem controlada, mas também, não havia seriedade em sua expressão, o que a confundia. Seus braços estavam cruzados sobre seu peito e sua cabeça fixada num ângulo casual sobre ela, mas seus olhos estavam em chamas.

Katrina não esperou por um convite. Retirou a camisa sobre a cabeça e a boca dele abriu enquanto sua atenção foi atraída para seus seios. Ela soltou o sutiã e o deixou descer por seus braços.

Seus olhos se agitaram olhando seus seios, mas quando os dedos dela se moveram para a cintura da calça jeans, seu olhar foi mais longe, descendo e sua respiração tornou-se irregular. Katrina abaixou a calça e a calcinha deixando-as no chão e quando aproximou-se, passou as mãos por baixo da camisa dele. Isso fez com que ele desse um gemido baixinho e os músculos do seu estômago, se contraíram sob as palmas das mãos dela.

Quando de repente ela puxou as mãos para longe dele, estava apenas provocando. Mas estava, realmente, muito nervosa. Havia uma parte dela que sabia que não havia nenhuma razão para temer, mas depois havia aquela outra parte, a parte com decoro e modéstia, que sabia que estava sendo muito descarada, para não ficar aterrorizada.

Katrina virou-se para o outro lado e pisou no tapete, caindo de joelhos e, em seguida, com as mãos também. Ele estava em pé atrás dela e enquanto ouvia ele liberar uma respiração lenta e profunda que soava mais como um gemido, ela deixou cair seu peito para a superfície macia do tapete, empurrando seu traseiro ainda mais para cima. Ela separou os joelhos e o, *Ah porra, Katrina,* que ele proferiu em voz desesperada, deu-lhe a única gota de coragem aos seus nervos, que precisava para manter sua posição.

Ela ouviu o farfalhar baixo do tecido, quando ele tirou sua camisa, deixando-a cair no chão. O som dele ajoelhando-se atrás dela, enviou calor pulsando através de seu corpo e umidade entre suas pernas. Quando seus dedos começara a subir das suas coxas para cima, seus joelhos começaram a tremer. Isso não passou desapercebido e ele a acalmou, enquanto seus dedos se mantinham rastejando lentamente em direção ao seu traseiro.

Katrina podia sentir cada toque e não precisava ver o que seus dedos estavam fazendo para saber exatamente o que estava acontecendo. Fechou os olhos, sentindo o toque e imaginando seus olhos ardentes, estudando seu corpo enquanto ele a seduzia ainda mais para o que ele queria.

Quando seus lábios encontraram sua bunda, ela gritou de surpresa. No início, foi doce, beijos e chupadas ao longo das nádegas, mas, em seguida, os dentes beliscavam. Dillon estava controlado e cada vez que apertava mais para baixo, um suspiro irregular era liberado de sua garganta, como se estivesse recebendo o máximo de prazer, tanto quanto ela estava.

Dillon segurou o traseiro, espalhando ele e deixando seus polegares deslizar suavemente para baixo sobre seu ânus.

—Eu tinha pensado... — Ela engasgou com o som de sua voz, tão encantada com seu toque que esqueceu de que ele podia falar. —Que eu poderia estar bastante desesperado, para chegar dentro de você e ser gentil, ir devagar.

Dillon mordeu-a e ela se encolheu e gemeu. Sua língua sacudiu sobre a pele que segurava entre os dentes e ela gritou novamente. Estava vendo a hora, da sua umidade escorrer. Ficaria mortificada, mas estava caindo aos pedaços, tão facilmente.

—Mas agora que eu a vi tão inclinada e disposta, não há nenhuma maneira que eu possa apressar isso.

Katrina sentiu um dedo passar entre os lábios de seu sexo, deslizando suavemente através de sua umidade e ele gemeu enquanto mergulhava o dedo, acariciando, mas não penetrando. Seu dedo começou girando em torno de seu clitóris, circulando o pico de nervos, inchado. Seu toque não era nem leve, nem forte demais, a pressão perfeita para conduzir seus nervos loucos de querer aquilo, rapidamente. Ele empurrou para cima, forçando para trás, expondo o mais sensível dos nervos e, quando a ponta

de um dedo roçou suavemente sobre o local, ela gritou e os seus pés chutavam contra o chão, em rápida sucessão, enquanto ela lutava contra a necessidade de desabar.

Katrina começou a implorar, conforme seus músculos apertavam e estremeciam. Sua risada calorosa foi à única resposta que recebeu, mas quando aumentou a pressão até um certo limite, seus joelhos cederam, se afastando e suas coxas tremiam. Ela se desfez e chegou ao orgasmo, empurrando a bunda no ar e seus músculos tremendo.

Ela estava quase a ponto de entrar em colapso, mas uma nova onda de desejo elétrico a percorreu, quando ouviu o zíper de suas calças sendo abaixado e gemeu alto, em antecipação.

Katrina estava lutando para ficar no lugar quando seus músculos lhe pediam para se deitar, mas ele chegou perto do seu corpo, por trás e suas mãos foram ao redor dela, tocando sua barriga e indo para baixo, para tocar sua boceta, segurando-a em posição, dando a seus músculos trêmulos, finalmente, um adiantamento. Seus dedos separaram os lábios da boceta e quando a cabeça de seu pau empurrou, gentilmente, contra sua abertura, sua respiração começou a bater contra seu pescoço. Seu peito estava nas suas costas, a mão ao lado dela no chão, enquanto a outra estava agarrada na boceta, sentindo seu pau empurrar passando os lábios espalmados.

—Porra, isso é bom. — Ele murmurava enquanto empurrava e o corpo dela se acomodava ao seu tamanho.

Enquanto ele gemia contra sua orelha, amaldiçoava e batia profundo, ele falava com os lábios colados em seu pescoço.

Estava dobrado, revirando os quadris em sua bunda e com sua respiração tocando sua garganta. Dillon soltou sua boceta, endireitou sua postura e agarrou seus quadris, firmemente, em suas mãos.

Dillon puxava ela de volta para seu pau e empurrava, enviando espasmos de prazer profundo que doíam, através de sua boceta. Ele usava seus quadris para continuar entrando e saindo, batendo em seu corpo. Era duro, apaixonado e no momento em que Katrina sentiu que era demais, ele segurou seus quadris, moendo duramente, enquanto ela gemia.

—Eu quero você na minha casa. — Ele mergulhou dentro dela e ela gritou. —Diga que você vai ficar comigo. — Ela estava ofegando, enquanto ele, lentamente, se retirava.

—Eu não posso. — Katrina choramingou quando ele puxou inteiramente, para fora dela. Este não era o momento para irritá-lo, mas não havia nenhuma possibilidade de não fazê-lo.

—Você pode. Fique comigo. — Sua voz tinha ido de sedutora para exigente apenas com estas palavras e ele deixou a cabeça de seu pau passar, delicadamente, entre seus lábios, recusando-se a entrar nela.

—Por favor. — Ela não se importava se parecia carente e patética.

—Fique comigo. — Sua voz estava mais alta e a demanda ficando mais perversa. Dillon empurrou e bateu a cabeça em seus lábios, mas lá mesmo, ele ficou. O movimento controlado de seu corpo era um completo contraste para o tom desesperado e rosnando, de sua voz.

—Dillon, Porra. — Ela estava choramingando, à espera de mais, mas ele ainda estava atormentando-a.

—Fique comigo. — Ele se afastou de novo e ela começou a choramingar novamente. Katrina queria muito concordar. Não queria estar em nenhum outro lugar, apenas com ele, sua casa, sua vida, em seu tudo, mas sabia que havia um motivo muito bom, pelo qual, não podia dizer sim, mesmo que, ela estivesse tendo um momento difícil, lembrando de qual era o motivo, naquele momento.

—Eu não posso. Por favor. — Katrina estava ofegante. Ele esfregou a cabeça de seu pau sobre seu clitóris e ela gemeu quando seus nervos incendiaram.

—Fique comigo. — Sua voz era baixa e ela não tinha necessidade de ver seus olhos para saber que eles estavam queimando na parte traseira de seu crânio, implacável em sua intensidade. Balançou a cabeça e lançou seus quadris para trás. Mas ela escutou, em frustração, quando ele se levantou e andou ao redor, ajoelhando-se na frente dela.

Ela empurrou-se e ficou em suas mãos, cara a cara com a mão dele, envolvida em torno de seu pênis. Ele estava deslizando lentamente a mão para cima do eixo brilhante e molhado.

—Diga sim. Isso é tudo que você tem que fazer.

—Droga, Dillon. — Ela tentou encará-lo, mas seus olhos caíram de volta para sua ereção e sua mão, que ainda se movia, tentadoramente, sobre seu pau.

—Diga que sim e eu vou parar de torturar você. Eu quero você pra caralho, muito, mas eu preciso disso.

Katrina olhou para seus olhos. Estavam escuros, semicerrados e perigosamente, exigentes. Quando endireitou seu corpo e se sentou sobre os calcanhares, sua respiração foi lançada num acesso de raiva frustrada. Entendia sua frustração, embora, por razões muito diferentes.

Ele não perdeu tempo serpenteando a mão entre as pernas dela e mergulhando três dedos em sua boceta. Ele empurrava, alongava e forçava seu corpo, a aceitar seu toque enquanto seu interior, tremia e se contraía, em torno dele.

Sua respiração ficou ofegante e engasgava, enquanto seus dedos entravam e saíam. E seus olhos estavam nos dela, ferozmente.

—Fique. Comigo. — Ele falou entre dentes e parecia irritado, até mesmo duro, alto e parecia a dois segundos de maltratá-la.

—Dillon…

—Não! Diga! Que porra, Katrina! Por que você tem que ser tão teimosa, caralho? — Ele estava praticamente gritando e seu maxilar estava tenso. Dillon estava ofegante, tanto quanto ela. Seus dedos se moviam dentro dela. No entanto, seu comportamento era duro, seus dedos a estavam trazendo, lentamente, perto do seu ponto de ruptura e ela estendeu a mão para os seus braços, para se equilibrar, enquanto seus músculos do estômago começaram a se contrair, implorando a ela para desistir e se doar ao desejo.

—Oh Deus… — Katrina deveria ter visto isso chegando. Ele tirou os dedos dela, deixando-a ofegante e gemendo, de joelhos, na frente dele.

—Por quanto tempo, vamos ficar fazendo isso, Kat? Você pertence a mim. — A mão dele, molhada de seu corpo, estendeu para apertar na bochecha dela, puxando sua cabeça em sua direção. Ele a beijou. E depois, a beijou novamente. Possuiu sua boca mais e mais, e ela, se inclinou em direção ao seu corpo. Quando ele finalmente terminou com seus lábios, ele deixou cair sua testa na dela.

—Por favor. Eu estou te implorando. Eu não posso ter você em qualquer lugar, além da minha casa, comigo. — Seus dedos que estavam em seu pescoço, atrás da orelha, passou contra sua pele com o polegar acariciando, suavemente, seu rosto.

Katrina assentiu. Podia sentir a testa enrugar, mesmo depois que concordou. Não sabia como se sentia sobre o que estava concordando, então, olhou para seu peito e respirou fundo. Sua excitação não tinha sido esquecida nem um pouco, mas ela estava chocada, aterrorizada com o que estava disposta a fazer por ele, o que estava disposta a fazer por Dillon, independentemente, do que pudesse acontecer com ele, como resultado.

Sua mão caiu do rosto dela enquanto a estudava e, não foi até que tocou seu queixo e levantou sua cabeça, que ela entendeu a expressão no rosto dele, estava séria e ainda na retaguarda.

—Nós somos um. Você entende? Não nos separaremos mais. — Katrina assentiu novamente. Ficou cabisbaixa, podia sentir seus músculos sem energia e em choque. Suas emoções estavam agitadas e correndo através dela, mas não conseguia controlá-las. Alívio, medo, culpa, raiva, felicidade e tudo isso, ao mesmo

tempo. Ele a deixou se sentindo sobrecarregada e confusa. Ela lutou. Se entregou.

Quando Dillon sentou-se sobre seus pés, ela relaxou de volta para os dela também. Eles olharam um para o outro. Seus lábios se separaram, enquanto Katrina lutava para entender o que estava acontecendo. Sua expressão era ilegível. Ele apenas assistia. Esperava. Esperava que ela voltasse atrás, esperava que discutisse, quem sabe, mas Katrina ainda podia ver a desconfiança nadando atrás de sua expressão facial.

Quando ele abriu a boca para falar, ela respirou fundo, nervosamente.

—Acredite ou não, não é difícil para mim olhar isso pela sua perspectiva. Eu entendo. Mas eu preciso que você comece a vê-lo sob minha perspectiva também, só que você está fazendo um trabalho muito bom se focando, em como nosso relacionamento está afetando você... é sua preocupação, é sua culpa.

Ele estudou-a em silêncio enquanto suas palavras afundavam nela.

—Eu tive que suportar seus comentários, sua preocupação por Seth e eu, a culpa que eu, constantemente, flagro, em seu rosto. Eu tive que suportar isso, me perguntando quando se tornaria demais para você. Eu sei o que está acontecendo em sua mente, mas você não parece ter a porra de uma ideia do que está acontecendo na minha.

Sua voz era uniforme e controlada enquanto falava, mas não se perdia a agressão que se passava, em seu tom. Ele deixou

escapar um suspiro profundo enquanto se levantava do chão, oferecendo-lhe a mão. Ela pegou.

Dillon andou com ela, silenciosamente, até a escada e ela subiu primeiro, quando um tremor correu por sua espinha, formigando até seu cérebro. Era a mesma sensação quente e elétrica que a consumia sempre quando Dillon a tocava. E Katrina se agarrou naquilo, por um breve momento, no quanto pertencia a ele e quanto ele pertencia a ela, também.

Podia não parecer nada, apenas o toque de seus dedos apertando os delas, mas por dentro, era uma coisa poderosa. Ela se virou para ele e o beijou. Segurou seu rosto, não querendo sentir, nenhum mínimo se quer, de separação entre eles.

Suas mãos agarraram a cintura dela e ela gemeu em sua boca. Quando Katrina beijou ao longo de seu queixo, podia ouvir o som sutil dele engolindo e chegou ao seu ouvido.

—Eu te amo.

Ela se afastou para vê-lo olhando-a, com uma expressão um pouco atordoada no rosto.

—Sinto muito. Eu não quero ser egoísta. — Lágrimas estavam seus olhos e ela piscou-as de volta, furiosamente, enquanto sua testa franzia.

—Não há nada de egoísta em você. Mas eu preciso que você me entenda. — Ela assentiu. Ele olhou-a, nenhuma seriedade o deixando, por muitos e longos minutos, o que a deixou, mordendo o lábio e esperando por ele.

Quando seus lábios foram puxados para cima, em um pequeno sorriso sedutor, ela relaxou.

—Agora, o que você acha de nós fazermos as pazes e terminar o que começamos na cozinha, mas talvez, no quarto desta vez? Vai ser a última noite que eu farei amor com você aqui. Tenho a intenção de tê-la no meu quarto, amanhã à noite.

Ele a beijou antes de bater em sua bunda, quando ela se virou. Katrina poderia não saber o que pensar sobre o que tinha acabado de concordar, contra seu melhor juízo, mas isso, não significava que a ideia de compartilhar sua cama novamente, não foi inebriante.

Eles acabaram na mesma posição que ele a tinha no chão da cozinha. Estava atrás dela, empurrando em seu corpo. Dillon puxou e mergulhou mais e mais, batendo nas suas profundezas, cada vez mais. Ele bateu duro, até que ela estava ofegante e mal conseguia segurar seu corpo, com as mãos.

Seus joelhos deixavam o colchão, com cada empurrão de seus quadris e ela estava sendo tão bem usada, que Katrina simplesmente fechou os olhos e deixou seu corpo tirar cada gota de prazer que ele estava lhe dando. Era num ritmo tão incessante que, eventualmente, terminou com ele deitado, quase em cima de seu corpo acabado e derramando sua semente nela, em torno de seu pênis ainda encaixado.

Katrina estava ofegante como um animal e sua pele estava úmida e formigando. A respiração dele aquecendo a parte de trás do pescoço dela e perderam o controle, de quanto tempo eles

ainda ficaram lá, respirando, ofegantes, antes dele finalmente levantar-se e puxá-la em seus braços.

Katrina rolou para suas costas e Dillon olhou para ela. Seus olhos estavam intensos e escuros e só quando ele finalmente levou a mão ao seu rosto e acariciou sua pele, que sua expressão se suavizou e finalmente ele ofereceu um sorriso sutil.

—Fica comigo.

—Sim.

—É o que você quer?

—Claro que é. Esse nunca foi o problema.

Ele sorriu gentilmente.

—O problema pertence a nós dois e nós vamos lidar com isso, juntos.



Capítulo 27

Ela estava falando ao telefone enquanto lavava legumes na pia. Dillon estava tentando seguir as instruções que ela lhe dera antes de decidir pegar o telefone e o deixou a sua própria sorte. Sua testa franziu e o olhar chocado que lhe deu quando esfaqueou um dente de alho com a ponta da colher que tinha lhe entregado foi o suficiente para tirá-la do telefone.

—Imogen, eu tenho que desligar. Dillon está tentando arruinar o jantar. — Ela desligou rapidamente, pegando a colher dele e utilizando a superfície curva da colher para esmagar o alho na tábua de cortar. Quem sabia que você poderia fazer tais coisas? —Sério Dillon?

Dillon se inclinou e beijou o lado de seu pescoço enquanto Seth entrou na sala embalando Kitty como um bebê e coçando sua barriga.

—Senhorita Page a sua gata é estranha.

—Você sabe que pode me chamar de Katrina ou Kat. E sim, eu sei que ela é.

—Katrina soa engraçado.

—Em geral ou apenas você me chamando de Katrina?

—Uh, chamando você Katrina. — Ela riu e Seth deu de ombros. Ele fazia piada com a pobre gata constantemente não era difícil, mas Seth aceitou a velha senhora imediatamente. Katrina estava com eles por quase duas semanas. Kitty dormia no quarto de Seth e Katrina na cama de Dillon, que era onde ela pertencia. Nunca tinha sido mais feliz e Seth podia dormir com sua TV ligada. Ele nunca foi capaz de estar com alguém de forma tão completa e constantemente e não havia nenhuma intenção de abrandar com ela.

Stephens, Katrina e ele haviam mudado seu carro da garagem para o armazém de Stephens no último domingo de férias de primavera. Não era uma solução permanente, mas eles não estavam facilitando qualquer coisa para o seu perseguidor conseguir encontrá-la.

Dillon tinha um número de telefone não identificado e foi inteligente o suficiente para valorizar sua privacidade quando comprou sua casa. Dele e de Molly, era uma relação de confiança que foi criada para proteger suas identidades. Dillon sempre foi tão sensível quanto a sua profissão. Molly sempre achou que era uma loucura, mas eles compreenderam que o mundo era um lugar assustador e seu pai incutiu a importância do anonimato e de proteger sua privacidade.

O sistema de alarme foi instalado na segunda-feira após Katrina ter se mudado e ele instalou holofotes em todas as portas

exteriores. Não se importava se era um exagero. Não havia nada que não faria para proteger sua família.

Dillon levou Katrina para a escola todas as manhãs e Molly levou os meninos separadamente. Não queria que o homem visse Kat e Seth juntos. Imogen levava Katrina ao centro todos os dias depois da escola para algum prédio pré-determinado e ele ou Stephens iriam buscá-la dentro de uma garagem anexa. Eles mudaram-lhe regularmente, de modo que ela não podia ser facilmente seguida. Era tudo como um jogo de gato e rato, mas até que eles pudessem fazer alguma coisa diferente com a segurança, estavam sendo cautelosos, mais do que cautelosos.

Smith e Terrell ainda estavam analisando as ligações e ainda não conseguiram colocar suas mãos sobre o encanador que eles estavam interessados. Dillon estava atraindo atenção na delegacia também, mas ele esperava isso. Chefe Greenwood o chamou ao seu escritório apenas três dias na semana seguinte às férias de primavera. A conversa foi tensa para dizer o mínimo.

—Então, você tem algo que precisa me dizer? — Greenwood estava olhando para ele com desconfiança.

Dillon balançou a cabeça lentamente. Tendo tomado a decisão de colocar Katrina antes de seu trabalho, ele se libertou em algum grau. Não poderia mesmo dizer que realmente temia o que poderia acontecer com sua carreira. Estava disposto a aceitar qualquer coisa e assim o homem na frente dele realmente não poderia fazer muito para ameaçar Dillon.

—Eu não. Você tem algo que precisa me dizer?

—Não seja um espertinho, Adler. Você é um bom detetive, mas eu não preciso da sua atitude. — Então ele estudou. —E como a Senhorita Page está fazendo sobre sua situação?

—E por que você está me perguntando?

—Oh, eu não sei. Suponho que porque você está transando com ela.

Ele olhou impassível para Greenwood. Ele não disse nada. Não negou ou confirmou o que o homem estava dizendo, pelo contrário, o rosto de Greenwood começou a queimar de raiva, ele empurrou-o um pouco mais longe.

—Eu diria que você teria que perguntar a ela o que está fazendo.

—E isso por quê?

Ele segurou a compostura calma.

—Porque eu não sou ela, então eu não poderia responder a essa pergunta. Talvez você deva verificar com Smith e Terrell.

—Smith e Terrell nem sabem onde ela está vivendo. Estou supondo que você também não sabe alguma coisa sobre isso?

—Bem, eu ouvi que a casa da pobre mulher foi queimada. Poderia explicar por que ela é uma sem-teto.

—Oh, eu não acho que ela é sem-teto. — Greenwood estava olhando para ele.

—Bem, eu estou contente de ouvir isso. Respeito bastante a Senhorita Page e eu odiaria pensar nela sendo uma sem teto.

—Então você não sabe onde ela está vivendo?

—Novamente, essas são realmente perguntas para ela. Não para o detetive que você removeu do caso. Eu certamente não poderia esperar manter o controle sobre as ex-testemunhas, posso ir agora?

A boca de Greenwood apertada em uma linha fina. Suas mãos estavam em sua área de trabalho e ele estava inclinado para frente, estudando Dillon com uma expressão intensa.

—Eu me pergunto, o que o seu pai pensaria sobre o seu comportamento recentemente?

—Meu pai sabe tudo sobre a minha vida e notavelmente ele ainda me ama. Chefe, eu realmente tenho algum trabalho a fazer. Existe alguma coisa que você gostaria de perguntar?

—Eu não gosto que mintam para mim.

—E ainda assim você não fez uma única pergunta inteligente e está me permitindo contornar todas e cada uma delas. A menos que você realmente quer que eu seja honesto, teria cuidado com o que pede. Devo dizer-lhe que a minha vida é exatamente como eu quero que seja. Não há nada que alguém possa dizer que influenciaria as minhas responsabilidades e minha concentração.

—Isso soou, perigosamente, como uma ameaça.

—Eu não faço ideia. Você é a única pessoa nesta sala com capacidade para ameaçar alguém.

—Só estou preocupado.

—Eu aprecio isso. — Dillon se levantou e virou para a porta.

—Vale a pena?

Dillon parou sem olhar para trás.

—Eu não perderia meu tempo por algo que não valesse. — E então saiu.

Ele levou o seu tempo andando de volta para sua mesa. Não estava mentindo quando disse isso a Greenwood, então foi fácil para ele. Não havia uma única pergunta que não poderia evitar facilmente. Dillon ainda não teve que mentir para sair do seu escritório e não foi a primeira vez que Greenwood o pressionou. Ele poderia ter perguntado à queima-roupa se estava dormindo com Katrina e ainda não o fez. Não havia dúvida que o homem estava lívido pela posição que Dillon o colocou, mas também o deixou confuso.

Quase metade da semana e, desde então, Greenwood não lhe disse nada. Dillon e Stephens tinham outros casos, eles estavam trabalhando e quando davam uma atualização a Greenwood sobre uma coisa ou outra o homem estudava Dillon curiosamente na melhor das hipóteses.

Foram duas semanas estagnadas, desde que Katrina mudou-se e Dillon estava inquieto. Era uma loucura que o seu caso estava se arrastando por tanto tempo, mas era o que era. O homem era apenas incrivelmente paciente, porra. Quando o telefone tocou, como Katrina estava no fogão, Dillon atendeu. Era Stephens.

—Acabei de desligar o telefone com Terrell. Seu estudante assustador idiota confere. Ele não esteve na classe porque saiu da sua classe. Mas tinha um álibi incontestável sobre a noite em que sua casa foi incendiada e a noite em que ela foi atacada na

garagem. Ele estava fora da cidade visitando os avós na noite do ataque e ele estava trabalhando a noite em que sua casa foi incendiada. Não foi ele. Ele é um frutinha total de merda, mas não é um psicopata, pelo menos não é nosso psicopata.

—Bom saber. Vou me certificar que Kat saiba. —Seus olhos brilharam para ele e andou atrás dela, segurando seu quadril com a mão livre. —Estudante louco confere. — Ele murmurou contra seu ouvido antes de voltar para Stephens.

—Mas ainda temos um encanador misterioso que está ficando mais interessante a cada dia.

—Oh sim? Conte-me.

—O nome dele é Clint Lathrop. Trabalhou para este contratante particular por cerca de seis meses. Ele deixou o serviço sem aviso prévio uma semana após Kat ter sido atacada pela primeira vez em sua casa. Pode ser coincidência, mas nós não gostamos de coincidências, não é? Seu endereço no arquivo era falso e as pessoas que residem lá nunca viram o homem antes. Na verificação de antecedentes criminais não apareceu nada para o estado de Washington, mas você nunca vai adivinhar com o que eles batem no estado de Dakota do Sul.

—O quê?

—Assédio. E a vítima era uma jovem professora. Pode ser que ele tenha uma obsessão por professoras, poderia ser alguma retaliação para a senhorita desconhecida em Dakota do Sul, que por sinal está viva e bem. Mas aqui é outra coisa. A senhorita de Dakota do Sul tinha saído com o Sr. Perseguidor algumas vezes antes que ela decidisse que não estava tão na dele e quando eu

puxei sua licença de motorista, havia uma semelhança com Katrina. Não é surpreendente, mas foi o suficiente para me dar calafrios. Me surpreendeu porque o nosso perseguidor fez um comentário sobre Katrina sendo uma provocadora, uma provocação ou algo nesse sentido em uma de suas mensagens de telefone.

—Hmm. — Dillon estava muito focado na história para dizer muito mais.

—Poderia ser que o homem fugiu de Dakota do Sul depois que foi descoberto, conseguiu um emprego em Seattle, encontrou por coincidência com Katrina, viu a semelhança, descobriu quem era, isso pode ter aumentado o seu interesse pela professora, e ela tornou-se um modo para ele poder retaliar. E outra coisa. O cara tem um registro por vandalismo em sua ficha por ter incendiado uma lata de lixo no gramado da frente da senhorita Dakota do Sul. Um incendiário, talvez?

—Parece promissor. Smith e Terrell estão acompanhando seu raciocínio?

—Sim. Eles estão sobre este homem como uma *stripper* no colo de um homem rico.

—Huh. Você inventou isso, não é?

—Foda-se. Eu estou saindo. Pense que só precisamos continuar fazendo o que estamos fazendo até que eles possam ter em suas mãos este tarado. Eu me sinto bem sobre o chumbo. Agora eles só precisam encontrar o filho da puta retardado.

—Sim. Vejo você amanhã. — Quando ele desligou, Katrina estava observando-o enquanto mexia algo na panela, cheirava a

comida asiática. Dillon nunca comeu tão bem em sua vida. A menina podia cozinhar, ela também podia foder. Duas de suas necessidades favoritas no mundo estavam sendo satisfeitas constantemente e o fato de que ele estava apaixonado por ela também o fazia se sentir como o homem mais sortudo do planeta.

Quando desligou, ela tirou a panela do fogo e virou-se para encará-lo.

—Eu vi uma foto do encanador. Smith perguntou-me se eu o reconheci, se me lembrava dele.

—E?

Ela assentiu.

—Não posso dizer o que homem fez uma boa impressão. Quer dizer, eu me lembro dele, mas isso é o máximo que posso dizer dele. Eu realmente não me lembro de falar com ele ou qualquer coisa além de apenas reconhecê-lo realmente. — Ela estava mordendo o interior de sua bochecha quando olhou para seu peito por um momento. —Lembro-me dele apenas sendo, eu não sei, normal.

—Normal pode ser enganoso, às vezes. Nós apenas temos que ter cuidado. Um rosto indefinido não vai ajudar-nos a reconhecer esse cara se ele ficar perto de nós.

Não foram dois dias mais tarde que o amor de sua vida decidiu desafiar aquele pequeno aconselhamento.



Capítulo 28

—Desculpe, querida. Stephens está correndo atrás de uma pista sobre um dos nossos casos, e eu vou ficar preso em uma chamada com o DA[15] por um tempo. Eu poderia ter Smith ou Terrell encontrando-a em algum lugar no centro e levá-la para casa?

—Não. Não é grande coisa. Imogen está aqui e ela disse que não tem nada para fazer. Nós vamos ficar aqui por um tempo e trabalhar no cenário para sua peça de primavera. A escola fica bastante movimentada com as atividades extra escolares por duas horas. A bola de diamante e o campo de futebol estarão movimentados e haverá pessoas ao redor. Nós vamos apenas estender até mais tarde. Que tal seis horas? Será que lhe dará tempo suficiente?

—Sim, querida. Vejo você daqui a pouco. Divirta-se com o cenário.

---

15 Departamento Administrativo

—É nossa cidade. Não há realmente muito o que fazer. Também significa que não há muito para que nós possamos estragar.

—Amo você.

—Amo você também.

—Vocês dois não são apenas adoráveis? Você vai se casar com ele, não é? — As sobrancelhas de Imogen estavam levantadas enquanto esperava pela resposta de Katrina.

—Se ele perguntar, absolutamente.

—Eu vou ser sua dama de honra.

Katrina explodiu em gargalhadas. Apenas Imogen poderia conseguir simplesmente exigir o papel.

—Claro, Imogen. E quais são as suas outras exigências?

—Bem, eu gostaria de usar um vestido de casamento também.

—Não.

—Por que não? Eu posso nunca me casar e se eu vou assumir a responsabilidade de planejar o seu casamento, eu não acho que é pedir demais.

—Planejamento! Quem falou em planejamento?

—Oh, amor, vamos lá. Obviamente entre nós duas, eu poderia definitivamente planejar um casamento melhor do que você. Todo mundo sabe disso.

—Sabe?

—Certo. Você é, bem, como faço para colocar isso delicadamente...Você não é muito criativa.

—Isso não é verdade!

—Eu sou das artes e você é..., bem você ajuda as crianças a ler.

—Você é uma grande professora de arte e diretora do teatro de ensino médio. Você deve estar brincando.

—Querida, eu não posso mudar que eu sou mais talentosa do que você.

Elas estavam sentadas no palco no auditório e Katrina estava pronta para rolar para fora do palco enquanto ria de Imogen. Acabou deitada de costas enquanto seu estômago agitava-se e ela lutava para recuperar o fôlego.

—Oh, Imogen. — Ela voltou a se sentar. —Você perdeu sua cabeça.

—Eu perdi. Não há nenhuma dúvida sobre isso. — Quando Imogen estendeu a mão e apertou-lhe o pulso, de repente, Katrina pulou e gritou de surpresa. —Eu tenho uma queda por seu policial.

—Você sabe que é ruim ter uma queda pelo meu namorado, certo? Quero dizer, você realmente faltou à aula sobre amizade na escola?

—Ele não! O outro. A pessoa que não sorri e que é meio assustador e que fecha a cara para mim quando eu falo e depois me diz que eu preciso falar Inglês se eu vou viver aqui, como se o meu povo não tivesse inventado a língua. — Imogen observava

Katrina, com uma expressão ansiosa no rosto. Katrina não estava ansiosa, mas no mínimo chocada e quando começou a rir, Imogen jogou um rolo de fita nela.

—Oh merda. — Ela estava tentando falar através de seu riso histérico. —Eu preciso de uma bebida. Que nojo... — Ela irrompeu em gargalhadas. —Divulsão! Não é uma palavra, mas eu não me importo. Isso merece uma bebida.

—Inferno sim, merece. É difícil ter uma queda secreta por alguém que é mau com você e que não parece entender uma palavra do que você diz. Quer dizer, eu sou de Kensington, pelo amor de Deus. Não é como se eu tivesse um cruel sotaque de Cockney.

—Oh, eu tenho certeza que você pode se virar por si mesma. Sério? Stephens?

—Ele é bonito de uma forma marota.

Ele estava em seu próprio mundo. Katrina sempre pensou assim e agora que realmente gostava do homem, não tinha nenhum problema de ver a atração. Mas Imogen? Isso era duro para imaginar. Imogen era do tipo pretensiosa. Talvez não com sua pobre melhor amiga, mas quando se tratava de homens... bem, havia expectativas para dizer o mínimo. Certa vez, ela terminou um encontro porque o homem não cobriu o nariz com a dobra do cotovelo quando ele espirrou. Aparentemente, o pobre tinha alergias e depois de três espirros que teve a ousadia de parar com a mão, ela deu suas desculpas e passou a próxima hora reclamando para Katrina no telefone.

Inferno, Stephens não poderia mesmo ter uma frase sem deixar cair à bomba, mas, vendo como Imogen normalmente também não poderia tanto quanto ele quando eles estavam fora da escola, talvez Katrina estivesse julgando muito duramente.

—Bem, Deus ajude e tudo isso. Agora eu realmente preciso de uma bebida. — Ela olhou ao redor do auditório escurecido por um momento. —Nós poderíamos. Aquele pequeno lugar mexicano que tentamos há um ano, fica no caminho e eles tem deliciosas margaritas. Temos que ir por esse caminho de qualquer maneira. Está sempre cheio.

Katrina estava analisando e Imogen olhava-a com expectativa, esperando que falasse que ambas deveriam ir. Realmente, era tão seguro quanto em qualquer lugar. Inferno, elas estavam mais sozinhas na escola do que estariam lá e ficava no caminho. Fazia muito tempo desde que ela e Imogen foram a uma saída para margaritas.

—Ok. Uma bebida. Duas no máximo e Dillon deve estar pronto no momento em que terminarmos de qualquer maneira. E, inferno, eu estou com fome. Eu quero nachos. Ele não iria querer me matar de fome agora não é mesmo?

—Se você ficar em apuros, eu vou dizer a ele que foi tudo ideia sua.

—O simples fato de que você acabou de dizer, *ficar em apuros*, faz-me querer uma bebida ainda mais. Desde quando eu deixo que outras pessoas tomem decisões por mim? Eu não estou sendo imprudente. É totalmente seguro lá. Cheio é melhor e este lugar é sempre lotado. Certo? — Imogen assentiu.

Katrina estava tentando muito convencer-se sobre isso e reconhecia completamente, mas, caramba, foi convincente e ela acreditou em cada palavra que estava dizendo a si mesma.

—Vamos antes que eu mude de ideia.

Elas deixaram a escola como sempre faziam no final do dia, indo para o carro de Imogen no estacionamento ao lado do campo de esportes, que ainda estava ocupado com as crianças gritando e treinadores fazendo o mesmo. Elas tiraram o carro como sempre e até mesmo pegaram as mesmas ruas dirigindo-se para o centro como sempre faziam. Foi fácil para Katrina convencer a si mesma e acreditar sinceramente este era como qualquer outro dia.

Elas puxaram carro para dentro do estacionamento do restaurante, encontrando-o cheio, como já esperavam. Estacionaram perto e esperaram cinco minutos enquanto os funcionários limpavam uma mesa com vista para a janela, que permitiria manter o olho sobre o carro de Imogen. Era loucura o quão boa ela se tornou em estar consciente do seu entorno todo o tempo e não deixando a guarda baixa. O carro de Imogen ficou a vista todo o tempo em que ficaram lá. Katrina tomou duas margaritas e elas podem ter sido as melhores que já provou.

Quando elas pensaram em partir, ela alcançou sua bolsa do encosto de sua cadeira sem dificuldade em colocá-la.

Elas permaneceram no carro de Imogen por uns poucos minutos, rindo de alguma coisa aleatória que Imogen comentou e quando estavam saindo do estacionamento, o relógio dizia que o timing delas era impecável. Katrina colocou um chiclete na boca, afastando a pontada de culpa rapidamente e quando Imogen

parou no edifício garagem para deixar Kat no quinto andar como combinado, seus nervos deixaram seu coração disparado por um momento, mas ela deixou a preocupação de lado mais uma vez.

Dillon estava de pé, esperando próximo ao Tahoe, parecendo bonito e alto e uma incrível onda de calor passou através dela, jogando inteiramente longe sua menor indiscrição para nunca mais ser vista ou falada novamente. Foi apenas um drink. Um longo atrasado drink com minha melhor amiga, todas as precauções tomadas e sua segurança e proteção nunca se afastaram de seus pensamentos.

—Olá. — Ele sorriu tolamente. Ela amava seu sorriso. Era uma coisa muito sexy assistir seus lábios se esticarem daquela maneira. Katrina amava aqueles lábios e amava especialmente assisti-los. Ela aproveitava ainda mais o que ele fazia com eles e seu sorriso era uma lembrança de quão bom ele era em fazer coisas com aquela boca.

—Olá. — Ela acenou para Imogen enquanto pulava para ele. Não havia como negar que mesmo duas margaritas eram suficientes para acender um fogo em sua já saudável libido, e agora que Dillon estava ao seu alcance, não manteria suas mãos longe. Katrina beijou, impulsionou sua língua por entre seus lábios enquanto ele engasgou de surpresa, mas também tinha uma libido saudável e o beijo dela se tornou o beijo deles muito rápido. A língua dele correu pela dela enquanto ele puxou seu corpo contra o lado do Tahoe.

Katrina podia sentir sua excitação com força contra seu estômago através de suas calças e sua mente estava tentando

descobrir como exatamente poderia convencê-lo a transar com ela em uma garagem. Quando Dillon se afastou, segurando-a com o braço esticado, ele riu.

—O que deu em você hoje à noite? — E esse maldito sorriso novamente.

—Absolutamente nada, mas eu estou esperando que você possa corrigir isso rapidamente. — Não era realmente o estilo de Katrina ser sedutora, mas tinha certeza como o inferno que estava tentando ser para ele esta noite.

—Casa. — Ela gemeu por sua palavra e ele riu novamente.

—Você não é divertido.

Ele riu.

—Eu sou um policial. Isso não significa que eu não posso ser preso por mau comportamento em público. Agora entre no carro. Você só está me atrasando e eu, aparentemente, tenho que corrigir o seu nada.

Eles dirigiram em silêncio. Estava escuro lá fora e seu corpo estava relaxado e satisfeito. Era o tipo de paz que ela sentia falta de sua antiga vida. Katrina não costumava se preocupar com sua segurança, não sempre ao menos. Não que isso não valia a pena se preocupar, mas não havia uma razão para isso e então não o fez. O silêncio em torno dela agora com ele sentado forte e silencioso ao seu lado a fez lembrar muito da segurança que ela usou para se sentir em sua vida. A única diferença era que ele dividia com ela.

Quando ele virou o carro, uma vez que estacionou na garagem e fechou a porta atrás dele, virou-se para ela.

—Então eu percebi que você usava uma saia hoje.

—Eu estou usando. Eu não sabia que você tinha uma queda por saias. — Ela ligou no modo sedutor de novo e ele sorriu.

—Eu não tenho qualquer preferência particular por uma forma ou de outra, mas vendo como eu posso conseguir meu pau sob sua saia, eu tenho um interesse por ela no momento.

—Então... — Ele se inclinou em direção a ela, sem lhe dar chance de responder plenamente antes de sua mão empurrar sob o tecido, colocou de lado sua calcinha e começou a brincar com sua boceta já úmida. Katrina engasgou e gemeu e no segundo que ele lhe deu um momento para contemplar, ela lançou-se em seu colo enquanto ele riu.

Katrina desfez o botão e abaixou o zíper de suas calças e ele empurrou a cintura da cueca para baixo quando seu pênis saltou livre. Dillon estava tão excitado quanto ela e quando agarrou o seu pau, ele chiou e alcançou entre as suas pernas novamente, mergulhando o dedo dentro dela.

Não demorou muito para abandonar seu corpo para levantar os quadris e forçá-la para baixo sobre sua ereção. Seus lábios se encontraram e ele puxou seus quadris apertados, selando seus corpos juntos como Katrina se concentrou em relaxar em torno de sua penetração profunda. Seus movimentos eram restritos e sutis, mas ela apertou com força ao redor dele quando começou apertando sua bunda e empurrando-se mais profundo.

Dillon mordiscou seu pescoço enquanto empurrou dentro dela e quando ela se desfez ele estava logo atrás, gemendo com a boca em sua orelha. Dillon acariciou suas costas e Katrina se aconchegou em seu pescoço enquanto eles relaxaram um no outro e não foi até que seu celular vibrou no bolso que ele finalmente levantou a cabeça de seu pescoço e ela endireitou-se.

—Hey, Seth. — Ele parecia sem fôlego enquanto respondia. —Amanhã? Sim está tudo bem, eu acho. Eu tenho que ir para a delegacia ao fim da manhã, então eu não posso ir, mas enquanto Molly estiver com vocês rapazes, e vocês estiverem em algum lugar cheio, eu estou bem com isso. — Sua testa estava franzida, no entanto, e ela podia ver que independentemente, ele se preocupava. —Eu também te amo, amigo. Vejo você amanhã à tarde. — Ele desligou. —Festival Kite amanhã no Magnuson.

—Eu também poderia ir se você quiser que eu vá.

—Eu não. Sem ofensa. — Dillon parecia nervoso sobre o que queria dizer e ela adivinhou o que era antes mesmo dele abrir a boca. —Eles estarão mais seguros sem você. Não há nenhuma evidência que sugira que o nosso cara saiba que você mora aqui, muito menos que saiba quem Seth, Molly ou Jake são. Eu gostaria de mantê-lo dessa maneira. — Ela assentiu. Claro que fazia sentido. Isso também a fez se sentir culpada. —Algum dia, baby. Algum dia nós não teremos que nos preocupar com nada disso. Eu prometo.

Katrina desceu de seu colo enquanto e estendeu a mão para ele enquanto saia pela porta do motorista. Algum dia. Algum dia

não se sentiria mais culpada. Algum dia poderia ter uma vida real com este homem.

Dillon a acordou naquela noite enquanto beijava seu ombro nu. Ele se aninhou em seu pescoço, ronronando quente sedutor contra sua pele.

—Eu quero casar com você. — Ele sussurrou atrás dela enquanto seus lábios encontraram seu ouvido.

Ela olhava para frente, para a escuridão enquanto sua frequência cardíaca começou a subir. Estava no céu apenas ouvindo suas palavras e um sorriso puxou seus lábios para cima, apesar de tudo de errado com o que ele estava dizendo. Na verdade, suas palavras e desejo eram perfeitos, era sua vida que estava tão errada.

—Algum dia. — Ela sussurrou e ele a puxou para perto, apertando os braços em volta dela. Dillon entendeu o que estava dizendo. Katrina não questionou aquilo por nenhum momento.



Capítulo 29

Dillon estava disposto a aceitar o *algum dia*. Algum dia significava sim. Queria dizer enquanto o louco estava atrás deles, sim. Ele gostava de sim.

Quando seu celular tocou, enquanto eles estavam fazendo um café da manhã tardio na manhã seguinte, ele tinha que tirar os olhos de seu corpo. Adorava vê-la cozinhando, havia algo tão sexy, vê-la lambendo os dedos para provar se era bom, mordendo os lábios enquanto media algo no copo de medição e cantarolar enquanto ela se movia.

—O que está havendo, Seth?

—Acabamos de chegar aqui.

—Bom.

—Por que a Srta. Page não nos pediu uma carona? Quero dizer, ela poderia ter vindo com a gente. Eu não sabia que ela queria ir.

—Katrina não queria ir. Quem disse que ela queria ir?

—Ela disse, me mandou uma mensagem. Que estaria chegando a qualquer segundo. Vamos nos encontrar no Brig.

—Espere, o quê? — Ele ficou em linha reta, no seu lugar encostado contra o balcão e se virou para ela. —Kat, onde está seu telefone?

—Na minha bolsa.

—Pegue-o. — Em seguida, ligou para Seth, e disse: —Seth, você está sozinho no Brig? Onde está Molly?

—Pai, o que está acontecendo?

—Seth, me escute. Você tem que...

—Cara! Cuidado! — Seth gritou para alguém no fundo e Dillon lutou para engolir enquanto o pânico começou a se estabelecer. —Algum idiota quase me atropelou, pai.

—Seth...

Mas antes que Dillon pudesse dizer qualquer coisa a mais, ele ouviu outra voz.

—Ei, garoto. Você está bem? Aquele idiota quase te atropelou!

—Eu sei, certo? — Dillon podia dizer pelo som distante da voz de Seth que o seu telefone não estava mais perto de sua orelha e foi incapaz de fazer qualquer coisa para chamar sua atenção.

Pânico já não era algo que podia controlar e com o desespero para chamar sua atenção, ele gritou em seu telefone enquanto os olhos de Katrina se arregalaram e ela agarrou seu peito quando ouvia a voz de Dillon.

—Seth!

—Dillon, eu não consigo encontrar meu telefone. — Seus olhos se viraram para ela enquanto Katrina estava esperando ansiosamente ele dizer alguma coisa. Só então o seu telefone fixo tocou. —Eu atendo. — Ela moveu-se rapidamente para responder.

—O cara apenas atravessou o edifício de bicicleta. Sério? — Dillon ouviu seu filho falando com o estranho e quando ele olhou para Katrina, viu-a franzindo a testa e com uma expressão confusa de estranheza no rosto.

—Dillon, parece com a voz do Seth. Eu pensei...

—Seth! — Desespero nem sequer chegava perto do pânico cego que estava tomando conta do corpo de Dillon. —Coloque-o no viva-voz, Kat.

Katrina parecia chocada. Ela não poderia sequer saber por que ficou chocada e estava tremendo de medo de Dillon.

Quando ela chegou ao botão de alto-falante no console do telefone, sua mão congelou enquanto o estudava.

—Dillon, é o meu número de telefone no identificador de chamadas. — Sua voz foi sumindo.

Ele apertou o botão do alto-falante em seu telefone celular enquanto Kat finalmente pressionava o mesmo botão no telefone fixo e pôs o seu telefone em cima do balcão.

—Sem dúvida. Eu vi isso, amigo. Algumas crianças podem ser tão rudes. — A voz do estranho estava ecoando através de ambos os telefones. O atraso foi ligeiramente fora e foi um som de

assombro que fez a voz do estranho soar como se estivesse vindo de todas as direções.

Dillon afundou contra o balcão quando a percepção do que exatamente estava acontecendo o atingiu. Sua cabeça bateu nas mãos enquanto ele apoiou os cotovelos em ambos os lados de seu telefone celular e apenas olhou.

—Qual é o seu nome, garoto?

—Seth! — Ele sabia que Seth não podia ouvi-lo, mas isso não o impediu de tentar obter sua atenção.

—Uh... eu não dou o meu nome para as pessoas que eu não conheço. Desculpe, cara.

—Nah, isso é legal. Entendo. Tem muitos psicopatas lá fora, não é mesmo, Seth? — A voz do estranho mudou e o sangue de Dillon gelou. Ele estava com falta de ar.

—Oh meu Deus. — Katrina gemeu.

—O que você disse? — A voz de Seth foi carregada de desconfiança. Ele não parecia assustado, mas isso não significava que Dillon não estava apavorado. —Quem diabos é você?

—Apenas um amigo de Kat. Não se esqueça de dizer a ela que eu disse oi, tudo bem? — E então houve um silêncio de morte por um momento. Seth não dizia nada e quando o estranho começou a assobiar, Katrina choramingou. O assobio cresceu mais e mais distante do celular de Dillon, permanecendo forte a partir do console e Seth permaneceu em silêncio.

—Pai? Pai? —Ele pegou seu celular para cima do balcão.

—Seth? Jesus, você está bem?

—Pai, eu acho que foi ele.

—Você vai ficar longe dele agora. Se você está dentro, você sai. Você encontra pessoas. Você fica em campo aberto. Agora! E você grita por sua alma, se você vê-lo novamente.

—Ok. — A voz de Seth era um sussurro. Eles ficaram em silêncio, ouvindo o farfalhar tranquilo e barulho que vem através do telefone celular. —Eu vejo Molly.

Dillon começou a respirar novamente.

—Vá até ela. Diga-lhe para ligar para 911 e você conte o que aconteceu.

—Tudo bem, papai. — Eles escutaram Seth gritar para Molly.

—É você, Katrina? — Ela gritou e pulou quando a voz veio por meio do console de telefone na parede. —Claro que é. Viu como foi fácil?

Katrina estava tremendo e as lágrimas repousavam nas bordas inferiores de suas pálpebras.

—O que posso dizer? Você apenas tornou tão fácil. Demasiada ocupada bebendo margaritas ontem à noite com a menina britânica para nem mesmo me notar pegando o seu celular do chão. Não é minha culpa você deixá-lo cair de sua bolsa.

O rosto de Dillon começou a queimar em uma torrente de construção rápida de fúria que ele visa Katrina.

—Você pode dizer muito sobre uma pessoa a partir de seu histórico de mensagens de texto. Como, por exemplo, a sua

paixão por um certo homem chamado Dillon. Ele é o policial, não é? E pai de Seth aparentemente também. Impertinente, muito impertinente o que vocês dois estão fazendo.

—O que você quer? — Sua voz era calma, mas furiosa e intensa.

—Ora, eu vou matar você. — Ele ficou em silêncio por um momento, enquanto Katrina olhava para o balcão. —Não me entenda mal. Eu vou ter minha diversão com você primeiro, mas em última análise... bem, em última análise, eu vou te matar. — Se o sangue de Dillon estava frio antes, quase congelou em suas veias com a maneira casual e quase coloquial com que o desconhecido a ameaçou.

O som das sirenes estava vindo de longe através de ambos os telefones, fazendo eco de diferentes direções. Ele podia ouvir Molly falando com alguém, mas Dillon havia sido esquecido naquele ponto.

—Aquelas sirenes são para mim? Muito ruim. Eu estou muito longe. Mas não se preocupe. Vejo você em breve, Kat. — Houve um clique quando ele desligou o telefone.

Não havia nada além de silêncio e murmúrio distante tranquilo que vinha através do telefone celular de Dillon. O terror de Dillon tinha passado, mas sua fúria estava construindo uma vez que ainda estava de pé. Ele estava perto do limite quando ela finalmente abriu a boca.

—Dillon?

—Cale a boca. — Ele estava fervendo.

—Dillon, por favor?

—Cale a boca! — Ele gritou para ela enquanto ela fez uma careta e se encolheu.

—Pai?

Ele teve que forçar-se a tomar uma respiração profunda antes de ele ousar abrir a boca novamente.

—Sim, amigo? — Ele não estava escondendo o tumulto quase fora de controle emocional correndo por ele.

—Você estava gritando?

—Sim. Não é nada.

—Os policiais estão aqui.

—Eu sei. Você vai ter que ir para a delegacia para dizer-lhes tudo o que aconteceu. Diga-lhes para entrar em contato com os Detetives Smith e Terrell. Estou indo também. Eu te encontro lá. — Ele desligou rapidamente enquanto ia saindo do cômodo, indo em direção a garagem.

—Dillon, por favor.

—Eu estou advertindo-a, você não quer falar comigo agora. — Quando ele chegou à porta da garagem, ele parou em um momento e sem olhar para Katrina que ainda estava de pé em choque, ele retrucou. —Estamos indo embora agora!

—Eu posso ficar. — Sua voz era fraca e calma e quando ele olhou-a, ela desviou o olhar rapidamente. Katrina parecia como se estivesse a dois segundos de chorar e, embora fosse como se uma faca torcesse em seu intestino, ele não conseguia parar de

encará-la feroz. Sua raiva era como uma torrente vermelha de ódio.

Era o sentimento mais confuso no mundo estando tão infinitamente aliviado por Seth estar bem e tão furioso com Katrina que queria que ela sentisse a dor aguda de suas emoções.

—Eu disse vamos embora. — Dillon se virou para ela. Ele bateu a mão na abertura da porta da garagem montado na parede ao lado da porta e foi até a porta do motorista. Ficou esperando Katrina aparecer, aumentando sua raiva quanto mais tempo ela deixou-o esperando.

Ela deu um passo para fora da porta e entrou na garagem.

—Por favor, Dillon. Eu sinto muito. — Ela estava tremendo e as lágrimas que só tinham sido mal contidas na cozinha estavam caindo livremente. Ele queria tocá-la tanto que doía, mas também queria gritar com ela.

—Você estava fora bebendo ontem à noite? — Dillon estava gritando. Não tinha sequer conseguido entrar no carro e já estava perdendo o controle. —O que diabos você estava pensando? Não. Não. Você, obviamente, não estava pensando em tudo. Isso era muito mais sobre se embebedar do que qualquer outra coisa, não foi? Tão bêbada que nem sequer conseguem perceber o que diabos estava acontecendo ao seu redor.

—Sinto muito.

—Você é uma adulta, Katrina. Não uma criança do caralho. — Ele abriu a porta quando ela deu um par hesitante de passos para o lado do passageiro, mas não foi muito longe antes que uma onda de fúria tomasse conta dele e batesse a porta

novamente. Quando ele se virou para ela, Katrina estava em silêncio soluçando.

—Ele poderia ter morrido! Porra! Eu fiz tudo ao meu alcance para proteger vocês dois, mantê-los seguros e você conseguiu ferrar tudo apenas com isso! Como você ousa! Meu filho poderia ter morrido! — Dillon abriu a porta e, em seguida, enquanto entrava no carro, ele gritou mais uma vez. —Entre na porra do carro!

Katrina subiu ao lado dele e ele virou o carro. Ele comprometeu-se a não falar com ela novamente para que não tivesse que gritar novamente e Katrina sentou-se calmamente fungando ao seu lado enquanto ele dirigia. Dillon realmente não dava a mínima naquele momento. Poderia cuidar dela, tanto quanto de qualquer um em sua vida, mas ela ferrou as coisas, e ferrou muito. Ameaçaram seu filho e, intencional ou não, a raiva não estava desaparecendo. Ela cometeu um erro estúpido e Seth quase pagou por ele.

Se ele estava gritando com ela ou não, o foco na condução era quase impossível. Ele remoeu, ele correu através de cada pensamento e de cada pesadelo que veio à mente do que poderia ter acontecido com Seth e culpou a mulher sentada ao lado dele para cada coisa terrível que poderia ter acontecido.

Dillon parou na delegacia e quando saiu do carro, não se incomodou em dizer uma palavra para Katrina. Ele a ignorou, enquanto ela o seguiu para dentro do prédio. Ele encontrou Smith e Terrell rapidamente e Molly praticamente atacou-o em

um abraço de urso. Seth ficou calmamente perto de Jake, como se nada digno de preocupação tivesse acontecido.

Dillon sabia que era apenas um ato, mas agir assim era apenas como Seth operava. Era estranhamente calmante ver Seth olhando em volta como se ele tivesse coisas melhores para fazer. Quando perguntaram se queria estar presente quando eles tomaram a declaração de Seth, ele assentiu.

Dillon sentou-se em silêncio por meio de entrevista de Seth. Seu coração quase falhava continuamente enquanto ouvia os eventos. Seth recebeu uma mensagem de texto do telefone de Kat perguntando-lhe onde ele estava. Quando ele respondeu, o texto seguinte lhe pediu para encontrá-la no Brig no Magnuson Park. O edifício estava quase deserto, com a maioria das pessoas vagando fora na água e Seth foi abordado apenas no interior do edifício.

O homem havia desaparecido dentro do edifício quando Seth percebeu quem era e voltou rapidamente de volta para Molly e Jake.

Smith e Terrell pediram a Dillon para falar sobre o que havia ocorrido em sua casa naquela manhã e ele lhes deu um relato detalhado de tudo o que tinha acontecido. Não dava a menor importância por estar admitindo que Kat estava lá com ele e eles não piscaram um olho quando lhe disse isso. Foi um fato entendido se nada mais neste momento e que havia coisas mais importantes para se preocupar do que aquilo. Dillon soou amargo, mesmo em sua própria cabeça.

Quando Smith e Terrell colocaram fotos para reconhecimento na frente de Seth, ele escolheu Clinton Lathrop

imediatamente. Foi a primeira testemunha ocular que ele havia implicado na invasão de domicílio, incêndios e perseguições desastrosas contra Kat, e Smith e Terrell não conseguiam manter o sorriso fora de seus lábios.

Dillon estava muita raiva para reagir. Eles perguntaram a Seth se ele já tinha visto a foto do homem antes, insinuando que seu subconsciente poderia ter sido contaminado pelo envolvimento de Dillon no caso, o foco de Smith mudou para Dillon quando Terrell fez a pergunta, Dillon zombou. Não disse nada. Não queria sua atitude má no registro, então apenas balançou a cabeça em frustração.

—Eu suponho que você já tentou localizar o seu telefone celular? — Ele ainda estava zombando mesmo enquanto falava.

—É claro e nós vamos continuar tentando, mas é improvável. Duvido de que ele seja estúpido o suficiente para ligá-lo agora que sabemos que ele tem o telefone. Não significa que ele não teve livre acesso a ele por doze horas.

Dillon se levantou e Seth seguiu seu exemplo. Ele voltou a Molly e Jake, esperando pacientemente no corredor.

—Onde está Katrina?

—Ela saiu para o banheiro logo depois que você entrou. Estava chorando. Você vai me dizer o que aconteceu com ela?

Ele não se incomodou em responder a pergunta de Molly.

—Você pode encontrá-la? Smith e Terrell precisam perguntar-lhe algumas coisas.

A testa de Molly enrugou, mas se levantou e andou em direção ao banheiro, sem questioná-lo ainda mais. Menos de um minuto depois ela voltou com uma Katrina com o rosto inchado ao seu lado. Katrina se recusou a olhar para ele e uma vez que não conseguia tirar a raiva de sua própria expressão, não poderia culpá-la. Dillon estava louco para gritar com ela um pouco mais, mas teria que esperar.

Katrina voltou com Smith e Terrell enquanto Molly a observava com preocupação. Seu foco mudou entre Katrina e ele, saltando para trás e para frente, enquanto tentava descobrir o que estava acontecendo, e uma vez que eles estavam definitivamente fora do alcance da voz, ela voltou a concentrar-se completamente sobre ele.

—O que diabos está acontecendo?

—Eu não estou falando sobre isso agora. — Então ele lhe deu as costas enquanto pegou seu telefone e ligou para Stephens. —Onde está você?

—Indo para a delegacia. Recebi um telefonema de Terrell algum tempo atrás.

—Você pode levar Katrina de volta para minha casa quando Smith e Terrell terminarem de falar com ela?

—Claro. — Ele desligou rapidamente após isso e quando se virou de volta para Molly, encontrou-a olhando para ele.

—Nós podemos esperar por Kat.

—Não. Nós estamos indo. — Dillon gritou para Jake e Seth e, em seguida, saiu do prédio com eles a reboque.

Não demorou muito para Molly começar a questioná-lo uma vez que eles estavam em casa. Molly e Jake vieram para sua casa, e ele e Molly sentaram-se à mesa da sala de jantar, enquanto os meninos desapareceram na sala de estar.

Ele começou a explicar o que aconteceu na cozinha e que Lathrop tinha dito sobre encontrar Katrina bebendo com Imogen na noite anterior. A testa de Molly não pareceu sulcar durante toda a conversa e quando ele terminou de falar, ela não parecia ter ideia do que dizer. Não era muito como Molly em tudo. Mas ela não foi forçada a chegar a qualquer coisa quando a porta se abriu e Stephens e Katrina entraram.

Os olhos dela encontraram instantaneamente Dillon, mas antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, ela murmurou que estava indo para cima e desapareceu.

—Você precisa falar com ela. — Molly tinha colocado a mão nele. Ela estava preocupada, mas não só por ele. Molly gostava muito de Katrina para não se preocupar com ela também, independentemente do erro que cometeu.

—Não.

—Dillon…

—Não!

Stephens invadiu sua geladeira pegando algumas cervejas e passou-as quando ele se juntou a eles na mesa.

—Ela cometeu um erro, Dillon. — Molly obviamente não ia oferecer a Dillon qualquer apoio, também.

—Foi um grande um erro.

Molly entrou na conversa, então, aparentemente tendo encontrado sua voz novamente.

—Nós todos fizemos. Eu cometi, Inferno, até mesmo Seth, que nunca deveria ter saído por conta própria quando eu que deveria ter o observado mais de perto.

—Nenhum de vocês foderam as coisas porque vocês estavam ocupados ficando bêbados. Seth é um garoto e mal compreende a gravidade desta situação. Ela devia ter entendido.

—Sim, ela deveria ter, mas Katrina não é nenhum de nós. — Stephens estava falando agora. —Isso tudo é muito, muito novo para ela. Não percebeu o quão irresponsável era. Não tem o mesmo quadro de referência que temos.

—Bem, é melhor ela descobrir isso muito, muito rápido se quiser sobreviver a esta coisa e não deixar ninguém morto no processo.

Ele simplesmente não estava interessado em ter essa conversa. Era óbvio que Stephens e Molly pensavam que estava sendo muito duro com ela, mas não poderia apagar as imagens do que poderia ter acontecido com Seth e ele também não conseguia afastar a culpa que estava colocando sobre ela. Ele só não sabia como passar por isso no momento.

Molly respirou fundo antes de falar.

—Como isso afeta vocês dois, Dillon?

Dillon olhou para a mesa. Doeu pensar nela lá em cima sozinha. Podia vê-la chorando. Não precisava estar lá em cima para ver sua dor, mas não amoleceu seu coração. Ele queria que

amolecesse, desesperadamente. Mas, no momento, ele simplesmente não podia deixar ir.

—Eu não sei, Molly.

Ela respirou fundo outra vez e quando ele conseguiu olhá-la, ela tinha lágrimas em seus olhos. Molly se levantou e aproximou-se dele, beijou-o no topo da cabeça e apertou o seu ombro.

—Eu vou levar Jake para casa. Eu vou falar com você amanhã.

—Você vai ver os policiais de patrulha na área. Não se surpreenda. — Ela assentiu e Stephens também se levantou. Eles andaram, os três, até a porta e uma vez que eles foram embora, ele trancou a porta, definiu o alarme e afundou-se contra a porta.



Capítulo 30

Dillon não veio para a cama naquela noite, não que ela estivesse surpresa e quando acordou na manhã seguinte, podia ouvi-lo na cozinha. Seu coração estava batendo mais e mais difícil a cada passo que a levou para mais perto dele e quando entrou, o encontrou olhando para fora da janela da cozinha para o quintal.

—Onde está Seth?

Ele não se virou para ela quando ele respondeu.

—Na Molly. Eu tenho que ir para o escritório por um tempo.

—Dillon? — Ele se virou para ela lentamente. Seu rosto era inexpressivo e frio. Nunca se sentiu mais odiada por ele, mesmo a primeira vez que se encontraram.

—Eu não quero falar sobre isso.

—Então escute. Porque eu tenho algo a dizer. — Sua voz soava ousada, mas ela não estava. Ficou acordada quase toda a noite, analisando e passando através de cada último aspecto da sua relação e este desastre.

Katrina conversou consigo mesma em círculos até que estava chorando de novo em frustração, mas pensou muito sobre como se sentia. Não se importava que o homem em frente a ela odiasse sua coragem no momento, porque não o odiava e precisava dizer o que estava em sua mente antes que fosse tarde demais. Então lançou seu discurso enquanto a observava, impassível. Ela não era de todo impassível e com as suas primeiras palavras a voz dela já estava oscilando.

—Eu te amo e eu sinto muito. Eu sei que isto é culpa minha. Eu realmente sei. Mas eu estou com raiva de você também. — Seu rosto se contorceu pela metade de um segundo até que ele voltou para seu olhar morto. Katrina mal conseguia manter a voz forte e as lágrimas começaram a brotar pela milionésima vez nas últimas 24 horas e ela finalmente desistiu de tentar segurá-las e deixou suas palavras se misturam com sua emoção.

—Eu nunca tive qualquer intenção de me mudar para cá. Ou ter um relacionamento com você para esse fim. Isso comprometeu vocês, desde o início. Eu sabia que seria assim. Eu sabia, mas eu concordei. A minha preocupação, minha culpa, todas aquelas coisas que você me convenceu não eram minha responsabilidade ou problema, eles teriam mantido vocês seguros. Mas eu escutei você. Eu queria. Eu queria você e eu queria minha vida para estar com você, mas ainda era a decisão errada.

Ela estava chorando enquanto suas palavras saíram, mas sua voz foi ficando forte.

—Você coloca o peso do mundo sobre meus ombros me pedindo para desconsiderar a minha preocupação com a sua família. Porque eu sou uma bomba só esperando para explodir e isso me colocou na posição de tentar ser perfeita ou ser responsável por uma catástrofe. Eu não sou perfeita, Dillon. Eu cometi um erro!

Katrina estava soluçando, agarrando seu estômago neste momento e sua boca estava apertada duramente. Ela viu a emoção bem controlada nadando em seus olhos, mas ele não estava dando a ela nada disso. Dillon apenas olhou, mas ela foi além do ponto de se importar se ele a respondia. Isto era sobre o que precisava dizer.

—Era tão inevitável. Este ou algum outro erro ou algo completamente fora do meu controle, iria inevitavelmente acontecer e colocar você e Seth em perigo. E foi tudo sobre os meus ombros. Não havia nenhuma chance que eu não poderia ser responsável por algo terrível que acontecesse. — Ela limpou as lágrimas de seus olhos e apertou os lábios para ajudar a manter o controle. —Você me definiu para o fracasso. E agora essa falha está me destruindo. Eu sinto muito. Estou mais triste do que você jamais vai saber. — Ela estava perdendo o controle novamente enquanto as lágrimas começaram a cair novamente. —E eu nunca estive com o coração tão partido em minha vida. — Ela mal conseguia colocar as últimas palavras para fora sobre os soluços.

Ele não disse nada. Seus olhos estavam vidrados, mas ele ficou preso ao seu lugar no chão e depois de um desconfortável longo tempo de espera de algo, qualquer coisa, Katrina balançou

a cabeça e saiu da sala e foi para o andar superior, para o seu quarto. Suas lágrimas caíram em silêncio enquanto olhou para a parede na frente dela e quando ouviu a porta sendo aberta atrás dela, seu coração doeu, e ela prendeu a respiração.

Katrina esperou, ela queria, estava desesperada por ele, mas estava com muito medo de olhar para ele. Quando a porta se fechou silenciosamente e ouvia seus pés pelo corredor para longe dela, seu coração já quebrado se despedaçou.

Ouviu a porta da garagem abrir pouco depois e sabia que ele foi embora. Estava sozinha em uma casa em que já não se sentia nada bem-vinda. Nunca se sentiu tão desprezada e antes que pudesse se acovarda ela se levantou, arrumou suas roupas e arrastou a bolsa lá para baixo. Pensou ter ouvido a porta da garagem abrir apenas depois que discou o número para o serviço de táxi, mas como ela carregava o telefone sem fio em direção ao corredor que levava para a garagem, o operador atendeu.

Não havia ninguém na porta da garagem e depois de olhar ao redor por um momento, voltou sua atenção para o operador.

—Desculpe, eu preciso de um táxi para me pegar. — Deu à mulher endereço de Dillon e, em seguida, o de Imogen antes de desligar. Ela afundou em uma cadeira de sala de jantar e não demorou muito até que houve uma batida na porta da frente. Katrina deixou sua chave na mesa da sala de jantar. Pendurou a bolsa no ombro, embalou Kitty em seus braços e levou-a, sua caixa de areia vazia com ela.

Trancou a porta atrás dela depois de reiniciar o sistema de alarme e deixou sua casa pela última vez. Ela estava um pouco

dormente demais para chorar sobre isso, mas quando o táxi foi embora de casa, chegou a pensar como as lágrimas dela vieram outra vez e olhou para fora da janela.

Ela não se incomodou chamando Imogen porque sabia que estaria ensaiando as crianças para a sua próxima peça durante todo o dia. A noite de abertura era em menos de uma semana e Imogen teria pouco descanso até que o evento terminasse.

Quando entrou na casa de Imogen colocou Kitty no chão, deixou cair a pesada sacola de roupas e configurou rapidamente a caixa de areia de Kitty para ela na lavanderia. A velha não ia sobreviver a muito mais movimentos.

Katrina não sabia quanto tempo Dillon levaria a voltar para casa ou se ele iria mesmo se importar que o tivesse deixado. Rapidamente começou a entorpecer seus nervos com vinho e em pouco tempo seu corpo estava preguiçoso, ela estava cambaleando tanto quanto Kitty, suas emoções estavam correndo soltas e estava muito bêbada para ligar.

Mesmo em seu estado embriagado, sabia o que estava fazendo. Ela estava sendo infantil, estava sentindo pena de si mesma e estava agindo como uma idiota maldita.

Quando houve uma batida na porta, levou muito mais tempo do que deveria até a porta para atendê-la. Katrina ficou horrorizada com o pensamento de Dillon vê-la assim, e ela pensou que devia ser ele.

Ele não tinha a menor dúvida de para onde ela foi, e a última coisa que queria era ser pega tomando mais decisões ruins. Mas não havia nada a ser feito sobre isso. Se não

respondesse, ele continuaria batendo e assim ela engoliu e forçou seus pés para se mover o mais uniformemente possível ao atravessar o espaço até a porta da frente. Parada na porta, respirou fundo profundamente e preparou-se para uma batalha emocional, sem nem mesmo verificar o olho mágico.

O que ela não esperava era que a batalha iria ser inteiramente física. O homem tinha os olhos de azuis luminosos e ela o reconheceu. Não só a partir de um ano atrás em sua casa quando o conheceu, mas a partir das imagens que Smith e Terrell tinham mostrado a ela. O telefone dela estava em sua mão e ele estava balançando-o provocativamente na frente dela.

—Você mantém informações demais nessa coisa. Quando eu vi o número de cinco dígitos nas informações sobre o contato de Imogen eu estava perplexo, mas depois quando eu verifiquei o endereço dela, de repente fez perfeito sentido. Teclado. Não é a cadela mais brilhantes que eu já conheci, mas, hei, quem precisa ser inteligente quando você é bonita, não é?

Katrina olhou por meio segundo antes de tentar bater a porta na cara dele, mas ele chutou-a de volta para ela quando ela se virou e correu para a cozinha. Ele agarrou seus cabelos, puxando-a para trás e ela caiu no chão com um gemido de dor. Ele lançou-se sobre o corpo dela, agarrando os lados de sua cabeça e batendo a cabeça no chão de mármore duro. A dor irradiava a partir da parte de trás de sua cabeça direto para frente de seus olhos e ela gemeu.

Suas mãos estavam livres e ela estendeu a mão para o rosto dele, tentando empurrá-lo de volta. Não foi nem mesmo eficaz,

mas depois se lembrou de ir para os olhos. Katrina bateu em direção a seus olhos, cutucando um enquanto ele recuou e soltou a cabeça. Então ela estendeu a mão para virilha do homem que estava sentado na parte inferior do seu abdômen e beliscou com força. Ele gritou e se afastou dela e ela se contorceu para fora sob o seu peso.

Ela rolou para o estômago e começou a rastejar em direção à porta. Precisava sair. Poderia gritar, poderia correr, poderia escapar, mas quando chegou à porta da frente ainda bem aberta, ele veio por trás dela e jogou-a contra a parede ao lado dela. Sua cabeça bateu com força na parede e o gesso cedeu sob a força. Ela podia sentir seu corpo caindo no chão da porta de entrada e piscou quando sua visão ficou distorcida e seu cérebro parecia estar em câmera lenta.

Quando ele virou o corpo dela e puxou-a até os joelhos, ela assistiu em câmera lenta enquanto ele levantou a mão para trás e girou-a para seu rosto, batendo-a com as costas da mão e fazendo sua cabeça pender no ar novamente. Estava perdendo a consciência. Podia sentir isso acontecendo, mas era impotente para detê-lo. Isso não amortecia o pânico de nenhuma maneira, e sabia que com o que se passava lá fora havia uma boa chance de que ela não fosse acordar.

Mas não havia como parar isso e enquanto seus olhos se afundaram fechados, um zumbido muito agradável trabalhou com a cabeça e ela caiu pacificamente para dormir.



Stephens estava sentado em frente a ele apenas olhando-o. O homem não acreditou quando disse que estava bem. Claro que era uma mentira completa. Dillon não estava bem, no mínimo.

Estava confuso, irritado, culpado, solitário e totalmente perdido. Quando seu celular tocou seu coração acelerou por um momento. Queria que fosse Kat. Sabia que não seria, mas ele queria que fosse. Não que pudesse descobrir o que dizer a ela ou realmente pegar o telefone para ligar para ela, mas ele ainda queria mais do que qualquer coisa ouvir sua voz.

Não era Kat, no entanto. Era Molly e no segundo que ele respondeu ela começou a falar em alta velocidade.

—Eu não posso encontrar Seth. Jake disse que ele correu para sua casa para pegar um jogo...

—O quê! Você o deixou...

—Eu não o deixei. Eu estava no banho. Não me disse que estava saindo e eu tenho certeza que é porque eu não iria deixá-lo ir!

—Então, ele ainda está lá?

—Não. Ninguém está aqui. Eu estou em sua casa agora. Está vazia. Sem Seth, sem Katrina, apenas vazia. O oficial de patrulha foi fazendo a quadra ocasionalmente, mas ele disse que não viu nada, que...

—Há quanto tempo ele foi embora?

—Eu estou supondo que cerca de quarenta minutos. Jake entrou e gritou por mim depois de eu ter estado no chuveiro por cerca de vinte minutos mais ou menos. Ele estava preocupado porque Seth não tinha voltado ainda. Essa foi a primeira vez que ouvi dele. Eu pulei para fora, me vesti, e vim para sua casa e olhei em volta. Eu estou supondo que eu deixei minha casa cerca de 20 minutos ou mais atrás.

Dillon pegou o telefone de mesa e começou a discar para o celular de Seth. O telefone tocou, mas foi para o correio de voz depois de alguns segundos.

—Porra!

—Dillon, sua casa está vazia. Kat se foi, Seth se foi, há uma chave em cima da mesa, a gata de Katrina se foi e eu apenas olhei em seu quarto e há algumas gavetas abertas e eu não consigo encontrar nenhuma roupa dela. Parece que ela saiu sozinha, mas eu não entendo onde Seth está.

—Ok, você e Jake fiquem ai. Vou deixar... —Seu celular apitou que ele tinha outra chamada entrando e quando puxou o telefone do ouvido, era Seth. —Molly, Seth ligando. Eu vou liga-lo de volta. — Ele desligou e ligou imediatamente para Seth. —Seth? Onde está você?

—Pai, algo aconteceu com ela. Ele a levou. O mesmo homem. Eu o vi. Ele a levou. — Seth soava frenético e ele estava tão perto de entrar em pânico como Dillon nunca o tinha ouvido falar.

—Tenha Smith e Terrell aqui. — Ele falou apressado para Stephens que se atropelou para chamar os homens. —Seth, você está seguro?

—Sim! Mas Kat não está. Ela está ferida, pai! — Seth estava quase soluçando as palavras e Dillon podia ouvir o desespero em sua voz.

Smith e Terrell chegaram à sua mesa e ele apertou o botão de alto-falante em seu telefone celular, colocando-a para baixo na área de trabalho.

—Seth. Eu preciso de você me diga onde você está e o que você viu. Tem certeza de que você está seguro?

—Sim. — A voz de Seth encheu o espaço ao redor da mesa e os homens simplesmente ficaram em volta olhando para o telefone. —Eu corri para casa. Eu sei que não deveria ter ido, mas eu pensei que seria rápido. Eu entrei e ouvi a Srta. Page no telefone. Ela estava chamando um táxi para buscá-la. Ela lhes deu um endereço em que a estrada em Washington Lake que tem todas as casas realmente agradáveis. Quando desligou, estava chorando e eu sabia que estava chateada, mas eu não sabia o que dizer a ela. Eu só esperei. Eu esperei a Srta. Page sair porque eu não sabia o que fazer e eu peguei o ônibus para Mercer Island tão perto como eu poderia chegar a essa rua. Eu não sei por quê. Eu só me senti mal. Eu queria falar com ela, mas eu não sabia o que dizer. Eu perguntei a um cara no ônibus como chegar lá e ele me disse. Eu corri o resto do caminho. É uma casa grande com uma porta, mas a porta já estava aberta. Havia um carro preto, um velho com um monte de ferrugem e foi estacionado em frente.

Quando eu comecei a andar até a calçada, a ouvi gritar e então eu vi o homem. O mesmo homem do parque. Ele estava levando-a até o carro e ele a colocou no porta-malas. Eu estava assustado. Eu queria ajudá-la, mas eu estava com muito medo.

Seth estava chorando ao telefone e Dillon afundou em sua cadeira novamente com o que ele imaginou que seu filho havia testemunhado. Dillon estava morrendo por dentro e se sentiu tão impotente como Seth parecia. Era uma tortura ouvir isso e sabendo que Kat estava ferida e desaparecida.

—Pai, ela não estava se movendo. Quero dizer, ela parecia inconsciente ou... Eu não sei, mas não estava se movendo. Ele só jogou o corpo no porta-malas e ele foi embora.

—Seth, onde você está agora?

—Eu ainda estou aqui na garagem. Eles só saíram há alguns minutos e eu não me movi. Papai, eu tenho o número da placa.

Até o último dos homens sugou em uma lufada de ar.

—O que é isso? — Dillon prendeu a respiração quando Seth listou o número e, em seguida, repetiu isso para eles. Terrell estava escrevendo o número e no momento em que Seth terminou de falar, ele se arremessou para longe de sua mesa, pegando seu telefone rapidamente.

—Seth, a casa que você está é a casa de Imogen Graham. Ela é a professora de teatro em sua escola. A porta ainda está aberta?

—Sim.

—Eu quero que você vá para dentro, feche e tranque a porta. Você não abra a porta para ninguém, apenas para o oficial que está indo até você. Eu vou chamá-lo de volta com o seu número de distintivo e você lhe pede seu número de distintivo antes de abrir a porta. Entendeu?

—Sim, papai. Você vai encontrar a Srta. Page?

Dillon ficou repentinamente em silêncio. E se ele não pudesse encontrá-la? E se ela já estava morta? E se fosse simplesmente tarde demais?

Stephens se inclinou sobre a mesa, falando no telefone de Dillon enquanto este lutava para respirar.

—Seth, eu não quero que você se preocupe. Nós vamos encontrá-la.

—Tudo bem, tchau. Estou bem. Eu não quero que você se preocupe comigo. Basta encontrá-la. — Ele desligou o que era provavelmente uma coisa boa porque, naquele momento, Dillon não conseguia descobrir como engolir.

Dillon não podia perdê-la. Ele havia destruído seu relacionamento em sua fúria. Quebrou o seu coração de uma forma que poderia ser apenas irreparável, mas não havia nenhuma maneira que poderia perder a chance de corrigir isso.



Capítulo 31

O zumbido maçante parecia estar vindo de cada célula mais profunda de seu corpo, mas estava trazendo-a de volta do estado de inconsciência novamente. Katrina acordou no escuro, sendo empurrada e jogada em torno de o que rapidamente descobriu ser o porta-malas de um carro. Ela chutou e gritou, mas tinha algo sobre sua boca e seus pulsos foram contidos por trás de suas costas. Sentia apertado e pegajoso em sua pele, assim como em sua boca, e estava apostando que era uma fita adesiva. Isso não a impediu de tentar chutar para fora do carro.

O porta-malas cheirava a escape e óleo. Cheirava como um carro velho, como um posto de gasolina antigo. Passou uma quantidade desconhecida de tempo chutando, entrando em pânico e orando até que o carro finalmente parou e ela ouviu passos que se deslocam ao redor da mala.

Se tivesse pensado que estava em pânico no porta-malas, não tinha ideia do pânico que se pode sentir até que ouviu a chave destravar lentamente o porta-malas. Ela de repente estava horrorizada pelo que estava além de seu casulo escuro e se poderia ter se mantido dentro, teria feito isso de bom grado.

Quando o porta-malas foi aberto, ela podia ver o sol que ainda estava brilhando e foi um presságio ímpar de como sua situação era ruim. O dia de primavera brilhante era tudo que a vida era para ser, mas sua vida estava à beira de terminar e o dia morno bonito era uma provocação dolorosa.

Ele puxou seu corpo do porta-malas diretamente em uma garagem desordenada e cheia de lixo onde o carro foi guardado. Katrina assistiu com horror quando o sol desapareceu lentamente quando a porta da garagem foi abaixada e quando a última visão do mundo real se foi, ela olhou para ele.

Ele parecia estranhamente normal de um jeito entediante. Ele era elegante, vestido como qualquer outra pessoa no mundo e era difícil imaginar que esse homem queria matá-la. Mas queria. Não havia nenhuma dúvida em sua mente e ele absolutamente teria sucesso se ela não fizesse algo para pará-lo.

Katrina assistiu novamente quando ele inclinou a mão para trás e seu punho mais uma vez veio voando em sua cabeça. E depois havia mais escuridão.

Mas agora ela estava despertando novamente apenas para encontrar-se ainda amarrada, ainda com sua boca fechada e ainda horrorizada, era assim que estava indo ao seu encontro final.

Katrina não estava pronta e enquanto as lágrimas surgiram em seus olhos, ela lutou contra o impulso irresistível de quebrar e desistir. Estava com medo de lutar. Estava com medo de levantar por si mesma, mas ela bateu o pé no chão de concreto em que

estava sentada e continuou pisando até que seu pé doía e seu cérebro acordou.

Ela olhou em volta. Estava sozinha. O quarto era espaçoso e quase vazio. O piso de concreto desigual parecia velho e tinha o cheiro de mofo de um porão antigo, mas havia paredes.

Paredes sujas de gesso, velhas e sem pintura fechavam o quarto pequeno e uma única lâmpada pendurada no teto. Havia uma cadeira dobrável ao longo da parede oposta e um balde no chão nas proximidades. Uma pequena mesa ao lado da cadeira dobrável e um rolo de fita adesiva em cima junto com uma caixa de sacos de lixo e corda. A visão desses itens só fez o medo formigar seu cérebro.

Katrina tentou se concentrar no que aprendeu na aula de autodefesa, mas era difícil. Cada som que ouvia a convencia de que o homem estava vindo para matá-la e se concentrar no que ela precisava se concentrar era mais difícil do que nunca tinha sido em toda sua vida. Fechou os olhos, repetindo a aula em sua mente, empurrando o medo de lado, tanto quanto possível.

Ela estava fodida se não pudesse soltar as mãos para que começasse a trabalhar na fita. Ela tinha unhas e talhava a superfície pegajosa com as unhas de seus polegares e dedos médios. Katrina cortava a fita, uma camada de cada vez. Enfiou a unha através da fita, perfurando uma camada e puxando e rasgando por ela. Foi um processo lento e incessante e enquanto os dedos trabalharam através das camadas, suas mãos começaram a ter cãibra. Ela forçou seu cérebro para voltar ao treinamento.

Os olhos, ir para os olhos. Não demorava muito para jogar uma pessoa fora de seu jogo quando se trata dos olhos. Apenas a menor irritação pode levá-lo a perder suas defesas. O nariz. O nariz também era sensível. A virilha.

O mais difícil de tudo incidiria se ele a estrangulasse. Era horrível ser incapaz de respirar, mas ela tinha que se concentrar. Se ele usasse as duas mãos, isso significava que ela tinha duas mãos livres para defender-se e ele não podia defender-se com seus dedos ao redor de seu pescoço.

Ela respirou fundo. Podia fazer isso? Poderia lutar e viver? Será que tinha uma escolha? Porra, não, não tinha, e não estava pronta para sair desta vida. *Concentre-se*. Só tinha que se concentrar.

Quando o som de uma porta se abrindo a desperta para fora de sua sessão de treinamento subconsciente, ela grita e pula e o pânico começa a assumir de novo. Seus dedos ainda estavam trabalhando. Tinha perfurado através de uma grande parte da fita, mas foi incapaz de arrancar através da espessura e teve de recuar para atacar uma seção menor.

Estava tentando visualizar o que suas mãos estavam fazendo atrás das costas, deixando sua mente ver o progresso dela. Não tinha ideia se estava realmente fazendo tanto progresso quanto esperava, mas não estava disposta a considerar que não conseguia libertar-se. Ela tinha que soltar as mãos. Tinha que ter as suas mãos livres.

Eventualmente houve um afrouxamento em torno de seus pulsos. Katrina podia sentir o movimento que não estava lá antes.

Foi sutil no começo, mas quanto mais furos fez nas camadas, mais movimento ela pensou que podia sentir até que finalmente estava certa de que não era apenas sua imaginação. Poderia fazer isso. Tinha que fazer isso.

Quando ouviu pés se movendo em direção a ela, seus dedos instantaneamente acalmaram e seu coração batia instantaneamente. Katrina lutou contra o pânico, mas no final o pânico ganhou, enquanto ouvia os pés se movendo cada vez mais perto, seus olhos se encheram de lágrimas e terror apertou seu peito. A maçaneta girou e viu o brilho do metal quando foi girando lentamente. Ela começou a lutar contra a restrição da fita, mas mesmo que seus pulsos estivessem mais soltos, ela simplesmente não conseguia se libertar.

A porta foi aberta e o pânico que sentiu antes alcançou um nível que não sabia sequer que existia. Então, ela olhou para cima, congelando no lugar e prendendo a respiração. O rosto olhando para ela a fez ofegar em choque.

—O que você está fazendo aqui?



—Ei, nós temos as placas de volta. — Terrell estava andando de volta em direção a eles onde Dillon estava andando, Stephens estava falando ao telefone com o policial que estava indo buscar Seth e Smith estava olhando para o desktop. Dillon não

conseguia parar de andar e até mesmo quando Terrell se aproximou, ele continuou andando para trás e para frente. Isso foi até que Terrell falou novamente.

—As placas estão registradas em nome Josh Grant.

—O quê? — Dillon não foi o único que disse a palavra ou que tinha choque estampado no rosto. —Espere. Vocês verificaram essa placa, não é?

Smith e Terrell assentiram e eles pareciam tão confusos quanto Dillon se sentia. Stephens desligou rapidamente, entregando um pedaço de papel para Dillon, que pegou o celular e se afastou para chamar Seth.

Seth ainda parecia abalado quando Dillon ligou, mas ele não quis nem ouvir falar de Dillon ficar no telefone enquanto Katrina estava sendo procurada. Dillon deu-lhe número do crachá do funcionário que Stephens tinha escrito e, em seguida, Seth praticamente desligou na cara dele quando Dillon ofereceu novamente para ficar na linha.

Dillon voltou para o grupo de homens. Greenwood havia se juntado a eles e era o mais tenso grupo de homens que já tinha visto. Dillon foi provavelmente o mais tenso de todos e ele estava mudando de um pé para o outro enquanto eles discutiram sobre chamar a SWAT. Smith correu para pegar o arquivo com o endereço de Grant nele. Poucos m inutos antes Greenwood tinha dado o O*K* para entrar em contato com o comandante de incidente e solicitar a presença da SWAT e enquanto jaquetas foram agarradas e armas foram verificadas no coldre, Greenwood agarrou o cotovelo de Dillon.

—Você não vai entrar naquela casa. Você entende?

—Eu não vou ficar aqui. — A boca de Dillon estava apertada e tencionou enquanto ele falava e lutava para manter a compostura.

—Você não vai entrar naquela casa! — E, em seguida, voltando-se para Stephens que mal parecia que estava respirando, Greenwood gritou. —Você mantenha-o em linha ou irei sobre seus traseiros! — Greenwood triunfou em raiva, mas Dillon estava cego para ele e mais do que isso, simplesmente não dava a mínima para isso.

Eles observaram Smith e Terrell saírem depois que Smith desligou o telefone com o sargento da SWAT e Dillon voltou à carga. Ele não conseguia parar de andar e enquanto Stephens o observava, ele xingou baixinho, pegou o casaco de Dillon da cadeira jogou-o para ele.

—Você vai me deixar louco se eu não te tirar daqui. Vamos. Vou algemá-lo na porta do carro, porra, se eu tiver que fazer, mas podemos pelo menos estar lá.

Dillon deu um suspiro pesado e seguiu Stephens pelo edifício. Seth ligou enquanto andavam até o carro de Stephens. O patrulheiro estava dirigindo de volta para a casa de Molly e eles estavam a apenas uma quadra de distância. O oficial deveria ficar com eles até que recebesse outra ordem e quando Seth comentou que podia ver Molly em pé na calçada o esperando, foi finalmente capaz de deixar ir seu pânico e se concentrar totalmente em Katrina.

—Pai, por favor, traga a Srta. Page de volta. Ela tem que estar bem. — A voz de Seth era quase um sussurro e poderia dizer que ele estava engasgado. Quebrou seu coração ouvir seu filho de forma emocional. Seth era um menino calmo, não era de se emocionar.

—Nós estamos fazendo tudo que podemos amigo. Eu prometo. Eu vou falar com você em breve. — Ele ouviu como Molly o recebeu saindo do carro e então ele se foi. Seth estava certo, ela tinha que estar bem. Dillon entendeu o desespero na voz de Seth. Era o mesmo desespero que sentia. Katrina tinha



que estar bem.

Josh estava olhando-a quando se sentou na cadeira. Segurava um revólver em seu colo e ficou olhando para ele como se estivesse confuso com isso. Ele não deixou o quarto nos quinze minutos ou mais desde que a chocou, quando entrou. Ela não esperava ver seu rosto.

Ele apenas olhava. Josh era tão estranho neste cenário, assim como sempre tinha estado em sua sala de aula. Katrina tentou conversar com ele, mas ele se recusou a responder. Ele só olhava. Katrina continuou trabalhando na fita, cronometrando suas perguntas para Josh quando estava prestes a perfurar a unha através de uma camada da fita. Não que ele responderia,

mas ela esperava que suas incessantes questões seriam uma boa cobertura para o que suas mãos estavam fazendo.

—Josh, você não tem que fazer isso. Você não me sequestrou, você não está em qualquer problema ainda. — Essa declaração deixou uma grande parte de fita adesiva rasgada completamente e ela se contorceu contra a parede como se estivesse desconfortável para esconder os movimentos que precisava fazer. —Por favor, Josh. Você é um bom homem.

Diabos que ele era. Ele era um lunático e ela queria bater muito no seu traseiro imbecil.

Em seguida, ela ouviu. Mais passos. Não havia escapado a sua atenção eles não poderiam estar sozinhos. O homem que a levou da casa de Imogen era o homem que reconheceu a partir da empresa contratante que tinha feito o trabalho em seu banheiro, não Josh. Como eles se conheciam estava fora de seu raciocínio e parecia uma parceria improvável que desse certo, mas não era a preocupação dela no momento.

Josh parecia tão fraco e vulnerável, mesmo aqui, como sempre foi e não era aquele que mais a preocupava. Eram os passos ocasionais acima dela que faziam. Eles eram do outro homem, Clinton Lathrop. Ele a assustava não que Josh não assustasse, mas era um tipo diferente de medo.

Os passos que ela ouviu de repente começaram a se mover mais próximos e quando uma porta se abriu e o som mudou para passos descendo escadas, seu medo aumentou e Katrina começou a torcer contra as restrições de novo e cavar as unhas através de camadas de fita, pegando e puxando as fibras. Se

puxasse a favor da textura das fibras haveria pouca resistência e manteria a fita frouxa o suficiente para que pudesse arrancar e rasgar as partes finas que iam contra a textura. Mas era um processo muito lento e ela estava lutando em seu pânico para esconder seus movimentos desesperados.

Ela choramingou quando Clinton abriu de repente a porta e Josh ficou de pé, olhando para ele, nervoso.

—Nós estamos pronto para ter algum divertimento, crianças? — Sua voz era doentiamente jovial e ela estremeceu com o que isso pode significar para a porra de um tarado como ele. A ereção que apareceu na frente de suas calças quase a fez engasgar, mas foi ainda pior quando ela notou uma excitação semelhante em Josh, que ainda parecia nervoso e olhava de Katrina para Clinton.

—Você conheceu meu querido amigo Josh, eu vejo. Uma reunião agradável para vocês dois? Ele está arrependido, teve que sair de sua classe, mas ele estava atraindo muita atenção para o meu gosto.

E, em seguida, passeando em sua direção, ele falou em tom de conversa.

—Nós nos conhecemos há algum tempo atrás. Ele não foi difícil de encontrar. Já era um aluno em uma de suas aulas e obviamente tinha tomado um gosto por você. O flagrei se masturbando em seu carro com uma foto sua e foi apenas amizade instantânea. — Ele sorriu brilhantemente, como só um louco poderia em tal situação e Josh timidamente olhou para longe.

—O que não quer dizer muito, mas ele se provou útil e eu prometi-lhe uma grande recompensa. Quero dizer, essas criações fotográficas foram pura genialidade. Eu não poderia ter feito isso. Eu limpo canos para viver, pelo amor de Deus.

E, em seguida, foi para Josh, ele colocou a mão carinhosamente no topo de sua cabeça e continuou em uma voz peculiar.

—Limpei seus canos uma ou duas vezes, não é mesmo? — Quando Josh começou a tremer e não conseguiu responder, os dedos de Clinton enrolados e emaranhados no cabelo de Josh, puxaram sua a cabeça para trás para olhar para Clinton. —Eu disse, não é mesmo? — O rosto de Clinton era lascivo e seu sorriso era pura loucura.

—Sim... sim, Clint.

—Veja, meu bom amigo teve muitos usos para mim. Temos um monte de diversão em conjunto. E uma vez que você estava tão apreensiva com o seu policial, nós tivemos que ser pacientes. — Ele olhou para baixo para Josh com um complacente, se não triste, olhar em seu rosto.

—Mas Josh não é você, docinho. — Seus olhos voltaram para Katrina. —E eu estou cansado de foder o rabo dele quando o que eu realmente quero é o seu. — O corpo inteiro de Katrina começou a tremer. Ela estava cavando na fita, mas era inútil. Nunca conseguiria fazer isso a tempo.

Clinton começou a se mover lentamente, provocativamente em direção a ela. Ele na ponta dos pés com um olhar completamente artificial de medo em seu rosto. Ele estava

brincando com ela, torturando seus nervos, e era bom nisso. No momento em que ia chegar perto dela, tomava alguns passos para trás balançando em uma dança bizarra. Katrina começou a soluçar e chorar enquanto ele atormentava e lentamente se aproximava.

—Tudo de você. Eu quero que você grite, eu quero que você sangre, eu quero que você implore e então eu quero que você morra. — Seus olhos estavam arregalados e maníacos quando ele olhou-a com uma expressão doentia. Ele estava em pé na frente dela, sua virilha ao nível dos olhos. Sua excitação era muito óbvia e Katrina tinha bile subindo na garganta em nada mais do que a protuberância em sua calça jeans. Quando ele tocou sua virilha, ela gemeu em agonia emocional.

O tremor horrível que estava correndo através de seu corpo escondeu que suas unhas estavam desesperadamente tentando fazer atrás de suas costas, e ela olhou diretamente para suas calças enquanto sua mente focava na fita. Katrina arrancava, pegava e rasgava até que pensou que as pontas dos dedos deviam estar sangrando.

Quando ele se ajoelhou na frente dela, estendeu a mão para seu pescoço, agarrando-o com uma mão. Clinton estava apertando, aumentando o aperto lentamente. Ela não conseguia parar o pânico de avançar lento enquanto seu ar era cortado. Forçando os dedos a trabalhar enquanto sua mão permanecia em sua garganta era quase impossível, mas era sua única chance.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando ele olhava para ela. Katrina segurou seus olhos enquanto seus dedos apertavam

e, em seguida, soltavam e, em seguida, apertavam mais uma vez. Ele sabia como atormentá-la e toda vez que ela sentiu a pressão de constrição de seus dedos em torno de sua garganta o pânico ofuscava seu cérebro e seus dedos paravam. Ela usou o indulto ocasional que ele deu quando a soltava, para se concentrar em sua tarefa. Ela tossiu enquanto o ar repentinamente inundou de volta seus pulmões e foi então que ela arrancou, e torceu contra a fita.

Josh permanecia sentado na cadeira próxima. Ele parecia aterrorizado, mas também parecia louco e quando ela encontrou seus olhos, implorou.

—Por favor, Josh. Você não tem que fazer isso. Ele já te machucou, mas você pode pará-lo.

No momento em que Katrina disse as palavras, Clinton apertou novamente sua garganta e cortou sua voz quando ela começou a lutar para respirar. Quando ele inclinou o rosto para Katrina, estava perto o suficiente para beijá-la e ela se perguntou por um momento se ele o faria.

—Josh é meu e sabe o seu lugar. Agora, que tal nós tirarmos essas roupas para que você possa nos mostrar o que temos tão pacientemente esperado?

Clinton libertou sua garganta e ela engasgou com o ar. Quando ele pegou seu cotovelo, puxando-a até ficar em pé, ela podia sentir a fita já parcialmente rasgada, rasgando ainda mais e ela instantaneamente gritou para esconder o som. Katrina ficou em pé na frente dos homens com suas mãos apenas vagamente presas.

Seu coração estava disparado. Foi emoção, mais terror, tudo em um só fôlego. Havia pouca dúvida de que ela poderia forçar os pulsos livre, neste ponto, graças ao peso de seu corpo sendo puxado para cima pelos braços, mas isso não significava que ela estava pronta para isso. Katrina estava aterrorizada com o que precisava fazer.

Clinton puxou uma faca longa do bolso de trás e, embora isso tenha enviado uma vontade de puxar as mãos soltas e tentar lutar contra ele, ela se manteve firme. Tinha que esperar até que ele estivesse distraído se havia alguma chance de manter essa faca longe de seu corpo. Então ela suspirou e tomou tantas respirações trêmulas quanto podia. Clinton começou na sua garganta com a faca, cortando através do tecido e quando ele terminou com a camisa, ele colocou a mão em seu seio, segurando-o duramente através de seu sutiã.

Clinton se virou para Josh, que parecia estar se encolhendo tanto quanto ela estava.

—Lembra-se da porra do quadrado que eu havia cortado em seu peito porra? — Era uma oportunidade. Ela poderia morrer ao tomá-la, mas era agora ou nunca. A faca passou com folga ao seu lado e ele a virou para ela. Katrina estava apavorada, estava mais apavorada do que tinha estado em toda a sua vida, mas se for esperar por um momento em que não tivesse pavor de se mover esperaria até que este homem a matasse. Então ela puxou.



A casa era pequena e rodeada de arbustos e árvores cobertas de vegetação. Ela era obviamente mal conservada e os arbustos por si só estavam fazendo sua abordagem difícil. O carro preto foi recuado para a garagem e isso era tudo o SWAT precisava ter confirmado para entrar.

Havia um grande banco de árvores de baixa ramificação do lado da garagem e no lado oposto da casa. O que tornou difícil para a equipe da SWAT a tarefa de circundar a propriedade de forma eficaz e monitorar todos os lados ao mesmo tempo.

Dillon não podia fazer nada além de assistir de uma distância que o deixou desconfortável. Porra, a coisa toda o deixava desconfortável e ele estava perdendo a sua mente até que esta coisa tivesse acabado.

Saber que Katrina estava lá e não podia chegar até ela era pura tortura. Era a maior tortura que já tinha sentido e ele sabia, em pé ao lado de Stephens, que foi um erro vir.

Dillon não podia fazer isso. Não podia ficar parado e deixar que outra pessoa tentasse salvá-la. Estava muito perto e muito transtornado para sentar. No momento em que deu um passo em direção a casa, Stephens estava lá com sua mão em seu cotovelo, puxando-o para trás.

—Porra, Stephens. Eu não posso... Eu não posso fazer isso.

—Então você precisa sair!

Eles assistiram enquanto Smith e Terrell aproximaram-se da porta da frente da casa atrás da equipe da SWAT. Os homens estavam em posição. Já era tempo.



No momento em que as mãos do Katrina balançaram longe de seu corpo, Clinton virou-se em sua direção. O rosnado vindo de sua boca juntamente com o desprezo monstruoso no rosto congelou-a no lugar e quando seu punho disparou, atingindo-a no estômago e jogando-a na parede atrás dela, ela ficou atordoada. E também não podia respirar graças ao soco que levou.

Seu rosto estava no chão enquanto tentava em vão respirar. Quando a palma da mão encontrou sua garganta novamente, agarrando apertado, ela agarrou seu pulso.

Katrina estava em pânico. Sabia que estava e sabia que não podia se dar ao luxo de ter pânico se havia alguma esperança de sobreviver, mas então, já não tinha muita esperança de que isso acontecesse. Ela estava segurando e agarrando a mão, mas foi em vão.

Quando o viu levantar a faca, ele estava zombando dela. Clinton estava segurando-a para que ela pudesse vê-lo claramente. Não conseguia respirar e ele estava mostrando-a quanto controle ele tinha e quanto controle Katrina não tinha. Mas a faca brilhando na sua frente fez crescer uma determinação

e quando seus dedos apertados apenas superficialmente, ela lutou.

Katrina trouxe seu joelho para cima em sua virilha tão duro quanto podia e, como a respiração dele escapou em uma onda de agonia seu aperto foi afrouxado e a faca tiniu para o chão. Ela caiu de joelhos, agarrando cegamente o cabo da faca enquanto ele agarrava seu cabelo e a puxava para cima. Mas Katrina encontrou o cabo e quando olhou em seus olhos furiosos, vingativos, ela puxou a faca e apunhalou seu lado.

Seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu e ele soltou um gemido gutural horrível quando caiu no chão na frente dela. Seu olhar era de choque. Clinton olhou com os olhos arregalados para ela antes de se orientar e começar a procurar à faca ainda saindo do seu lado. Mas Katrina foi mais rápida do que ele, ela agarrou o cabo novamente, arrancando-a de seu corpo quando ele caiu para trás.

Josh se levantou da cadeira chorando como uma criança assustada, mas mesmo parecendo assustado, ele segurava a arma em sua mão. Ele tremeu quando seu corpo inteiro vibrou e quando ela levantou as mãos no ar, ela começou a apelar.

—Por favor. Por favor, Josh. Você não tem que fazer isso. Por favor.

—Atire nessa vadia, seu estúpido idiota. — Sua voz estava borbulhando e sangue foi borbulhando de sua boca enquanto ele falava. —Seu maldito perdedor. Atire nela. O que você está esperando?

—Por favor. Por favor, não faça isso. — Josh estava tremendo e choramingando. Ele mal conseguia segurar a arma estável, mas como ela assistiu com horror ele ajustou seu objetivo. Ela gritou no último momento e ele disparou.



Stephens derrubou-o no chão enquanto corria pelo gramado. O tiro era inconfundível e foi descarregado antes de qualquer equipe da SWAT estivesse na casa. Ele viu o grupo invadir a casa pela porta da frente e enquanto eles desapareciam, ele não podia fazer nada, apenas ouvir os gritos vindos de dentro.

Stephens se recusou a liberá-lo e manteve-o preso ao chão enquanto os gritos continuaram. Dillon sentia como se estivesse morrendo. Não poderia suportar se ela morresse e nunca se sentiu mais perto de insanidade do que naquele momento. Ele estava preso como um animal enlouquecido no chão, ouvindo a luta pela vida da Katrina acontecer sem ele.

O portão de garagem de repente foi ativado, chocando os dois e Stephens saltou do corpo de Dillon, puxando a arma do coldre. Dillon seguiu sua liderança no segundo que ele levantou do chão e eles contornaram lenta e cautelosamente em direção à garagem do seu lugar no gramado da frente.

A equipe de frente da SWAT estava toda dentro da casa, irrompendo através da residência, em resposta aos disparos e ele podia ouvir os homens na parte de trás, lutando para passar

através da folhagem e galhos que bloqueavam a passagem de volta para frente da garagem.

Eles não tinham ideia do que aguardava dentro da garagem, mas no segundo que ouviu gemidos de Katrina ele jogou o procedimento pela janela e correu para a calçada enquanto Stephens xingava e gritava atrás dele. Dillon ficou cara a cara com Josh e Katrina em pé dentro. Josh apontou uma arma para a cabeça de Katrina e ele estava gemendo e tremendo tanto quanto ela estava, mas tão assustado quanto poderia estar, ele estava ameaçando sua vida.

Josh a empurrou para fora da garagem na frente dele. A arma de Dillon estava apontada em sua cabeça, e a de Stephens também do seu lugar no gramado. Não ia abaixar sua arma até que o homem estivesse morto ou desistisse de sua arma em sinal de rendição. Dillon olhou para ele, segurando seu foco na arma.

Ele queria desesperadamente olhar para Katrina, ver se estava bem, simplesmente vê-la viva, mas ele forçou seus olhos para permanecer em Josh.

—Eu só... Eu só quero que isso acabe. Eu não quero isso. Por favor. Apenas deixe-me ir. — Josh estava choramingando, soluçando enquanto andava mais longe na calçada.

—Deixe-a ir agora! — Ele gritou para o homem. Josh recuou e gritou ao som de sua voz, mas ele se recusou a deixá-la ir. — Deixe-a ir agora ou eu vou te matar!

Josh começou a chorar, mas a arma permaneceu no local. O homem estava quebrando. Ele estava perdendo a cabeça na frente deles. Oficiais da SWAT estavam apenas finalmente rompendo as

árvores para frente da casa, e no momento em que viraram pelo canto com suas semiautomáticas, o aperto de Josh sobre Katrina afrouxou e ele levantou a arma para sua própria cabeça.

—Kat, abaixe! — Ele gritou enquanto os oficiais da SWAT começaram a gritar ordens para Josh. Ela caiu de joelhos e assim quando o fez, Josh descarregou sua arma, colocando um buraco na própria cabeça.

Seu corpo caiu no chão ao lado dela e ela começou a chorar com as mãos sobre os ouvidos. Oficiais da SWAT cercando o corpo de Josh como se ele pudesse reanimar a qualquer momento. Eles apontaram seus M-16 em seu corpo sem vida e Dillon correu até Katrina, pegou-a em seus braços e foi com ela para o gramado da frente, onde Stephens estava andando em círculos com as mãos sobre a cabeça.

Dillon se deixou cair com ela em seus braços, afundando para sentar na grama com Katrina em seu colo. Ela estava chorando contra seu peito e parecia mais em choque do que coerente. Passou os braços em volta dela, sentindo finalmente o pânico começar a diminuir. Acariciou seu cabelo enquanto ela chorava em silêncio e segurou-a perto de seu peito para proteger a sua nudez dos homens ao redor. Paramédicos se aproximaram uma vez que a SWAT deu permissão e ela foi tirada dele novamente. Mas desta vez estava segura.

Dillon viu a ambulância se afastar e se virou para Stephens, que estava no telefone. Sabia que era Greenwood e sabia que o hospital ia ter que esperar para que não desse ao homem ainda mais motivos para demiti-lo.

Katrina estava segura, Seth estava seguro e, pela primeira vez desde que a conheceu, não tinha dúvidas de que permanecerá assim mesmo se parasse de se preocupar com ela por mais de um segundo. Estava acabado.



Capítulo 32

—Nós estamos mantendo-a durante a noite. É apenas uma precaução, mas você tomou alguns bons golpes na cabeça hoje e eu estou preocupado, você poderia ter uma concussão. Se você estiver bem amanhã vamos liberá-la. Você tem alguém que possa cuidar de você por alguns dias?

Doutor Jorgenson era um homem mais velho, que olhava para ela da forma como seu próprio pai tinha sempre olhado quando se machucava. Sua simpatia por si só a deixava em lágrimas toda vez que ele dizia algo de bom para ela.

—Ela vai ficar comigo.

—E você é?

—Sou Imogen. Eu sou sua melhor amiga e ela vive comigo às vezes. Err... Eu não sei. Você mora comigo agora, amor, ou... Quer dizer, eu realmente não consigo mais acompanhar este drama.

Kat riu e, em seguida, fez uma careta quando seu riso fez a dor de cabeça disparar através dela como relâmpagos.

—Sim. Eu vivo com você. Pelo menos esse é o último lugar que eu me lembro de estar. — O médico sorriu para ela antes de virar para Imogen.

—Você pode ficar se você quiser. Eu quero manter os visitantes a um mínimo, mas se ela quiser que alguém fique eu estou bem com isso. — Ele se desculpou, dando um tapinha no ombro de Katrina.

Smith e Terrell chegaram pouco tempo depois com Doutor Jorgenson em sua cola, ameaçando chutar suas bolas se a perturbassem. Katrina assegurou-lhe que poderia lidar com um pouco de conversa com os dois detetives mais chatos do mundo, ele os observou com desconfiança por um momento antes de se desculpar e partir do quarto novamente.

Katrina falou longamente sobre a parte da história que eles não tinham testemunhado e chorou uma boa parte desse tempo. Imogen sentou ao lado dela na cama, esfregando suas costas ou apertando-lhe o ombro.

Ela estava tão aliviada por estar viva, não tinha realmente pensado sobre o fato de que acabou com a vida de um homem. A vida que a estava ameaçando isto deveria ser o suficiente para torná-la bem e acabar com a sua culpa, mas infelizmente, estava aprendendo que era simplesmente difícil ser responsável por meter uma faca no estômago de um homem, mesmo se aquele homem queria estuprar e assassinar você.

No final, porém foi Josh que tinha acabado com ele. Katrina pensou até o último momento, quando estava caída no chão que

sua vida terminou, mas Josh apertou o gatilho, colocando um buraco no peito de Clinton.

Josh chorou como um bebê depois, mas não perdeu tempo puxando-a e arrastando-a para fora do quarto quando ouviu os oficiais da SWAT invadindo a casa. Mas a casa era velha e eles não conseguiram perceber que a garagem era um anexo. A antiga porta da adega ia direto para a garagem e enquanto os oficiais foram invadindo o andar de cima e procurar pelas salas desordenadas e escuras, ele estava arrastando-a até as escadas do porão e na garagem, na esperança de escapar, embora ela não pudesse imaginar que ele estava tendo muita esperança nesse ponto.

Quando começou a chorar pela última vez quando relatou os detalhes para os detetives, não conseguia descobrir como desligar o sistema hidráulico e eles finalmente se levantaram e se ofereceram para procurá-la depois que tivesse alta.

Imogen perguntou sobre Dillon e Stephens quando ela os levou ate a porta. Katrina encolheu ao som de seu nome e não estava realmente certa do por que. Ao vê-lo na frente dela na casa foi um dos momentos mais emocionantes de sua vida. Ele ficou na frente de seu olhar tão desesperado como ela se sentia, mas não havia como negar que se colocou naquela posição mais uma vez.

Katrina tomou a decisão de fugir dele, em vez de enfrentá-lo em toda a sua fúria e raiva e isso quase a matou. Ela só não sabia como se sentir sobre qualquer coisa mais, muito menos ele.

—Eu estou supondo que ambos estão recebendo suas bundas chutadas no momento. — Havia um sorriso sutil no rosto de Smith enquanto falava e Terrell olhou para ele por um momento. Em seguida, eles foram embora e Imogen se voltou para ela.

—Você quer falar sobre isso?

—O quê?

—Não se faça de idiota. Dillon vai aparecer em breve para ver você. Você sabe que vai. A sua família também, talvez.

—Eu não posso. Não agora. — Katrina olhou para os olhos de Imogen. Ela podia ver desacordo em sua expressão, mas manteve a paz, pelo menos por enquanto. Imogen sempre fala o que pensa e Katrina sabia que ia vir em breve, mas queria dizer isso quando falou. Simplesmente não estava preparada para lidar com ele. E, ao mesmo tempo, ela não conseguia parar de pensar nele.

Ela caiu em um sono agitado que a acordou constantemente quando sonhava ser estuprada, torturada, morta. A próxima rodada de pesadelos, se viu matando-o, sentiu o mergulho da faca em seu corpo, ouviu o som nauseante de cortar carne e sentiu a gosma quente do seu sangue ao redor de seus dedos.

Toda vez que acordou Imogen estava lá para acalmá-la. Tornou-se um jogo interminável de dormir, acordar de terror, sendo acalmada como um bebê e depois fazer tudo de novo. Mas estava viva. Ela não ia acabar como um corpo morto em uma vala em algum lugar. Pelo menos não neste dia.



Dillon geralmente gostava de Imogen. Realmente gostava muito de Imogen, mas quando ela saiu do quarto de Katrina e balançou a cabeça.

—Ela não quer ver ninguém.

—Ninguém. — Ele murmurou as palavras enquanto contemplava o que poderia significar.

—Você. — Imogen parecia um pouco devastada enquanto falava a palavra. —Katrina não quer ver você. — Sua voz endureceu com suas palavras. —Agora.

—Agora. — Dillon repetiu.

—Ainda assim...

—Ainda assim... — Ele foi incapaz de fazer qualquer discurso original e quando olhou para ela se sentindo patético e estúpido, Imogen apertou os lábios e inclinou a cabeça com simpatia para o lado. Stephens estendeu a mão para seu ombro e apertou suavemente.

—Eu sinto muito, Dillon. — Ela estava praticamente sussurrando.

—Você vai dizer a ela que eu passei por aqui então? — Imogen assentiu e ele se virou e voltou pelo mesmo lugar que veio.

Dizer que estava devastado era um eufemismo. Ele não sabia por que esperava que ela ficasse feliz em vê-lo depois de seu tratamento cruel ao longo das últimas quarenta e oito horas.

Dillon tinha quase esquecido tudo sobre isso, depois de ter chegado tão perto dela quase morrer e tudo, mas lá estava ela. Katrina certamente não tinha esquecido que idiota o homem que a amava poderia ser. Não importava muito se tivesse tido uma boa razão para ficar chateado com ela ou não. Ele estava muito chateado. Disse muitas coisas cruéis e horríveis e se transformou em um grande idiota para ela perdoar.

Dillon sentou-se em silêncio no carro enquanto Stephens os levava de volta para a delegacia. Olhou para fora da janela. Estava mais aliviado do que poderia até mesmo colocar em palavras. Ela estava finalmente segura. Finalmente e ainda assim sentia como se a tivesse perdido no processo.

O equilíbrio de Seth e Katrina foi sua ruína. Ironicamente, eles tinham se equilibrado perfeitamente um com o outro. Foi ele quem tinha estragado tudo, pensando que poderia lidar com Seth, Katrina e a ameaça que pairava sobre cabeça. kkk

Ela tinha razão ao dizer que a definiu para o fracasso. Ele tinha. Dillon estava certo ao dizer que Katrina não tinha nenhuma razão para se sentir culpada sobre sua situação. Ele estava absolutamente certo sobre isso. Mas isso não parecia mudar muita coisa para eles. Acabou independentemente.

Quando entrou na casa de Molly, ela o encontrou na porta da frente e deu-lhe um abraço.

—Os meninos estão dormindo no andar de cima. Como ela está? — Já era bem tarde depois da meia-noite Molly parecia tão exausta quanto ele se sentia.

—Eu não sei. Katrina não quer me ver. — Ele passou por ela que o seguiu até a cozinha. Pegou uma cerveja na geladeira e ela agarrou uma para ela.

—Dê-lhe tempo, Dillon.

—Não. Acho que estraguei tudo. — Ele balançou a cabeça em auto piedade. Não era difícil de lembrar a dor em seus olhos quando a condenou por ser humana. Ainda poderia facilmente ouvir os soluços quando ela implorou para ele e se lembrava de cada palavra que Katrina tinha falado naquela manhã, o último momento em que a viu antes que quase morresse.

—O que Greenwood disse?

—Três semanas de suspensão não remunerada. Passou a maior parte da hora gritando comigo, mas, na verdade, está me deixando sair muito fácil. Se eu tivesse disparado contra o homem, eu não tenho certeza se manteria meu trabalho, dada a minha relação inadequada com a vítima. Não há dúvida de que ela esfaqueou Lathrop em legítima defesa e Josh Grant é em última análise o que colocou uma bala em seu peito e matou-o. O fato de que eu tinha pouca influência sobre a forma como tudo aconteceu é provavelmente a minha graça salvadora.

—Isso é um alívio. Mamãe e papai estão voando amanhã. Eu estive conversando com eles durante toda a noite. Eles estão realmente preocupados com vocês dois.

—Sim? Bem, a menos que tenham mais sorte do que eu em ver Katrina eles não devem esperar muito. — Ele olhou para ver olhos tristes espiando ele por cima da mesa.

Ele respirou fundo.

—Foi simplesmente demais. — Ela observou-o, esperando que ele continuasse. —Não é a melhor maneira de começar um relacionamento.

—Então, tirando psicopatas tentando foder isso tudo, vocês dois teriam funcionado? Melhor ainda, vocês três funcionariam?

Não precisa pensar muito para responder essa pergunta.

—Sim. Eu a amo. Sem dúvida. Seth a ama também. Nós dois somos loucos por ela e eu vi a nossa vida juntos.

—Então talvez não seja hora de jogar a toalha ainda.

Pensou por um momento. A primeira vez que a conheceu veio surgindo em sua cabeça. Katrina estava tão zangada com ele. Merecia isso e ela não ficou calada. E, no entanto, mesmo com toda a sua atitude e irritação ele estava completamente atraído por ela. Amava sua coragem, sua estranheza.

Pegando-a olhando para sua bunda no estacionamento antes que saísse em disparada tinha selado o negócio para ele. A queria instantaneamente e a queria mais e mais a cada dia que passava, mesmo através de sua raiva, queria nada mais do que superar isso e seguir em frente com ela.

—Eu lhe disse que queria casar com ela. — Ele murmurou as palavras e a boca de Molly caiu aberta.

—E?

—E ela disse algum dia.

—O que isso significa?

—Algum dia depois dos psicopatas irem todos embora e nós pudéssemos ter uma vida que não giraria em torno dessa luta constante para mantê-la segura.

—Então... algum dia o que significa hoje?

—Como eu disse, eu acho que eu ferrei com isso.

—E como eu disse, não é hora de jogar a toalha ainda.



Queria acreditar no que disse Molly, mas quando ele mandou a Imogen uma mensagem pedindo que Katrina ligasse para ele e a mensagem ficou sem resposta no dia seguinte, jogar a toalha parecia ser exatamente o que Katrina queria fazer.

Quando deixou mais duas mensagens ao longo dos próximos dois dias e ainda não obteve resposta, começou a perder a esperança que Katrina fosse querer ouvi-lo novamente algum dia. E no quarto dia, quando ainda não tinha ouvido nada dela, e Seth perguntou-lhe onde ela estava ele finalmente admitiu que mulher que amava terminou com ele.

—Seth, eu fui bastante horrível para Katrina quando eu descobri como ela perdeu seu telefone celular. Eu não acho que eu posso consertar isso. A culpa foi minha.

—Não duh, pai. Eu sei que você foi um idiota para ela.

—Olha a boca. — Ele estava tentando ser severo, mas dada a sua própria culpa por ter afugentado a mulher que amava, não estava fazendo a suas competências parentais muita justiça.

—Pare de ser tão covarde. Vá vê-la. Não é nenhum segredo, onde ela está hospedada. Ela ainda tem um substituto para a classe, então está apenas sentada na casa de Sra. Graham triste. Se você gosta dela, você precisa ir falar com ela. Diga que sente muito.

Seth estava olhando para ele, exasperado e os pais de Dillon que estavam sentados ao redor da mesa da sala de jantar estavam assistindo a conversa com interesse.

—É o que você me diria para fazer se eu fosse mau para alguém!

Dillon não perdeu o sorriso no rosto de sua mãe.

—É complicado, Seth.

—Pare de dizer isso! Por que os adultos sempre dizem isso? Descomplique. O que é tão difícil sobre isso? — Seth saiu da sala, deixando-o para defender-se contra olhos curiosos de seus pais. Eles não disseram nada, apenas telepaticamente chutaram sua bunda com as suas expressões de desaprovação.

Mas nenhum deles conseguiu entender sua culpa. Dillon tinha machucado a mulher que amava de uma maneira que não merecia e ela não o queria mais como um resultado. Não a culpava. Culpava a si mesmo. Eles tinham tudo o que sempre precisaram e agora estava perdido. Eles haviam esperado por este momento, este momento que ela estava livre da ameaça e agora ele estava aqui e ela se foi.

E foi culpa dele.



Capítulo 33

—Dillon ligou novamente hoje, Trink.

A testa de Katrina instantaneamente franziu, mas não disse nada. Ela já tinha substituído seu telefone, mas estava adivinhando que ele não sabia disso. Por que saberia? Estava se recusando a falar com ele.

Estranhamente, não era como se não quisesse falar ou vê-lo. Sentia falta dele tanto que doía. Mas não sabia como voltar para uma vida com ele. Talvez ela tivesse razão quando sugeriu que adrenalina estava alimentando seu relacionamento. Talvez seu desejo por ele fosse desaparecer com o tempo.

Talvez fosse apenas um idiota maldito. Ela o amava. Não questionava isso nem por um momento. A adrenalina não tinha alimentado seu relacionamento, ele é que tinha. E eles fizeram isso facilmente. Mas tanto tinha acontecido.

Katrina estragou tudo e colocou seu filho em perigo o que sempre estará entre eles. Dillon se descontrolou e lhe mostrou o

quão cruel e aterrorizante poderia ser. Ela merecia isso, mas não tinha certeza se poderia lidar bem com isso.

Estava cansada de se sentir culpada. Nunca tinha sido propensa a culpa tão facilmente antes, mas era uma coisa constante agora e ela estava doente e cansada de sentir como se sua vida estivesse sujando todo mundo que estava ao seu redor.

Ela encontrou-se com uma psicóloga no início da semana a pedido de Imogen. Aparentemente, você não poderia matar uma pessoa, mesmo um bandido e sair ileso. Estava indo ver a mulher mais velha duas vezes por semana por um tempo e estava estranhamente ansiosa por isso. Daphne era o nome dela. Claro, ela a lembrava da mãe de Dillon, Delphi, mas ela só teve de empurrar esses pensamentos de sua mente.

Daphne não pensou que ela era louca em tudo quando falou sobre a incessante culpa que a atormentava. Compreendeu plenamente. Até lhe deu uma visão sobre isso e lhe explicou de tal maneira que Katrina questionou porque ela se confundiu com isso.

Claro que fazia sentido. Sua vida afetou a vida de tantos outros, outros que ela valorizava tanto quanto a sua própria e era impossível não sentir culpa pela dor e o medo que foi causado. Daphne aplaudiu a culpa de Katrina. Ela não achava que se justificava neste momento, mas aplaudiu a profundidade de cuidar das pessoas ao seu redor.

Naturalmente que a trouxe para Dillon. Katrina evitou falar sobre ele o maior tempo possível, mas cada avenida que

exploravam parecia levar de volta para ele. Eventualmente ela cedeu.

—Por que você acha que o está evitando?

Encolheu os ombros. Foi a sua segunda reunião, cinco dias após a morte do *psicopata* como ela o apelidou. Psicopatas em seu caso. O que ela fez para atrair dois homens tão loucos? Katrina lutou para atrair um homem decente no passado e, de repente, tinha uma mina de ouro, um homem que queria casar com ela, e dois psicopatas em seu rabo de uma só vez. Talvez os dois psicopatas fossem a maneira da natureza dizer *na na não*, você não merece Dillon, menina.

—Eu não sei.

—Claro que você sabe. Então, que tal você explicar isso para mim?

Katrina olhou para fora da janela de Daphne antes de olhar de volta para seus olhos maternais, pelo menos o que Kat pensava como olhos maternais seriam. Ela não tinha nenhuma referência real é claro.

—Eu acho que ele é bom demais para mim. — Katrina odiou o som de sua voz quando disse isso. Odiava as palavras também. Não havia uma única pessoa que se preocupava com ela que estaria de acordo com essa analogia e ainda assim era o que sentia.

—Por quê?

Pensou por um momento. Não tinha certeza de como colocar em palavras. Havia algo surpreendente sobre ver Dillon em pé na

calçada com a arma apontada para Josh. Seu foco era singular e determinado. Sua necessidade incrível para protegê-la substituiu a sua própria segurança, o seu próprio trabalho, tudo. Tudo para ela.

Katrina, por outro lado, cometeu um erro estúpido após o outro, e por último, colocando-se nas garras do psicopata número um. Ela estava de volta à culpa novamente. Sabia disso. Mas era a verdade.

Abriu a boca para falar, fechou-a novamente e, em seguida, finalmente respirou fundo e tentou explicar.

—Estou quase hipnotizada por sua força, sua moralidade, sua decência. Dillon realmente é todas essas coisas. Ele pode não ser perfeito, mas é incrível. Eu acho que eu não sou certa para ele, o que poderia ver em mim. Eu estraguei tudo. Muito. Quero dizer, ele estava disposto a dar muito por mim e eu não conseguia encontrá-lo. A vida de seu próprio filho ficou em risco por minha causa. Isso nunca teria acontecido com ele. Dillon teria sido inteligente demais para deixá-lo.

Daphne olhou para ela lentamente balançando a cabeça.

—Primeiro de tudo, ele é um policial, por isso não há dúvida. Ele é treinado para pensar sobre estas coisas em uma maneira que você não é. Em segundo lugar, você fez um grande homem cair de amor por você ao lidar com psicopatas e sua vida estar em perigo. E você fez tudo isso sem perder sua mente. — Ela estava sorrindo docemente.

—Sério? — Kat estava sendo sarcástica.

—Sim com certeza. Você não é louca, querida. Você está exausta, você está lidando, você está aprendendo a não temer a morte, literalmente, cada segundo de sua vida desperta novamente. Essas coisas afetam uma pessoa de uma grande maneira. Alívio por você está segura pode ser a emoção óbvia que espera sentir, mas isso não significa que é a única coisa que você deve esperar sentir agora. Eu vou dizer de novo, essas coisas afetam uma pessoa.

—Veja? Louca.

—Não é uma loucura. Normal. Se dê alguma folga. Você passou pelo inferno e voltou ao longo dos últimos dois meses. Você lidou com isso e você sobreviveu. Pare de se rebaixar. Todo esse desastre tomou seu pedágio de você, mas ele acabou agora. É hora de começar sua vida de novo.

Os olhos de Daphne foram para o relógio na parede e ela inclinou a cabeça para o lado.

—Acabou o tempo. Então, terça e sexta-feira da próxima semana também?

Katrina assentiu.

—Obrigado, Daphne.

Daphne a abraçou antes de Katrina sair. Era sexta-feira e Imogen tinha feito Katrina prometer ir ao cinema naquela noite. Estava ansiosa depois de uma semana ficando na casa de Imogen sozinha durante o dia apenas para Imogen poder levar para casa todos os desejos de melhoras de seus colegas de trabalho a cada noite.

Mas mesmo quando saiu de seu local de estacionamento na clínica com uma pequena porção de otimismo, ela o perdia



quando pensava nele.

—Oi, Imogen.

Imogen olhou desconfiada. Parecia como se fosse mandá-lo embora e ela não queria isso. É como ela é.

—Oi.

—Posso entrar? — Ela olhou para trás como se estivesse olhando para ver se tinha uma rota de fuga.

—Eu não tenho certeza... Eu sinto muito. Katrina é apenas... Eu não sei como ela está. Confusa?

—É minha culpa. Imogen, eu realmente preciso falar com ela.

—Você a ama? — Imogen olhou-o terrivelmente preocupada.

—Você sabe que eu amo.

—Eu quero dizer realmente a ama? Para passar o resto da sua vida a amando?

—Eu lhe disse que queria casar com ela, não foi? Sim.

—Então descubra alguma maneira de convencê-la de que ela o merece. — Sua expressão era quase suplicante, preocupada.

—Katrina está lá em cima. Eu suponho que você sabe onde você está indo?

Dillon balançou a cabeça enquanto dava um passo em sua porta de entrada.

—Umm... Stephens me pediu para lhe dizer oi. — A britânica maluquinha ao lado dele estava subitamente ruborizada e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Mas Dillon tinha outro destino em mente.

Ele subiu as escadas de dois em dois degraus. Parecia com pressa para chegar a ela e estava, mas também estava apavorado e estava tremendo, mesmo quando se moveu para frente. Quando chegou a sua porta, bateu.

—Eu disse que ia descer daqui a pouco, Imogen. Pelo amor de Deus, mulher. Vocês cadelas britânicas não têm nenhuma paciência? — Ele riu baixinho antes que pudesse parar a si mesmo. Ela certamente soava como sua Kat.

Dillon abriu a porta e a pegou usando um roupão, sentada em uma cadeira na frente das portas francesas para a varanda, esfregando loção em sua perna. Ela esticou o pescoço deu um suspiro rápido e chocado.

—Bem, eu não sou britânico e a última mulher a me chamar de cadela tinha algemas e eu estava lendo seus direitos, mas você me pegou pela paciência. Nunca foi o meu forte.

Ela respirou fundo quando se levantou. Ele podia ouvir a respiração tremer quando exalou e podia vê-lo em seu diafragma, enquanto observava a queda do peito. Katrina cobriu a boca com

a mão e franziu a sobrancelhas e o nariz, e seus olhos encheram de lágrimas.

Ele lutou contra a emoção que estava na parte de trás de seus olhos quando a olhou. Ela não tinha dito uma palavra para ele, e Dillon não tinha certeza se poderia lidar com isso se ela o mandasse embora.

Quando ela voltou para a janela, ele viu a cabeça balançar sutilmente. Se aproximou dela enquanto seu coração batia e entrou em pânico. Não podia deixá-la destruí-los. Dillon a amava muito e sabia que ela o amava também. Katrina teria que fazer um trabalho muito bom para convencê-lo de outra forma, se esperava que a deixasse em paz.

Ele estendeu a mão para os ombros dela, apertando-os em suas mãos enquanto se encostava atrás de seu corpo. O sol estava se pondo sobre a água e queria ser capaz de desfrutar de uma vista incrível com ela. Mas isso não ia acontecer, até conseguir passar este obstáculo.

Ele se inclinou para ela e ela virou-se ligeiramente em sua direção.

—Eu te disse uma vez que não nos separaríamos mais. Nós somos um todo, você e eu. — Katrina respirou fundo, estremecendo. —Talvez eu tenha tentado convencê-la de outra forma na minha ira e você pode ter acreditado em mim em sua necessidade de manter-se responsável e culpada, mas não muda nada. Somos e sempre seremos como um todo, como sempre.

Esperou por alguma coisa, qualquer coisa, mas ela só olhava para frente. Não era tudo o que estava fazendo embora. Ela fungou enquanto as lágrimas que caíam em silêncio.

—Por favor, olhe para mim? — Katrina virou-se lentamente para ele. Ela olhou-o, mas seus olhos caíram rapidamente para o peito. —Por favor, Kat.

Ele segurou seu queixo em sua mão e gentilmente inclinou seu rosto para vê-lo melhor. Quando ela finalmente fixou seu olhar sem desviar ele falou.

—Eu te amo. Desculpe-me, eu te machuquei.

Ela deixou escapar um soluço de dor enquanto seu olhar se desviava dele novamente, mas ele puxou seu rosto novamente.

—Eu te amo. — Disse com força, como se só pudesse fazê-la entender verdadeiramente se ela ouvisse o poder por trás do que estava dizendo. —Diga-me que não me ama, se você quiser que eu vá.

Acreditava que ela o amava. Do fundo do seu coração, acreditava, mas isso não significa que não sentia pavor esperando para ouvi-la dizer isso.

—Eu te amo.

Era pouco mais que um sussurro, mas o momento em que isso estava fora de sua boca, atacou seus lábios. Beijou sua boca, pensou que nunca teria a chance de beijar de novo e provou seu calor como se tivesse sido privado de uma vida.

Seu corpo ficou imóvel em estado de choque no início, mas durou apenas um instante antes que ela apertasse com força

seus lábios nos dele. Dillon empurrou seu corpo para perto da cama e, desfez o cinto amarrado em sua cintura.

Ele rapidamente puxou sua camiseta pela cabeça e espalmou uma mão em seu estômago mais baixo, mantendo seu corpo perto do dela. Seu peito e estômago estavam apertados em suas costas e ele se inclinou, beijando seu ombro antes de desfazer o botão em sua cintura e abaixar o zíper com a mão livre.

Ele tirou sua a calça e cueca, deixando os cair no chão. Quando se inclinou para trás de seu corpo, ela entendeu o recado e inclinou-se para subir na cama.

Ele seguiu, mantendo seu corpo perto do dela enquanto chutava os sapatos e deu um passo para fora da calça. Ele puxou suas meias fora rapidamente quanto subiu atrás dela para cobrir sua figura incrível com o seu corpo. Ele a abriu totalmente para ter um acesso melhor, estava tão excitado que era difícil simplesmente não se empurrar entre suas pernas. Em vez disso, se inclinou e beijou suavemente ao longo do lado de seu pescoço enquanto ela gemia e choramingava.

—Eu te amo. — Ele sussurrou as palavras em seu ouvido antes de beijar seu pescoço novamente.

Beijou uma trilha na parte de trás do seu pescoço quando ele moveu seu cabelo longo para o lado e quando chegou a outra orelha, ele sussurrou novamente.

—Eu te amo. — Ele beijou ao longo de seus ombros e de vez em quando ele fazia uma pausa para sussurrarar novamente. — Eu te amo.

Quando a rolou para encará-lo seus olhos estavam inchados e ela ainda havia lágrimas em seu rosto. Beijou-os fora.

—Eu te amo. — Não podia parar de dizer a ela o que significava para ele e Katrina só o assistia. A beijou na boca. —Eu te amo.

Beijou uma trilha até o seio, que agora só tinha pequenas cicatrizes que atravessam ele.

—Eu te amo. — Ao longo para o outro seio. Puxou seu mamilo entre os lábios e ela choramingou. —Eu te amo. — Se moveu mais para baixo seu corpo sobre sua barriga e entre as pernas e ele fez uma pausa para dizer o quanto a amava, tempo suficiente para situar-se entre as pernas dela e travar a boca em sua boceta.

Katrina começou a se contorcendo sob sua boca e as mãos rapidamente encontraram as dele quando seus dedos teceram juntos. Chupou seu clitóris, puxando e lambendo-o e ouviu quando ela começou a desmoronar. Ele deixou seus músculos do estômago contrair, enquanto observava seu corpo se contorcer através de seu orgasmo e quando finalmente se arrastou de volta até seu corpo beijou-a uma vez.

—Eu te amo.

Ela mordeu o lábio enquanto ele falava e então estendeu a mão para seu rosto. Katrina acariciou seu lábio inferior, estudando-o enquanto seus dedos se moviam. Ela estendeu a mão e passou um dedo ao longo de sua testa e a dela se enrugou, enquanto o observava. Arrastou aquele mesmo dedo para o seu

nariz para terminar em seu lábio superior e, em seguida, se inclinou e o beijou.

—Eu também te amo.

Seu pau já estava aninhado entre os lábios quentes e úmidos de sua boceta e quando começou a empurrar dentro dela, estendeu a mão, tocando-a no ponto que ela amava a sentir. Ele emoldurou os dedos em cada lado de sua abertura, empurrando lentamente em seu corpo. Ele podia sentir seu pau empurrando seus dedos e em seu aperto e gemeu até que finalmente o empurrou todo.

Puxou sua mão de entre eles o tempo suficiente para entrelaçarem os dedos nos dela, prendendo suas mãos acima de sua cabeça. Katrina enrolou as pernas em torno de seus quadris e ele começou a empurrar dentro dela.

Foi lento no início. Ele observou os olhos dela, estudou os lábios, a beijou, mas quando ela começou a empurrar-se para ele, seus corpos começaram a se mover mais rápido. Até o momento que Katrina estava gozando de novo, estava empurrando golpes poderosos dentro dela e ela estava gritando com toda invasão profunda, mas segurou firme seus quadris.

Ele gozou logo depois dela, e enterrou o rosto em seu pescoço enquanto soltou suas mãos. Katrina colocou os braços ao redor dele, segurando-o firmemente enquanto ele pulsava dentro dela.

—Eu te amo. — Ele sussurrou no ouvido dela uma última vez antes de deslocar seus corpos de modo que ela estava deitada

de frente para ele. —Case-se comigo. — Ele tirou o cabelo de seus olhos quando ela olhou para ele. —Agora, case-se comigo agora.

—Sim.



epílogo

cinco anos depois

—Marley, vai dar o seu irmão um grande abraço e dizer-lhe os parabéns. — Katrina estava sussurrando no ouvido de Marley e Dillon estava rindo ao lado dela.

—Você sabe que ela não tem nenhuma ideia do que *parabéns* realmente significa, muito menos por que está felicitando Seth. — Ele estava implicando enquanto ela se estabeleceu em seu lugar junto a ele sobre o cobertor.

—Não subestime a nossa filha. Ela é inteligente para uma criança de três anos e meio.

—Sim ela é. Puxou a mãe.

—É verdade. — Ele passou os braços em torno de Katrina, puxando-a entre as suas pernas para sentar. Dillon começou a esfregar seus ombros enquanto ela esticou o pescoço. Katrina estava usando um vestido que seria muito fácil para ele escorregar os dedos sob as tiras e colocar as mãos direito na sua pele e ela cantarolava enquanto massageava.

Eles estavam assistindo Marley enquanto corria até Seth. Ele agachou-se enquanto falava. Ele riu e pegou-a no colo, balançando-a em torno de um círculo. Seth ainda estava vestido como um formando, mas já estava aberto e ele já tinha perdido o chapéu.

Seth levantou Marley e a colocou em seus ombros e depois de andarem pela grama no parque e chegarem onde estava o cobertor em que Dillon e Katrina que estavam sentados, ele tirou Marley de seus ombros e sentou a junto deles.

—Hey Pai, Jake e eu podemos sair hoje à noite?

—Suponho que isso depende se você pretende agir como o adulto, ou você continua sendo o colegial desagradável que você costumava ser.

—Hmm. Provavelmente vou agir como um colegial, mas eu prometo que vou chamá-lo se for preso.

—Melhor que isso seja uma piada.

Seth inclinou a cabeça da maneira irritada que ele nunca conseguiu perder e Katrina riu deles.

—Então, isso é um sim, certo?

—Sim.

A festa de formatura foi em um parque e foi simples. Seth nunca se importou muito para grandes comemorações e ele nunca ouviria uma reclamação de Dillon a esse respeito. Jake estava jogando Frisbee com seu avô, Michael, estava mais brando nos seus sessenta e três anos, Dillon não podia deixar de achar que o homem era muito ágil para sua idade.

Molly estava sentada em uma mesa de piquenique nas proximidades, sua conversa profunda com sua mãe, Delphi, sobre Brent, o noivo de Molly. Na verdade, a conversa provavelmente tinha muito mais a ver com o planejamento do casamento do que qualquer outra coisa e Brent era pouco mais que uma nota de lado. Ele não poderia chegar para a festa naquela tarde, como tinha sido chamado. Ele era um bombeiro da cidade e foi literalmente o primeiro homem de Molly tinha namorado. O que Dillon realmente gostou, provavelmente porque os contribuintes pagaram ambos os seus salários.

Quando Seth pulou para falar com Jake e Michael, Marley correu atrás dele e deixou Dillon com sua adorável esposa e seu vestido de verão muito acessível.

—Você quer apostar que a mocinha vai adormecer na volta para casa?

Katrina se virou para ele.

—Estou contando com isso. Se Seth vai com Jake nos dá duas horas de tempo adulto.

—Ah. Então, o que vai acontecer, docinho? Uma rapidinha de cinco minutos e uma hora de 55 minutos cochilo ou uma hora de fazer amor e um cochilo de uma hora?

—Hmm. Que tal 55 minutos de preliminares, uma hora de fazer amor e um cochilo de cinco minutos?

—Esse é a minha boa pequena ninfeta. — Ele a puxou de volta contra o seu corpo e se aconchegou em seu pescoço enquanto eles observavam Seth lançar o Frisbee para Jake e Marley gritando enquanto ela os perseguia. Ele riu com os seus

lábios em seu pescoço. —Eu te amo. — Ele sussurrou em seu ouvido. Dillon fez isso várias vezes na maioria dos dias e nunca se cansou de dizer isso. Nem nunca faria.

—Eu também te amo. — Katrina parecia que gostava das palavras tanto quanto ele.



Marley estava dormindo no momento em que estava no meio do caminho para casa e ele pegou a mão de sua mulher, dando-lhe um aperto suave quando ela se virou para olhar para sua filha dormindo em seu assento de carro. Ela sorriu para ele. Era seu sorriso sedutor.

Ele levou Marley para o andar de cima, colocando-a gentilmente em sua cama e fechou as cortinas. Katrina ficou na porta olhando para Dillon quando este saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás dele.

Katrina o puxou no momento em que a porta foi fechada, beijando-o. Ele levantou-a para ela ficar com as pernas ao redor dos seus quadris e levou sua esposa para a cama.

Fim

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

